
VIRTUDE E VALOR
Highland Heather: Romance Escocês - Livro 2
AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY
COLLETTE CAMERON

Virtude e Valor

Collette Cameron

Traduzido por Regiane Moreira

“Virtude e Valor”
Escrito por Collette Cameron
Copyright © 2020 Collette Cameron
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Regiane Moreira
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

Página do Título

Página dos Direitos Autorais

VIRTUDE E VALOR

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte-Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Epílogo

Sobre o Autor

Conecte-se com Collette!

VIRTUDE E VALOR

Série Highland Heather: Romance Escocês
Livro 2

Por
COLLETTE CAMERON

Traduzido por Regiane Moreira

Capítulo Um

Londres, Inglaterra

8 de setembro de 1818

— Não há nada a fazer. ─ Yancy inclinou a caneca e desfrutou de uma última dose de cerveja escura. — Irei para Craiglocky ao amanhecer. A agitação entre os clãs tem aumentado constantemente desde que fui de visita em julho.

Seu companheiro, Lucan-Rochester, Duque de Harcourt, grunhiu sem comprometer-se.

Yancy coçou o nariz e franziu a testa. — Peculiar isso. Nos últimos anos, disputas tribais são raras, mesmo nas Highlands.

—Tenho certeza de que você não está muito angustiado com a convocação. ─ Harcourt engoliu o último café que estava tomando entre goles de conhaque. — Você pode ser Bartholomew Yancy, Conde de Ramsbury e um senhor inglês de nascimento meu amigo, mas demonstrou uma inclinação distinta por certas coisas escocesas.

Yancy olhou com raiva, enviando um aviso silencioso.

Harcourt sorriu, completamente envergonhado. — Vamos, admita. Você fareja as saias de Isobel Ferguson há quase um ano.

Droga. Ele não deixará o assunto de lado?

No entanto, uma pontada de expectativa inundou Yancy.

A expectativa sempre precedia uma visita a Craiglocky Keep. Seu Laird Ewan McTavish, o Visconde de Sethwick, aclamado como um dos amigos mais próximos de Yancy, e Isobel, irmã de Sethwick, eram de seu particular interesse.

Possuidora de uma inteligência viva, ela amadureceu em uma beleza magnífica. Agraciada com cabelo cor de cacau com mechas destacadas de tom creme, seus olhos espelhavam à sombra de um pôr do sol no mar tropical, e seus lábios cor de pêssego... bem, ele daria seu condado para provar o orvalho deles.

No entanto, ela o odiava.

Ninguém, exceto Deus no céu, sabia o porquê. Até dezembro do ano passado, eles se deram bem, e ele tinha certeza de que ela

abrigava uma tendência diferenciada para ele.

Segurando a caneca, Yancy tocou a borda lisa.

Encantadora, licenciosa e educada, Isobel possuía todos os atributos que uma Condessa por excelência deveria ter, e ele pensara em fazer-lhe uma proposta. Até que ela deu a ele o corte direto no baile de Natal de sua irmã.

Um brilho ardiloso penetrou nos olhos de Harcourt. — Como assim, como está sua busca pela justa escocesa progredindo?

Tentado a ignorar as provocações, Yancy ergueu um ombro e fingiu indiferença. — Ela me trata como se eu fosse um leproso cheio de dor ou o próprio diabo.

Harcourt jogou a cabeça para trás e rugiu de tanto rir, fazendo com que vários patronos se virassem e olhassem na direção deles.

Um substituto sombrio para a sedosa pele de marfim que ansiava por traçar as pontas dos dedos de um lado a outro, Yancy parou de acariciar seu copo. — A última vez que nos vimos, cheirei debaixo dos meus braços e soprei minha respiração com medo de que um cheiro desagradável pudesse ser a causa de sua aversão.

— Coitado. — Outra grande explosão de alegria de Harcourt seguiu essa divulgação de Yancy.

Yancy cruzou as pernas e devolveu a caneca à mesa polida. Tocando com os dedos seu joelho coberto com couro, ele relaxou contra a cadeira e desviou os pensamentos da megera que o deixava confuso.

Observando a sala de jantar do White's, cumprimentou vários conhecidos com uma ligeira inclinação de cabeça.

O clube estava movimentado essa noite, numa espécie de agradável tumulto masculino. Um fluxo constante dos melhores de Londres chegava para o entretenimento de uma noite ou para escapar da companhia de mulheres exigentes. Uma gargalhada ocasional interrompia o murmúrio baixo de vozes e o tilintar de talheres contra a louça.

Carregado com o aroma de comida, velas e o fedor de homens banhados em perfume ou na necessidade de tomar banho, o ar pairava denso na sala.

Hábito desagradável de se encharcar de perfume na tentativa de cobrir odores corporais nocivos. Pessoalmente, Yancy desfrutava de uma boa imersão diária na banheira.

Ao ver Sir Gwaine MacHardy entrando na sala de jogos, ele fez uma careta. — MacHardy chegou.

— Por que o chato não foi totalmente banido do White's, eu não entendo. — O aperto de Harcourt em seu copo foi tanto que os nós dos dedos ficaram brancos, e ele lançou um olhar severo ao escocês, que pretendia deixar MacHardy estendido.

— Nem eu. — Com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, Yancy bateu com as pontas dos dedos. — Me pergunto por que foi admitido, especialmente porque ele descaradamente desdenha dos ingleses.

— Terrivelmente presunçoso para um barão feudal. — Harcourt empurrou a xícara de café para a beira da mesa, seu olhar sombrio percorrendo a sala com impaciência. — Onde está o nosso garçom?

— Você bebe mais café do que qualquer outro membro da minha associação. Dorme menos do que qualquer um deles também — observou Yancy, com naturalidade. Daí a necessidade de grandes quantidades da bebida amarga, que Harcourt afirmava que ajudava a mantê-lo alerta. — A prática não pode ser boa para sua saúde.

O cinismo enrugou a testa de Harcourt. — Está apontando um dedo para mim? Você, que confessou na semana passada, que exagera na bebida com mais frequência do que deveria?

— Não, estou apenas fazendo uma observação. — Descansando a cabeça na cadeira de pelúcia, Yancy olhou para o amigo.

Impecável como sempre, em seu habitual traje todo preto, o cabelo loiro bem penteado, e seu rosto suave como o de um rapaz, Harcourt descansava em sua poltrona. Seus olhos cinzentos, o branco matizado de vermelho, não detinha o seu malicioso brilho habitual.

Percebendo a apreciação de Yancy, os lábios do Duque se abriram em um sorriso irônico. — O que?

— Você parece um inferno, Harcourt. Noite longa?

Yancy riu, plenamente consciente da reputação da amante de Harcourt e de seu apetite carnal insaciável. Afinal, ele o apresentou

à sua amiga, embora Yancy não tivesse provado seus encantos.

Essa era uma regra que eles e seus amigos cumpriam estritamente; nenhuma partilha de mulheres ou amostragem dos mesmos produtos. A prática criou muitas complicações e o potencial de gerar conflitos entre os ladinos.

Amizade antes das mulheres - sempre.

Os camaradas viveram de acordo com esse lema até seis deles enlouquecerem e se apaixonarem. Lá se foram os juramentos de amizade. A promessa havia sido descartada com tão pouca consideração quanto uma meia fedorenta e devorada pela traça.

Idiotas.

Na verdade, seus amigos pareciam felizes como ratos em uma despensa cheia, e as mulheres que escolheram como parceiras se mostraram bastante excepcionais. No entanto, Yancy não era tão lento para não perceber que seus amigos haviam tropeçado em algo extremamente raro em seus casamentos.

De acordo com suas observações, a maioria dos grilhões de pernas parecia tolerável na melhor das hipóteses e, muito mais comumente, completamente torturante.

Agora, apenas ele e Harcourt continuavam livres de esposas, exceto que as obrigações infernais de Yancy exigissem que ele tivesse uma Condessa. Toda vez que ele relutantemente pensava em escolher uma esposa, o rosto adorável de Isobel pairava nas margens de sua consciência.

Ele nunca desejou o título detestável. Os Condes de Ramsbury, que mantiveram o honorífico antes dele, não foram homens nobres aos quais ele orgulhosamente reivindicou como parentes ou cujos passos seguiu com prazer.

Desde que herdou o condado, a única concessão que se recusou a fazer dizia respeito à forma de ser tratado.

Diabo, era conhecido como Yancy desde Eton. O resto do mundo poderia chamá-lo de Ramsbury, ou Sabão de Mel, ou Morcego, que pouco importava. No entanto, para seus amigos mais próximos e para as pessoas de quem gostava, ele sempre seria Yancy.

Harcourt bocejou atrás da mão, seu anel de sinete brilhando pelas velas aninhadas no candelabro de prata centrado em cima da

mesa.

Yancy torceu uma sobrancelha. — Por acaso dormiu?

O Duque fez sinal para um garçom encher sua xícara.

— Não, não dormi, mas isso não é da sua conta. — Ele cobriu a boca e bocejou amplamente novamente. — Eu acabei com minha associação com minha amante ontem à noite. Ela se tornou muito exigente e não confiável.

— Ela não aceitou bem sua *congé*, pelo que entendi? — Yancy deu um sorriso torto. — Precisamente por isso que me abstenho de envolvimentos tão complicados. Incômodo imenso ter que mimar, apaziguar e manipular as mulheres quando terminamos com elas.

Embora algumas, como a mãe dele - que Deus descanse sua alma atormentada - tiraram o melhor de suas circunstâncias sem reclamar. A mãe encheu sua vida com excessos de escrituras, gatos, compras e comidas gordurosas. O último dos quais a enviou a uma sepultura precoce há meros trinta e sete anos e corpulenta ao extremo.

Harcourt bufou e passou a mão pelos cabelos. — Não aceitou nada bem. Fui obrigado a chamar um médico para administrar gotas para acalmar sua histeria. Entender por que ela pensou que eu não contestaria que compartilhasse seus favores com outros três homens enquanto estava sob minha proteção, está além de mim.

Fazendo uma careta, Harcourt fechou as pálpebras e pressionou dois dedos na ponte do nariz. — Eu não era avarento com ela. Nunca conheci uma mulher tão gananciosa.

Um flash de vulnerabilidade surgiu em seu rosto, depois desapareceu. Apesar de toda a sua indiferença afetada, Harcourt possuía uma alma sensível.

Yancy agarrou a primeira coisa que lhe veio à mente e mudou de assunto. — Já mencionei que Cecily e a sobrinha dela se alojaram no Bronwedon Towers apenas uma semana depois de eu herdar o título? Sem meu conhecimento ou permissão, devo acrescentar.

Ele jogou pedaços de cera seca da mesa. Pena que não conseguia se livrar da madrasta e da sobrinha com tanta facilidade.

— Então minha querida madrasta ousou chamar-se Condessa viúva e começou uma farra de gastos que envergonharia o príncipe regente.

Harcourt estremeceu. — A descarada.

Escovando um floco de cera de suas calças, Yancy fez uma careta. — E teve a coragem de garantir aos comerciantes que eu cobriria suas contas.

Ele apertou a ponta do nariz contra a dor que Cecily e Matilda sempre lhe causavam. O incomodavam desde que seu pai se casou com Cecily. Graças a Deus, aos dezessete anos e pouco depois ele fora para a universidade.

— Colocarei rápido fim nisso, eu vou te dizer. ─ Ele deixou cair a mão no colo. — Disse aos comerciantes que eu me recuso a pagar uma única parte da dívida dela. Cortei seus gastos mais rápido do que tesouras em um botão de rosa.

Harcourt deu uma risada gutural. — Com certeza, ela tem sido sua provação.

— De fato. ─ Yancy deu um suspiro exagerado. — Ela teve um ataque de fúria com esta última parte. Seus gritos permaneceram em meus ouvidos por vários dias.

— Não suporto uma harpia ─ Harcourt murmurou com simpatia.

Nos últimos dois anos, Yancy permitiu que Cecily residisse em Bronwedon Towers durante os meses de verão, o que significava que ele evitava a propriedade como o sétimo nível do inferno.

Pior ainda, a sobrinha de Cecily, Matilda, havia tentado conversar com ele nas últimas três vezes em que estiveram sob o mesmo teto. Não havia dúvida de que, apesar de ter acabado de completar dezessete anos, a menina não era uma dama virtuosa.

Curvando os lábios, ele fez uma careta com as lembranças dos modos empertigados de Matilda e as constantes investidas de Cecily. — Visões dessa bruxa são o que me mantém contente com os relacionamentos casuais há muitos anos.

Isso e as memórias de Julia Cambrill - a viúva voluptuosa que capturara seu coração confiante aos dezoito anos. Ela o atingiu além do reconhecimento, e então, com a mão no braço de sua última conquista, jogou o coração mutilado dele na bota aos seus pés.

Com um sorriso satisfeito no rosto, ela o ridicularizou publicamente. — Eu encontrei um homem, não um menino, na minha cama.

Capítulo Dois

Depois de dez anos, o calor da humilhação de Julia ainda diminuía Yancy. Uma ou duas bebidas normalmente ajudavam a apagar a expressão exultante dela de sua mente. Esquecendo que a tinha esvaziado, ele pegou sua caneca.

Frustrante isso.

— Tem todo direito, Yancy. Não há obrigação de disfarçar as coisas, mesmo as cuidadosamente contratadas. – Batendo os dedos na coxa, Harcourt apertou a mandíbula por um momento. — Droga! É irritante, mas as mulheres tornam-se emocionais quando não conseguem o que querem. E rancorosas também.

— Eu que o diga. – Yancy dirigiu seu desprezo ao copo vazio.

Rancorosas e cruéis.

— E suas lágrimas são exageradas. Horrível. – Harcourt revirou os olhos dramaticamente e estremeceu antes de pegar seu conhaque e esvaziar taça em um gole. — Poderia nunca me casar.

O garçom se aproximou da mesa com uma bandeja carregada.

— É o mais sábio, Harcourt, se conseguir evitar a armadilha.

O semblante de Harcourt escureceu. — Não posso, assim como você, meu amigo. Mas pretendo adiar o máximo possível.

Com um aceno de agradecimento, Yancy aceitou um guardanapo de linho do criado.

Infelizmente, Harcourt falava a verdade, pois o destino se recusou a poupar Yancy do agravamento do matrimônio. *Mas era uma pena*.

No entanto, com uma Condessa tão deliciosa quanto Isobel Ferguson em sua cama, ele poderia se contentar. *Se* ela descongelasse seu comportamento em relação a ele. Não queria uma donzela gelada entre os lençóis ou debaixo dele.

O criado colocou diante deles pratos cheios de bifes grossos, batatas cozidas, cenouras e aspargos temperados com ervas.

Yancy fungou em apreciação. Seu estômago respondeu com um rosnado estridente. Ele não comera desde que quebrou o jejum esta manhã.

Depois de adicionar uma cesta de pãezinhos quentes e um prato de manteiga, o garçom encheu a xícara de café do Duque e, em seguida, acrescentou três pedaços de açúcar e uma porção generosa de creme. Por fim, ele colocou uma garrafa de clarete no meio da mesa, junto com duas taças de cristal cintilante. — Devo servir, Vossa Graça?

O criado sabia muito bem que Harcourt preferia abrir a garrafa ele mesmo. No entanto, ele respeitosamente fazia a mesma pergunta toda vez que servia o Duque.

Yancy ergueu a boca em um sorriso engraçado.

A consideração do garçom sempre lhe dava uma guinada extra - exatamente por que o sujeito astuto fazia o gesto.

— Não, apenas deixe o saca-rolhas. – Harcourt tomou um gole vigoroso do café e estremeceu. — Maldição. Podia bem avisar um sujeito que a bebida está fervendo.

O olhar confuso do criado encontrou o de Yancy, e ele piscou.

— Harcourt, sempre está quente demais. É assim que exige que sua bebida seja servida. – Yancy balançou os dedos na xícara. — Vê aqueles pequenos elos e enevoados se curvando para cima? Isso deveria tê-lo avisado. Eles geralmente indicam calor.

— Droga. – Harcourt pegou seu garfo e faca. — Queimou minha língua. Não posso provar minha comida agora, e estou faminto.

Com uma expressão cuidadosamente composta, os lábios do garçom se contraíram quando ele afastou a caneca vazia e o copo de conhaque.

Yancy estava decidido a oferecer uma posição ao homem. Ele tinha a sensação de que o jovem camarada iria animar as coisas entre sua equipe inteiramente adequada em Bronwedon Towers.

Não, pensando bem, o belo servo seria tentação demais para Matilda.

— Desejam mais alguma coisa, milorde, Sua Graça?

— No momento não. – Yancy pegou seus talheres, ansioso para fatiar o bife suculento. — Há torta de maçã esta noite?

Por mais que gostasse de um bom pedaço de carne, sua verdadeira fraqueza estava nos doces e tortas extravagantes. Ele deu um tapinha no estômago. Melhor observar esse prazer, ou logo estaria próximo gordo. Se tornaria uma montanha flácida muito

cedo, apesar de lutar no ringue três vezes por semana, para manter seu abdômen firme.

— Sim, milorde, mas Cook só tem uma torta sobrando. Se me der licença, cortarei uma fatia para cada um antes que tudo acabe. – Com uma rápida reverência, o garçom se retirou, deixando-os saborear sua comida.

Depois de abrir o vinho, Harcourt derramou um generoso respingo nas taças. O Duque ergueu a dele, girando suavemente o porto antes de levá-la ao nariz e inalar. Ele tomou um gole e assentiu em aprovação. Passando o dedo pela borda do cálice, olhou para o líquido vermelho lá dentro.

— Sim, acredito que seguirei um pouco seu exemplo, Yancy - restringir meus flertes a viúvas e cortesãs ansiosas. Nenhuma inocente e positivamente nenhum risco matrimonial. – Uma parte do cansaço desapareceu de seu rosto, substituída por uma renovada centelha de interesse. — Por que, *Le bon ton* está fervilhando de mulheres deliciosas, impacientes para compartilhar seus favores com um Duque.

Ele piscou. — E um Conde.

— Sim. – Yancy pegou seu vinho.

Se Harcourt suspeitasse que ele estava pensando em se casar, seu amigo o provocaria sem piedade. Yancy não tinha intenção de compartilhar essas notícias até que o clérigo lesse os proclamas. Ou talvez ele pulasse toda a burocracia e atravessasse a fronteira para a Escócia.

Escandaloso.

A não ser que sua noiva fosse escocesa.

Harcourt deu uma mordida na batata, mastigando pensativamente.

— Quanto aos Highlanders, Sethwick não teria pedido sua ajuda se as coisas não tivessem se tornado mais urgentes. Como sabe, ele geralmente prefere manter o inglês fora dos assuntos escoceses. – Harcourt perfurou uma cenoura. — Eu irei acompanhá-lo. Afinal, é meu primo quem está no centro dessa disputa. Lydia não pretendia ficar em Craiglocky por tanto tempo.

— Droga, me deixe! Ele me enganou, não o contrário.

Uma comoção perto da entrada da sala chamou a atenção dos clientes. Entre juramentos negros e ameaças terríveis, dois homens corpulentos escoltavam a força em direção da saída, um Sir Gwaine corado e lutando.

Yancy inclinou a cabeça em direção ao escocês, a poucos metros de distância. Mantendo a voz baixa, ele murmurou: — Acredito que MacHardy estabeleceu um novo recorde por ser expulso. Ele não poderia estar lá há mais de dez minutos. Acha que estava trapaceando de novo?

Harcourt se remexeu na cadeira. Ergueu seu cálice e inspecionou o barão dos pés à cabeça. — Gostaria de ter apostado nisso. Sempre preferi uma coisa evidente. Acredito que uma vez trapaceiro, sempre trapaceiro.

O escocês apontou a cabeça em direção a eles, as mandíbulas carnudas balançando sob uma barba ruiva e desalinhada.

O rosto de MacHardy ficou ainda mais corado, até que suas bochechas brilharam vermelhas. Ele estreitou os olhos cinzas em fendas, enviando a Harcourt um olhar cheio de veneno. A boca de Sir Gwaine trabalhou silenciosamente, uma gota de saliva em sua barba despenteada.

Bom Deus, ele estava tendo uma apoplexia?

Arrancando um pedaço considerável de seu pão, Yancy passou manteiga e, através dos olhos semicerrados, observou o escocês. — Ele o ouviu, Harcourt.

O braço dele pendia preguiçosamente sobre o topo da cadeira, a atenção de Harcourt permanecia no escocês fumegante sendo levado até a porta.

— De fato. Eu quis que ouvisse isso. – Um desafio ressoava nas palavras cortadas de Harcourt. – Ele causou a Lydia e seu pai muita dor.

Com os dentes cerrados, o barão se esforçava contra as garras apertadas de seus captores. — Maldito Sassenach.

— Eu disse.

— Cale a boca, idiota.

— Que insolência.

Harcourt falou acima dos protestos que rodeavam a sala. —Sua mãe não era uma *'maldita Sassenach*' MacHardy? – O desprezo

escorria de sua voz. — *Tsk, tsk*. Que insolência para o seu pobre pai falecido.

Com os olhos esbugalhados, o escocês se jogou, mas os lacaios enormes o derrubaram.

— Me diga se esse seu primo velho, isolando sua filha em Craiglocky, está envolvendo mais escoceses em nosso desacordo particular. – Ele torceu sem sucesso as mãos que o continham. — Lydia Farnsworth deveria ter aceitado minha oferta de casamento, a vagabunda impertinente.

Mais murmúrios de indignação, muito mais altos desta vez, ecoaram pela sala de jantar.

— Lave essa boca! — Harcourt ficou rígido e jogou o guardanapo sobre a mesa. — Farei com que engula essas palavras. Depois de eu partir os dentes que ainda tem nessa sua garganta gorda.

Santo Inferno.

Yancy ficou de pé.

—Não. O filho da puta não vale a pena. – Ele colocou a mão no ombro de Harcourt. — Seja sensato. MacHardy está te provocando.

Dando as costas para o escocês aprisionado, Yancy acrescentou: — Desafie-o e, embora ele não seja um atirador, escolherá pistolas. Nos últimos seis meses, ele quase matou dois homens. O alegado mau funcionamento da arma causou os primeiros disparos.

— Improvável, esse rato é traiçoeiro. – Harcourt agarrou os braços da cadeira, a vingança fervendo em seus olhos.

— É verdade, mas ninguém conseguiu provar o contrário. – Yancy apontou o queixo em direção ao escocês. — Ignore o idiota. Ele já perdeu esta noite. Além disso, não deu sua palavra a sua mãe de que não se envolveria em duelos?

Com uma expressão branda, Harcourt encarou Yancy por um longo momento e depois deu de ombros com desdém. — Eu dei, e está certo, é claro.

Yancy relaxou uma fração. Graças a Deus, Harcourt ouvira a razão.

O Duque pegou seu guardanapo e se dirigiu à comida mais uma vez, desconsiderando Sir Gwaine. — Então, vamos montar ou pegar

um coche para Craiglocky?

Seu estômago se enrolou em um nó apertado, destruindo ainda mais o prazer da refeição, Yancy voltou para a cadeira. No entanto, sua atenção permanecia concentrada em MacHardy.

A reputação de depravação do escocês foi merecida. Nenhuma mulher deve ser submetida à degeneração do demônio, principalmente uma mulher de educação suave como Lydia Farnsworth.

Os lacaios musculosos arrastaram o homem que amaldiçoava os poucos passos restantes até a saída e, sem cerimônia, o empurraram porta afora.

A tranca fechou com um *clique* firme, cortando sua sequência de epítetos obscenos. Um momento depois, a entrada reverberou com um baque tremendo, seguido por um uivo abafado de dor.

Yancy apostaria sua preciosa torta de maçã, que MacHardy, havia perfurado a robusta porta de quinze centímetros de espessura. Provavelmente, ele quebrou uma costela ou duas por seus esforços.

— Boa viagem. – Yancy voltou seu foco para Harcourt. — Deixará tudo isso – ele acenou com a mão em um círculo — pelos selvagens Escoceses?

Harcourt suspirou e jogou o guardanapo para o lado.

— Fiquei entediado com tudo isso. – Ele sacudiu os dedos imitando o gesto de Yancy. — Além disso, estou preocupado com a Lydia. Ela foi quase uma irmã para mim.

Sua boca mergulhou em um sorriso perverso. - E mal posso esperar para ver a reação de Isobel quando descobrir que você ficará em Craiglocky por vários dias, talvez semanas.

Uma lembrança de lindos olhos marinhos emoldurados por grossos cílios escuros, olhando para ele com adoração, surgiu na mente de Yancy.

Ele precisava de algo malditamente mais forte que cerveja ou vinho para erradicar *sua* memória. Uma dose ou três de whisky escocês – a substância ardente que Sethwick preferia, que traçava um caminho de fúria as vísceras e esquecimento à mente - deveria resolver o problema.

A quem ele estava enganando?

Duvidava que algum dia consumisse bebidas suficientes para banir Isobel de sua memória. O que diabos ele tinha feito para que ela o rejeitasse?

Por Deus, ele expulsaria a verdade nesta visita.

Sim, ele daria a Isobel Ferguson uma última chance de voltar. Tomara que ela percebesse a oportunidade que ele oferecia. Caso contrário, direcionaria suas atenções para as dezenas de moças ansiosas demais para aquecer sua cama, se não seu coração.

A noção o perturbou. Não tinha um pingo de interesse em mais ninguém. Isobel havia conquistado seu coração anos atrás. Ele simplesmente teria que redobrar seus esforços para conquistá-la.

Yancy esfaqueou violentamente seu bife.

Nenhum escocês de traseiro pelado ganharia o favor de sua moça de olhos turquesa.

Capítulo Três

Fortaleza de Craiglocky, Escócia

13 de setembro de 1818

Isobel saltou da cama, respirando profundamente quando o ar frio a atingiu. Tremendo, correu pelo quarto, o chão de pedra entre os tapetes trançados à mão estava gelado sob os pés descalços. Ela abriu as pesadas cortinas de veludo cor ameixa e sorriu.

Finalmente.

O céu estava azul vívido com uma ocasional nuvem presunçosa ao longe, mas prometia um dia de sol e temperaturas amenas.

Ela quase dançou uma giga. Em vez disso, pulou para aquecer os dedos frios, enquanto gavinhas geladas subiam por suas panturrilhas. As manhãs tinham ficado muito frias, e sua criada ainda viria para acender o fogo.

Uma tempestade bem violenta soprou três dias atrás, despejando uma avalanche de chuva sobre a área. Várias vezes ao dia, Isobel espiava pela janela, impaciente pela oportunidade de observar a cor da superfície do afloramento rochoso quando a torrente cessava.

O jade fresco e escuro da floresta matinal paralelamente ao lago chamava sua atenção.

A cor dos seus olhos.

Uma pequena pontada de melancolia torceu seu coração, amortecendo seu humor brilhante.

Durante anos, ainda menina, sonhara com o bom amigo de seu irmão, Lorde Ramsbury, admirando seus cabelos escuros, uma tonalidade em algum lugar entre zibelina e uísque, e a maneira como suas madeixas se curvavam sobre suas orelhas. Muitas vezes, ela esboçara aquele nariz quase reto e firme, os lábios de arco de Cupido.

Eles geralmente se inclinavam para um sorriso provocador, revelando uma fileira de dentes brancos – um deles, um pouquinho virado -, que adicionava um elemento juvenil e charmoso às suas

características já muito atraentes. Mas seus olhos, onde a inteligência brilhava em suas profundezas, foram o que a cativou.

Emoldurados por cílios da meia-noite - sem dúvida, a inveja de muitas mulheres - eram o verde mais escuro que já havia visto. Exceto por um anel estreito ao redor da íris. Aquela banda brilhava cinza esfumaçado, quase ébano.

Também engraçado, atencioso e gentil, ele...

Não.

Ela bateu a palma da mão no peitoril de pedra.

Isobel Ferguson, não perca um único momento fantasiando com Yancy... Lorde Ramsbury.

Ela nunca tinha sido nada mais para ele do que a irmã mais nova e imatura de seu amigo de longa data. Sem mencionar, Ramsbury que era um canalha enganador.

Sim, mas deliciosamente bonito e desleixado.

Bah!

Esfregando a palma da mão contra o estômago, Isobel se virou, correu para o quarto de vestir, onde se trocou rapidamente, colocando seu vestido mais antigo, de lã Kersey macia.

Com o tempo, lavagens repetidas haviam desbotado o tecido e a rica urze das montanhas, se tornara uma sombra pálida. Como cavalgava, um traje de montaria simplesmente não serviria. Tampouco poderia montar e desmontar de uma sela lateral sem ajuda.

Depois de calçar botas confortáveis, embora usadas e gastas, pegou uma simples capa marrom acinzentada. Junto com uma sacola grossa de pano, um chapéu de palha de abas largas e luvas grossas de couro. Enfiou um par de lápis afiados, seu bloco de desenho, uma adaga e uma bolsa de couro com ferramentas na sacola.

Do que mais ela poderia precisar?

Um lenço perfumado.

Ela sempre acabava com manchas de sujeira no rosto.

Quando Maura, sua babá que virou criada pessoal, chegou para acordá-la, Isobel estava pronta para partir para uma manhã tão esperada de investigação arqueológica.

Depois de depositar uma bandeja em cima da mesa oval situada ao lado de uma janela em arco, Maura colocou as mãos nos quadris amplos e fez uma careta para o traje de Isobel. — Está vestida como uma rapariga da vila. *Mais uma vez*.

Ela sibilou bastante a última palavra.

Isobel riu e afundou em uma cadeira de espaldar reto diante da mesa. — Não faz sentido me vestir com elegância, pois estarei escalando pedras e raspando pedaços de terra e argila. Ninguém, exceto minha família, me verá de qualquer maneira.

Ela levantou a tampa da comida.

Presunto, aveia e bannocks com manteiga fresca e geleia de framboesa esperavam por ela. — Sabe que os convidados não são esperados até este fim de semana.

Sua irmã, Adaira, a condessa de Clarendon, e seu marido chegavam sexta-feira ou sábado para comemorar o aniversário da cunhada Yvette. Vários outros membros da família também eram esperados, incluindo os primos de Yvette, Lorde e Lady Warrick e os primos de Isobel, Lorde e Lady Bretheridge.

Servindo uma xícara de chá, Isobel inalou o perfume inebriante. Ela acrescentou dois pedaços de açúcar e uma pitada de leite antes de mexer o conteúdo.

Ela adorava o cheiro de chá quente. O perfume a lembrou de sua infância. Todas as manhãs, sua mãe reunia as crianças ao seu redor para um abraço e tomava uma xícara com elas.

Levando a xícara de chá pintada à mão aos lábios, Isobel olhou para a criada descontente que pisava no quarto, lançando seus olhares severos de vez em quando.

— Suponho que isso signifique que esteja planejando mergulhar na lama também. – Maura exagerou.

Isobel focou sua atenção no teto para não revirar os olhos.

— Eu não mergulho, como sabe muito bem. – Ela mexeu a mão livre para a criada. — Minhas mãos e unhas nem ficam sujas.

— Damas não colecionam pedras e coisas *mortas* transformadas em pedras. – Maura murmurou e caminhou até a cama desarrumada. Ela estremeceu dramaticamente. — Não é natural, não mesmo. Criaturas transformadas em pedra. Elas são amaldiçoadas. O mesmo que a esposa de Ló no Livro Sagrado.

— Ela foi transformada em uma coluna de sal, não de pedra. – Isobel suprimiu uma risada e espalhou a geleia sobre um pão.

— *Humph*. Pedra. Sal. Isso não importa para mim.

Maura colocou a colcha roxa e branca no lugar e ajustou alguns travesseiros ao seu gosto. — Uma maldição é uma maldição - como aqueles pecadores de Callanish transformados em pedra por suas atividades pagãs no Sabbath.

— Maura, isso é bobagem supersticiosa. O Círculo de Callanish foi usado para rastrear a atividade lunar.

Claramente perplexa, Maura apertou os lábios e estreitou os olhos para Isobel. — Atividade lunática?

— *Lunar*. A trajetória da lua. – Isobel sorriu, apontando com o dedo indicador e desenhando um arco no ar. — O *negócio do pecador em pedra* não faz sentido. Simplesmente uma lenda boba espalhada pelas primeiras igrejas da Escócia para desencorajar os ritos que eles não aprovavam.

Maura farejou duvidosamente antes de seu foco mudar para a comida restante. — Vai comer mais?

Isobel engoliu obedientemente alguns bocados adicionais de aveia e presunto. — Feliz agora?

— Hmph. – O grunhido de Maura ressoou com desaprovação quando ela pegou a camisola de Isobel do encosto de uma cadeira.

Isobel bebeu o último chá, secou os lábios e se levantou. Ansiosa por estar a caminho, colocou a capa sobre os ombros.

— Pelo menos leve um cão e uma faca contigo. E *não vá* muito longe. A criada foi até o quarto de vestir. Examinou e, depois de sacudir o vestido branco liso, pendurou-o em um gancho. — Ontem, enquanto pastoreava ovelhas pelos *tors*, Fergus viu viajantes das montanhas e outros escoceses que não reconheceu.

— Vou levar Tira comigo. – Isobel recolheu outras coisas.

Maura enfrentou Isobel. — Mantenha seus olhos afiados. Estarei dizendo ao Laird que brinca naqueles afloramentos mais uma vez.

— Por favor, e avise a mamãe também, sim? – Isobel deslizou as alças da sacola por um pulso. — Diga a ela que voltarei com bastante tempo para o almoço. Sorcha está fazendo Scotch Stovies?

— *Sim*, e tortas de morango – resmungou a criada.

Isobel deu um abraço em Maura. — Não se preocupe, eu tenho minha adaga.

Mais para raspar a sujeira do que qualquer necessidade de proteção, mas Maura não precisa saber disso.

As recriminações da criada sobre a decência de abraçar criados e as damas desacompanhadas que corriam para se arrastar na lama, seguiram Isobel quando ela saiu de seu quarto e foi para os estábulos.

Três horas depois, ela esticou os braços acima da cabeça para aliviar a pulsação maçante nas costas de se agachar por tanto tempo. O hábito a fizera cutucar a terra. Ela congelou olhando fixamente para o chão.

— Ah, eu sabia!

Com pequenos frissons de excitação picando seus nervos, ela pegou um fragmento marrom de cobre na mão enluvada. Virando o pedaço, ela afastou a sujeira úmida que se agarrava à peça.

Segurou a lasca diante do rosto. — Olhe isso, Tira? É uma ponta de flecha.

O boarhound cor de carvão, obedientemente cutucou o nariz quadrado perto da pederneira e deu uma fungada superficial à lasca antes de se virar com desdém. O cachorro enfiou a pata no bolso da capa de Isobel e depois ergueu os olhos tocantes para ela como se dissesse: *Isso é tudo*? *Me trouxe até aqui por uma lasca de pedra insignificante*?

Isobel riu e esfregou atrás das orelhas do cachorro.

A perna de trás de Tira bateu quando ela se contorceu no ritmo das coçadas de Isobel.

— Não te prometi um lanche, minha amiga. Apenas uma boa corrida, para esticar suas longas pernas.

Ela parou de acariciar o cachorro e Tira fungou contra a saia desbotada de Isobel.

— Quando voltarmos, lhe darei algo saboroso. Eu prometo. Hoje eu estava com tanta pressa de examinar os penhascos que esqueci o seu presente.

O cão gostava de um biscoito amanteigado ou dois - ou seis.

Vários metros além do outro lado da cama de pedra, a égua de Isobel suspirou e balançou a cabeça pálida e cinza.

Isobel riu. — Não, Emira, não esquecerei de lhe dar uma cenoura."

Esfregando a ponta da flecha entre o polegar e o indicador, ela examinou o penhasco. Muitas eras atrás, uma geleira raspara e rasgara seu caminho através desse trecho de terra marcado. Rochas e pedregulhos, variando do tamanho de uma moeda a pedras gigantescas, maiores que os chalés dos pequenos agricultores, pontilhavam a paisagem.

Tempestades lavavam a sujeira dos precipícios, expondo todo tipo de tesouros fascinantes. Isobel havia desenterrado alguns fragmentos de cerâmica rústica e mais duas pontas de flechas dentro de uma das aberturas maiores da caverna.

A história por trás dos itens a cativava. Povos primitivos, possivelmente seus ancestrais, haviam ocupado essas terras em outros tempos.

Anos atrás, os vikings bárbaros haviam se estabelecido mais ao norte e nas ilhas a oeste do continente. Ambos os locais estavam a uma boa distância da Craiglocky Keep, o que eliminava os nórdicos como os responsáveis pelas relíquias. Os itens nas cavernas também não foram deixados para trás por ciganos que se aventuravam perto das terras de Craiglocky duas vezes por ano.

Os objetos eram velhos demais.

Acariciando Tira, Isobel examinou os grandes pedregulhos de forma intermitente na orla da rocha e do penhasco. Sua atenção voltou-se para uma série peculiar de entalhes.

— Acho que...

Ela correu para o penhasco. Passando os dedos contra os cumes levemente ásperos de uma pedra, seu coração disparou. — Oh, olhe, trilobita.

Seu olhar experiente percorreu toda a extensão da saliência. — Eu apostaria a Bíblia da minha santa avó, que há mais aqui.

Isobel considerou as bocas negras das cavernas.

— Possivelmente, também nelas.

Da próxima vez, ela deveria trazer uma lanterna para explorá-las completamente. Dedilhando o fóssil, Isobel sorriu. Imagine, já que

antigamente essa área era submersa, fósseis de estranhas criaturas do mar eram bastante comuns na Escócia, ou assim ela lera.

Descobrira muitos fatos fascinantes e aprendeu sobre muitos lugares encantadores com a leitura.

Pensando bem, era o que fazia, principalmente, como entretenimento e aventura.

Ler. E ler. E ler.

E ansiar por viajar.

Para algum lugar. *Para qualquer lugar*.

Oh, ter uma grande aventura de algum tipo - ver as pirâmides ou a Grande Esfinge do Egito. Ou talvez algo mais próximo de casa, como as Pedras Permanentes de Callanish ou o Anel de Brodgar.

Isobel bufou ironicamente e esfregou o nariz que coçava. A sujeira em sua luva fez cócegas, e ela espirrou.

Trinta milhas.

O mais distante que Isobel havia se aventurado de seu local de nascimento, exceto a festa na casa de Adaira em dezembro passado e uma na dos Marquês e Marquesa de Bretheridge alguns anos antes.

Tira latiu e correu atrás de um coelho.

Um suspiro pensativo escapou de Isobel. — Existe um mundo incrível lá fora, e eu estou presa em Craiglocky Keep."

Não que não amasse sua casa de infância - é claro, ela amava. No entanto, ansiava por ver desertos ondulantes ou ondas rugindo batendo na orla, em vez das colinas esmeralda das Highlands pontilhadas de urze roxa perfumada com um montão de ovelhas cremosas.

— A vida não seria um pouquinho mais maravilhosa se eu visse mais do mundo antes de me casar e ter filhos?

Com quase vinte anos, várias ofertas de casamento já haviam chegado à porta de Isobel. Graças a Deus, seus pais lhe permitiram escolher um marido. Infelizmente, as Highlands limitavam bastante a seleção de possíveis candidatos.

Embora os escoceses robustos e bonitos abundassem, até agora seus muitos admiradores apenas a elogiavam por sua beleza. Não ao seu desejo de discutir política, ou seu conhecimento

de várias ciências, ou sua capacidade de falar vários idiomas, ou mesmo seu prazer em resolver equações matemáticas complicadas.

Sua capacidade de ver algo uma vez, seja um mapa, diagrama ou o conteúdo de um livro – na verdade, praticamente qualquer coisa - e recordar as informações com detalhes quase perfeitos, tinha sido uma brincadeira agradável quando ela era criança.

Tinha um apetite voraz por conhecimento e pouca paciência por pretendentes, cujo interesse era cobiçar seu seio ou encarar rapidamente seu rosto com uma expressão idiota no deles.

Isobel podia forrar seu quarto com os poemas e sonetos ridículos que recebera. Ela foi elogiada por seus olhos - *a cor do mar da manhã* - e sua pele - *macia, acetinada e branca como o peito de uma pomba* - e seu cabelo - *chocolate quente misturado com creme de leite fresco.*

Ela riu abertamente desse ridículo, embora se perguntasse qual admirador havia enviado a nota anônima.

Pshaw. Que *twaddle.*

Tinha um espelho. Sim, era bonita. Tudo bem, talvez mais do que bonita, mas o que a aparência externa tinha a ver com o mérito de uma pessoa? Isso não tinha nada a ver com a forma como o Senhor a criou.

Sua mente, sua inteligência, sua sede de conhecimento, aqueles sobre os quais ela exercia alguma influência. E nenhum homem além de seus parentes a elogiou por esses atributos. Não estava totalmente convencida de que os homens, em geral, não eram uns covardes.

Não, isso não era verdade. Lorde Ramsbury tinha uma mente afiada e raciocínio rápido. No entanto, esse *jackanape* era um desonesto. Brincou com as afeições dela quando não estava em posição de julgar alguém.

Talvez ela merecesse a culpa por ingenuamente ler demais nas atenções dele. Ela ousara ter esperança de que ele tivesse um interesse genuíno por ela, uma Highlander não sofisticada, em vez da deslumbrante e adequada dama inglesa com a qual ele estava quase comprometido.

Isobel entendia melhor agora.

Endireitando-se, ela examinou a área, buscando mais artefatos. As cavernas que queria vasculhar ficavam mais ao longo da parede carregada de pedras. Um pequeno arrepio formigou entre seus ombros. Imagine o que poderia descobrir.

Mudando o foco para cima, um bufo resignado escapou dela. Quase meio dia, se estivesse calculando a localização do sol corretamente.

Não há como explorar essas cavernas hoje. A hora do almoço se aproximava. Ela mal conseguiria voltar para a fortaleza a tempo de se refrescar e se transformar em algo mais apropriado. Além disso, prometera que terminaria de bordar um xale como presente de aniversário de Yvette em alguns dias.

Isobel examinou as pontas de suas luvas de pele de carneiro. Os dedos indicadores ameaçavam atravessar a costura gasta.

Novamente.

Seu terceiro par em três meses. O próximo pedido de luvas seria de seis pares.

Ela se virou e depois examinou o horizonte atrás dela.

Loch Arkaig brilhava azul safira ao sol do meio-dia; os raios brilhantes, um arco-íris dançante de diamantes, faiscavam no topo de sua superfície intocada. No entanto, a água permanecia gelada, especialmente onde a floresta margeava a costa.

Algumas garças migratórias, praticamente invisíveis nos canaviais, perambulavam pela área pantanosa contra o pano de fundo das ruínas carbonizadas do castelo original.

Colocando a ponta da flecha na bolsa, ela assobiou para Tira. Alguns instantes depois, o cachorro veio saltando do prado, na fronteira com os penhascos.

Depois de reunir seus pertences, Isobel recuperou a égua e a montou. Com um último olhar para a arrebatadora área, virou o animal em direção à fortaleza, orgulhosamente de pé, atenta ao outro lado do lago.

Quinze minutos depois, trotou com Emira para os estábulos do sul. Isobel inalou os aromas familiares de cavalos, feno, linimento e couro. Seu estômago roncou e contraiu, lembrando-lhe o quão pouco ela tinha comido no desjejum.

Tira desapareceu, sem dúvida ansiosa para se juntar à irmã e ao irmão na guarita para o cochilo habitual da tarde.

O chefe dos cavalariços de Craiglocky, Jocky, ajudou Isobel a descer da égua. — Encontrou alguma coisa hoje, Srta. Isobel?

Ela sorriu e assentiu, desatando a bolsa da sela. — Obrigada, Jocky. Eu encontrei uma ponta de flecha e um fóssil.

Outro cavalariço apareceu, preparado para desencilhar a égua. Segurando as rédeas, deu um tapinha no pescoço do cavalo e a virou para o outro extremo dos estábulos.

— Espere, Conrad. Eu prometi a ela uma cenoura. – Isobel esfregou o focinho da égua. —Cuidará para que ela receba uma ou duas?

O rapaz abaixou a cabeça, o rosto coberto de sardas florescendo em cores. Com prazer, Srta. Ferguson.

— Meu Deus, está se provando ser um dia bastante quente, afinal. – Puxando o chapéu da cabeça, Isobel recebeu a leve brisa que soprava das portas abertas. Colocou o chapéu debaixo do braço antes de tirar as luvas.

Caminhando para a saída do estábulo, ela perguntou por cima do ombro. — Aconteceu alguma coisa enquanto eu estive fora?

— *Aye*. – O sorriso entusiasmado de Jocky expôs um dente da frente que faltava. — Dois extravagantes cavalheiros ingleses chegaram meia hora depois que a senhorita saiu.

Ela parou, virando a meio caminho na direção dele. — Lorde Clarendon e Lorde Warrick? Ou era lorde Bretheridge? Não achei que Adaira, Vangie ou Angelina fossem chegar até esse final de semana.

— *Nae,* ladies não vieram com eles, Srta. Isobel. – Tirando o chapéu manchado de suor, ele limpou as gotas da testa com as costas da mão. — E *nae,* nenhum deles deve ser um Laird.

O estômago de Isobel saltou para a garganta e depois despencou para as botas arranhadas.

Por favor, não deixe que seja ele.

Lorde Ramsbury esteve aqui em julho, e as coisas não foram bem entre eles.

— Não? Quem então? – Ela engoliu convulsivamente.

Espreitando a sobrancelha e apertando os olhos, os olhos concentrados, o cavalariço coçou o peito. O Duque de Harcourt e o...

— Conde de Ramsbury – disse um barítono muito familiar e melodioso.

Capítulo Quatro

Isobel virou-se e acabou plantando o rosto diretamente em um peito muito masculino.

— Oh! — Ela pulou para trás reflexivamente. Seu calcanhar prendeu na bainha da capa e ela se inclinou em um ângulo precário.

Simplesmente fabuloso.

Ela agitou os braços e seus pertences caíram no chão do estábulo. Lorde Ramsbury correu para a frente, agarrando seus ombros no momento em que seus pés deixaram o chão. Com os olhos fixos nos dele, ela agarrou as lapelas do casaco, tentando freneticamente permanecer em pé.

Alarmada, arregalou os olhos de surpresa quando ele se aproximou dela.

Tarde demais.

A forma sólida de Lorde Ramsbury caiu sobre ela e a triturou na madeira áspera. Com os olhos fechados e cercados por sua pura essência masculina, esperou que uma dor aguda a apunhalasse. Preocupada, preparada para parar ao menor desconforto, ela mexeu os dedos das mãos e dos pés.

Sem dor. Nada quebrado então.

Céus, quanto pesava Sua Senhoria? Tentou respirar fundo, mas o peso dele pairava sobre seu peito.

Ela abriu os olhos. Cabelos sedosos e cor de uísque faziam cócegas em seu nariz. Um perfume limpo e viril, com uma pitada de sândalo, plainava sobre ele. Cheirava maravilhosamente, e ela tinha o desejo mais estranho de acariciar o nariz nos cabelos dele.

Em vez disso, apenas cheirou silenciosamente.

Mmm, celestial.

Ele se mexeu um pouco?

O peito do Lorde Ramsbury esmagou seus seios quase planos, e os seus quadris magros estavam aninhados entre suas coxas. Com certeza, as costas e os ombros dela tinham um ou dois hematomas.

Erguendo a cabeça, ela estremeceu. Isso dói. Ela torceu os dedos, tentando cutucá-lo. Por que não saía? Um cavalheiro teria

feito isso, mas ele já havia provado que não merecia esse título.

Ela se contorceu um pouco e depois parou instantaneamente quando uma dureza peculiar pulsou contra sua feminilidade.

Seu relógio de bolso deve ter caído do seu colete e se prendeu entre eles. Isobel empurrou-se com mais força, tentando desalojá-lo e ao seu relógio.

— Não. — Ele terminou com um gemido estrangulado.

Ele *foi* ferido. Mas como poderia ter acontecido? Ela amorteceu a aterrissagem dele. Estendendo os dedos, ela segurou suas costelas firmes e empurrou com toda sua força.

— Pare. — O hálito quente dele acariciou seu pescoço, enviando uma sensação em espiral ao seu ventre enquanto o empurrava novamente. — Não se mexa.

Pés de botas batiam no chão embaixo dela em um ritmo irregular. Jocky gaguejou até parar. — Senhorita Isobel, milorde, estão...

— Yancy, quero mostrar... Ewan ficou com a boca bem aberta, parecendo muito com uma truta marrom recém pescada.

Isobel espiou desconfiada por cima do ombro do Conde, que agora vibrava. Ela o cutucou com mais força.

Ele tremeu mais.

Ele tinha cócegas? Transformando as mãos em meias garras, ela raspou sua cintura sem dó.

Uma risada rica foi sussurrada contra o seu pescoço, e a sensação era mais do que maravilhosa. Isso não serviria de nada. Ela precisava que Lorde Ramsbury se retirasse antes que agarrasse seu pescoço, o abraçasse contra o peito e plantasse beijos em sua mandíbula.

— Saia. De cima. De mim. — Ela cerrou os dentes quando o relógio incômodo a cutucou novamente.

De repente, ela congelou.

Sabia exatamente o que cutucava suas regiões inferiores. Foi criada em torno de animais, pelo amor de Deus. Como ela poderia ter sido tão estúpida ao pensar que seu relógio havia escapado?

Não, a *coisa* dele se apetou contra ela.

— Espero que tenha um bom motivo para se espalhar por cima da minha irmã, Ramsbury.

A ponta de aço da voz de seu irmão fez os cabelos da nuca de Isobel subirem.

Jocky e Ewan alcançaram o Conde no mesmo instante.

Sua senhoria teve uma recuperação milagrosa e, em um movimento ágil, saltou de pé.

Isobel respirou fundo, prendendo a respiração nos pulmões. Ela mordeu o lábio contra o acesso de risadas, agarrando-a às expressões dos três homens que a olhavam.

Pobre Jocky. Com os olhos arregalados e o rosto pálido como massa fresca, ele parecia à beira de uma apoplexia.

O rosto de Ewan exibia uma carranca feroz, as sobrancelhas puxadas para uma veia severa e os lábios pressionados em uma linha de desaprovação. Lançava punhais em Lorde Ramsbury com seu olhar invernal.

Por último, ela desviou sua atenção para Sua Senhoria, enquanto se sentava.

O insolente.

Sua adorável boca se curvou em um sorriso torto, e uma diversão indisfarçada dançou em seus olhos cor de selva. Aquele olhar a percorreu vagarosamente, de cima a baixo, uma carícia visual que fazia sua pele formigar e um rubor aquecer suas bochechas.

Algo cintilou profundamente em seus olhos e suas pupilas dilataram. Seu sorriso irritante aumentou.

Ela não conseguia desviar o olhar.

Ele sabia como a afetava?

Claro que sabia. Deus a ajudasse, ela era tão vulnerável quanto um rato diante de uma cobra.

Que idiota.

Desvie o olhar.

Seus olhos cansados se recusaram a obedecer. Em vez disso, banquetearam-se com o glorioso espécime masculino diante dela.

Ewan abriu caminho na frente de Lorde Ramsbury. Depois de levantar Isobel, ele deu um passo atrás. Segurando seus ombros, ele a avaliou da cabeça aos pés. — Está ilesa?

Ela conseguiu assentir.

Ele afastou os cabelos despenteados de sua bochecha e pegou um fio de palha das madeixas. — O que aconteceu? Como é que...?

— Eu... — Ela deu uma espiada em Lorde Ramsbury pelo canto do olho.

Ele a olhou, a cabeça inclinada para o lado e aquele sorriso enigmático na boca perfeita demais.

— Lorde Ramsbury me assustou, por acidente, garanto. Me desequilibrei e entrei em pânico, então agarrei o casaco de Sua Senhoria, o que, infelizmente, resultou em nós dois tendo uma queda.

Isobel se recusou a olhar nos belos olhos de Lorde Ramsbury. Eles a transformavam em pudim quente. Meses atrás, ela havia resolvido não deixar que ele a afetasse mais.

Escondendo sua reação, ela olhou para baixo. — Por favor, aceite minhas desculpas, Sua Senhoria. Espero que não tenha se machucado.

— Não é necessário desculpas. — Por que ele não podia soar estridente em vez de ter aquela voz profunda e agradável? — Lamento não ter podido salvá-la da queda.

Escovou as mangas do casaco cor de clarete, arrancando pedaços de aveia, feno e poeira do tecido ajustado. O movimento esticou o casaco na largura de seus ombros. O corpo dele não estava macio e mole sobre o dela. Não, os músculos esculpidos e sinuosos haviam se fundido contra a suavidade dela.

Uma corrente excitante percorreu sua espinha.

Pare com isso, Isobel Janette Moreen Ferguson.

Ele. Não. É. Para. Você.

Abafando sua reação, Isobel inclinou a cabeça, oferecendo a Ewan uma expressão contrita em seus lábios. Um cacho caiu em seu ombro. Já podia ouvir a falação de censura de Maura. Sua velha babá ainda se preocupava como se Isobel necessitasse de sua liderança.

— Pode me soltar agora, Ewan. Garanto que não corro o risco de cair novamente.

De fato, sua falta de jeito fora incompreensível e muito inapta diante de Lorde Ramsbury, totalmente humilhante. Um calor fresco aqueceu suas bochechas. Se ao menos ela pudesse fugir para seu

quarto e escapar do aguilhão da mortificação. O que a possuíra para se agarrar a Sua Senhoria, puxando-o para cima dela?

Com uma expressão pensativa em seu rosto, Ewan a soltou e viu sua aparência amarrotada.

Pobre Ewan. Sempre um irmão tão sério.

Ela deu outro sorriso rígido e tentou alisar os cabelos caídos.

Ele voltou sua atenção para Lorde Ramsbury. — E, diga-me, por que demorou tanto tempo para remover sua pessoa de cima da minha irmã?

Isobel também queria saber disso.

Ela arqueou uma sobrancelha, aplaudindo silenciosamente a pergunta de seu irmão enquanto inspecionava disfarçadamente o Conde.

Cabelos úmidos e desgrenhados davam a ele uma aparência muito arrojada. Um colete dourado, cerúleo e bordô complementava o tom profundo de sua jaqueta.

O olhar dela avançou mais baixo, observando suas calças de camurça e...

— Bem, Ramsbury? — A voz de Ewan interrompeu seu escrutínio.

— Eu... isso é... — O sorriso habitual de Lorde Ramsbury caiu. Preocupação, ou talvez desgosto, apareceu em seu rosto magro. Sua postura estava tensa e ele dobrou o pescoço por um momento.

Quando Lorde Ramsbury levantou a cabeça, o desejo tinha escurecido seus olhos para a ágata. — Peço muito humildemente o seu perdão, Srta. Ferguson. O meu comportamento foi mais do que censurável.

Isobel ficou boquiaberta, seu estômago fazendo todo tipo de travessuras peculiares. Quem era esse homem humilde e contrito? Maldição, esse cavalheiro se mostrava muito mais difícil de se manter indiferente. Colocando a mão no seu estômago, ela piscou, sem palavras.

Ele a olhou de frente.

A mesclagem de seus olhares se mostrou adorável e desconcertante ao mesmo tempo.

Ewan emitiu um som rude no fundo da garganta. O escrutínio agudo de seu irmão oscilou entre ela e Sua Senhoria, antes que seus olhos se estreitassem em desagrado. Ele encolheu os ombros. — Yancy, então Deus me ajude.

O olhar do Conde se voltou para o de Ewan. — Sethwick, eu ficaria feliz em falar contigo sobre este assunto. *Em particular*.

Com isso, Lorde Ramsbury fez uma dura reverência para Isobel. Ferguson.

Ele se virou e, com a marcha rígida, se afastou do estábulo. O comportamento dele era muito irregular.

E por que Ewan estava com raiva?

Não havia dúvida de que ele estava além de irritado. Ela o estudou furtivamente. Fumegante, na verdade. A cicatriz de meia-lua em seu rosto sempre ficava branca quando ele estava em uma grande exasperação. Certamente, ele deveria saber que nada de desagradável ocorreu entre ela e o Conde.

Isobel mordeu o lábio. A situação parecia bastante escandalosa, não é? Um pouco emocionante também.

Jocky se afastou um passo, passando de um pé para o outro, as posses dela entrelaçadas em suas mãos nodosas. Uma pitada de cor retornou ao seu rosto desgastado, embora a ansiedade permanecesse nas dobras profundas.

Ela pegou o chapéu e a bolsa e ele passou os itens para suas mãos estendidas.

— Obrigada, Jocky.

Ela amarrou a bolsa em um braço e enfiou o chapéu debaixo do outro.

Nervosamente, esfregando as palmas das mãos na calça grossa, ele balançou a cabeça grisalha. — Sinto muito, senhorita Isobel, que não *peguei* a senhorita.

Não era robusta de nenhuma maneira, mas Isobel não possuía conceitos errôneos sobre seu tamanho. O pobre Jocky tinha sessenta e cinco, ou quase isso. Magro como um espantalho e uns dez centímetros mais baixo que ela, ele teria sido achatado como um bolo de aveia se tivesse tentado impedir sua queda.

Ela lhe deu um sorriso tranquilizador. — Não sinta. Não poderia ter me alcançado a tempo, e minha própria inaptidão causou o

acidente. Exceto pelo meu estado amassado, nenhum dano foi feito.

Além da dor irritante na parte de trás do crânio, e a mais incômoda entre as coxas, onde ela embalara Lorde Ramsbury. Essa sensação estranha passou por ela novamente. Seu orgulho também doía um pouco, verdade seja dita. Quando se tornou tão estúpida?

— Fico feliz em ouvir isso, senhorita. Se me der licença, vou dar uma olhada no seu cavalo.

Com um aceno subserviente, ele se afastou, seu andar de pernas arqueadas lembrando-a de um ganso de grandes dimensões. O mais provável era que o querido homem se dirigisse ao seu estoque de uísque.

Ewan observou-a atentamente o tempo todo. Bastante desconcertante isso. Seu irmão possuía uma habilidade estranha de ler pessoas, o que se mostrou totalmente perturbador quando dirigiu seu escrutínio a ela. Especialmente, quando ele fazia isso como seu Laird.

Ela estudou sua expressão em uma curiosidade educada e o encarou. — Tem algo que queria me dizer?

Se Isobel não se apressasse, estaria atrasada para o almoço. Sorcha também tinha feito Stovies, as favas escocesas. Seu estômago roncou, um eco alto e moribundo. Agora, além de trocar o vestido, precisava ajeitar o cabelo e lavar-se às pressas antes de aplacar a fome.

— Tem certeza que está ilesa? — Algo mais grave que a preocupação tingia os olhos de seu irmão.

Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo em sua bochecha angular. — Estou bem.

A dúvida registrada no rosto dele.

— Não estou me referindo a sua queda. — Ele deu uma olhada rápida ao estábulo. — Isobel, não sou ignorante nem cego. Vi o que aconteceu entre você e Ramsbury.

Firmando os lábios, ela apertou os dentes na parte interna da bochecha para reprimir um gemido de desgosto. Ewan a testemunhou fazendo um bolo de si mesma sobre Lorde Ramsbury e reconheceu sua paixão. O conhecimento esfregou sal em uma ferida em carne viva.

Afinal de contas, ela era a filha com maneiras e equilíbrio excepcionais. Ou assim lhe tinham dito muitas vezes. Até aquele instante, ninguém suspeitara que ela estivesse atraída, e muito menos apaixonada pelo Conde por anos.

Ewan deu um passo mais perto e silenciou sua voz. — Eu seria negligente se não dissesse nada, minha querida. Não suportaria vê-la magoada.

Um cavalo parou a algumas baias. Outro respondeu com um bufo suave e embaralhado.

Uma nova onda de mortificação tomou conta de Isobel. Até seu irmão amoroso reconhecia que ela não conseguiria, *não poderia,* estar à altura. Uma urze rústica das Highlands, como ela, caindo sob o toque de um conde que exigiria uma delicada rosa inglesa para sua Condessa.

O orgulho endureceu sua coluna. Certamente, Ewan não achava que ela tinha projetos sérios para Lorde Ramsbury, pelo amor de Deus. Não estava tentado fazê-lo notá-la; ela conhecia seu lugar.

Além disso, Sua Senhoria já havia escolhido sua noiva. Ewan devia estar ciente de que Ramsbury estava quase ajoelhado no altar, a menos que o Conde tivesse mantido a informação em segredo de seu irmão.

Ela ajeitou a bolsa pendurada no braço. — Por favor, Ewan, eu sou...

Ele colocou um dedo nos lábios dela. — Yancy não é o homem...

Virando a cabeça para o lado, ela lutou contra o desejo de cobrir os ouvidos. Um cachorro latiu, seguido de cacarejos frenéticos e risadinhas de crianças. Um sorriso tentador.

Os bairns estão tentando pegar as galinhas novamente.

— O que eu quero dizer é que não abrigue uma *afeição* por ele. — Ewan deu um sorriso de menino e torceu o nariz. — Eu odiaria ter que duelar um dos meus queridos amigos por quebrar seu coração.

Deliberadamente reprimindo a dor que suas palavras causaram, Isobel absorveu os últimos remanescentes de sua dignidade e elevou um pouco o queixo. — Garanto-lhe que Lorde Ramsbury não é, nem jamais será, o objeto de minhas afeições.

Ela se afastou do irmão, tentando chega a seu quarto e acalmar seu orgulho ferido. Uma sombra alta atravessou a entrada do estábulo.

Lorde Ramsbury passou a passos largos.

Capítulo Cinco

Yancy se afastou da parede áspera na qual se encostara até que seu ardor esfriasse o suficiente para lhe permitir certo grau de decência. Andar por aí com uma protuberância de ferro nas calças ia causar um riso ou dois.

Os membros do clã se espalhavam pelo pátio falando em pequenos grupos ou realizando as várias tarefas necessárias para manter um castelo do tamanho de Craiglocky funcionando eficientemente. Crianças risonhas e cães ladrando brincavam juntos. As galinhas entraram em pânico e dispersaram-se à sua frente enquanto ele caminhava pela muralha.

As palavras de Isobel ecoavam em seus ouvidos sobre o tilintar de metal na ferraria a vinte metros de distância.

Lorde Ramsbury não é, nem nunca será, o objeto de meus afetos.

Sucinta. Direta. Definitiva?

Que martírio!

Estava em Craiglocky há apenas algumas horas e sua busca para ganhar seu favor se extinguia como uma vela apagada com poucas esperanças de reacender suas chamas.

Tinha ficado duro de mármore no momento em que pousou entre as coxas macias dela. A lã de seu vestido usado, moldado gentilmente ao seu corpo, revelava sua feminilidade. Somente permanecendo rigidamente imóvel, ele conseguiu não se envergonhar em suas calças.

Então, Sethwick os encontrou.

Yancy bufou. Que embaraçoso, isso.

Será que ele ficou espalhado sobre a forma deliciosa de Isobel em plena vista de Deus e de todos, ou ficou de pé e expôs o membro duro em suas calças para que o mundo pudesse ver?

No instante em que Sethwick detectou a excitação de Yancy, o fogo de advertência acendeu nos olhos de seu amigo.

Não que Yancy o culpasse. Se ele tivesse irmãs tão adoráveis como as senhoritas Ferguson, contrataria um exército para afastar

os bajuladores, ladinos irrecuperáveis e malandros lascivos que se pendurassem por ali.

Ele sabia muito bem em qual categoria Sethwick o colocaria. Rodando os lábios em zombaria, Yancy marchou pelos portões, o clique dos calcanhares de sua bota saltando das pedras desgastadas.

Ele merecia o conceito que Sethwick tinha a seu respeito.

Yancy não fora um monge por qualquer extensão da imaginação, embora tivesse tido cuidado para não ser pai de nenhum bastardo. Entretanto, tinha sido abertamente desrespeitoso com a desagradável instituição do casamento.

Tampouco havia insinuado a Sethwick que seus sentimentos tinham mudado recentemente em relação à ratoeira do pastor, embora Yancy fosse compelido por um senso de dever e não por uma mudança em sua filosofia pessoal.

Pelo menos era isso que dizia a si mesmo nestes últimos meses, sempre que contemplava o matrimônio e o rosto primoroso de Isobel vinha à sua mente a cada vez.

Puxando a orelha, ele asfixiou um suspiro.

Lamentavelmente, os deveres de um condado indesejado que lhe fora imposto há quatro anos exigiam que se casasse. Além de um primo distante em algum lugar na selva da América, se Dawson ainda vivesse, restava apenas Yance para continuar com o título de Ramsbury.

O que acontecera para ele, o sexto na fila de sucessão ao condado, ter herdado, foram incompreensíveis golpes após golpes de azar aos seus antecessores.

A *ton* o parabenizou de coração por sua boa sorte, mas como se considerar fortuito quando seis homens morreram para que ele herdasse o título?

Um pouco mórbido e nada para se comemorar.

No entanto, ele não podia mais fugir de suas responsabilidades para com o condado. Esta viagem à Escócia era sua última na qualidade de Secretário do Escritório de Guerra.

Ele havia apresentado sua demissão ao Príncipe Regente, apesar dos protestos beligerantes de Sua Alteza Real e das

proclamações de que a Inglaterra seria inundada de espiões e vulnerável aos seus inimigos se Yancy *desertasse do seu posto*.

Além disso, muito para a consternação de Yancy, ou talvez o espanto fosse mais apropriado, ele preferiu experimentar a paternidade. Culpava Sethwick e Warrick e seus *ternurentos* descendentes por esse absurdo. Sem dúvida, a de Clarendon seria uma criança igualmente preciosa quando chegasse. Adaira não chegaria em breve?

— Parece estar de mau humor. Seu olhar feio assustaria a mais corajosa das crianças. Ou seja, se elas não expirassem na hora, o terror pararia seus corações minúsculos e frágeis.

A atenção de Yancy estremeceu com Harcourt saindo da entrada da fortaleza, com o relógio de bolso na mão.

— Como sempre, é uma verdadeira fonte de lixo, Harcourt. Onde adquire tal bobagem?

— Quanta ingratidão. — O Duque fechou a tampa e enfiou o berloque no bolso do seu colete listrado de prateado e preto. — Vim encontrá-lo para dizer que o almoço está prestes a ser servido.

Lançando um olhar lateral ao seu amigo, Yancy continuou até a porta em arco aberta, onde um mordomo impecavelmente revestido, invulgarmente alto, estava em evidência. — Por que veio pessoalmente e não um criado de libré? Eu nunca soube que executasse a tarefa de um servo.

— Eu esperava apanhá-lo numa situação comprometedora. — Harcourt sorriu e piscou o olho, desmentiu suas palavras.

Yancy emitiu um som inarticulado, em algum lugar entre um grunhido e uma fungada. — Está muito atrasado. Sethwick já fez isso.

— Verdade? — O Duque fez uma pausa, dando a Yancy um olhar penetrante.

— Verdade — respondeu Yancy, o remorso colorindo suas palavras. — Não sei quando fiquei mais profundamente descomposto.

— Conte. Só estamos aqui há algumas horas. Posso perguntar com quem? — Harcourt esfregou as palmas das mãos e balançou as sobrancelhas, um olhar exagerado contorcendo seu rosto. — Isto deve ser muito divertido.

Yancy virou as costas para o espicaçar de Harcourt. Ao entrar, acenou com a cabeça para o mordomo. — Olá, Fairchild.

— Sempre um prazer, Lorde Ramsbury. — Fairchild inclinou sua cabeça. O olhar dele procurou por Yancy. — A Srta. Isobel e o Senhor Sethwick estão muito atrás do senhor?

Yancy balançou a cabeça e olhou por cima do ombro. Nenhum sinal deles ainda. — Não. No entanto, acho que chegarão em breve.

Harcourt riu e pegou um pedaço de palha do casaco de Yancy. Ele balançou o comprimento dourado triunfantemente. Com um humor conturbado em seus olhos, ele deu um tapa no braço dos ombros de Yancy e o empurrou para longe do hall de entrada. — Venha agora, derrame tudo. Então vou lhe contar o que aprendi.

Yancy esperou até estar bem longe do ouvido do mordomo antes de falar. Após uma busca minuciosa na passagem, e confiante de que não seria ouvido, ele deu a Harcourt uma versão abreviada.

— A senhorita Ferguson tropeçou. Eu tentei evitar que ela caísse. Ao invés disso, nós acabamos os dois no chão do estábulo. Sethwick me encontrou, com o traseiro para cima, com uma ereção enfurecida em cima de sua irmã.

O grito de gargalhada de Harcourt estendeu e ecoou do teto do corredor.

Um músculo torceu na parte de trás do pescoço, sem dúvida o resultado da pequena briga de Yancy com a senhorita Ferguson, e ele esfregou onde doía. — Isso é tudo em poucas palavras.

— Maldição, eu daria tudo para ter visto a cara dele. — Harcourt riu de novo e bateu nas costas de Yancy. — E a sua.

— Tenho certeza que o faria. — O tom de Yancy estava seco como um brinde queimado enquanto ele continuava pelo corredor.

O semblante de Isobel permanecia gravado em sua mente.

Pele, de um leite pálido, lábios da cor rosada do pêssego, separados, olhos turquesa arregalados de admiração confusa e, acima de tudo, totalmente vulnerável.

Ele nunca havia visto o cabelo dela parcialmente solto e ansiou por espalhar seus dedos através das mechas sedosas, marrom-amendoadas espalhadas sobre seus ombros.

Quão longo era o cabelo dela?

Na altura dos ombros? Cintura? Quadril? Mais comprido?

Ela tinha um cheiro incrível. Flores silvestres e sol com uma pitada de lavanda, ou talvez a essência almiscarada tivesse sido urze. Seu aroma refrescante o acalmava e revigorava ao mesmo tempo.

Seu membro pulsou.

Maldita seja.

Fechando seus olhos, conjurou a imagem dela em sua mente.

Ele começou, e seus olhos abriram.

Ele começou, e seus olhos se abriram.

Por que ela estava nos estábulos, vestida como uma criada? Ela esteve fora dos muros da fortaleza sem escolta? Sethwick não percebeu o quanto isso era perigoso no momento?

Yancy deu de ombros mentalmente.

Basta.

Ele trataria do assunto com Sethwick mais tarde. Harcourt não tinha procurado Yancy apenas para satisfazer a sua curiosidade perversa.

— Diga, o que o está provocando tanto que foi obrigado a ir pessoalmente me procurar, Harcourt?

Parando Yancy, o Duque examinou as duas extremidades do amplo salão de pedra. — Parece que a caravana cigana que vimos ao norte da aldeia Craig...

— Craigcutty — Yancy forneceu.

— Sim, Craigcutty. Ouvi dizer que os ciganos passam algumas semanas na área a cada primavera e outono. — Com uma mão no quadril, Harcourt fez uma pausa para ver uma bela criada passar com um sorriso tímido nos lábios. O olhar de Harcourt a seguiu balançando suavemente o quadril até que desapareceu em uma esquina.

Yancy limpou sua garganta. — Os ciganos?

Um Harcourt nada arrependido voltou sua atenção para ele. — E, de acordo com os primos de Sethwick...

— Gregor e Alasdair McTavish?

— Se eles são os dois gigantes loiros, então sim. Não posso manter a família dele em ordem. — Harcourt lançou mais um rápido olhar ao redor. — De qualquer forma, como eu estava dizendo, de

acordo com os primos de Sethwick, seus batedores têm visto muita atividade entre os viajantes das Highlands e os escoceses.

— E daí? Os ciganos costumam negociar com os moradores perto de seus acampamentos. Vi pelo menos meia dúzia de ciganos das Highlands escocesas no pátio quando cheguei. — Yancy encolheu os ombros e outro pedaço de palha flutuou até o chão. — Não há nada de anormal nisso.

Os olhos expressivos de Harcourt escureceram, e ele descansou um ombro contra a parede. — Aí reside o mistério. Os escoceses locais estão de fato trocando e negociando com os ciganos. Então, por que os clãs Clauston estão à espreita?

— Clauston? Eles são Highlanders remotos. — Yancy olhou fixamente para Harcourt, e depois franziu o cenho. — O que estão fazendo tão ao sul? Os Claustons vivem a pelo menos cinco ou seis dias de dura viagem daqui.

Harcourt deu um sorriso de conhecimento. — Aposto que não estão aqui atrás de bugigangas ou para ter sua sorte contada ou as palmas das mãos lidas.

Um traço de desprezo coloriu suas últimas palavras.

— Em seu lugar eu não zombaria, Harcourt. — Yancy deu ao Duque um olhar aguçado. — Muitos escoceses, além dos ciganos, também afirmam possuir a segunda visão, incluindo a irmã de Sethwick, Seonaid.

A expressão de Harcourt ficou sóbria. — É verdade. Eu a conheci mais cedo. Olhou para mim e disse: “Você deveria beber menos café, e as velas de sebo frias são maravilhosas para o tratamento de lesões nos olhos”. — Então ela sorriu docemente e saiu da sala.

— Não disse mais? Que aleatória. — Seonaid nunca havia sequer insinuado que divisava algo sobre Yancy. Talvez ele fosse ilegível.

Harcourt estremeceu, enigmático, enrugando seus olhos. — Totalmente inquietante, isso. Não gosto de ser lido como um livro, e aquele negócio de velas... bastante bizarro.

— De fato. — As mãos se apertaram atrás dele, Yancy balançou os calcanhares, aprofundando os pensamentos.

Um silêncio prolongado reinou enquanto contemplava as informações que Harcourt havia transmitido sobre os ciganos. Quanto às reflexões de Harcourt, bem, quem sabia exatamente o que se passava naquela sua bela cabeça? O homem era um enigma.

— Eu esperava que os Blackhalls e os MacGraths estivessem à espreita. — Yancy puxou seu lóbulo da orelha. — Afinal, eles estão causando a ruptura com o clã do seu primo, e o barão de MacHardy abrange suas terras.

Inferno, todo o embrulho lhe fez doer a cabeça. Ele esfregou a testa enquanto olhava para um retrato de um escocês de aparência feroz na parede oposta. — Isto pode ser mais complicado do que eu previra.

Ele teria que estender sua visita. A isso ele não se opunha de forma alguma; teria mais oportunidades para cortejar Isobel.

MacHardy, por outro lado...

Um escocês grosseiro, nada como Sethwick e seus parentes, MacHardy ganhou uma reputação de encrenqueiro e trapaceiro. E sujo também. Pelo fedor constante de sua pessoa, sua carne e roupas certamente não encontravam uma gota de água em um período de tempo razoável.

O barão colocava probabilidades com muita frequência no livro de apostas do Whites, entrando em cada ridícula aposta, desde o nó da gravata de um lorde até as cores de penas ou fitas que adornam o gorro de uma senhora. Uma vez, ele fez uma aposta sobre o número dos fios dos bigodes da Lady Clutterbuck.

Havia cinco, por enquanto.

O homem era um bufão com cérebro de cortiça. Sua tendência de contestar suas perdas lhe dera a reputação de Capitão Sharp de cabeça quente. Yancy não tinha nenhuma dúvida de que o barão havia disparado cedo durante os duelos. O escocês era uma praga sobre a terra.

Vozes ecoaram desde a entrada.

Vislumbrando Sethwick e Isobel cruzando o limiar, Yancy estreitou os olhos. Se virando, ele caminhou propositalmente em direção a eles, suas botas batendo um staccato duro no chão de pedra.

O traje áspero de Isobel, e o que as vestes sugeriam sobre o seu paradeiro, o incomodavam. Como representante do Gabinete de Guerra, ele tinha o dever de resolver rapidamente a crise do clã, garantindo a segurança de todos. Particularmente, o bem-estar de jovens de espírito forte desaparecendo nos campos.

Cabeça curvada, ela foi direto para as escadas.

— Espere aí, Srta. Ferguson. — Yancy acelerou seu ritmo.

Com um pé na parte de baixo, ela fez uma pausa e olhou assustada para ele. Quanto mais perto ele chegava, maiores eram os seus lindos olhos. Ela subiu alguns degraus, enviando ao irmão um olhar alarmado.

— Obrigado, Fairchild — disse Sethwick. — Por favor, atrase o almoço uns quinze minutos. Isobel deve mudar seu vestido.

— Certamente, senhor. — Fairchild desapareceu pelo passadiço.

Sethwick virou sua atenção para Yancy e levantou uma sobrancelha. — Conheço essa expressão. Esse é o brilho do Secretário de Guerra.

— Que astuto da sua parte. — Yancy forçou o seu aborrecimento à parte. — Até novo aviso, eu preferiria que ninguém — ele lançou um olhar de lado para Isobel pairando nas escadas, — especialmente as mulheres, deixasse os muros da fortaleza sem a companhia de pelo menos um homem armado. Pensando melhor, dois homens.

— Não. — Isobel arfou e rodopiou para encarar Yancy em cheio. — Não pode...

— *Aye*, estou de acordo. — Suas características pensativas, Sethwick acenou lentamente. — Nós precisamos discutir a situação depois de jantar. Essa é a razão pela qual o procurei nos estábulos. Tenho informações que acredito será de seu particular interesse.

Ele voltou sua atenção para Isobel. — Não deveria estar se trocando? Já estamos atrasados.

— Sim, mas... — Ela comprimia os lábios, e agarrava as dobras de seu manto, obviamente lutando para se comportar.

— Ewan, é o laird. — Seu tom era agudo, Isobel apontou para Yancy. — Permitirá que ele de ordens? Nos proibir de sair da fortaleza?

Embora ele estivesse a vários metros de distância, Yancy sentiu a frustração que irradiava dela. Ele não tinha visto antes essa raia de fogo nela. Seus modos sem falhas tinham mantido este lado bem escondido. Apostaria seu melhor conhaque francês que estava certo sobre ela estar fora da fortaleza esta manhã, desacompanhada. Por que estava tão chateada de não poder sair sem uma escolta?

Uma ideia desagradável bateu nele.

Será que ela tinha um amante?

Seu estômago apertou quase tanto quanto seus punhos. O desejo de sacudir a verdade dela, não, de caçar o homem e espancá-lo, assolou a razão de Yancy. Em sua mente, ele a reclamou como sua, por mais que soubesse o irracional que era.

Quem ela se esgueirou para encontrar?

Ele a examinou novamente. Um aldeão? Ou, diabo o levasse, um dos ciganos das Highlands? Tomando um fôlego controlado, ele tentou conter sua raiva.

Sethwick precisava ficar de olho em sua irmã. Por acaso, Yancy deixaria cair uma dica no ouvido dele.

Sethwick se aproximou da escada. — Ramsbury está aqui, em caráter oficial, a meu pedido. Há detalhes a respeito de Lydia e da agitação do clã que não conhece.

— E posso assumir que, porque sou mulher, não devo ser informada desses detalhes desagradáveis? — Braços dobrados, Isobel olhou para eles, um pé batendo uma cadência furiosa na escada.

— Para proteger minha sensibilidade delicada, é claro. Correto?

Agora ela entende.

Yancy se permitiu um sorriso de satisfação. — Precisamente.

Ele desfrutou de uma avaliação prolongada quando ela ficou furiosa. Seus braços, pressionados abaixo dos seios, forçavam os montes cheios para cima. Ele tirou o olhar do espetáculo tentador e totalmente distrativo. — As mulheres não deveriam incomodar suas lindas cabeças com política, guerra ou escaramuças de clã.

— Inferno! Agora está encrencado — Sethwick murmurou com um severo movimento de cabeça. — Pensei que tivesse mais senso do que isso, idiota.

Yancy olhou-o curioso.

—Vou deixá-lo sair dessa bagunça pegajosa, meu amigo. — Com um aceno de mão, Sethwick caminhou pelo corredor, falando: — Não demore muito. Estou esfomeado. Comeremos sem sua companhia.

As feições reais de Isobel se transformaram em uma máscara gelada de desdém. Nenhuma sugestão da adoração que Yancy já vira em seus magníficos olhos aquáticos permanecia.

Demônios! Ele havia cometido um erro grave.

Ela apertou os lábios e inclinou a cabeça, como um pardal curioso. — É um homem de apostas, Lorde Ramsbury?

Embora educadamente redigida, e o tom fosse um epítome de uma mulher de criação delicada, a pergunta soou mais afiada, e ele estremeceu imperceptivelmente.

Ele encontrou aquele olhar, aceitando o desafio na profundidade dos seus olhos. Isto poderia ser interessante.

— Depende, suponho, da aposta, senhorita Ferguson. — Ele a mediu. — E contra quem aposto.

Seus lábios formaram um pequeno arco desmentindo suas palavras farpadas. — Por que não escolhe algo, qualquer coisa, está confiante que sua masculinidade superior resultaria em uma vitória fácil contra o sexo mais frágil.

Uma facada de inquietude o furou. Sobre o que ela falava?

Ela bateu com uma mão delicada no ar.

— Cartas. Xadrez. Esgrima. Cavalgadas. Tiro com arco. Caça. Pescaria. Leitura. Matemática. Física. Interpretação do trabalho de Sócrates ou Aristóteles a partir do grego original. Dê um nome a ela.

Yancy não conseguiu afastar seu olhar dela. Senhor, mas era magnífica quando estava enfurecida. Os olhos dela vomitavam faíscas azuis. Será que ela realmente conseguia ler grego? Ele a olhou mais uma vez, dos cabelos caídos até suas botas arranhadas.

Muito intrigante.

Ele tentou avaliar seus pensamentos. Por que estava tão irritada?

Talvez ela tivesse um amante e agora não seria capaz de manter seus compromissos clandestinos.

O incômodo lacerando em sua espinha.

Isso explicaria sua negação inflexível no estábulo. Muito inconveniente e totalmente decepcionante, se for verdade. Teria que procurar em outro lugar por sua condessa. Tinha tido sua cota de mulheres rápidas aquecendo seus lençóis e seu sangue, mas levar uma como esposa convidava a cornos.

Ela levantou uma sobrancelha perfeitamente arqueada e continuou batendo o pé na escada. — Bem, milorde?

Xadrez?

Sim, isso poderia servir.

Ele não tinha sido vencido desde seus dias em Eton. Na verdade, ele raramente encontrava alguém que o acompanhasse. Naturalmente, seria um cavalheiro e a deixaria ganhar o primeiro jogo ou dois. Atacá-la profundamente no início não ajudaria mais seu processo.

Não que ele tivesse muitas chances de conquistá-la após sua declaração contundente nos estábulos. No entanto, não estava pronto para desistir da corrida ainda.

Qual era o verso que a mãe dele costumava citar? Algo absurdo da Bíblia sobre a corrida não ser para o veloz ou a batalha para os fortes, não era?

Uma abordagem mais sutil poderia ser mais bem sucedida com Isobel. Aquele comentário que tinha feito sobre não preocupar sua linda cabeça realmente a deixara espumando.

Sim, o xadrez. Isso deveria apaziguá-la.

Ela continuou olhando para ele com expectativa.

Yancy mostrou-lhe o seu sorriso mais encantador, aquele que geralmente fazia as damas puxarem o leque ou baterem as pestanas em um convite sedutor.

Isobel, no entanto, simplesmente o olhou de forma branda.

— Milorde? — Seu tom indicava tudo menos respeito e deferência.

— Ficaria honrado se pudesse se juntar a mim em um jogo de xadrez, Srta. Ferguson.

Seus belos lábios se curvaram em um sorriso largo. — Esperava que escolhesse esgrima. Eu teria gostado de atingi-lo com meu sabre.

— A senhorita esgrima? — Uma visão de seu traseiro em bermudas brancas e aconchegantes saltou à mente. Ele realmente tinha se tornado um lascivo.

— Depois que meus pais deixaram Adaira aprender, Seonaid e eu insistimos em ter a mesma oportunidade. — Ela se virou e subiu os degraus. O balanço de seus quadris, mesmo sob a capa grossa, atormentou-o.

Isobel espreitou por cima do ombro, com um sorriso de sereia nos lábios. — Suponho que é justo avisá-lo. Eu nunca perdi no xadrez.

Coisinha confiante, não era?

Yancy soltou um risinho sincero. Ele gostou muito desse bocado pouco convencional de feminilidade. — Com certeza, quando aprendeu o jogo pela primeira vez?"

— Às sete. — Isobel sacudiu a cabeça e mais fios de seda foram derramados do nó solto. Ela deu a ele um sorriso falsamente melado.

— Não. Nunca, milorde.

Ela subiu as escadas, sua voz flutuando de volta para ele. — A propósito, Sua Senhoria, se eu ganhar, tenho permissão para deixar a fortaleza sem duas escoltas.

Depois que Isobel desapareceu do patamar, Yancy andou a passos largos pelo corredor, esquecendo que havia deixado Harcourt vagando por ali. Naturalmente, o maluco ficou ouvindo cada palavra que Yancy trocou com ela.

Harcourt se juntou a ele enquanto se dirigia ao grande salão.

— A senhorita Ferguson nunca perdeu uma partida e não me lembro da última que você não ganhou. — Um sorriso diabólico inclinou os lábios do Duque. Ele parou para examinar uma armadura medieval — Consegue se imaginar entrando nisto? E viu o comprimento desta lâmina?

Yancy ficou com comichão para socar o amigo se ele não se calasse. — Deixe pra lá, sim?

— Com que tamanho de espada supõe que a Srta. Ferguson esgrima? — Harcourt piscou inocentemente para ele.

— Ela esgrima com um sabre, mas já sabe disso, porque, rudemente, escutou a nossa conversa. — Yancy olhou para ele

ameaçadoramente.

— 'Por minha alma, eu também gostaria de tê-la visto acertando-o. — Harcourt correu seu dedo indicador ao longo da placa de barro exposta no peito da armadura e depois agarrou o punho da arma. Ele exsudou bastante.

— Sei que prefere vê-la empalar-me, mas terá que se contentar com um simples jogo de xadrez. — Maldição, mas a espada com que Harcourt brincava era enorme.

— Quer apostar no resultado do jogo, Ramsbury? Eu sei que se interessa pelo no meu par de cavalos negros. — Uma sombra flagrada no rosto de Harcourt. — Maldição, eu gostaria de estar em Londres e poder fazer uma aposta no White's. No entanto, este castelo transborda de pessoas. Eu deveria ser capaz de fazer uma boa aposta rápido.

— Pare com isso, está bem? Não haverá aposta no resultado. — Yancy passou a mão pelo cabelo já encrespado. — Eu já estou desfavorecido com a senhorita Ferguson. Ela ficaria irritada além do domingo ao saber que todos apostaram contra ela.

Ele olhou acima dele, seu olhar colidindo com um cavaleiro sério, cujo retrato pendia de um cordão rubi de seda acima da armadura. Parecia que os ancestrais de Sethwick também desaprovaram.

— Quem disse que vou apostar contra ela? — Harcourt bateu no Yancy nas costas e riu. — Não, acredito que apostarei nas probabilidades de que ela finalmente enfraqueça os ossos da sua medula.

Ossos da medula?

Como se Yancy estivesse de joelhos implorando o perdão dela depois de vencer. Ela o tinha desafiado, o tinha ferido. O que exigiria dela quando ela perdesse?

Um beijo daqueles lábios deliciosos lhe faria bem.

Para começar.

Capítulo Seis

Sua vitória garantida, Isobel pisou no patamar. Lorde Ramsbury permanecia lá embaixo? Ela não resistiu a espiar por cima do ombro.

De pé ao pé da escada, ele a encarou, as sobrancelhas levemente franzidas.

Após sua declaração, ela jurou que ele murmurou: "Santo inferno".

Uma emoção a percorreu. Por George, ela o deixou confuso. Achou a luta verbal com Sua Senhoria bastante revigorante, verdade seja dita.

Com um sorriso triunfante, ela correu para o seu quarto, retirando meu manto enquanto caminhava. No quarto e, depois de atirá-lo em uma poltrona, sentou-se e tirou suas meias botas.

Maura emergiu da sala de banho de Isobel. — Eu já preparei o seu vestido.

Ela indicou um vestido rosa e amarelo sobre a cama. Um chemise rendado e meias brancas também estavam ali.

Abençoada fosse a eficiência de Maura.

— Tenho água morna na bacia te esperando. A criada remexeu na cômoda. Retirou um xale marfim de seda, com a franja em tons de rosa.

— Vamos tirá-la dessa coisa. — O rosto de Maura franzido pela desaprovação. Seu olhar desviou a Isobel dos dedos dos pés descalços para os cabelos desgrenhados.

— Tem palha presa no cabelo e sujeira no rosto. — Maura arrancou vários fios das tranças da Isobel. — O que estava fazendo, *rolando* nos estábulos?

Perto o suficiente.

Com a ajuda da criada, Isobel fez um rápido trabalho de desabotoar seu vestido sujo. Depois de uma lavagem rápida, ela se apressou em vestir as roupas limpas.

Afundando no banco acetinado da penteadeira de madeira, ela ajeitou as sobrancelhas. Não precisava beliscar as bochechas, pois

seu confronto com Lorde Ramsbury a deixara corada. — Apenas junte meu cabelo em um coque simples, por favor. Estou terrivelmente atrasada.

— Hmmph. — Maura escovou rapidamente os cabelos de Isobel, removendo os últimos vestígios de palha, e depois de algumas voltas artísticas, prendeu os cabelos no lugar.

— Temos visitas, minha querida. Aquele lindo Lorde Ramsbury e outro amigo chique do Laird estão aqui para resolver os problemas desagradáveis entre os clãs.

— Eu sei. Encontrei o Conde nos estábulos. — Levou-o ao chão por cima dela, mais precisamente. — O outro cavalheiro é o Duque de Harcourt. Eu o conheci antes.

Agarrando o xale que Maura estendia, Isobel rodopiou de volta para a mesa de toucador. — Espere, esqueci o perfume.

Arqueando uma sobrancelha cinzenta e rija, o olhar de Maura viajou da Isobel para o frasco de perfume com tampa vermelho de cobalto. — Está quase acabando.

A Isobel cobriu os ombros com o xale. — Sim, eu sei. Pedirei mais amanhã quando enviar o pedido de mais luvas para Edimburgo. Algum dia, espero visitar Floris's em Londres e ter uma fragrância personalizada preparada lá.

Quase na porta, ela virou. — Maura, já esteve em Edimburgo? Eu gostaria de me aventurar lá e ver o Assembly Rooms e Arthur’s Seat. Na verdade, há muitos lugares que eu gostaria de visitar.

A criada fez uma pausa para endireitar os itens em cima do toucador.

— Sim, uma vez, quando eu era muito jovem. Antes da senhorita nascer.

Seus traços suavizaram e uma expressão sonhadora assentou em seu rosto envelhecido. — Encontrei meu marido lá.

— Seu marido? — Isobel refez alguns de passos. — Já foi casada?

—Aye. — Maura sorriu com tristeza. — Ele se afogou depois que uma severa tempestade veio sobre seu barco de pesca. Nós não encontramos seu corpo.

Isobel percorreu os demais passos até a criada.

— Lamento muito. — Ela abraçou Maura. — Que horrível, ter conhecido esse tipo de tragédia tão jovem.

— Aconteceu há mais de quarenta anos, moça. Quanto a Edimburgo, é uma cidade adorável. Gostará de visitá-la.

Isobel ofereceu o começo de um sorriso. Será que ela alguma vez veria algo do mundo? Ou será que passaria todos os seus dias nas montanhas?

Agora muito atrasada, se dirigiu para a porta mais uma vez. Hoje parecia destinada ao mau comportamento e ao marasmo.

— Vou usar o verde mar com a saia de renda para o jantar, Maura, e gostaria de tomar um banho antes. Por mais que eu goste de caçar relíquias, prefiro estar limpa, e aquela lavada apressada não foi totalmente satisfatória. Além disso, meu cabelo precisa ser lavado.

— Digo que precisa e...

Enquanto Isobel corria do quarto, salvando-se do resto da resposta torta de Maura, sua unha prendeu na franja do xale.

Que incômodo.

Descobriu a unha quebrada depois de se vestir e tinha esquecido de lixá-la. Vários minutos depois, entrou no grande salão para encontrar todos reunidos como esperado. Os cães - Tira, Arig e Rona - levantaram as cabeças, suas caudas batendo em boas-vindas.

Yvette sorriu para Isobel antes de virar sua atenção para Lydia, e Seonaid estava em profunda discussão com Gordon Ross, o tio chato de Lydia.

Lydia tinha sido uma adição agradável à fortaleza nestes últimos meses, mas uma nuvem de tristeza parecia pairar sobre o Sr. Ross. Embora o homem tivesse menos de dez anos de diferença com sua sobrinha, ele parecia muito mais velho. Raramente sorria, e seu rosto geralmente ostentava uma expressão risonha, como se ele estivesse perpetuamente descontente ou constipado.

Suas feições brilharam na entrada de Isobel. Ele a agraciou com um raro arco para cima em seus lábios. O pequeno ato transformou seus traços masculinos em um bem marcante.

Escondendo suas emoções, como havia sido ensinada a fazer, ela ofereceu um sorriso fraco, de lábio fechado e rapidamente voltou

sua atenção para outro lugar.

Ela temia que o Sr. Ross abrigasse uma tendência por ela. Durante as últimas semanas ele procurou a companhia dela em todas as oportunidades. Ela estava rapidamente ficando sem desculpas para evitá-lo. Uma trilobita há muito morta tinha mais apelo do que o rosto de pedra do Sr. Ross.

Duas vezes, ele a encontrou sozinha na biblioteca, embora, felizmente, Yvette aparecesse a cada vez.

Talvez Isobel devesse contar aos seus pais. Mas o que diria?

“Que o sr. Ross olhou para ela? Que a elogiou por sua aparência e boas maneiras? Que apreciava o talento dela no cravo e admirava seu trabalho com as agulhas? Que ele a fazia sentir como se aranhas grandes e peludas se arrastassem por toda ela?

Mesmo agora, Isobel sentiu a sua intensa atenção sobre ela. Despindo-a. Um tremor a ondulou dos ombros até a cintura.

Segurando seu xale mais apertado, ela se concentrou nas antigas armas penduradas na parede distante acima da vasta lareira, grande o suficiente para um homem adulto ficar em pé dentro. Se dirigiu à mesa de cavalete, aproximando-se calmamente dos trinta lugares antes das extensões. Normalmente em uma refeição informal, os comensais se reuniam no final oposto ao estrado para o almoço.

O pai piscou um olho enquanto ouvia algo que Ewan disse ao Duque de Harcourt.

— Estávamos prestes a começar. Duncan e alguns dos outros têm compromissos esta tarde. — O tom de sua mãe mantenha a menor quantidade de censura.

Isobel deu uma olhada ao tio de Ewan, Duncan McTavish. Ele e seus dois filhos, Gregor e Alasdair, já haviam enchido seus pratos.

— Sinto muito por ter feito todos esperarem. Por favor, me perdoe. — Ela ofereceu um sorriso de desculpas.

Murmúrios educados desculpando sua falta de pontualidade ecoaram em torno da mesa.

Não adiantaria defender seu atraso, dizendo-lhes que fora causado, primeiro, por rolar no chão do estábulo com Lorde Ramsbury, e depois, argumentando com Sua Senhoria na entrada.

Seu estômago rosnou mais uma vez.

Além dos stovies escoceses que Isobel havia previsto, um sortimento de carnes frias, queijos, frutas, picles e pães agraciavam a mesa. Um aparador exibia tortas frescas e outras sobremesas.

Isobel inspecionou os lugares enquanto corria pelo chão, suas saias balançando suavemente em sua pressa. Uma cadeira, situada entre o Duque de Harcourt e Lorde Ramsbury, permanecia vazia.

Perfeito.

Perturbada, olhou para longe.

O seu traseiro está fora da janela, moça, como diria a avó Ferguson.

Isobel estava presa, pura e simples, sem saída.

Uma cadeira vazia, bem junto de uma pessoa que ela preferia comer penas do que sentar ao lado. Não podia se sentar na outra ponta da mesa nem levar sua comida para uma cadeira perto das janelas abobadadas.

Talvez devesse fingir uma dor de cabeça e pedir uma bandeja em seu quarto. Não, isso não serviria. Ela raramente tinha dores de cabeça.

Se de repente tivesse uma tão forte a ponto de ter que se retirar para o quarto, ela levantaria preocupações ou suspeitas, especialmente se pedisse que sua refeição fosse levada para lá também. Antes que Isobel saísse do salão, a mãe teria mandado chamar o médico ou Gregor e Seonaid em busca suas ervas medicinais.

Abrandando seu ritmo, Isobel soltou um suspiro de aquiescência.

Lorde Ramsbury se levantou e acenou para o criado de libré ao longe que se aproximasse. Sua Senhoria puxou a cadeira ao seu lado, um sorriso satisfeito em sua boca. — Aí está a senhorita. Ficará encantada em saber que eu consegui que aquele jogo de xadrez que pediu seja logo depois de comermos.

Capítulo Sete

Yancy quase riu do olhar letal que Isobel lhe deu. As boas maneiras a impediam de discutir o jogo combinado.

A mulher que se aproximava não era nada menos que requintada, mas ele quase sentiu falta do duende desgrenhado dos estábulos. Quem era a verdadeira Isobel? Essa perfeição composta esperando para sentar-se, ou a jovem de espírito livre, coberta de poeira, deitada embaixo dele e lhe fazendo cócegas no estábulo?

O barulho de talheres chamou sua atenção para o outro lado da mesa.

Uma mão agarrou-se ao lado do prato, o olhar de Ross estreitou quando Isobel graciosamente se aproximou. Interessante e irritante. Todos não eram parentes de Isobel, apaixonados por ela?

Yancy não fingiu não estar satisfeito por ela estar sentada ao seu lado. Ele ofereceu a Ross um sorriso de lado, quase sem se gabar. Determinado a ser o seu eu mais charmoso, Yancy pretendia convencer Isobel a considerá-lo mais favoravelmente, apesar de seu início miserável antes.

Ela evitou encontrar os olhos dele e deslizou na cadeira.

— Obrigada.

— Seu vestido lhe cai muito bem, senhorita Ferguson. — Yancy empurrou a cadeira para o lugar.

— É gentil da sua parte dizer isso.

Ele sentiu o cheiro do perfume inebriante dela. Seu maldito corpo reagiu previsivelmente. Ostentando uma protuberância óbvia em suas calças, ele rapidamente procurou se sentar.

Ele era pior do que um cavalo no cio à volta dela, e não devia ser. Não era um adolescente perseguindo sua primeira conquista. Essa tinha sido a Julia. O pensamento nela afastou seu ardor mais rápido que a água gelada separando os cães de combate.

— Estou ansioso pelo jogo de xadrez. — Harcourt serviu-se de uma porção generosa de carne antes de selecionar dois tipos de queijo para adicionar ao prato cheio.

Isobel fez um barulho estranho e tomou um gole rápido de seu vinho.

Harcourt olhou ao redor do enorme salão. — Vamos assistir à partida aqui?

Yancy lançou um olhar sufocante.

— Não, Sua Graça. O jogo de xadrez está na sala de estar. É bem antigo. O jogo pertencia ao trisavô de Ewan. — Isobel tomou outro gole de vinho e começou a encher o prato. — E garanto que a partida não será digna de uma audiência. Eu não deveria querer aborrecê-lo ou os outros. Ninguém precisa se sentir obrigado a participar.

— Pelo contrário, estou certo de que o concurso será altamente divertido. Estou ansioso por isso. — Harcourt examinou os comensais. — Como todo mundo, tenho certeza.

— Sei quem eu sou. — Yancy sorriu, fingindo não ver o olhar perturbado que Isobel o cortou.

— *Aye*. — Dugall assentiu, enviando um choque de cabelo preto sobre a testa. — Minha irmã me derrotou toda vez que joguei com ela.

— Lembro-me claramente de Yancy me derrotando profundamente em Oxford. — Sethwick parou para passar manteiga em um pedaço de pão. — E nunca vi Isobel perder. Deve ser uma exibição espetacular.

— Eu que o diga — Yancy murmurou baixinho. Ele engoliu um juramento enquanto uma dor repentina lancetava as costas de sua mão sobre a coxa.

Seu olhar saltou para Isobel.

Ela piscou para ele, um sorriso inocente emoldurando seus lábios exuberantes.

Por George, a megera o havia beliscado. Forte. Em uma hora, ele teria um hematoma para provar isso.

Alasdair alcançou atrás de sua mãe sentada entre seus filhos. Ele cutucou o ombro de Gregor. — Quer apostar em quem ganha?

Assentindo, Gregor enfiou metade de um ovo em conserva na boca. Mastigando alegremente, ele sacudiu as sobrancelhas para Ross.

Os lábios de Ross se afinaram ainda mais, e ele lançou um olhar secreto para Isobel.

A estimativa de Yancy sobre o severo escocês afundou mais.

— Não fará tal coisa. — Embora ela sorrisse, a voz de Lady Ferguson era firme.

— Realmente, os dois. — O olhar irritado de Kitta se moveu entre seus filhos. — Devem competir por tudo?

— *Aye*, mãe. — Alasdair sacudiu a cabeça desgrenhada e sorriu. — Desde que compartilhamos seu ventre e o grande palerma forçou sua saída primeiro.

A diversão de Yancy desapareceu.

Ele brincou assim com Randolph, seu irmão mais velho, antes da Guerra Peninsular ter roubado de Yancy seu melhor amigo, sete anos atrás. Agora, ele se contentava com Harcourt e as travessuras dos outros ladinos. No entanto, desde que se casaram, seus companheiros se tornaram absolutamente densos.

Viu o que o matrimônio faz com um companheiro?

— Cavalheiros antes de moluscos gigantescos, é o que eu sempre digo. — Gregor deu uma risada estridente diante da carranca de seu irmão.

— Gregor! Se esquece que damas presentes — sua mãe repreendeu.

Isobel riu, mas a voz suave de Seonaid interrompeu o tilintar musical da irmã.

— O resultado será mais interessante, não tenho dúvida. — Seonaid olhou entre Yancy e sua irmã. — Não, sem dúvida alguma.

Os olhares assustados de sua família voaram para ela.

Lady Ferguson encontrou os olhos do marido, a preocupação esvoaçando em seu rosto adorável, e vários dos reunidos lançaram olhares especulativos para Yancy.

Com seu olhar aguçado alerta, Seonaid simplesmente inclinou a cabeça para ele e pôs um pouco de stovies em sua boca.

Que diabo?

Ele jurou que a irmã mais nova sabia algo que guardava para si mesma. Algo que achava divertido, pelo brilho em seus olhos e pela inclinação travessa de seus lábios.

A expressão de Isobel se transformou de divertida, em perplexa e, por fim, cautelosa.

— Veja, eles estão antecipando o entretenimento tanto quanto eu. — Yancy esfregou sua mão latejante.

Harcourt mostrou os dentes brancos. — Não pode nos decepcionar, senhorita Ferguson.

Com um suspiro quase inaudível, Isobel inclinou a cabeça em concordância. — Como desejar, Sua Graça.

Yancy olhou para ela.

Sua resposta carecia de entusiasmo. Por que a relutância em ter uma audiência? Talvez ela tenha exagerado sua habilidade e se arrependido de desafiá-lo, temendo que ele a envergonhasse na frente de sua família. Ela tinha uma opinião bastante baixa sobre ele, não tinha?

As questões haviam se tornado diabolicamente complexas, mas ele não podia deixá-la vencer. Dadas as visões dos Claustons, sair da fortaleza desprotegida era impensável. Ele mantinha toda a certeza de que os Blackhalls e MacGraths também se escondiam.

Os três clãs eram uma reminiscência das tribos celtas incivilizadas e bárbaras que povoavam a Escócia. No entanto, se ele não fosse galante e permitisse que Isobel salvasse seu orgulho, ele prejudicaria ainda mais suas chances de conquistá-la.

Yancy tocou o copo de vinho, subitamente encontrando uma solução magnânima. Ele deixara Isobel triunfar no primeiro jogo e depois venceria no segundo. Ele proclamaria uma trégua, e ela concordaria, não reconhecendo seu cavalheirismo como um ardil. Um toque de bravura masculina poderia ser mais vantajoso para aquecer sua consideração por ele.

—Dou-lhe a minha palavra que não farei com a senhorita um jogo de poder, senhorita Ferguson. — Yancy manteve a voz baixa.

— De fato? — Suas sobrancelhas finas se elevaram, seu olhar demorou nos lábios dele por um momento antes de se concentrar em sua gravata. — Não faço tal promessa, milorde. Eu pretendo ter uma ótima partida com o senhor.

Ela voltou sua atenção para a fala de Harcourt.

Era espirituosa, não era? Visões sobre exatamente em que tipo de partida ele gostaria de envolvê-la vieram à mente. Outra coisa

saltou também. Ele ajustou sua posição na cadeira, agradecido pela toalha da mesa.

Yancy lançou um olhar de soslaio para Isobel. O sol, vindo das janelas gradeadas, rodeava sua cabeça, criando uma aura dourada. Ela irradiava inocência, mas era verdadeiramente virtuosa?

Os traços jovens de Matilda surgiram nos recônditos de sua mente, prova de que uma fachada angelical poderia ocultar a alma devassa de uma sereia.

Isobel tinha a cabeça virada para longe de Yancy, todo o seu foco em Harcourt.

O arco magro de seu pescoço implorou pelo beijo de Yancy. Ele ansiava por passar os dedos sobre a carne sedosa, logo abaixo do laço rosa preso em sua nuca. Ela o ignorou intencionalmente? Ou estava sucumbindo às tentativas de Harcourt de encantá-la com seu apelo indecente?

— Então, senhorita Ferguson, eu entendo que existe um conglomerado bastante interessante de parentes que residem dentro da fortaleza. — Harcourt mastigou um picles, seus olhos cheios de alegria encontrando os de Yancy sobre o topo de sua cabeça.

Mudando para encarar a mesa mais uma vez, ela assentiu e deu batidinhas na boca com o guardanapo de linho antes de responder. — Sim, o pai de Ewan morreu quando ele era criança, e nossa mãe se casou com meu pai alguns anos depois.

O olhar sombrio de Harcourt vagou pelo comprimento da mesa, descansando no atraente casal de meia-idade. — Eu conheci Lady Ferguson e Sir Hugh no baile de final de ano do Clarendon, mas perdi as apresentações hoje quando chegamos.

— O homem grande e de cabelos escuros do outro lado, que se parece muito com Ewan, é seu tio paterno, Duncan. — Ela inclinou a cabeça em direção a uma linda mulher loira. — Sua esposa, Kitta, está sentada entre seus filhos, Gregor e Alasdair.

O Duque soltou um suspiro exagerado. — Meu Deus, eles são caras enormes, não são?

A reação de Yancy tinha sido a mesma da primeira vez que conheceu a comitiva de escoceses gigantescos.

Isobel riu, um som rouco que fez cócegas em seus nervos. Como uma risada poderia parecer tão inocente e ao mesmo tempo totalmente erótica?

— Eles são de fato. Kitta é nórdica, uma descendente direta de Sigurðr, o Poderoso, um dos primeiros Condes das Ilhas Órcades. Ela tem mais de um metro e oitenta de altura. Isobel mordeu um morango gordo, o suco deixando uma leve mancha vermelha nos lábios.

Yancy forçou o olhar para longe dela, mal sufocando um gemido. *Droga*. Ele tinha que achar tudo o que Isobel fazia tão sensual? Precisando de uma distração, cortou um pedaço de carne fria enquanto observava Ross.

Por que acompanhou sua sobrinha até Craiglocky? Ele não serviria melhor ao Laird Farnsworth ficando em Tornbury Fortress? Tornbury ostentava algumas das mais importantes terras de pastagem e agricultura em todas as Highlands.

Essa era a primeira ordem nos trabalhos, uma reunião com o pai da srta. Farnsworth. Então Yancy conversaria com os líderes dos outros clãs e negociaria um acordo. Lydia, e aquele rústico, Ross, voltariam a Tornbury e, em menos de duas semanas, as coisas seriam acertadas mais uma vez.

MacHardy, no entanto, era outra questão. Ele não descansaria até que provocasse uma disputa perigosa dentro dos clãs. Se não agora, com certeza mais tarde e, se não com os Blackhalls ou MacGraths, com outra tribo descontente. Alguns clãs das montanhas ainda mantinham um grande ressentimento em relação à Inglaterra.

Infelizmente, as ações do barão não foram traidoras, ou Yancy o teria arrastado ante a Câmara dos Lordes semanas atrás.

Com seu foco ainda em Ross, Yancy enfiou um garfo de carne na boca, quase engasgando com a língua. Ele ficou tão confuso que se serviu de *língua*? Ele detestava isso. Com esforço supremo, ele engoliu em seco e depois estremeceu.

Deus Todo-Poderoso.

Agarrando seu copo de vinho, ele engoliu o conteúdo. O gosto da carne suja permanecia. Um bocado de pão escuro picante o seguiu rapidamente. Então outro.

O que ele não daria por uma caneca de cerveja no momento. Ele mastigou o pão e examinou a mesa. Sem cerveja, apenas vinho.

Seu olhar se agarrou a Ross, cuja atenção estava voltada para Isobel. O brilho nos olhos do homem com rosto de selvagem deixou os dentes de Yancy no limite.

Luxúria não satisfeita.

Ninguém mais notava o olhar malicioso?

Sim, pelos olhares severos que os irmãos loiros gigantes e Dugall enviavam a Ross, eles sabiam muito bem quais reflexões sobre a moça, entretinha a sua cabeça escura. Homem imprudente, para antagonizar aquele trio musculoso.

Harcourt acenou com a mão na direção de Dugall. — O jovem conversando com Duncan McTavish, é seu irmão, acredito?

Com um sorriso malicioso nos lábios, o olhar do Duque mergulhou na língua no prato de Yancy. Os lábios de Sua Graça se torceram. — Ele tem uma grande semelhança com Sethwick.

Yancy apertou sua mandíbula.

Maldito seja.

Harcourt, o salafrário, enfiara a língua no prato de Yancy quando se levantou para ajudar Isobel. Ele sabia que Yancy não podia suportar órgãos de animais. O gosto vil conseguiu afastar Yancy do resto de sua comida.

Colocando o garfo no prato, ela assentiu, olhando para o bruto bonito. — Esse é Dugall, meu irmão violento. Ele está sempre em alguma encrenca. Seonaid, de vestido amarelo e sentada ao lado do senhor Ross, é minha irmã, um ano mais nova que eu.

Isobel selecionou uma uva. — Claro, já conhece Lydia e seu tio. Não vou aborrecê-lo com os nomes dos homens do clã.

Ela colocou a fruta na boca, os lábios apertando a esfera. Ter aqueles lábios nos dele...

Seus olhos marinhos brilhando, ela riu. — Só ficará confuso. Os nomes deles são tão parecidos, Vossa Graça.

Yancy reprimiu um sorriso, lembrando os nomes dos escoceses vestidos de tartan que se juntaram à família para a refeição. — É verdade que todos os nomes começaram com Mac ou Mc, uma coisa ou outra.

— Diga-me, senhorita Ferguson, se quiser, por que fala com apenas um traço do sotaque escocês? — Harcourt mergulhou a colher no pudim.

O olhar de Isobel percorreu a mesa. — Com exceção de Ewan, e provavelmente porque ele passa tanto tempo em Londres, os homens preferem falar escocês ao inglês do rei. Minhas irmãs e eu estamos acostumadas a fazer o contrário.

Ela riu e brincou com a faca. — Mais, eu acho, como resultado de uma preceptora zelosa demais que estava determinada a nos transformar em verdadeiros *ingleses*. Ficou imensamente frustrada porque não obteve tanto o sucesso em nos livrar de nossos sotaques.

Harcourt relaxou em sua cadeira, examinando o grupo. Ele se virou e piscou para Yancy. — *Pode* imaginar se casar com *isso*?

Ele balançou os dedos na multidão animada que revestia os dois lados da mesa.

A ênfase nas duas palavras não foi perdida em Yancy.

— Harcourt — ele avisou, plenamente consciente de que Isobel inclinou a cabeça para encará-lo.

O olhar dela continha acusações feridas.

—Não, suponho que não. — Harcourt brincou com o guardanapo. — Sempre disse que nunca se casaria.

Capítulo Oito

Isobel engasgou com um suspiro suprimido. *Nunca se casaria*? Lorde Ramsbury estava quase prometido. Matilda Darby havia deixado isso claro como vidro polido no baile de Adaira e Roark em dezembro passado. Por que ele esconderia notícias tão importantes de seus amigos mais próximos?

Depois de sua primeira e única dança com Sua Senhoria, Isobel procurou o banheiro feminino. A menina, pois a srta. Darby mal era mais do que uma criança, havia seguido Isobel para dentro da câmara.

Darby não deveria estar presente, pois nem ela nem sua tia, Cecily Yancy, haviam recebido um convite. No entanto, como hóspedes dos Oldershaws, vizinhos próximos de Adaira e Roark, pouco podia ser feito quando as duas mulheres se prenderam às mangas dos casacos dos Oldershaw.

Foi o que Adaira murmurou ao ver os intrusos que entravam no salão.

Com um sorriso felino nos lábios pintados, a senhorita Darby encurralou Isobel, bloqueando a porta do aposento das mulheres.

— Acho apenas gentil dizer-lhe, que uma união foi arranjada entre Lorde Ramsbury e eu, assim que chegar ao meu décimo oitavo aniversário. Nós estamos... — Miss Darby baixou timidamente os cílios, fingindo desconfiança. — Estamos em termos *muito* íntimos, se entende o significado. Meu Deus, nós vivemos sob o mesmo teto desde que eu tinha cinco anos, praticamente toda a minha vida, e sempre se entendeu que nós nos casaríamos.

O fato de alguém tão jovem ser versado nos costumes da carne, e Isobel ainda não ter sido beijada, era algo, não, era totalmente desconcertante. Mais do que desconcertante. Pavoroso. Particularmente, Sua Senhoria aproveitando-se de alguém tão jovem, e sob o seu teto, para dar o bote.

Agora, meses depois, uma onda de humilhação furiosa a envolveu. Miss Darby havia experimentado os beijos de Sua

Senhoria, algo que Isobel nunca faria. O calor a chamuscou e ela enrolou os dedos dos pés nos chinelos macios.

Eu não sou ciumenta.

Nada disso importava. O Conde havia comprometido a moça. Isobel admitia que ainda o achava pecaminosamente atraente. No entanto, nada poderia resultar disso.

Pelo amor de Deus, ele tinha dormido com uma criança próxima.

Não era totalmente incomum na Escócia, que meninas casassem a partir dos doze anos. Mas ele ainda não se casara com Matilda e desfrutara dos favores dela. Outra mancha contra seu caráter já sombrio.

— Vamos para o salão? — Yvette jogou a cadeira para trás, indicando o fim da refeição. Ela sorriu quando Ewan pegou sua mão e os dois se levantaram.

Ridiculamente apaixonados, aqueles dois, e na maioria das vezes, Isobel admirara o relacionamento deles. Hoje, no entanto, servia como um lembrete doloroso de suas perspectivas limitadas e a deixou inquieta e descontente.

Se ao menos seus pais lhe permitissem uma temporada.

Não precisava ser em Londres. Ela alegremente se contentaria com a pequena temporada de Edimburgo. Pelo menos teria a chance de conhecer a cidade histórica, os lugares famosos e, talvez, alguém muito menos rústico do que os Highlanders que frequentavam sua mesa regularmente.

Quando sua tia adoeceu e precisou de uma acompanhante por vários meses, Seonaid foi autorizada a fazer uma visita prolongada à França, e para escapar da reclusão, Adaira fugiu para Gretna Green com Roark. Por que Isobel não podia ter sua própria aventura? Apenas uma pequena exploração para sustentá-la por toda a vida?

Não se contentará com nada, Isobel.

Não, mas um era melhor que nada.

Ela olhou em volta da mesa antes de sua atenção se dirigir para seu prato. Ela olhou fixamente para as massas de comida congeladas. Ela podia gritar, pois não tinha acabado de comer, exceto que seu apetite tinha diminuído para zero. Melhor pegar o maldito jogo de xadrez logo.

— Não acredito que a senhorita Ferguson tenha terminado a refeição.

Isobel deu uma olhada assustada ao Lorde Ramsbury. Ele tinha notado que o seu prato estava quase cheio quando ninguém mais o tinha feito.

— Não, estou satisfeita, obrigado. — A comida ficou presa na garganta dela como papa fria e grumosa, e ela não poderia dar mais uma mordida.

Lorde Ramsbury precisava dessa punição. Ele realmente não tinha ideia de no que havia se metido.

Ela examinou o relógio do manto. Uma e meia.

Se ela concluísse o jogo de xadrez em trinta minutos, teria tempo de trabalhar no presente de Yvette e catalogar as relíquias da escavação de hoje antes de se preparar para o jantar.

Ela não estava sendo arrogante ou se vangloriando de suas habilidades no xadrez. Os movimentos no tabuleiro surgiam em sua cabeça, como uma performance teatral no palco. Ela simplesmente selecionava as peças mais vantajosas.

Ela poderia estender o jogo para durar trinta minutos? Teria que sacrificar um cavalo, comer os peões isolados do Conde para compensar. Uma leve emoção a varreu. Lorde Ramsbury poderia muito bem provar ser um oponente digno.

Mal podia esperar para ver seu rosto quando capturasse sua rainha. A ansiedade formigava em seus nervos, na expectativa de descobrir com precisão o quão inteligente Lorde Ramsbury seria. Deixe os outros olharem tudo o que quiserem. O Conde trouxe isso para si mesmo.

— Vamos resolver disso, sim? — Isobel colocou o guardanapo sobre a mesa antes de alisar a saia.

Em um instante, o Duque se levantou e estendeu a mão. — Por favor, permita-me a honra de acompanhá-lo ao salão.

Isobel levantou-se. — Obrigada, sua Gra...

— Acho extremamente indecoroso da sua parte exigir uma audiência e humilhar a senhorita Ferguson. — O Sr. Ross levantou-se com os outros. Ele estava zangado e rígido, com as mãos em punhos ao lado do corpo, encarando Lorde Ramsbury.

Isobel abriu a boca antes de fechá-la. Ela deveria estar grata ou zangada? Sua defesa, embora inesperada e heroica, beirava o insulto. — Garanto-lhe que não serei humilhada, Sr. Ross, mas agradeço pela sua preocupação.

— Admiro sua coragem, senhorita Ferguson, mas é só uma mulher. Ele é o secretário de guerra da Inglaterra. — O Sr. Ross lançou um olhar desdenhoso na direção de Lorde Ramsbury. — *Não* tem chance, moça.

Ela cerrou os dentes contra a réplica que se impunha contra seus lábios. Senhor, desejava possuir a ousadia de Adaira. Isobel diria ao Sr. Ross para ele que fosse se danar. Ao invés disso, escondeu seus verdadeiros sentimentos, e inclinou a cabeça, forçando um sorriso gracioso.

A caminho da porta, Dugall bateu nos ombros do Sr. Ross. Pratos e talheres chocalharam e tilintaram quando o Sr. Ross agarrou a borda da mesa.

Dugall fez isso de propósito, abençoado seja seu coração rebelde. Ela encontrou seus olhos, mordendo o interior de sua bochecha para não sorrir.

— Não viu minha irmã jogando xadrez. Ela ficará bem. O conde, por outro lado... — Dugall levantou dois dedos na testa em uma saudação falsa antes de sair do corredor.

Isobel colocou as pontas dos dedos no braço estendido de Sua Graça.

Hummm, nenhum tremor estranho formigou em qualquer lugar ao contato, e o Duque de Harcourt exemplificava a beleza. Ela apertou o sólido e musculoso antebraço sob os dedos.

Nem um único tremor.

Ao entrar no salão, foi imediatamente até a mesa de pedestal aninhada em um canto diante de uma janela de sacada. Depois de jogar o xale sobre o encosto, ela afundou na cadeira.

Os outros se acomodaram ao redor da sala; todos, exceto Duncan e os membros do clã que praticavam treinamento no pátio. O Duque e o sr. Ross se acomodaram nas duas poltronas mais próximas da mesa de xadrez.

Claro que sim.

Ela se preparou para as considerações expressivas de Lorde Harcourt e os lampejos sombrios do Sr. Ross durante toda a partida.

Fabuloso.

Harcourt cruzou as pernas e relaxou na poltrona Apollo dourada e verde de Pomona. Ele aparentemente pretendia uma longa estadia.

Ela veria sobre isso. Uma rápida avaliação do longo relógio de mesa revelou que mais dez minutos haviam passado desde que a refeição terminou. *Bah*.

Olhando totalmente deslocado empoleirado na delicada peça esculpida, Lorde Ramsbury ocupou o lugar em frente a ela. Ele se mexeu para ficar mais confortável, mas a cadeira da sala gemeu em protesto. Cuidadosamente, ele aliviou suas longas pernas embaixo da mesa. A cadeira reclamou de novo, e ele parou.

Com os lábios trêmulos, Isobel arrumou as peças de marfim. Ela chamou a atenção do pai quando ele se juntou à mãe no sofá diante da lareira. — Pai, posso incomodá-lo para que tragam uma cadeira mais resistente para Sua Senhoria?

Após a troca de cadeiras, Sua Senhoria soltou-se no móvel mais forte. — Muito melhor.

— Sim, eu estava com medo, dado o seu tamanho, que a outra não suportaria bem. — Isobel voltou sua atenção para as figuras negras.

— Não *sei* por que essas coisas frágeis estão aqui — pai murmurou. — Não há um homem dentro da torre que possa sentar-se confortavelmente em uma.

Ele afundou no sofá de brocado ao lado de mamãe. Ela pegou a costura depressa, sem dúvida fazendo outra peça de roupa para o bebê de Adaira.

— Está sugerindo que eu sou forte? — O humor atou à voz de Lorde Ramsbury.

Surpresa, Isobel levantou os olhos para ele. — Nada disso, milorde. Simplesmente tem uma forma masculina, bem musculosa.

Por dentro, ela gemeu.

Cale a boca, Isobel.

— *Forma bem musculosa?* — Os olhos de Lorde Ramsbury cintilaram, embora algo mais poderoso brilhasse em suas

profundezas.

— De fato, uma forma *masculina*, *bem* musculosa — veio a afirmação drástica de Sua Graça.

Cale-se!

Sensações do corpo firme do Conde amassado ao dela no piso do estábulo a atingiram. Seus mamilos endureceram, provocando-lhe um péssimo começo. Ela quase deixou cair a peça de xadrez. Agarrando-a com força, ela levantou o bispo, evitando os olhos de Sua Senhoria.

— Claras ou escuras?

Isobel lançou um olhar para a aparência magra como junco do Sr. Ross. Ela duvidava que ele pesasse tanto quanto ela, apesar de sua cabeça não alcançar o ombro dele.

— Fico com as escuras. — Lorde Ramsbury girou o tabuleiro até que as peças de ébano estivessem diante dele.

Isobel deu um sorriso irônico. — Garanto, não preciso da vantagem do primeiro movimento.

Ele bateu com os dedos bem cuidados na borda do tabuleiro. — Não pensei nisso nem por um momento. Acredito que as peças claras são mais representativas da donzela feérica que me desafiou.

Com a mandíbula frouxa, Isobel ficou boquiaberta. Ele ficou poético?

O Duque de Harcourt riu com entusiasmo quando as damas riram em aprovação.

Gritos masculinos de — Ouça, ouça — quase abafaram o grunhido de desaprovação de Ross.

— Bem dito, milorde. — Yvette sorriu em aprovação.

Deuses, Lorde Ramsbury os enganou a todos. O seu rosto bonito e as suas belas maneiras poderiam esconder deles o seu coração enganador e negro, mas Isobel permanecia impermeável às suas artimanhas e esquemas.

Continue dizendo a si mesma e talvez venha a acreditar.

Com um olhar final sobre a sala, ela voltou sua atenção para o tabuleiro. Ele logo se arrependeria de seu gesto magnânimo, pois ela tinha toda a intenção de rebaixá-lo.

Enquanto trotasse Emira para fora dos portões da fortaleza amanhã, ela acenaria vitoriosamente para ele.

* * *

Bem, serei amaldiçoado.

Yancy tocou a marca arroxeada levantada nas costas da mão. As unhas de Isobel tinham deixado uma marca desagradável.

Quando o primeiro jogo terminou empatado, ele juraria no túmulo de sua mãe morta, que Isobel ficou tão surpresa quanto ele com o impasse. Agora, uma hora depois, com a audiência diminuindo para Srta. Seonaid, Srta. Farnsworth, Ross, Harcourt e Alasdair, ele não estava convencido de que ela não tivesse sacrificado deliberadamente suas peças na primeira rodada.

Uma estrategista tão brilhante, com sua mente afiada, ela seria um general superior.

Ele havia deixado de lado suas noções valentes de permitir-lhe uma vitória fácil. O jogo em que estavam imersos era um teste de habilidade e estratégia, e ele temia que Isobel o açoitasse profundamente.

Deslizando o tabuleiro, ele relaxou contra a cadeira.

Ela mordeu o lábio inferior e torceu o nariz em concentração.

Adorável.

Correndo os dedos, repetidamente, através das pérolas cintilantes em seu pescoço, ela olhou para o tabuleiro. De repente, seu rosto se iluminou. Seus lindos olhos dançando alegremente, Isobel fez um movimento.

— Xeque-mate, milorde.

Ela tinha feito isso.

Derrotou-o, o jogador mestre.

Ele, a escolha do regente para secretário do escritório de guerra, fora superado por uma menina.

Sorrindo, ela se recostou na cadeira, irradiando satisfação.

Agora o que?

— Ganhou, Isobel. — A senhorita Farnsworth pulou de seu lugar, largando o bordado em uma mesa próxima antes de correr para dar um abraço em Isobel. — Sinto muito, milorde, não quero ofender, mas pensei que fosse o secretário de guerra e Isobel...

— Nenhuma ofensa, senhorita Farnsworth.

Yancy se levantou e depois se curvou profundamente. — Parabéns, Srta. Ferguson. Foi uma adversária muito digna. Nunca, em todos os meus anos de jogo, encontrei tal perspicácia ou estratégia suprema.

Ele não exagerou.

A surpresa registrou no rosto dela. Suas bochechas coraram para combinar com a fita em sua cabeça. Ela brincou com um bispo. — Obrigada, milorde.

Isobel levantou-se. — Se me der licença, tenho alguns assuntos que preciso tratar antes do jantar. Obrigada pelas partidas, milorde. Ela mergulhou em uma reverência rápida e depois, acompanhada pela senhorita Farnsworth, saiu do salão.

Ross seguiu atrás delas, tentando chamar a atenção de Isobel. Ela saiu da sala tão rapidamente que o sujeito praticamente correu nas pernas finas para acompanhar.

— Agora ela deixa a torre sem vigilância. — Harcourt ofereceu o óbvio com uma demonstração vitoriosa de dentes.

Com as mãos atrás do pescoço, Yancy esticou as pernas diante dele. Ele encontrou a expressão exultante de seu amigo.

— Não, ela não faz. Ela apostou que, se vencesse, não precisaria sair da fortaleza com *duas* escoltas.

Capítulo Nove

O relógio ainda não tinha tocado sete e quinze quando Isobel, cantarolando uma balada escocesa, foi para a sala de jantar informal na manhã seguinte.

Ela preferia a pequena sala de jantar mais próxima da cozinha ao grande salão. Com paredes amarelas cremosas e lambris cerâmicos, a sala possuía uma atmosfera muito mais aconchegante. Não gostava particularmente de comer cercada pelos troféus de caça e armas exibidas nas paredes de pedra do salão.

Com um pé dentro do aposento alegre, ela fez uma pausa. Esperava que a sala estivesse vaga. Um par de aves vermelhas pousou em uma cerejeira do lado de fora da janela biselada e chilreou alegremente. A luz do sol da manhã brilhava por cima da mesa e dos homens sentados ali.

Lorde Ramsbury e Alasdair já estavam amontoados nos pratos de comida. Ao lado do de Sua Senhoria estavam os periódicos, sem dúvida o *The London Gazette* da semana passada, já que demorava sete dias para o chefe do correio entregar o jornal.

Os homens se levantaram a sua entrada.

Vestido com uma jaqueta de caça marrom noz-moscada e peles de camurça amarradas às brilhantes hessianas, o Conde parecia absurdamente atraente. Então, novamente, quando não parecia assim?

— Bom dia, milorde, Alasdair.

Os homens sentaram-se e Alasdair mergulhou em sua refeição mais uma vez.

Ela fungou em apreciação. *Rolos de canela.* Um dos seus favoritos.

— Bom dia, prima. — Alasdair piscou antes de colocar um pedaço de pão doce em sua boca. Ele fechou os olhos, exalando um suspiro exagerado. — Teve sorte de eu ter deixado qualquer um dos bolos de canela de Sorcha.

Embora não fossem primos de sangue, foram criados como tais. Ela adorava o homem gigante e seu irmão igualmente gigantesco. Exceto quando a provocavam, o que, como não tinham irmãs, costumavam fazer regularmente.

— Que prazer ver tanta beleza tão cedo. — O olhar de Lorde Ramsbury percorreu seu vestido simples, marfim e pêssego.

Depois de seu belo elogio, ele dobrou o periódico em uma pilha arrumada. — Sempre acorda tão cedo?

Isobel assentiu. — Sim, eu gosto de manhãs. São minha hora favorita do dia, embora às vezes eu pego uma bandeja no meu quarto e leio antes de me aventurar.

Especialmente quando *ele* estava de visita.

Também costumava passear até o lago ou cavalgar rápido antes de quebrar seu jejum, mas ele não precisava saber disso.

Ela foi até o aparador. — Bom dia, Fairchild. Yvette mencionou que teremos o prazer da companhia de seus filhos na festa de aniversário dela.

O mordomo baixou a cabeça prateada.

— De fato. O navio de Isaiah e Josiah deve chegar a Londres na próxima semana. Ele pegou um prato com aro de prata. — O que prefere quebrar o jejum, senhorita Isobel?

— Apenas um rolo de canela e um pedaço de presunto para mim, por favor. — Ela olhou para a panela de cacau. — Acredito que tomarei chocolate quente em vez de chá esta manhã.

Quando criança, ela era bastante viciada na mistura doce, que ajudou a contribuir para suas bochechas bem arredondadas e a gordura em outros lugares até cinco anos atrás. Gostaria especialmente da bebida coberta com o creme Devonshire.

Em um esforço para manter suas curvas controladas, ela interrompeu essa prática. *Mas era uma pena*. Raramente se entregava aos pastéis de Sorcha também.

Sua mãe e Seonaid eram mais cheias que Adaira, mas ao lado de Isobel, pareciam esbeltas. Desejava ter a constituição leve de Adaira.

Os braços e pernas de Isobel eram bem torneados, e as mãos de um homem podiam segurar sua cintura - tinham que ser mãos grandes - mas ela possuía seios generosos e quadris largos. Para

sua imensa consternação, os homens pareciam cativados por ambos.

O número de vezes que havia flagrado alguém observando suas regiões superior e inferior estava além da conta. Ela preferia ter a figura do Sr. Ross do que ser dotada com o que o bom Deus a designara. Somente a família dela, Lorde Ramsbury, e o Duque de Harcourt não a deixavam autoconsciente sobre suas generosas curvas.

Aceitando o prato de Fairchild, ela se virou para a mesa. Hesitou um pouco e depois optou por sentar-se ao lado de Alasdair, em vez do Conde.

Quando perto de Sua Senhoria, seu pulso fazia todo tipo de coisas peculiares, e ela nunca conseguia pensar direito. Sentindo o aroma sutil de sua colônia, ouvindo o timbre baixo de sua voz, observando seus longos dedos com seus pelos escuros nas juntas, tudo a confundia.

Não, ela considerou sentar do outro lado da mesa muito mais sábio.

Os pássaros, assustados por ela passar ao lado da janela, chiaram assustados e bateram as asas.

Isobel torceu a boca em um sorriso irônico. Parecia como ela mesma se comportava com o Conde por perto.

Fairchild colocou à sua frente uma xícara alta, estampada em azul royal, com o cacau. — Tenha cuidado, senhorita Isobel. O chocolate está bem quente. Eu deixaria esfriar um pouco antes de tomá-lo. Gostaria de creme?

— Obrigado, Fairchild, mas eu vou passar sem o creme. — Ela desdobrou o guardanapo.

Os lábios de Lorde Ramsbury se curvaram em um sorriso misterioso quando ela afundou na cadeira à sua frente, quase como se ele tivesse lido sua mente.

Para esconder o rubor que aquecia suas bochechas, Isobel prontamente levou o rico cacau à boca e queimou a língua.

Condenado Conde.

Ela pressionou o órgão chamuscado contra a parte de trás dos dentes para reprimir o xingamento que ameaçava sair e entorpecer a dor aguda que pulsava na ponta.

Apertando os lábios, ela respirou calmamente. Mulheres virtuosas não amaldiçoavam em público. Somente o Conde a tentou a abandonar o decoro e chamá-lo de algo repugnante.

Esperando que a sala estivesse vazia, ela pretendia comer algo e roubar comida suficiente para poder desfrutar de sua refeição do meio-dia entre fósseis e cavernas. Ansiosa para explorar as formações que encontrara ontem, não esperara que Maura trouxesse a bandeja habitual.

Além disso, a tontura de Isobel por ter derrotado Sua Senhoria no xadrez a mantivera inquieta a noite toda.

Que outro motivo poderia haver para o rosto dele continuar aparecendo em sua mente? Ou as sensações estranhas e inquietas que a fizeram suspirar e se revirar a maior parte da noite?

O amanhecer mal havia levado sua paleta colorida para o horizonte antes de Isobel afastar a manta em cima da cama. Diante de sua janela favorita, desfrutou alguns momentos admirando os tons pastéis que polvilhavam o céu.

Gavinhas de fumaça prateada espiralavam em direção ao céu além do prado.

Os ciganos.

Uma visita ao seu acampamento estava programada. Uma variedade de cestas, xales de detalhes intricados e outros itens fascinantes que sempre podiam ser encontrados - para não mencionar as mais deliciosas tortas.

No entanto teria que esperar até que a mãe organizasse um passeio. Isobel não era tão corajosa a ponto de se aventurar sozinha no acampamento.

As mulheres de Craiglocky adiariam esse passeio até a chegada de Vangie. Parte cigana, na verdade uma princesa cigana, Lady Warrick falava romani, mas não a língua gaélica dos ciganos escoceses das montanhas das Highlands.

No entanto, muitas das palavras eram semelhantes, e a maioria dos ciganos também falava inglês. Alguns deles reivindicaram uma relação familiar com a condessa, embora bastante distante.

Isobel se apressou em fazer as abluções da manhã, ansiosa para começar cedo. Agora, a esperança de reunir comida para mais tarde foi frustrada. Ela soprou o chocolate quente. Talvez depois de

colocar o vestido velho, ela passasse pela cozinha e pedisse a Sorcha que preparasse algo para ela e Tira comerem.

Queijo, pãezinhos, uma ou duas maçãs e stovies bastariam.

Lorde Ramsbury mordeu um bolo de aveia. — Posso convencê-la a cavalgar esta manhã? A Srta. Farnsworth e Ross, assim como McTavish, concordaram em sair às oito e meia.

Desconfiada, Isobel levantou os olhos para o Conde. — Infelizmente, milorde, tenho outros planos. Agradeço o convite, mas ontem encontrei alguns fósseis que quero examinar.

Ela mordeu a leve doçura do rolo de canela.

Uma cavalgada com o Sr. Ross e Lorde Ramsbury não era sua ideia de um começo agradável para o dia. O primeiro, que ela não suportava, e o segundo, que ela se esforçava para permanecer indiferente.

Mais fácil de fazer se evitasse a sua companhia.

Caso contrário, ele mexeria com suas emoções, e ela ficaria boquiaberta como uma colegial. Como seu coração podia estar tão distorcido? Conhecia Lorde Ramsbury como charlatão, e ainda assim permanecia irresistivelmente atraída por ele.

É como uma mariposa indo para as chamas, sabe que será chamuscada ou pior, mas incapaz de combater o poderoso fascínio.

Uma sombra surgiu no rosto de Sua Senhoria, imediatamente substituída por uma máscara fria de polidez.

Um alarme soou no fundo de sua mente. Tomando um gole de chocolate, Isobel o considerou. Ela o vencera ontem. Ele não podia ordenar que levasse escoltas com ela.

Vamos apenas testar as águas, sim?

— Tenho certeza de que, sendo um homem honrado, milorde, pretende manter sua palavra sobre as escoltas.

Alasdair emitiu um som sufocado que parecia suspeito como um cruzamento entre uma risada e um bufo.

A atenção dela foi para ele.

Se afastando de seu escrutínio, ele tossiu com a mão no rosto.

Se ele tinha realmente se engasgado, ela comeria seus chinelos.

Seu desconforto aumentou. Ele sabia algo que ela não? O encarou com força, desafiando-o silenciosamente a dizer o que sabia.

Ele deu a ela um olhar envergonhado e prontamente encheu a boca de presunto. Muito provavelmente, para que ela não pudesse questioná-lo.

Covarde.

Ela inclinou a cabeça e levantou uma sobrancelha. — Lorde Ramsbury, devo assumir que pretende renegar sua palavra?

— Sim, bem quanto a isso... — Lorde Ramsbury coçou a sobrancelha e teve a audácia de lhe dar um sorriso atrevido. — Eu não chamaria isso exatamente de renegar.

Isobel ficou rígida, apertando os dedos sobre o cabo frágil da xícara. Ela temia arrancar o pedaço de porcelana imediatamente ou atirá-la na bela cabeça dele, se ele ousasse expressar o que ela suspeitava que estava prestes a fazer.

Apenas anos de comportamento ensaiado permitiram que ela respondesse com calma. — E como *exatamente* chamaria isso? Eu disse especificamente que se vencesse, não teria escolta quando deixasse a fortaleza.

Lorde Ramsbury relaxou contra a cadeira, os dedos entrelaçados em seu abdômen plano. O anel de sinete no dedo mindinho de sua mão esquerda brilhava contra o preto e marrom de seu colete.

— Na verdade, disse que se ganhasse o jogo, não levaria *duas* escoltas contigo. Nosso grupo será de seis pessoas, a menos que sua irmã e Gregor decidam nos acompanhar. Naturalmente, os homens estarão armados.

Lorde Ramsbury deu a notícia com tanta confiança em si mesmo, que se sua sombrinha fosse útil, ela a teria atirado em sua testa. Em cheio. Ela queria pegar seu sabre e prendê-lo à cadeira como um escaravelho em exposição.

O Conde a tinha manipulado muito bem. Ou assim ele acreditava. Ele pensava em jogar outro tipo de jogo, não é mesmo? O sapo enganador, de olhos verdes.

Isobel enrolou os dedos dos pés nos chinelos até temer que os apêndices se quebrassem. Lutou para controlar a indignação que zumbia através dela, exigindo escapar de sua língua queimada. Olhando para baixo, tomou um gole controlado do cacau.

Muito quente, ainda.

Uma imagem do tabuleiro de xadrez e peças brilhou em sua mente, imediatamente seguida pelo rosto de Lorde Ramsbury, pouco antes de ela declarar xeque-mate.

Ele a deixou vencer?

Não, ele não deixou, tinha certeza. Mas ele viu sua perda iminente, e o cretino determinou outra maneira nefasta de atacá-la.

Ela cheirou o cacau, mergulhando cautelosamente a língua na bebida saborosa para testar seu calor.

O Conde se considerava um estrategista brilhante, não é?

Veremos.

Ela deu a ele seu sorriso mais sedutor.

Surpresa flutuou em suas feições, e ele piscou duas vezes como se momentaneamente aturdido. Um turbilhão de emoção entrou em seus olhos, substituindo rapidamente seu olhar atordoado.

Isobel sabia muito bem como o sorriso dela afetava os homens. — Bem, então, suponho que não tenho escolha. Eu queria tanto examinar os fósseis com os quais me deparei ontem.

Sua Senhoria exibiu um sorriso malicioso, os dentes brancos contra o rosto bronzeado. — Eu gostaria muito de vê-los. Meu avô materno colecionava artefatos incomuns.

Alasdair gemeu e revirou os olhos em direção ao teto. — Pode se arrepender disso, Sua Senhoria. Isobel pode falar por horas sobre esses pedaços de poeira...

A voz dele diminuiu com o olhar impaciente que ela lançou para ele.

Era de se admirar que ela desejasse sair sozinha?

Quem era ele para falar de conversas? Sempre o tinha ouvido se gabar e se vangloriar de armas, caça, pesca, luta armada e luta livre do que qualquer um, especialmente uma mulher, precisaria levar uma vida inteira para alcançá-lo.

Ela tocou a alça da xícara. — Fairchild, posso tomar mais chocolate?

Levantando a xícara, ela girou em direção a ele. O seu punho escorregou, e antes que ela conseguisse fazer um chiado, a xícara se inclinou. Chocolate quente e pegajoso espalhou-se pela toalha de mesa e correu para o colo dela enquanto gotas marrons sujavam o tapete vermelho e champagne debaixo da mesa.

— Ai! — Balançando o vestido, ela ficou de pé. — Sinto muito, Fairchild. Como sou totalmente desajeitada.

O mordomo correu para a mesa carregando guardanapos extras.

Ela enxugou as manchas no vestido.

— Devo remover meu vestido de uma vez e entregá-lo a Maura para lavar, ou então certamente estará arruinado. — Isobel afastou o pano úmido das pernas. — Receio que já seja tarde demais. Por favor, dê-me licença.

Ela girou em direção à porta, mas voltou a meio caminho. — Disse às oito e meia, milorde?

— Sim. — O Conde assentiu, sua atenção fixa na mancha escura que estragava seu vestido. Enrugou a testa com preocupação. — A senhorita se queimou?

Preocupação genuína atou sua voz.

Suas coxas ardiam onde o chocolate quente penetrava seu vestido e a camisa. — Nada sério. O cacau esfriou parcialmente.

Ela correu da sala de jantar sem olhar para trás, para que Sua Senhoria não visse a vitória que certamente devia ser evidente em seus olhos.

Capítulo dez

Isobel podia ter um vergão ou dois, mas nenhuma queimadura grave devido ao *acidente*. O derramamento não foi um acidente. Algumas horas de desconforto valeriam o tempo que ela ganhou com sua encenação.

Seu desempenho tinha sido digno de crédito caso ela mesma não o indicasse. Lorde Ramsbury não suspeitara de nada impróprio.

Dez minutos depois, com o vestido manchado da manhã embaixo da cama, Isobel rastejou do quarto. Ela usava um vestido mais velho, mas não o Kersey com o qual gostava de cavar. Maura não tinha lavado a roupa ou a tinha enviado para a lata de lixo. O último parecia o mais provável, pois ela tentava jogar o vestido no lixo há anos.

Simples e de fácil manutenção, mas de inquestionável qualidade, este vestido de lã preta e cinza era mais apropriado para uma mulher de classe alta. Ninguém confundiria Isobel com uma moça de aldeia ou uma criada, enquanto o usasse.

Isso deverá fazer Lorde Ramsbury feliz.

Confundiria Sua Senhoria, aquele trapaceiro. Quem ele pensava que era, manipulando-a?

Isobel espiou pela esquina da escada dos empregados raramente usadas.

Vazia.

Segurando a bolsa, ela correu na ponta dos pés ao longo da passagem para a cozinha. Veja o que ponto ele a levou? Escondendo-se em sua própria casa, com medo de encontrar alguém e ter que explicar por que se esgueirava pelas escadas.

Irritação e seus passos silenciosos ecoaram em uníssono. Se ele pensava que ela esperaria pacientemente, como um cavalo amarrado, até que o Duque, Lydia e o Sr. Ross descessem para quebrar o jejum, o Conde não a conhecia.

Isobel enviou uma mensagem aos estábulos antes de comer, para que Emira fosse selada e esperasse. Agora, ela só tinha que

escapar do castelo sem ser detectada.

Sorcha e os outros cozinheiros saberiam que ela tinha ido embora. Mas Isobel usava frequentemente a saída da copa para o pátio. Eles não pensariam nada sobre isso.

Colocando um sorriso no rosto, ela entrou na cozinha impecavelmente limpa e confortável. Ervas secas pendiam das vigas do teto, dando um aroma agradável ao ambiente já perfumado. A equipe corria, algumas carregando bandejas para levar escadas acima e outras começando os preparativos para as refeições do meio-dia e da noite.

— Bom dia, Sorcha. — Isobel pegou duas maçãs de uma tigela em cima de um balcão de madeira, suavemente desgastado por décadas de uso constante. Ela as jogou dentro de sua bolsa. — Posso ter um par de pãezinhos de canela para levar comigo?

Limpando as mãos grossas no avental, Sorcha assentiu. — *Aye* senhorita Isobel. Quer um ovo cozido ou dois, picles e uma fatia de queijo também? E suponho que precise de biscoitos para o cão.

Traga tudo.

Muito provavelmente, Tira estava no grande salão roncando com seu irmão e irmã. Melhor não deixar Sorcha saber disso.

— Sim, por favor, e stóvies. Um frasco de água também.

Isobel teria que explorar as falésias sozinha hoje. Moisés em pessoa não conseguiria que ela se aventurasse fora da cozinha, nem mesmo para chamar seu fiel cachorro. Ela esperava que o galgo estivesse perambulando pelo pátio e a ouvisse quando assobiasse.

Lançou um olhar discreto para a entrada principal da cozinha, quase esperando que Lorde Ramsbury aparecesse com um sorriso presunçoso em sua boca perfeita. Foi até a porta que dava para o pátio. De lá, ela poderia se esconder nas sombras da fortaleza e seguir para o estábulo.

Mastigando o lábio inferior, ela examinou a entrada da cozinha novamente.

Depressa, Sorcha.

Embora um pouco mais longo, o caminho da floresta para as cavernas oferecia mais cobertura. Ela seguiria essa rota hoje. Examinou o pequeno relógio no topo de uma prateleira cheia

de especiarias. Ainda não eram oito horas. Ela teria uma boa vantagem sobre os outros.

Mesmo que eles visitassem os túneis e cavernas em sua excursão, e suspeitava que o Conde insistiria para que o fizessem, ela ainda teria algum tempo para si mesma.

Ele teria que encontrá-la primeiro. Ela não facilitaria sua localização. Talvez ela ainda explorasse as cavernas hoje. Ela tinha duas velas presas na bolsa, o suficiente para fornecer várias horas de luz.

Homem obstinado.

Por que ele não se importava com seus próprios assuntos? E por que insistia em procurá-la quando suas atenções não levavam a nada honroso? Não seria a amante de ninguém, a única razão viável que conseguia conceber por que Lorde Ramsbury persistia.

Ewan gritaria com ele, se Sua Senhorio ao menos sugerisse tal ligação.

Sorcha entregou-lhe um pacote embrulhado em pano e um frasco de couro. — Aqui está. Voltará para o almoço?

— Obrigada. — Aceitando a comida e a água, Isobel balançou a cabeça. — Acho que não. Temo que o tempo melhore novamente e realmente quero investigar as cavernas do outro lado dos penhascos.

— *Humph*. Eu *não gosto* que fique vagando sozinha, justamente agora. — Sorcha arrastou-se para o fogão, onde pegou uma colher grande de madeira e começou a mexer o que borbulhava na panela sobre a monstruosidade de ferro fundido.

— Está parecendo a Maura. — Isobel colocou o embrulho e o frasco na bolsa. — Não se preocupe. Não ficarei sozinha o tempo todo. Lorde Ramsbury e vários outros também estarão cavalgando esta manhã. Além disso, apenas um tolo ou um idiota imprudente ousaria se aventurar nas terras de Craiglocky sem o consentimento de Ewan ou Duncan. Sabe que meu irmão tem homens monitorando as fronteiras.

Ela abriu a porta. — Até os corsários negros pedem permissão, e eles acampam ao longo do rio Falkirk todas as primaveras e ficam lá desde que eu me lembro.

— *Aye,* isso é verdade. — O rosto cheio da cozinheira dobrou-se em rugas profundas enquanto ela sorria. — Eu me sinto melhor sabendo que terá companhia.

Uma pontada de culpa atingiu Isobel. Ela não era uma pessoa que distorcia fatos para enganar os outros. — O Conde expressou interesse em ver os fósseis.

Não havia mentira nisso. Que tipo de relíquias o avô de Sua Senhoria coletara?

Com um aceno e um sorriso, ela abriu a porta em arco. Ela quase a fechou quando a voz jovial de Alasdair ecoou na cozinha.

Isobel espiou pela fenda.

— Sorcha, pode fazer um piquenique para cinco ou seis? A Srta. Farnsworth e seu tio imbecil cavalgarão comigo e de alguns outros. Sem esperar pela resposta dela, ele pegou um pão de canela e correu da cozinha, gritando: — Volto em trinta minutos para pegar a comida.

Sorcha acenou com a colher em sua forma de retirada. — É um ladrão, Alasdair McTavish.

— *Aye*. — Seu riso barulhento ecoou no corredor.

Isobel levantou as saias e correu para os estábulos.

Capítulo Onze

— Fairchild disse que desejava me ver, Sethwick?

Avançando para o escritório do castelo, Yancy flexionou a mão esquerda e acabou puxando a luva de montaria. Ele nunca havia gostado desta sala. Mesmo com várias velas acesas, a câmara com paredes de pedra lembrava um maldito túmulo medieval. — Me pegou por pouco. Um pequeno passei a cavalo foi programado para esta manhã, através dos pântanos.

Sentado atrás de sua escrivaninha, Sethwick, uma pena na mão, arranhada em papel de bobo. Ele não olhou para cima.

— Sim, Yancy. Dê-me um momento, por favor.

— Certamente. — Yancy atirou o seu chapéu para uma das cadeiras de couro usadas diante da escrivaninha.

Sethwick assinou, e depois de colocar a pena de lado, polvilhou areia sobre a tinta molhada. Com um suspiro de satisfação, relaxou contra a cadeira de costas altas. — Está feito. Não sei quanto a você, mas acho a correspondência com o meu advogado tão excitante como lamber brasas.

Andando para inspecionar uma exibição de armas, Yancy riu. — Tão ruim assim?

— Bem, pode ser que esteja sendo exagerado. No entanto, não é a minha tarefa favorita... — Sethwick coçou o nariz e levantou os lábios uma fração para cima. — Alasdair mencionou que planejou um passeio, e foi por isso que o chamei.

Yancy olhou rapidamente sobre o ombro e depois selecionou um machado de Lochaber com uma lâmina feia de dezoito polegadas. Segurando a arma paralelamente ao chão, ele avançou.

E quase caiu.

Com uma sobrancelha levantada, Sethwick inclinou-se para frente e descansou os cotovelos sobre sua mesa, com os dedos entrelaçados. — Ontem, mencionei que tinha informações que achei que seriam do seu particular interesse.

Yancy balançou o Lochaber em um pequeno arco. Ele tropeçou um par de passos para a direita. O machado era pesado e muito

constrangedor de empunhar.

— Ramsbury, vai parar de brincar com essa maldita coisa e me ouvir?

O tom de Frustração de Sethwick, fez Yancy parar. Ele colocou a arma de lado.

— Perdoe-me. Presumo que suas notícias sejam incômodas? — Com os braços e tornozelos cruzados, ele descansou seu quadril contra uma mesa alongada e deu a Sethwick toda sua atenção.

— Isso é o que eu não sei. Algo está errado, pode ter certeza. Como eu tenho certeza que já soube que Blackhall, McGrath e Clauston têm andado à espreita. Alguns deles têm sido vistos em Craigcutty conspirando com os Tinker escoceses, e minhas patrulhas de fronteira têm encontrado evidências de acampamento não autorizado em minhas terras.

Instantaneamente alerta, Yancy destravou seus tornozelos. — Presumo que estes vagabundos não sejam os ciganos das Highlands?

— Extremamente improvável. Os ciganos sabem que têm um convite aberto, e fazem seu acampamento perto do rio. O envolvimento deles com esses clãs é muito irregular. Não tenho certeza do que fazer com isso.

Essa informação também deixou Yancy perplexo. Tinha que haver uma conexão que nem ele, nem Sethwick conheciam.

Sacudindo a areia da carta, Sethwick dobrou o papel e depois o selou com cera. Colocando a missiva de lado, ele ficou de pé. Um enorme boarhound apareceu por trás da mesa também. — Meus informantes me dizem que MacHardy pode estar tentando incitar os clãs descontentes à rebelião.

Yancy endureceu e ergueu o Sethwick e nivelou um olhar de alerta. Mesmo MacHardy não era tão precipitado assim. Um ato assim seria suicídio. — Pura imprudência se essa é a sua intenção. Prinny irá esmagá-lo, e a qualquer um que tentar uma revolta, tão facilmente quanto uma formiga abaixo de seu calcanhar real.

— Disso, não tenho dúvidas. — Sethwick veio em torno de sua mesa, sua expressão sombria.

O cachorro o seguiu, e ansioso como um animal de estimação, empurrou sua enorme cabeça para dentro da palma do seu dono.

Sethwick cedeu e arranhou a cabeça do cão de caça.

— Não sei porque se preocupa com cavalos quando tem essas bestas galopando aqui e ali. — Yancy virou os dedos para o cachorro e depois olhou o relógio da lareira. Oito e vinte. Hora de seguir seu caminho.

Ele esperou bastante por passar a manhã com a Isobel. Ela era a mulher mais deslumbrante e inteligente que já havia encontrado, e ele se encontrava em constante estado de excitação, mental e física, na presença dela. Como se quisesse confirmar seu pensamento, seu membro masculino pulsou.

— Os clãs das Highlands sofreram muito.

O comentário de Sethwick abafou as contemplações amorosas de Yancy.

— Primeiro — Sethwick continuou acariciando o cão — eles foram recrutados à força para lutar na guerra, e depois suportaram os fracassos da colheita de alguns anos atrás.

— E agora, eles estão descontentes com o preço da lã e dos salários dos tecelões. — Yancy puxou seu lóbulo da orelha, rindo como um pouco de baba de cachorro, inundando em uma das Hessians de Sethwick.

Sethwick endireitou o seu colete e deu um aceno de cortesia. Ele apontou para o chão. — Deite-se, Arig.

O cão de caça se afundou no chão, cabeça entre as patas, o seu olhar castanho fixo em adoração ao seu dono.

Maldição, a situação dos clãs se tornava mais complexa a cada minuto. — MacHardy talvez não tenha que trabalhar muito para agitar os escoceses insatisfeitos.

— *Aye*, isso é o que me preocupa.

Coçando a cabeça, Yancy notou as linhas de desconforto que acentuam os ângulos do rosto de Sethwick. — E eu que vou acalmar esses descontentes. Sua confiança é muito lisonjeadora. O que acha que eu sou, calmante?

Soltando uma pequena risada, Sethwick deu um tapa no ombro de Yancy.

— Uma deusa romana é que não é, meu amigo, mas eu tenho toda a confiança na sua habilidade diplomática. Por enquanto, acho melhor que todos fiquem perto da fortaleza e só saiam em grupos

armados. Informarei o pessoal imediatamente. Os outros que estão contigo hoje também estão armados...

Ele examinou a espada de Yancy.

Yancy deu um tapinha na lâmina a seu lado. — Naturalmente.

— Excelente. — Sethwick voltou à sua mesa, e depois de recuperar a carta, enfiou a missiva no bolso interno do casaco. — Acredito em manter nossas atividades o mais normal possível, embora eu fique vigilante. Não se arrisque mais do que o lago ou a fronteira da floresta. Nenhum sinal de invasores foi encontrado tão perto da fortaleza.

Ele fez um gesto para as janelas abertas. — Designei mais vinte homens para explorar minhas terras e manter seus ouvidos abertos no vilarejo. Eles deverão relatar qualquer coisa que vejam ou ouçam.

— Muito sábio. — Yancy olhou para o cachorro, agora se lambendo ruidosamente, baba voando em todos os sentidos no processo. — Espero me encontrar com os líderes dos clãs problemáticos até o final da semana. Mandei mensageiros pedindo uma audiência ontem. Suponho que muita coisa depende do MacHardy.

Yancy não duvidava que o beligerante agitador resistiria a uma tentativa de reunir um conselho de chefe e lairds. Durante duas décadas ele tinha sido uma pedra no sapato da Inglaterra, não, mais como uma farpa no traseiro.

— Isobel cavalga esta manhã?

A pergunta pegou Yancy desprevenido. — Sim, embora eu suspeite que já soubesse disso.

Ele procurou no rosto de Sethwick, detectando apenas o respeito inocente ali registrado. No entanto, Yancy jurava que havia algo mais sinistro enterrado no olhar de seu amigo. Ah, isso era sobre o desastre de ontem no estábulo.

O calor desconhecido arrebatou o pescoço de Yancy.

Diabos, agora ele corava como uma colegial apanhada com a mão de um rapaz dentro de suas saias. Um impulso sufocante de puxar o colarinho o dominou.

— Minha irmã não é uma de suas amiguinhas de Londres. — Sethwick dedilhou a rolha de vidro esculpido do tinteiro. — Isobel é

ingênua e bastante inexperiente quando se trata de homens, apesar de seu brilhantismo intelectual.

Ele encontrou o olhar inabalável de Yancy. — Não brinque com os seus sentimentos.

— Pensa tão pouco de mim, que me avisa sobre sua irmã? — Ira e mágoa batalhavam pela supremacia. — Por Deus, sabe como isso é ofensivo?

Yancy pegou seu chapéu da cadeira antes de marchar até a porta. Sua mão no trinco, ele se virou para Sethwick. — Minhas intenções para com sua irmã sempre foram, e continuarão a ser totalmente honradas.

— Isso pode ser, mas Isobel está apaixonada, embora eu suspeite que ela não esteja encantada com suas emoções inúteis, se é que ela tem consciência de seus sentimentos. — Um sorriso sarcástico na boca de Sethwick retorcido. — Você confunde um pouco as damas.

Apaixonada?

Yancy escondeu um sorriso encantado, mais determinado a redobrar seus esforços para ganhar a aprovação de Isobel e sua mão.

Com as características menos severas, Sethwick se juntou a ele na porta. — Nunca demonstrou o menor interesse no casamento, Yancy. Tudo o que peço é que não encoraje Isobel. Quebrará o coração dela se o fizer.

Yancy não tinha ninguém a não ser ele mesmo para culpar pela estimativa de Sethwick sobre ele. Ele não tinha dirigido nem mesmo um cheiro na direção de uma mulher honrada antes. As preocupações de seu amigo eram bem fundamentadas, exceto que Sethwick não sabia sobre a mudança de planos de Yancy.

Uma dica poderia ser útil para avaliar a reação dele.

Yancy dedilhou a borda do seu chapéu. — Diga-me, velho amigo, qual é a sua maior preocupação? Que sua irmã possa nutrir sincera consideração por mim, ou que eu possa ter um interesse genuíno e duradouro por ela?

Com aquele comentário contundente, ele virou as costas, mordendo a língua para não rir da boca aberta de Sethwick e da expressão estupefata no rosto.

O sorriso de Yancy se alargou.

Confundir o Laird de Craiglocky, não era uma proeza fácil.

Um pouco depois, ele ficou em cima da escada do portão. Ele checou seu relógio pela terceira vez nos últimos cinco minutos. Oito quarenta e cinco.

Onde estava Isobel?

Fechou o relógio e o devolveu ao seu colete. Impaciente para montar, ele bateu o chapéu contra a coxa.

O resto do grupo, exceto Harcourt, já estavam nas montarias, todos os homens armados com espadas curtas e pirogas. Um arco e uma aljava estavam amarrados às costas da senhorita Farnsworth, e uma adaga aninhada em uma de suas botinas.

Treinada em armamento, ela expressou hoje o desejo de praticar tiro ao alvo em sua excursão. Mais complexa e capaz do que Yancy havia imaginado inicialmente, a Srta. Farnsworth poderia muito bem ser a chave para resolver toda essa agitação do clã.

Harcourt, espreitando na base das escadas, bocejou amplamente e depois piscou como se quisesse focar seu olhar adormecido.

— Não está habituado a ser separado da cama tão cedo, Harcourt? — Yancy não podia deixar de agulhá-lo. Ele tinha visto a criada do andar de cima escorregar da câmara do Duque de manhã cedo.

Harcourt parou de mexer nas mangas do casaco.

— Estou seguindo seu conselho, velho amigo. — Um sorriso manhoso fez os lábios dele mexerem-se antes que ele emitisse outro bocejo. — Eu achei as pessoas locais mais prestativas no que diz respeito a oferecer distrações sem restrições...

Yancy fez um barulho indelicado. — É melhor não deixar Sethwick ouvir isso. Ele não aprova namoricos com o pessoal sob seu teto.

Passeando com os cavalos pelo pátio, os outros murmuraram baixinho entre si. Gregor também havia aceitado o convite para cavalgar.

A senhorita Farnsworth havia voltado para o pátio, tendo corrido para seu quarto para trocar de roupa depois de encontrar uma

costura rasgada na saia do traje de equitação cinza e preto que ela usava.

Agora, vestida de verde Pomona aparada em veludo preto, seu cabelo sob um chapéu inclinado num ângulo jovial, e um plaid xadrez enrolado dos ombros até a cintura, ela é a epítome da escocesa de boa criação.

Uma pena verde ficava em evidência na faixa do lado direito, e um véu de malha fina cobriu seu rosto. Ela se sentou em sua montaria, pacientemente esperando por Isobel e conversando com Alasdair.

Em todos os anos em que Yancy foi hóspede de Craiglocky, ele nunca tinha visto Isobel com o traje de equitação; nunca a tinha visto montar, aliás.

Por Deus, ela cavalgava como uma cavaleira?

As condessas não cavalgaram assim.

Ross continuou enviando olhares esperançosos na direção da entrada. Pena que o homem sombrio não tenha recusado o convite forçado de Yancy. O escocês provavelmente esperava cortejar Isobel hoje. Ele se sentiria pressionado a chegar perto dela se Yancy estivesse no seu caminho.

Uma cesta tinha sido amarrada à sela de Alasdair e equilibrada atrás dele. Ele havia solicitado um almoço para um piquenique no passeio deles.

Yancy não tinha planejado ficar fora tanto tempo, mas não se opôs. Um piquenique lhe daria mais tempo com Isobel. Mostrar interesse em seu hobby poderia ser muito favorável a ele. Verdade seja dita, as descobertas dela o interessavam genuinamente.

Uma de suas preciosas posses incluía a coleção de artefatos ímpares de seu avô, trazidas de suas viagens a lugares exóticos. O avô Whatleypoot tinha sido um velho bisbilhoteiro peculiar. Ele tinha viajado muito e desfrutado ao máximo da vida até o dia em que morreu depois de ter caído de um camelo.

Yancy refez os seus passos.

Fairchild o viu na entrada de Craiglocky. — Posso ser útil?

— Poderia mandar um criado ao quarto da Srta. Isobel e perguntar quanto tempo mais ela irá demorar? — Yancy olhou por cima do seu ombro.

Harcourt tinha montado seu cavalo e se juntado aos outros.

Yancy voltou sua atenção ao mordomo. — Por favor, diga-lhe que todos estão esperando.

— Imediatamente, milorde. — Fairchild voltou a entrar no castelo.

Uma suspeita maliciosa picou a mente de Yancy.

Ela não se atreveria.

Adaira, Lady Clarendon, a irmã incorrigível, teria. Mas Isobel foi a filha madura de Ferguson, aquela que sabia se comportar com decoro e sofisticação combinando com sua beleza. A irmã que iria agraciar as assembleias de Londres e os salões superiores com o equilíbrio perfeito esperado de sua condessa.

Por Hades, ela não desafiaria abertamente a ele ou ao irmão.

Será que faria?

Maldita seja, a Isobel das últimas vinte e quatro horas faria, especialmente se tivesse a intenção de um encontro secreto com um amante.

Ele a havia subestimado. Tolo da parte dele, dada a mente aguçada dela. Um músculo lhe bateu abaixo do olho direito, e ele bateu com o chapéu na cabeça, girando no calcanhar.

Ela tinha subido as apostas.

Ele correu pelas escadas. Sem poupar uma palavra para os outros cavaleiros, saltou para Skye. Trotando o castrado Roan azulado, que se encontrava a curta distância até os estábulos, Yancy imaginou várias maneiras de castigar Isobel se ela o ignorasse.

— M'lord, posso ajudar? — O chefe do estábulo de pernas de curvadas se aproximou, esfregando as mãos num pano sujo.

Yancy perfurou as baias, procurando um cavalo sem nome, ou melhor, sua dona de cabelos ondulados. Impaciente para sair, ele desviou sua atenção para o cavalariço. — Seu nome é Jocky, não é?

— *Aye*, m'lorde. Tá precisando de alguma coisa? — Jocky enfiou o trapo esfarrapado em sua cintura.

Se mexendo na sela, Yancy enfiou seu chapéu mais firme na cabeça. — A Srta. Isobel já saiu?

Era melhor para ela que o velho cavalariço dissesse que não.

Jocky soltou um risinho grave, com os olhos enrugados em uma dúzia de dobras desgastadas pelo tempo. — *Aye*. A jovem senhorita está ansiosa para encontrar mais pontas de flechas e coisas de rocha morta.

— Fósseis?

— *Aye.* Ela disse que hoje ia para as cavernas.

— Sozinha?

O criado deu um aceno cauteloso, o seu sorriso largo foi desvanecendo. Apreensão substituiu o cintilar alegre em seus olhos desbotados. — Há algum problema, m'lorde? A Srta. Isobel disse que o senhor estaria seguindo logo atrás.

Sua garganta funcionava nervosamente enquanto ele espreitava Yancy.

Isto não era culpa do cavalariço. Yancy deveria ter pedido a Sethwick para falar mais cedo com o pessoal.

— Jocky, até novo aviso, ninguém deve deixar a fortaleza, muito menos as mulheres.

— Sim, senhor. — O olhar de Jocky afundou no chão amarelado de palha. — Sinto muito, m'lorde. *Eu não sabia*.

Yancy ofereceu um sorriso conciliatório. — Não é culpa sua. Eu deveria ter mandado uma mensagem ontem.

Ele apertou as rédeas da Skye com tanta força, que suas luvas de couro beliscaram os dedos. Isobel não tinha ideia do perigo em que se colocara.

Sentindo a agitação de seu mestre, o Roan desviou e inalou.

— Shh, estaremos longe em breve, meu amigo. — Yancy dobrou e esfregou o pescoço do cavalo castrado. Com uma palmadinha final, ele se endireitou. — Há quanto tempo ela saiu?

Com o rosto enrugado preocupado, Jocky levantou um ombro esquelético. — Uma hora. Talvez menos.

Virando Skye de um lado para o outro, Yancy apertou a mandíbula até doer os dentes de trás. Isobel tinha mentido para ele, e haveria consequências. Dirigiu-se aos outros, e ao aproximar-se, eles olharam para cima com expectativa.

Além de levantar uma sobrancelha com questionamento, Harcourt, por uma vez, teve o bom senso de permanecer em silêncio.

— *Nae* da moça? — Gregor espreitou atrás de Yancy e depois se mexeu na sela para inspecionar a entrada do castelo. O olhar dele balançava para o seu gêmeo, e ele esfregou o queixo, um brilho pensativo nos olhos. — *Och*, eu acho que ela saiu correndo.

— *Aye*. — O olhar de Alasdair se concentrou na densa floresta, bem além da ponte levadiça. — Acho que pode ter ido. Ela é espinhosa como cardo de tarde.

— Poderia ter me avisado, McTavish. Onde estão esses fósseis dela? — Clicando na língua, Yancy apertou os joelhos na lateral de Skye e falou por cima do ombro. — Precisamos encontrá-la antes que ela encontre os invasores que Sethwick disse estarem escondidos.

Capítulo Doze

Isobel atravessou um monte de rochas da cor da ardósia, espalhadas pela entrada da caverna. Enormes líquens e pedregulhos cobertos de Artemísia bloqueavam o outro, o que dificultava a visão do interior e o seu acesso à caverna.

As Dryas, com sua suave flor branca e os seus centros amarelos foram, há muito tempo, se amontoando entre as pedras e sobre as aberturas enormes. Suas folhas verdejantes contrastam com o mundo cinzento e tedioso que rodeia o sempre-verde intrépido, e se revelavam escorregadias como gelo quando pisadas.

A caverna, parcialmente escondida abaixo de uma saliência escarpada, parecia enganosamente de fácil acesso até que ela se aproximou da entrada. A incerteza a agarrou. Ela não havia tentado entrar nesta caverna antes. E se algum animal selvagem tivesse feito do buraco a sua casa?

Ela examinou a entrada e prestou atenção a movimentos dentro dela. Além de gatos selvagens escoceses e raposas vermelhas, nada de tamanho substancial vagueava por estas colinas e pântanos.

Com seu traseiro pressionado contra uma pedra com o dobro do seu tamanho, Isobel avançou cautelosamente. Ela se curvou e olhou para os recessos escuros da caverna por vários metros.

A escuridão completa a olhava de volta.

— É escuro como o colete do Conde do Inferno ali dentro.

Protegendo os olhos, ela lançou um olhar para o céu e franziu a testa. O céu azul claro sob o qual ela tinha cavalgado há, no mínimo, mais de uma hora, agora pairava com nuvens cinzentas pesado como metal. A confortável brisa desta manhã havia se transformado em um vento mordaz.

A companhia indesejável logo estaria sobre ela, pois ela não tinha dúvidas de que Lorde Ramsbury trovejava para os penhascos como um corço atrás de uma corça, determinado a perturbar sua busca pelo tesouro.

Seus lábios se entrelaçaram em um sorriso gratificante. Oh, queria ter estado lá e visto seu rosto arrogante quando ele percebeu que ela havia desconsiderado sua diretriz, a cobra enganadora.

Quem ele pensava que era, manipulando-a daquela maneira?

Ela não era tão lenta a ponto de se colocar em perigo. Certamente, se houvesse uma real necessidade de preocupação, Ewan ou seus pais teriam explicado as circunstâncias. Esses misteriosos segredos e a teatralidade de Drury Lane eram totalmente desnecessários, e todo esse negócio de rixas entre clãs nada mais parecia do que uns poucos homens cobiçosos e famintos de poder, agitando o descontentamento.

Lydia tinha residido em Craiglocky durante meses porque algum barão problemático estava determinado a casar com ela na tentativa de adquirir as terras de seu pai. Agora, outros clãs haviam ficado envolvidos no caos.

Ganância e poder – as duas das armas do diabo mais destrutivas.

O som baixo de Emira levado à Isobel na brisa suave e perfumada da urze. Ela tinha deixado a égua solta, próxima a um pinheiro escocês a algumas centenas de metros de distância. O cavalo tinha sido treinado para permanecer onde Isobel a deixasse, e Emira não partiria a menos que Isobel assobiasse.

Escorregando seu traseiro ao longo da rocha, Isobel avançou ainda mais até que uma borda áspera agarrou sua saia. Ela deu um puxão firme, e fez um rasgo de três centímetros no material.

Um risinho curto lhe escapou.

Lorde Ramsbury não aprovaria.

Ele odiava o vestido Kersey que ela usara ontem. Seu descontentamento estava gravado em todo o seu rosto nobre. É certo que ela se parecia com uma moça humilde da aldeia quando usava a roupa monótona. Ela tocou a lã de seu vestido atual. Ele teria dificuldade em encontrar falhas nesse vestido, apesar de ter visto três invernos.

Seu humor evaporou no instante seguinte. *Hmph*. Sua aprovação não significava nada.

Rastejando mais alguns centímetros através da rocha, ela soltou um suspiro derrotado. Por que os homens ditam tudo o que as

mulheres podem fazer e o que devem pensar? Se Deus não queria que as mulheres usassem suas próprias mentes, por que Ele lhes dera um cérebro?

Anos suprimindo o conhecimento e as opiniões por trás do comportamento decoroso haviam atingido seu limite, e Isobel não tinha certeza de que seria capaz de voltar a ser aquela jovem dócil e recatada. Verdade seja dita, ela não queria. Não podia mais fingir ser uma tola de cabeça oca do que o príncipe regente poderia dar cambalhotas.

Mesmo agora, deveria se apressar para explorar cavernas que um homem havia ditado que ela não poderia explorar.

Ela olhou de soslaio para o horizonte. Sim, lá à distância, os cavaleiros se aproximaram, movendo-se rapidamente pela aparência deles.

Mas que droga. *Eu ainda não explorei a caverna.*

Emira relinchou. Os cheiros dos outros cavalos provavelmente foram levados até a égua com o vento.

Este seria o último passeio solo da Isobel. Disso ela não tinha dúvida. Sua Senhoria cuidaria para que ela não espirrasse sem a permissão dele. No futuro, sua sombra teria mais liberdade do que ela.

Como seu coração volúvel poderia ansiar por um homem assim, incomodava sua mente. No entanto, permanecia uma atração inexplicável, totalmente ilógica, não, era mais uma atração incontrolável, por ele.

Och, tal absurdo não fazia sentido.

Colocando uma mão sobre uma rocha para se equilibrar, ela deliberadamente chutou algumas pedras soltas. Isso deveria alertar qualquer coisa que residisse na caverna e encorajar a criatura a fazer uma saída apressada.

Com a ansiedade acelerando sua pulsação, Isobel juntou algumas pedras. Lançou-as na boca da caverna, e várias rolaram para dentro. Abaixando-se atrás de uma pedra, ela esperou, os lábios comprimidos e a respiração suspensa.

Nada.

Somente o grito gritante de uma águia dourada perturbou o silêncio.

Deixe de ser tão cabeça-dura.

Enquanto ela manobrava ao redor de uma pedra de forma estranha, ela escorregou e raspou o cotovelo.

— Ouch.

Agarrando seu braço, ela esperou que a picada afiada passasse.

Ela empurrou a capa do ombro e inspecionou a lesão. Gotas de sangue pontilhavam sua manga desfiada. Estremecendo, ela endireitou o braço e agarrou um aperto de mão final. Com um suspiro raivoso, ela pulou no chão e deixou as últimas pedras pesadas atrás dela.

Na ponta dos pés, andou o que restava até a abertura da caverna, ela entrou com cautela e olhou ao redor. Ela pulou para trás e tropeçou na pressa, aterrissando com força no traseiro. Um medo de parar o coração tomou conta dela por um momento.

Inferno, Hades, e purgatório também.

Ela tinha experimentado o maldito susto da sua vida.

Isobel tinha ouvido histórias de pessoas desmaiando ou se molhando de medo, mas descartou como sendo um disparate. Ela estaria repensando essa noção, já que quase fez as duas coisas.

O alarme e a dor a incitaram a se levantar.

Ela tinha contado cinco rolos de cama dentro. Alguém tinha usado a caverna como abrigo. Além da roupa de cama, os utensílios de cozinha, ossos descartados e uma fogueira extinta testemunhavam ainda mais esse fato.

Emira relinchou novamente, seguido pelo inegável som das vozes de homens e das batidas de cascos de cavalos. Não de Lorde Ramsbury e dos outros. Mesmo galopando como loucos, eles não poderiam ter chegado aos penhascos tão rapidamente.

O medo tornou a deixar Isobel imóvel. Querido Deus, e se os intrusos estivessem armados?

Claro que estão, cérebro de penas.

Suas razões para estar aqui não poderiam ser boas, ou então por que usariam a caverna?

O perigo ameaçava os que a seguiam, e ela culpava sua maldita cabeça dura. Por que tinha que ter sido tão egocêntrica e impetuosa? Lorde Ramsbury e os outros estariam armados, mas a menos que ela os avisasse, eles poderiam ser emboscados.

Fechando os olhos, ela respirou calmamente e se forçou a afastar o pânico.

As vozes dos homens aproximaram-se mais.

Isobel abriu os olhos e procurou um esconderijo ou um meio de fuga. Aquilo, do outro lado da caverna, quase escondida por urzes, era um caminho?

Que pena que ela tenha escalado o afloramento quando uma trilha levava à caverna. Há quanto tempo esses homens estavam usando-a, afinal? A pergunta mais pesada era, por quê?

Ela mordeu o lábio. Santo Deus, Lorde Ramsbury tinha razão. A menos que se escondesse entre as rochas, ela seria encontrada. Ela examinou rapidamente o afloramento. Acima dela, rochas projetadas criavam uma prateleira sombria. Seu manto deveria se misturar com as pedras.

Enfiando as correias da mala no braço, Isobel a carregou para as rochas. Com a bainha enfiada no cinto, ela saltou sobre as pedras. Tentou ouvir enquanto se movia silenciosamente e conseguiu fazer as duas coisas mal. As luvas protegiam as mãos, mas as botinas usadas escorregavam e deslizavam, fazendo com que seus joelhos batessem dolorosamente contra as rochas várias vezes.

Apertando os dentes, ela amaldiçoou sob o seu hálito como uma prostituta das Highlands. A mãe teria uma apoplexia se suspeitasse que Isobel possuía um vocabulário tão extenso de profanidades.

Seu cotovelo ferido protestou, e pedras morderam seus antebraços e panturrilhas. Suando e ofegante, ela se refugiou abaixo de uma fenda oferecendo proteção de cima e da maior parte do caminho ao seu redor.

Depois de puxar o capuz sobre a cabeça, ela limpou as gotas de humidade do lábio superior e da testa. Com o olhar fixo no lado exposto, ela removeu a adaga. Colocou o saco ao seu lado antes de se agachar numa bola.

O vento assobiava entre as rochas, e ela tremia.

— Ele *não pode* estar muito longe. Ele deixou a sua besta desamarrada. — A voz veio de poucos metros de distância.

Isobel vacilou, seu coração quase pulando do peito. Graças a Deus, eles não a tinham ouvido a subir pelas rochas. Muito devagar,

ela inclinou a cabeça para a direita. Uma rachadura entre as pedras lhe proporcionou uma visão parcial.

Quatro homens enormes vestindo plaids desconhecidos estavam agrupados a meros seis metros de distância.

Ela nunca tinha visto escoceses tão desgrenhados e desleixados antes, nem mesmo entre os Highlanders mais barulhentos.

Cabelos selvagens, emaranhados, pendurados nos ombros, cada um com uma barba espessa, e o peito e torsos com pelos. Exceto um deles, nenhum usava camisa, mas sim um colete de couro, com cinto na cintura. Pelos espessos cobriam os seus antebraços e pernas maciças expostas pelos seus kilts sujos.

Isobel engoliu sua repulsa e se concentrou nos homens.

O escocês vestindo uma camisa arranhou o peito, seu olhar aguçado perambulando pela região. — Deve ser um garoto. A sela parece ser pequena demais para um homem.

Fortemente armados, os homens assemelhavam-se aos bárbaros Highlanders das lendas antigas da avó Ferguson. Um segurava as rédeas de Emira.

Não, diabos.

Lutando contra as lágrimas, Isobel encostou sua testa contra uma pedra e rezou.

O que deveria fazer?

O homem de camisa parecia ser o líder deles. Ele apontou para Emira. — Baines, vá com Kilgore e amarre o animal além, na caverna, e depois se escondam com os outros. Peguem seus cavalos. Cavaleiros se aproximam e Dunbar disse que a moça de Farnsworth está com eles.

Isobel apertou o punhal.

— *Aye*, Angus.

— Och, então que seja assim. Precisamos de estar escondidos para agarrar a puta. Dunbar e os outros já estão nos pinheiros.

Ela ficou de joelhos, atrevendo-se a espreitar por cima de uma das pedras protetoras. Os do castelo deviam ser avisados. Ela se virou para se apressar para o chão, mas congelou enquanto o homem chamado Angus falou, as palavras dele flutuando para ela no vento cada vez mais forte.

— Matem os homens. Escondam os corpos deles numa caverna. A mulher não sofrerá nada de mal, certo?

Capítulo Treze

Abraçando as costas da Skye, Yancy lançou um olhar para os cavaleiros que seguiam atrás. Os outros, incluindo a Srta. Farnsworth, reclamaram atrás dele. A preocupação e o *ciúme*, se fosse honesto consigo mesmo, levaram-no a cavalgar com força na perseguição de Isobel, a insensata.

— Há os afloramentos aos quais Isobel costuma se aventurar." Com a voz elevada para ser ouvida acima do vento, Alasdair apontou para uma escarpada montanha de pedras a cerca de meia milha.

Enquanto ele falava, algumas gotas de chuva se espalhavam aleatoriamente pela terra. Uma tempestade se aproximava pelo aspecto das nuvens sempre crescentes no horizonte. Um movimento sobre a pedra prendeu a atenção de Yancy. E ele se atirou contra o forte vento que arranhava seu rosto.

Malditas Highlands inóspitas.

Ele não poderia partir para Inglaterra tão cedo como lhe convinha.

Um arbusto de forma estranha balançando, seus ramos atormentados abanando. Ele espreitou com mais atenção. O vento soprou contra uma figura ondulante e frenética.

Uma mulher.

Não uma mulher qualquer.

Isobel.

Ele levantou a mão. — Parem.

Os cavaleiros pararam.

— Por que estamos parando? — Gregor aproximou seu cavalo para o lado do de Yancy.

Os outros se aproximaram, e Yancy apontou.

— Isobel está balançando os braços, ali em cima daquele tronco. — Diabos o levem. Yancy tinha usado o seu primeiro nome sem pensar.

Apenas Harcourt notou e respondeu com um toque sardônico de sua boca.

Maldição, Harcourt o conhecia muito bem.

Como diabos ela tinha conseguido subir até o pico do afloramento? Isso é muito perigoso. Nenhuma outra mulher conhecida de Yancy tentaria fazer isso, quanto mais ter sucesso.

Ross arrancou sua montaria à frente, um sorriso idiota no rosto. — Acredito que a moça está acenando para mi".

Ele levantou os braços e os bateu imitando-a, como um gigantesco corvo na garganta da morte.

Gregor inclinou-se perto de seu irmão e murmurou pelo canto da boca. — E o poderoso Robert, o Bruce, usou um espartilho e uma touca de renda na batalha.

Alasdair riu. — E vermelho nos lábios também.

Acenando com entusiasmo, Ross disparou um olhar gelado sobre eles.

— Pare, seu idiota. — Yancy imobilizou Ross furiosamente.

Uma galinha sem cabeça possuía mais perspicácia que o escocês.

Harcourt olhou para Ross como se ele possuísse três cabeças. — Por favor me diga por que presume que ela está acenando uma saudação e não um aviso?

Com um franzir de sobrancelhas e torcendo sua boca, Ross deixou os braços caírem para os lados.

A égua da srta. Farnsworth empinou-se em um círculo nervoso. — Onde está a Isobel? Eu não a vejo.

Yancy voltou a colocar sua atenção no horizonte.

Isobel tinha desaparecido.

Sentidos afinados, sua coluna vertebral formigava em alarme. — Não gosto disto. Algo está em marcha.

Uma águia gritou alto entre as nuvens, fazendo do grito um sinistro aviso que confirmava a sua premonição.

Ele escaneou dissimuladamente a escuridão dos pinheiros à esquerda dos rochedos. Um brilho entre os troncos chamou-lhe a atenção.

Espada? Arma?

— *Aye*, meus pelos estão de pé. — Gregor, cuja expressão ficou tensa, escrutinou a área.

Alasdair agarrou o punho da sua espada e balançou a cabeça. — Alguém espera ali no bosque.

Yancy tocou seu punhal. — Por que, e está sozinho?

Mais importante, qual o perigo que ele representava para a Isobel?

— Aposto minha nova carruagem Barouche, que não é um cavalheiro solitário escondido no meio da vegetação. — Harcourt lançou um dedo indicador bem cuidado na direção do brilho misterioso.

Yancy inalou e tirou suas luvas. — Eles são idiotas para atacar cidadãos ingleses e escoceses sob a proteção da coroa, e nas terras de Sethwick, para começar. E ele os veria presos.

— Eu imagino que MacHardy lhes prometeu algo que faz o risco valer a pena". Harcourt seguiu o processo e tirou as luvas. Ele deu tapinhas no estômago. "Eu teria comido algo mais substancial esta manhã se soubesse que seria obrigado a me exercitar tão cedo no dia.

No sarcasmo de Harcourt, Yancy levantou uma sobrancelha. — Farei o meu melhor para garantir que volte a Craiglocky a tempo para o almoço.

Na sua pressa de perseguir Isobel, ele os tinha levado a uma armadilha?

Ele não questionava a capacidade de luta dos irmãos McTavish. Afinal, o pai deles era o chefe de guerra de Craiglocky. Diabos, ele poderia ter que chamar Duncan McTavish e seus homens para ajudar com esse negócio de clã de guerra.

A habilidade de Harcourt com uma lâmina ficava atrás apenas da de Sethwick, mas o que dizer de Ross?

Yancy olhou o sujeito rabugento e tentou imaginá-lo balançando um machado de Lochaber. Apenas um saco de ossos, uma forte rajada de vento poderia derrubar seu traseiro magricela.

As armas que a Srta. Farnsworth carregava seriam de pouca utilidade contra tiros. Além disso, seu pequeno grupo poderia estar em desvantagem numérica, provavelmente estava.

Ele não batia em mulheres impressionantes, mas quando pusesse as mãos em Isobel, seu traseiro deliciosamente

arredondado sofreria um rosado. Se não fosse pela mão dele, então pela do pai ou do irmão dela.

Ele estava levemente aliviado por saber que ela possuía uma mente astuta.

Maldição, ele precisava de Harcourt, Gregor e Alasdair com ele. Eles conheciam essas terras e tinham experiência em combates. Ross era do tipo que se perdia enquanto usava o penico.

Algo além da fixação do escocês com Isobel colocava os dentes de Yancy no limite. Por toda a inépcia de Ross, Yancy sentiu que havia mais no homem, e seu instinto gritava cautela.

Ele olhou na direção de Craiglocky e bateu com os dedos na coxa. Um cavaleiro experiente poderia fazer percurso até o castelo em dez, talvez doze minutos de cavalgada dura e estar de volta com reforços em menos de trinta.

Trinta minutos pareciam uma vida inteira quando a mulher que lhe interessava enfrentava um perigo desconhecido.

Yancy manobrou Skye para enfrentar os outros. — Se tentarmos alcançar a senhorita Ferguson através deste prado, somos alvos fáceis e podemos ser apanhados como faisões na neve.

Os restos de sua refeição matinal foram agitados em seu estômago. A cada minuto que eles demoravam, o perigo para Isobel aumentava.

Ele forçou suas emoções a se afastarem e se concentrou na estratégia.

O céu tinha escurecido para o mesmo tom de ardósia que o chão de rocha atrás deles. A chuva caía mais forte, grandes gotas geladas e salpicadas, que encharcaram seu casaco em minutos. Os odores pungentes da urze e da terra úmida se espalhavam sobre o vento.

— Existe outro caminho para esse afloramento? — Yancy inclinou a cabeça sem se virar.

— A*ye*, mas os caminhos são através da floresta ou livres ao redor do lago. Alasdair virou-se para a Srta. Farnsworth. — O tempo está ficando feio. Deve voltar para a Fortaleza.

Ela levantou o queixo delicado. "Obrigado por sua preocupação, Sr. McTavish. No entanto, vou esperar para ouvir o que Lorde Ramsbury sugere.

Sua resposta rude lhe rendeu um olhar de desaprovação de Alasdair, um sorriso de Harcourt e um bufo rude de Ross.

— Eu sou responsável por minha sobrinha, McTavish. Se alguém diz a ela o que fazer, esse alguém sou eu.

— Não fará tal coisa, tio. — Irritação brilhou em seus olhos. — Faria bem em lembrar que não é meu guardião.

A fúria contorceu as características de Ross. — Fará o que eu disser, ou...

— Deixa-a, Ross. — Harcourt contornou sua montaria para o lado do escocês, prendendo a perna do homem entre dois cavalos. — Antes que eu esqueça que sou um cavalheiro e que minha prima está presente

Antagonismo brilhava nos olhos de Ross.

Yancy agarrou as rédeas da Skye para não ter que dar um soco no homem, malditas sejam as gentilezas.

— Escuta, e escuta bem, Ross. Eu estou no comando aqui até Sethwick dizer o contrário. Você e sua sobrinha farão exatamente o que eu disser. — Yancy apontou para a senhorita Farnsworth. — Ela é a principal razão de eu estar aqui em primeiro lugar, e embora possa ter escapado a sua atenção, ela pode, mesmo agora, estar em perigo.

Os olhos da senhorita Farnsworth se alargaram e o rosto dela ficou sem cor, embora, para seu crédito, ela tenha devolvido o olhar dele com firmeza.

Ele colocou seu chapéu mais firme em cima da cabeça e deu um olhar desdenhoso a Ross. — Eu não tenho tempo nem paciência para uma postura orgulhosa. Entendeu?

O rosto de Ross ficou avermelhado, e ele abriu a boca para retorquir, mas um olhar de raiva da Srta. Farnsworth fez com que ele a fechasse.

Yancy apostava que o homem mordia a língua ou rangia os dentes em fúria.

A senhorita Farnsworth se mexeu levemente em sua sela. A pena, outrora saltitante em seu chapéu, caiu sobre a borda como um lagarto morto. — Perdoe-nos. Isobel está em perigo. O que devemos fazer?

Yancy lhe ofereceu um sorriso reconfortante. — Não acredito que eles tenham descoberto que a Srta. Ferguson está aqui...

— A menos que aquele idiota — Gregor apontou a mão grande para Ross — acenando com o braço como um corvo enorme e piedoso os alertou. — O desprezo palpável irradiava dele enquanto olhava para o Ross.

Yancy firmou seus lábios. — Sim, há essa possibilidade, mas não podemos ousar nos separar. Vamos todos cavalgar na direção do lago. Uma vez fora de vista, Harcourt, vá para a Fortaleza, se apresse em pedir ajuda, e alerte Sethwick.

Houve um tempo em que ele era membro do Corpo Diplomático da Inglaterra, a monarquia não possuía melhor rastreador do que Sethwick.

A grama mergulhava e balançava com o vento renovado, e a chuva escorria constantemente do céu, encharcando o chão e facilitando o rastreamento caso a necessidade surgisse.

— Ross, pegue sua sobrinha e volte para o castelo o mais rápido possível — ordenou Yancy. — E fique lá.

A senhorita Farnsworth inclinou a cabeça. — Irei direto para a capela para rezar pelo retorno seguro de Isobel.

— Ah, isso quer dizer que temos o privilégio de levar Sua Senhoria para aquela montanha de seixos. — Alasdair sorriu e piscou o olho para o seu gêmeo.

Gritos, seguidos de um berro aterrorizado, navegaram através do vento uivante. Um cavalo sem cavaleiro saiu da floresta.

.

Capítulo Quatorze

Depois que o grupo do Lorde Ramsbury parou no lado oposto do pântano, Isobel respirou com mais facilidade. Graças a Deus, ele a tinha visto acenando de cima do penhasco.

Ninguém poderia chamá-lo de estúpido. Um homem inferior poderia não ter ponderado suas ações. Mas Lorde Ramsbury não era um homem comum, e o Regente não o havia nomeado Secretário de Guerra por nada.

Então aquele decrépito, o Sr. Ross, tinha balançado os braços e alertou qualquer um que observasse os cavaleiros para a presença dela. Oh, se pudesse frustrá-lo, homem estúpido, estúpido. Ele possuía o bom senso de um nabo.

Isso não ajudará em nada. Deveria fugir rumo à liberdade e avisar ao Lorde Ramsbury da intenção dos assassinos. Se seus pais tivessem uma única noção de que ela estava escalando afloramentos e evitando renegados, eles a proibiriam de se aventurar além da ponte, de agora até o inferno brotar flores silvestres.

Isso não fazia diferença agora. Ramsbury iria cuidar para que ela nunca mais se aventurasse sozinha.

Isobel temia essa descoberta quando o escocês chamado Baines amarrou a égua a um galho a poucos metros da caverna. Emira a havia cheirado e torcido a cabeça na direção a Isobel, mas o intruso estava com pressa e não havia notado.

Emira levantou a cabeça, os olhos arredondados e alarmados.

— Shh, garota. Sou eu— sussurrou Isobel. A égua não podia entregá-la.

Mexendo e deslizando até a base da pedra mais uma vez, Isobel abandonou seu saco de suprimentos. Ele a atrasaria. Com o punhal aninhado em sua botina, ela conseguiu montar o cavalo. Com a tensão agitando seu estômago, ela guiou Emira cautelosamente ao longo do caminho. Cada passo que o cavalo dava ressoava ensurdecedor como um trovão.

Com as orelhas balançando para frente e para trás, a égua levantou a cabeça e soltou os músculos, como se ela também sentisse perigo.

O meio de fuga de Isobel estava ao longo de um caminho que levava pelos bosques que abrigavam os escoceses vilões. Pela graça de Deus, talvez eles não a notassem logo. Ela estava muito mais perto da rocha do que da abertura onde havia deixado a égua amarrada quando chegou.

Gotas de chuva banhavam seu rosto. Seu cabelo tinha se soltado e caia num emaranhado entrelaçado na nuca. O vento enrolava mechas ao redor de seu pescoço, e vários fios de cabelo ficaram grudados em seu rosto.

Ela os enfiou atrás das orelhas e espreitou para dentro das árvores.

Um coelho se estendeu sobre a trilha.

As orelhas de Emira se endureceram, e ela sacudiu a cabeça, recuando alguns metros.

A pulsação instável de Isobel acelerou enquanto ela acalmava a égua.

O prado era paralelo a estes bosques. Os intrusos, com a intenção de interceptar o Lorde Ramsbury, teriam suas costas para ela. Em alguns minutos ela passaria pelo perigo e ficaria com uma vantagem se os homens do clã a perseguissem.

E eles a perseguiriam.

Esses bandidos queriam matar seus entes queridos e raptar Lydia.

A culpa, aguçada e perfurante, agarrou sua barriga. Colocou em perigo aqueles que estavam a salvo. Exceto que, se não tivesse cavalgado adiante, não teria tropeçado neles. Talvez sua obstinação pudesse ser benéfica, afinal de contas.

Limpando a chuva dos seus olhos, o terror e o pulso de corrida de Isobel reduziram sua respiração a traços curtos.

Ela abriria mão de seu desejo de viajar se soubesse onde os intrusos tinham amarrado seus cavalos. Os dois ou três minutos necessários para que eles corressem para suas montarias poderiam dar a ela o tempo que precisava para escapar.

Embora ela tenha arriscado ser capturada, devia avisar Lorde Ramsbury. A boca secou como o Saara no verão, Isobel esticou os ouvidos e os olhos enquanto insistia gentilmente com a égua hesitante a seguir.

Ela não percorreu mais do que alguns metros cautelosos para dentro das árvores antes que dois escoceses gritando caíssem de cima para baixo. A égua saltou sobre o casco.

Gritando, ela chutou um homem no peito, batendo no seu traseiro.

O outro se aproximou do cavalo dela. Vários outros balançaram a terra, babuínos peludos gigantes, todos eles.

Puxando as rédeas de Emira, Isobel se esforçou para insistir para que ela passasse pela multidão que gritava.

Os homens agarraram o cavalo aterrorizados, e a égua bateu com a pata dianteira dela. Os olhos rolavam, Emira erguia-se.

Isobel agarrou a crina da égua enquanto a besta em pânico se encurralava. Erguida das costas da égua, Isobel voou pelos ares. Ela pousou com um grito estrangulado em cima de um dos pagãos.

O ar saiu dela, ela ficou atordoada. O gatuno debaixo dela prendeu seus braços ao redor de sua cintura. Não conseguia respirar. Ele fedia demais, e ela se amordaçou.

Com um guincho furioso e um chute de suas poderosas pernas traseiras, Emira saiu da mata. Agulhas de pinheiro e sujeira agarradas em seu rastro.

A mente de Isobel correu enquanto chutava e retorcia. Ela gritou, e depois gritou novamente. Certamente, seus gritos e a égua correndo do bosque alertariam o Lorde Ramsbury. Emira correria para a guarita, e um alarme seria dado quando chegasse sem cavaleiro.

Isobel unhava os braços em forma de tronco que a rodeavam. Como uma criatura possuída, ela batia os punhos, conectando-se com o queixo e o rosto de seu captor, pois seus cotovelos feriam as costelas e o estômago dele.

Ele grunhiu e amaldiçoou, mas o seu abraço apenas apertou.

Ela arfou contra a dor. Suas costelas teriam contusões fortes se não quebrassem devido à pressão. Ao se levantar, ela bateu com seu cotovelo nas bolas dele.

— Maldita puta, sua puta. — Ele a jogou de lado, e gemendo, agarrou sua virilha.

Gargalhadas sinceras e gritos alegres ecoaram ao redor da mata pelos dez homens ferozes que a enfrentavam.

Isobel recuou até que o tronco sólido de uma árvore a parou. Tentou se recuperar, se comprometer o máximo possível com a memória.

Dois ciganos das Highlands ficaram além dos escoceses. Expressões sombrias, seus olhares sombrios a varreram. Um brilho de bondade, ou talvez remorso, cintilava em seus olhos.

Os tinkers *haviam* colaborado com os rebeldes.

Ela franziu o cenho. Com certeza, já tinha visto esses homens antes. Será que eles a reconheceram?

— Pegue os cavalos. Agora. — O homem chamado Angus voou em direção a Isobel, espada na mão.

Dois homens correram para fazer a sua vontade.

Eu vou morrer.

Petrificada, Isobel engoliu convulsivamente.

Contorcido em fúria e marcado por uma cicatriz deformada desde sua barba marrom-avermelhada até o canto de seu olho esquerdo, o homem chamado de Angus rivalizava com o rosto de demônios que ela havia visto retratados em livros religiosos.

Certamente, ela enfrentava o próprio demônio.

Seu olhar de ébano sem emoção se abateu sobre ela. Agarrando seu cabelo, ele a puxou para que ficasse de pé.

A dor excruciante lancinou seu couro cabeludo, e Isobel gritou. Ela se agarrou à grande mão enredada em seu cabelo.

— Cale a boca. — Ele a sacudiu violentamente e lhe deu um tapa na boca.

A cabeça dela girava vertiginosamente. Manchas pretas dançavam diante dos seus olhos. O amargor do cobre encontrou sua língua, apesar do sangue derramado sobre o seu queixo. Ela lutou para ficar consciente.

A mão dele bateu nos punhos dela, o líder balançou seu olhar calvo para os homens. — Dunbar, ela é a moça Farnsworth?

Isobel mordeu a língua para abafar o suspiro, mas um pequeno som escapou.

Oh, meu Deus.

O líder olhou-a com uma carranca perfurante.

Ela e Lydia se pareciam vagamente uma com a outra. No entanto, qualquer um que conhecesse uma delas não confundiria uma com a outra. Isobel desviou o rosto dela. Se os viajantes a reconhecessem e a entregassem, seria o mesmo que estar morta.

— Dunbar, levanta o teu rabo. — Angus apontou sua espada para Isobel. — Ela é a mulher certa?

O homem em quem ela tinha aterrissado lutou para ficar de pé. De joelhos e segurando sua virilha, ele olhou fixamente para ela. Se arrastou para ela e, sem pressa, a mediu das botas aos cabelos.

— *Aye*, Angus. Ela é do tamanho certo, e ela é uma moça de *muito bonita*. — Ele lambeu os lábios, um brilho lascivo em seus olhos verdes pálidos.

Isobel ousou dar uma olhada nos outros pelo canto do olho.

Eles a olhavam, com uma luxúria gravada em seus traços grosseiros.

Tremendo, ela deixou cair o olhar.

Dunbar ousou agarrar um punhado de cabelos e passar seus dedos pelos fios. — Ela também tem cabelos escuros.

Ela afastou a cabeça e deu um olhar furioso para ele.

Molhado, o cabelo dela parecia mais escuro, mas Lydia possuía cabelos de zibelina.

— E a mulher lá fora? — Angus apontou sua espada curta na direção da charneca.

Dunbar encontrou o olhar fixo e atento de Angus.

— Eu não sei. Talvez ela seja um dos Fergusons? Craiglocky é cheio de mulheres jovens e bonitas. — O seu olhar lascivo voltou a olhar para Isobel. — Poderíamos pegar a outra moça também. Nós teríamos uma *puta* até chegarmos a Dounnich.

O desejo básico tingia suas palavras.

Angus empurrou sua espada ameaçadoramente, o fio descansando sobre o pomo-de-adão de Dunbar. — Levaremos apenas uma mulher. E é bom que ela seja a moça pela qual MacHardy pagou. Sabe o que está em jogo.

Dunbar fez um movimento para Isobel. — Essa aqui. Ela está usando preto, como me disseram que usaria.

Um traidor em Craiglocky? O olhar dela colidiu com o de Dunbar. — Quem te informou sobre isso?

— Eu mandei calar a boca. — Angus balançou seu punho carnudo.

Capítulo Quinze

Isobel.

Yancy balançou Skye na direção do grito, com a intenção de atacar diretamente a floresta, com cuidado. Momentos depois, oito escoceses rugiram das árvores.

Seus plaids os identificaram como Blackhalls e MacGraths.

Ele jogou fora seu chapéu. "Saque suas armas".

Desabotoando seu casaco com uma mão, ele rapidamente soltou sua espada com a outra. Segundos depois, um coalho descaído da sela, uma flecha no fundo do peito.

Ele jogou fora seu chapéu. " Saquem suas armas".

Desabotoando seu casaco com uma mão, ele rapidamente liberou sua espada com a outra. Segundos depois, um desabou da sela com uma flecha no fundo do peito.

Com a boca aberta, Yancy dirigiu sua atenção para a senhorita Farnsworth. *Diabos me levem*.

Com a concentração severa gravada em seu rosto, ela deixou voar com outra flecha. Suas narinas queimavam enquanto ela acertava sua marca no alvo, e outro homem tombou no chão.

Espadas desembainhadas, Alasdair e Ross a flanquearam enquanto Gregor e Harcourt tomaram posições ao lado de Yancy. Os homens esperavam suas ordens.

— Ross, Harcourt, tirem-na daqui. — Yancy apontou a espada para a senhorita Farnsworth. — Srta. Farnsworth, vá. Agora. Nós vamos segurá-los.

— Eu posso ajudar. — Ela fez pontaria mais uma vez, e com notável precisão, mandou um terceiro escocês para o inferno.

— Maldita mulher, faça o que eu digo. — Yancy não queria nada disso. Ele já tinha uma mulher desafiadora para resgatar. Não precisava de outra.

Alasdair colocou uma mão em seu braço. — Vai, moça. Eu *não posso* lutar se *eu souber* que está em perigo.

Mordendo o lábio, ela deu um aceno agudo.

— Deus te proteja. O olhar dela varreu a todos. — Todos vocês.

Harcourt sorriu tortuosamente para Yancy. — Eu não vou embora.

Os escoceses se cansaram deles.

Ross pegou as rédeas da senhorita Farnsworth e as entregou a ela. — Lydia, mexa-se.

Com uma última olhada nos homens que atravessavam a charneca, a Srta. Farnsworth e Ross giraram suas montarias e trovejaram para longe.

Debruçada na sela, ela olhou de volta para eles. — Enviaremos...

O vento furioso roubou o resto de suas palavras.

Espada erguida, Yancy desviou sua atenção da ameaça que se aproximava e encontrou o olhar calmo de Harcourt. — Eu não confio no Ross. Você confia?

As sobrancelhas de Harcourt dispararam um v, e ele se torceu na sela para olhar fixamente para a forma de sua prima que se retirava.

— Diabos, eu também não. — Embainhando sua espada, ele fez uma saudação afiada. — Tente não se deixar matar, Yancy.

— Cinco a três. Parece injusto para mim, irmão. — Gregor acenou com sua lâmina para os homens que se aproximavam.

Não são as melhores probabilidades, no entanto Yancy tinha apostado e vencido contra muito piores.

— *Aye*, mas *não se zangue* com a moça por ter despachado três dos malditos ratos. — Alasdair piscou o olho para o seu gêmeo. — Ela estava tentando ajudar, não estragar nossa diversão.

Emitindo um grito de batalha selvagem o suficiente para fazer os cabelos na parte de trás do pescoço de Yancy ficarem arrepiados, os irmãos McTavish se adiantaram.

No frenesi seguinte, Yancy veio a apreciar muito mais os parentes de Sethwick. Enquanto ele lutava com um bruto monstruoso, cada um deles cortava um touro de um homem.

— Vamos lá, *Sassenach*. — O escocês zombava enquanto lutava com Yancy. — *Não* é páreo para um Blackhall.

— Talvez, não em brutalidade. — Yancy cortou o antebraço do gigante. — Mas como um dos meus cochilos é maior que seu cérebro, o resultado é certo.

O escocês rosnou e balançou a arma de forma selvagem.

A leve constituição de Yancy permitiu que ele manobrasse muito mais rápido, e embora repelisse cada um dos poderosos golpes do escocês que ameaçavam deslocar o ombro de Yancy, ele esperou pelo momento oportuno.

Espada erguida bem alto, um sorriso presunçoso rachando seu rosto largo, o escocês arremeteu. — Diga uma oração antes de eu mandá-lo para o inferno.

— Melhor que você diga uma. — Yancy enfiou e retorceu sua lâmina entre as costelas do homem.

O espanto varreu o rosto do Blackhall antes de seus olhos brilharem. Ele caiu na terra encharcada, enviando lama em todas as direções.

Yancy girou para ajudar os McTavishs.

Ambos agora batalharam a pé, seus oponentes eram tão grandes quanto os enormes e sorridentes gêmeos.

Desmontando, Yancy pegou seu punhal e se preparou para entrar na briga, se Alasdair ou Gregor precisassem de ajuda. Ele não precisava ter se incomodado.

Menos de um minuto depois, os bandidos restantes estavam deitados olhando para o céu tumultuado, a chuva molhando em seus olhos nublados.

Molhados e salpicados de sangue e sujeira, os irmãos riram e se abraçaram. Com uma palmadinha final nas costas um do outro, eles se aproximaram de seus cavalos.

Yancy tirou os cabelos da testa e virou-se para fazer o mesmo. Tiveram sorte. Os Blackhalls e MacGraths haviam conquistado sua reputação de lutadores impiedosos.

Um grito grosseiro soou.

Ele girou para lá. Um escocês ferido apontou uma pistola para as costas de Gregor.

— Gregor! — Yancy disparou em direção ao MacGrath.

Gregor rodopiou para enfrentar Yancy e depois mergulhou para a sua esquerda. A bala bateu em seu lado. Ele convulsionou e desmaiou.

Com um movimento do pulso, Yancy mandou sua lâmina para dentro do pescoço do renegado.

Queime no inferno.

Antes que o morto mergulhasse, de frente para a sujeira, Yancy saltou para Gregor.

Angustiado no rosto, Alasdair agachou-se acima do irmão, pressionando as mãos para o lado carmesim de Gregor.

Gregor estava deitado cinza e inconsciente. Um ferimento desagradável, paralela à linha do cabelo, sangue derramado. Ele tinha batido com uma pedra quando caiu.

Yancy caiu de joelhos. — Será que ele...

O Alasdair abanou a cabeça. Com a voz fraca, ele conseguiu murmurar, — Nae, mas preciso de levá-lo para a Fortaleza.

O Yancy despiu o casaco e depois o colete. Ele desfez a sua gravata. — Aqui, podemos usar o colete como atadura e amarrar o tecido ao redor de suas costelas.

Uma vez que tinham fixado o curativo improvisado, Yancy tirou o cobertor e o cesto da sela de Alasdair. Ajudou a içar o Gregor para as costas do cavalo.

O Yancy recuperou a montaria do Gregor. — Ele vai segui-lo, ou preciso amarrá-lo ao cabresto?

— Ele vai seguir. — Braços enrolados à volta do irmão, Alasdair franziu o cenho. — Não voltará para o castelo?

— Não. Isobel está lá fora, sozinha e sem dúvida aterrorizada. — Yancy prendeu o cesto e o cobertor na parte de trás de Skye antes de se balançar para a sela. Ele bateu no ombro do Alasdair. — Leve seu irmão para casa, e peça a Sethwick para enviar um grupo de busca.

Yancy conduziu o Skye para a floresta. — Eu vou atrás dela.

Capítulo Dezesseis

Isobel forçou seus olhos de chumbo a se abrirem, lamentando instantaneamente fazer isso. A agonia esmagadora martelou seu crânio e mandou uma onda de náusea raspando a garganta dela. Ela tentou engolir a bílis em chamas, mas um pano imundo enfiado na boca e amarrado atrás da cabeça dela dificultou a tarefa.

O rosto e o lábio inferior doíam. As memórias caíram em sua cabeça. Ela tinha apanhado na face por aquele demônio de homem. Ele também tinha arrancado o cabelo dela, o que explicava a dor atrás de sua cabeça.

O que foi feito de Yancy e dos outros? Estavam mortos?

Uma onda de culpa a invadiu. A culpa por colocá-los em perigo recaiu sobre ela. Suas lágrimas escorriam dos cantos dos olhos, enquanto as dores queimavam seu peito com uma intensidade brutal, ela temia sofrer uma convulsão.

Deveria tê-lo ouvido.

Ele não tinha tentado controlá-la, mas pretendia mantê-la segura. Se ele e Ewan não tivessem sido tão protetores e dissessem a ela sobre suas preocupações, não teria sido tão teimosa.

Por favor, Deus, que fiquem a salvo. E, por favor, mande alguém para me ajudar.

Os renegados haviam ousado invadir as terras de Ewan, com intenções assassinas. Algo poderoso os levou a correr um risco tão monumental.

Oh Deus, eles pensam que eu sou a Lydia.

O que fariam seus sequestradores quando descobrissem que tinham a mulher errada?

Isobel tentou engolir de novo, mordendo o trapo. Ela nunca havia tido tanta sede em sua vida. O terror secou ainda mais sua boca. Tentou tocar seu rosto que latejava e encontrou suas mãos amarradas para trás.

O nó está mais apertado do que um ganso de Natal.

Ela sacudiu os dedos e pulsos, ofegando conforme se espalhava uma dor nos cotovelos.

Um odor úmido e terroso permeava o ar. Uma rajada de ar frio a soprou, e ela tremeu. Devia estar ao ar livre, e pelo material pegajoso agarrado a ela, imaginava estar molhada como um tecido de lã acabado de lavar.

Do refrão dos sapos, que iam e vinham, um lago deveria estar por perto. Uma outra torrente de medo se abateu sobre ela.

Será que seus sequestradores queriam profaná-la? Viu a fome em Dunbar e os olhares lascivos dos outros escoceses. Se eles descobrissem que não era Lydia, eles a arrebatariam em menos tempo do que o necessário para colocar manteiga no pão.

O terror espremia suas costelas, e ela não conseguia respirar.

Não, ela não entraria em pânico. A calma e a razão deviam ser as suas armas. Se ao menos tivesse ficado consciente enquanto viajavam, ela teria uma ideia da sua localização e possíveis rotas de fuga.

Forçando seu corpo a relaxar, Isobel respirou com força e contou até dez, depois exalou pouco a pouco. Devia estar atenta ao seu corpo. Ela se meteu nesta confusão; poderia muito bem ter que sair dela sozinha.

Primeiro, aonde ela estava?

Ao abrir uma pálpebra, ela observou o seu entorno. Estava em uma pequena caverna, não muito mais do que um buraco na encosta, quase não tinha tamanho suficiente para se estender totalmente.

Virou cuidadosamente a cabeça em direção ao murmúrio frenético das vozes masculinas.

Alguns metros além da entrada da caverna, seus raptores estavam sentados diante de uma fogueira comendo o que parecia ser um coelho assado. Um par de cavalos sonolentos estava amarrado a um pinheiro ao lado de um riacho.

Onde os ciganos foram parar? E os outros escoceses?

A julgar pelas poucas estrelas visíveis entre as nuvens espessas e as copas de árvores escarpadas, a noite já havia caído há muito tempo. A tempestade havia passado enquanto ela esteve inconsciente.

Até onde haviam viajado? Evitando as estradas principais e com mau tempo, carregando uma mulher adormecida, eles não poderiam ter percorrido mais de dez milhas.

Um dos seus captores levantou um frasco para os lábios e tomou um longo golpe. Ele arrotou com força e ultrapassou o vento.

Angus.

O outro gargalhou antes de arrebatar o frasco e engolir avidamente o conteúdo.

Dunbar.

Sufocando um gemido, Isobel conseguiu rolar de seu lado. As cordas apertadas amarrando seus braços e pernas rasgavam sua carne. Os renegados não se arriscavam com a possibilidade de que ela escapasse. Ela teria marcas por vários dias, talvez até cicatrizes permanentes.

Algo fez cócegas na palma de sua mão. Ela soltou um grito fraco e lutou até se ajoelhar. Juntando as mãos, ela tentou desalojar a criatura, sem dúvida uma aranha peluda ou outra praga repulsiva e rastejante, que ela não queria nem imaginar.

Angus desviou sua atenção para ela, sua expressão era ilegível. Depois de arrancar uma perna do animal que estava comendo, ele se levantou e tirou um punhal do cinto.

Dunbar deu a ela um olhar de soslaio e agarrou sua virilha, colocando entre suas mãos. Ele riu e tomou um gole de seu frasco enquanto se acariciava.

Bêbado nojento.

Repugnância e medo palatáveis atacaram Isobel. Ela se sentou nos calcanhares e encolheu as pernas dormentes enquanto protestava contra a adição de peso.

Angus subiu a suave encosta até a caverna, a perna de coelho em uma mão, a lâmina feia na outra. Será que ele queria jantar enquanto se desfazia dela?

Ele se curvou para entrar no buraco, sua grande estrutura preenchendo o espaço. O odor fétido de seu plaid, combinado com o suor do corpo e a gordura rançosa em sua barba, fez com que o estômago dela se revoltasse.

Ele sorriu como se estivesse lendo seus pensamentos e jogou a perna de coelho carbonizado no colo dela. — Vire-se. Vou soltar

suas mãos.

Isobel se ajoelhou e ofereceu as costas.

A lâmina fria cortou a corda que amarrava seu pulso. Ela gritou com a sensação de recuperar as mãos adormecidas. Mil brasas quentes, finas, agulhadas, picaram seus dedos.

— Coma. Cavalgaremos em dez minutos. — Angus voltou para o fogo.

Ao cair no seu traseiro, ela esfregou os pulsos até que a dor mais extrema recuasse. Desatou a mordaça e recuou. O tecido arrancou o sangue seco, endurecido no canto de sua boca.

Ela passou a língua ao longo dos dentes. Parecia que estava tudo ali e nenhum estava solto. Ao tocar com a ponta da língua na área dolorida da boca, encontrou os lábios mais rachados do que esperava.

Arrepiando-se nos músculos que protestavam, ela se inclinou para frente e desatou o nó que segurava seus tornozelos, enquanto observava os homens disfarçadamente.

Eles pretendiam cavalgar à noite.

Aqueles que estivessem atrás dela achariam mais difícil segui-los, e ela dificilmente seria capaz de memorizar a rota que eles percorriam.

Uma coruja piou, os ecos ensombrados e solitários.

Não se importava muito com as corujas. Não que acreditasse no absurdo de ser uma ave pressagiadora da morte ou que ver uma à luz do dia trazia má sorte.

Usando a parede da caverna como suporte, Isobel ficou de pé. Seu tornozelo torceu após a violenta conexão com o peito de tijolos do escocês que ela havia chutado na mata.

A perna de coelho esquecida rolou para o chão. Ainda bem. Ela duvidava que seu estômago rebelde retivesse qualquer coisa sólida.

Com as pernas trêmulas, ela balançou como se estivesse tonta. Fechando os olhos, ela levou uma mão trêmula até a testa. A fraqueza feminina devia ser enforcada. Suavemente sondando sua bochecha inchada, procurou por ossos quebrados.

Santo Deus, o rosto e a cabeça dela doíam.

Teria sofrido uma concussão? Se sim, montar tão cedo era pura tolice, mas que escolha ela tinha?

Ousou um pequeno suspiro. Estes demônios não iam atrasar a viagem deles porque estava doente. Angus, sem dúvida, a atiraria, de barriga para baixo, atrás de uma das selas e amarraria suas mãos e pés.

Imagine o que isso faria com ela, já com a cabeça latejante e o estômago revolto?

A determinação obstinada a impelia para a entrada da caverna.

Os homens fizeram uma pausa e olharam para ela.

— Posso pegar água do riacho? — Com medo de tombar, ela não se atrevia a apontar. — E também preciso de um momento de privacidade.

A mortificação a inundou. Discutir algo tão íntimo com completos estranhos, especialmente homens dessa laia, escória.

Dunbar soltou uma risada lasciva. — Eu te levo para os arbustos, moça.

A Isobel fez uma carranca sombria. O homem era um verdadeiro porco, e ela não gostaria de nada melhor do que vê-lo atravessado. Ou talvez, dada a oportunidade, ela mesma o fizesse. Sua habilidade em empunhar uma lâmina não a envergonhava.

Minha adaga.

A lâmina passou despercebida e continuava presa na sua bota? Ela mexeu o tornozelo um pouco mais.

Sim.

A sabedoria pesou contra a vontade de sacar a arma de uma só vez.

Espere. Não terá duas chances, e não poderá enfrentar esses dois bárbaros de uma só vez.

— Isso será suficiente. Ela inclinou a cabeça um pouquinho na direção de alguns arbustos na altura dos ombros através do riacho estreito.

— *Merda,* agora estou brincando de criada de donzela. — Angus se levantou mais uma vez. Resmungando, ele se dirigiu aos cavalos onde recuperou um comprimento de corda.

Sentindo-se um pouco mais forte, Isobel balançou alguns passos além da caverna. O ar noturno, apesar de vivo, fez muito para reanimá-la. Assim como o conhecimento de que sua adaga estava dentro de sua bota.

A coruja se agitou de novo, sua chamada sinistra enviou um tremor sobre seus ombros.

Apertou as mãos contra si mesma. — Para onde estão me levando?

Rasgando um pedaço de carne com os dentes, Dunbar sacudiu a mão para o norte. — Para casa, por enquanto.

Angus voltou, desenrolando a corda. — Levante os braços.

Ela os levantou com relutância. — O que pretende fazer?

— Isto. — Ele fez um laço na linha da cintura dela.

Rígida como as costas da Sra. Bracegirdle durante os sermões de domingo, Isobel achatou os lábios e olhou por cima do ombro dele enquanto seu peito pressionava o dela, deliberadamente, podia jurar.

Depois de dar um último puxão, ele puxou vários braços de corda livres da bobina.

— Vá em frente.

Isobel tocou a contenção áspera, raiva e descrença moderando seu discurso. — Realmente vai me amarrar enquanto eu bebo água e me alivio?

— A*ye*, se quer privacidade. Ou então deixarei o Dunbar acompanhá-la. — Um risinho desprezível saiu dele.

Cretino.

Erguendo os ombros, ela levantou o queixo e seguiu seu caminho por trás de alguns arbustos de baixa altitude que beiravam a patética desculpa de um riacho. Nada como expor seu traseiro para o mundo ver.

Depois de cuidar de seus assuntos pessoais, quase tombando sobre o rosto duas vezes por causa de uma vertigem, se agachou diante do riacho e colocou água em sua boca. O líquido frio tinha um sabor maravilhoso, e ela bebeu bastante.

Molhando a borda do manto, tentou lavar o rosto com cuidado. Sem um espelho, não tinha certeza de ter limpado o sangue, mas a água fria deveria ajudar a reduzir o inchaço.

Suavemente dando tapinhas no lábio cortado, ela olhou para o fogo.

Os homens estavam absortos em uma conversa intensa e sussurrada, ou talvez em uma discussão, que se dirigia a ela de vez

em quando. Dando as costas aos homens, ela rasgou uma tira de seu chemise. Pendurou o pedaço em um galho fora da vista deles e rapidamente arrumou algumas pedras do tamanho de uma mão em uma flecha apontando para o norte.

— Ainda não acabou, pelo amor de Deus? — Angus puxou a corda, sua voz dura cortando através da noite.

Segurando a última pedra, Isobel congelou. — Sim, estou indo.

Ela deu alguns passos, sacudindo a saia e o manto para distraí-los.

Um pouco depois, após cobrir a fogueira, Angus montou seu cavalo.

Dunbar a alcançou. — Suba, moça.

Isobel afastou as mãos dele.

— Não vou cavalgar contigo. Vou a pé. — Ela se aproximou mais e passou por ele apenas para se abalar quando a corda cortou seu estômago.

Angus balançou a ponta, um sorriso cruel curvando sua boca. — Nae, não irá a pé. Parece que cairá se espirrar. Está perto de cinquenta milhas até Dounnich, e nós estamos com pressa.

Ele havia revelado seu destino.

Tão típico dos homens, subestimando uma mulher. Podia não ter viajado muito, mas tinha estudado muitos mapas. Mais algumas pistas e ela determinaria sua localização exata.

Ele se inclinou para frente e descansou o antebraço sobre sua sela. — Ou me deixa levantá-la diante de mim moça, ou cavalga com ele. A escolha é sua.

Com as mãos em punhos e dentes cerrados, Isobel optou por Angus. Não tinha escolha. Montar com Dunbar colocava sua virtude em sério risco, mesmo em cima de um cavalo. Ele a molestaria durante toda a viagem.

Dunbar se balançou para a frente. Puxando-a para os braços dele como se ela não pesasse mais do que um bebê, aproveitou a oportunidade para tocar seus seios e suas coxas. Apalpando o traseiro dela, ele a plantou de lado no cavalo de Angus.

— Tire suas mãos sujas de cima de mim. — Isobel bateu as pernas dela no peito dele.

Ele saltou, uma promessa lasciva em seu olhar assustador.

Ambos os homens gargalharam.

— Posso montar um cavalo sozinha, cavalheiros. — Com os ombros endurecidos de raiva, ela desejou-lhes uma viagem rápida até o nível mais baixo do inferno.

— Nós não somos cavalheiros, moça, e eu venci e neguei ao Dunbar um pouco de diversão. Ou a mim também. — Angus enterrou o rosto no cabelo dela. Ele assobiou alto e apalpou seus seios. — Cheira a primavera e a flores.

Você cheira como se alguma coisa tivesse morrido e se instalado na sua barba de rato.

Sua pele ficou presa ao seu fedor e ao seu manuseio lascivo. Ela temia por sua virtude. Não havia um pingo de decência ou valor em nenhum desses homens.

— Não me lembro de uma moça que cheirava tão bem. — Como um cão de caça mal educado, ele a farejou novamente.

— Garanto que o mesmo não pode ser dito de você ou de seu amigo. — Isobel afastou a mão dele e enrugou seu nariz, sufocando uma mordaça.

Outro estrondo de gargalhadas irrompeu de Angus. — Maldição, se eu não tivesse prometido que te entregaria a MacHardy, eu te guardaria para mim mesmo.

Era a segunda vez que ele mencionava MacHardy, o desgraçado por trás do tumulto com Lydia. O barão ficaria furioso quando descobrisse que eles haviam sequestrado a mulher errada. Dada a sua reputação, Isobel tinha que escapar antes disso.

— Por que não *se casa* com a moça? Pode ser que não seja o Laird, mas é o chefe de guerra, e tem mais a dizer sobre isso do que o Laird no clã. — Dunbar limpou seu nariz no braço antes de montar seu cavalo.

Ele inclinou Isobel um olhar calculista. — *Não pode* ser feito o mesmo se *não se casar* com a moça?

Ela cerrou os dentes para abafar seu guincho de horror.

Angus olhou para Dunbar por um momento extenso e inquietante.

Os sapos também tinham ficado estranhamente silenciosos.

A maldita coruja começou novamente. Seus nervos estavam mais esticados do que o tendão de Artemis.

O olhar de Angus mergulhou no rosto dela, e pela primeira vez, ela viu algo tremeluzir nas profundezas dos seus olhos invernosos.

Ele está realmente considerando isso?

Ela preferia morrer.

— Não vai tirar isso? — Isobel puxou a corda.

Saltar do cavalo e correr pela mata era um verdadeiro apelo no momento, as consequências eram malditas.

— *Aye*, se prometer não tentar correr. — Angus dirigiu o cavalo entre duas árvores. — Eu teria que nocauteá-la novamente.

Ela se retorceu para olhar para ele.

Seus olhos, mais uma vez sem emoção como os de uma pessoa morta, lhe devolviam calmamente o olhar.

Ele a *atingiria* de novo, sem nenhum escrúpulo. E provavelmente também desfrutaria disso. Ela tinha ouvido falar de homens como ele; homens que gostavam de bater em mulheres.

Angus não era um homem para subestimar. Sua maldade penetrava na alma dele. Se ainda não a tivesse vendido ao diabo.

— Senhor...?

— Apenas Angus servirá.

— Angus, sou uma mulher educada. Acha mesmo que eu iria me atirar sozinha para dentro desta floresta? " Ela estremeceu delicadamente e apertou a garganta, alargando os olhos de uma maneira que esperava que a fizesse parecer vulnerável.

" Há todo tipo de animais selvagens lá fora. Ela fez sua voz tremer e se engasgou com um falso soluço enquanto balançava uma mão em direção às árvores. " Se eu fosse tão tola, como eu encontraria o caminho para casa? Eu precisaria da orientação de um homem, com certeza.

Tanto quanto ela precisava de um homem para ajudá-la a vestir as meias ou ganhar um jogo de xadrez.

Os olhos verdes de Lorde Ramsbury, brilhando de diversão durante o jogo de xadrez, interromperam a sua brincadeira.

Lágrimas reais, induzidas pelo remorso, deixaram os olhos dela perdidos.

Ele não pode estar morto. Mesmo que ele fosse um patife sem vergonha. *E meu coração insensato está voltado para ele.*

Angus grunhiu e encolheu os ombros, o movimento liberando uma nova onda de afagos e forçando o seu devaneio de volta ao presente.

Ela bateu seus cílios e fez um biquinho com a boca. — Eu seria uma imbecil para tentar escapar.

Um ator da Drury Lane não interpretaria melhor.

— *Aye*, isso é verdade. - Angus arranhou o rosto, coçando a barba com unhas incrustadas de sujeira.

Ela estreitou os olhos, tentando ver entre as cerdas de pelos. Será que o arbusto rebelde tinha piolhos? Ela se afastou enquanto outro tremor se espalhava pela sua carne.

Demônios, ele havia tocado seu cabelo.

Agora, estaria coçando a cabeça, imaginando a horda de minúsculos insetos que se arrastariam para viver lá. O que não daria por um banho e uma maneira de lavar seu cabelo.

A enorme mão de Angus assentou sobre um seio, beliscando o mamilo. Ela o empurrou em meio à risada dele. Se a barba dele abrigava um monte de vermes, era a menor das preocupações dela.

Os captores de Isobel cavalgaram duro, mal parando o tempo suficiente para os cavalos descansarem. Desespero, sombrio e assustador, atormentavam-na enquanto avançavam. Milha após milha, ela se distanciava mais de Craiglocky, e não detectava um único sinal de que alguém os seguia.

Nenhum cavalo tremulando ao longe; nenhuma gavinha fumegante em espiral para o céu; nenhum súbito abafamento inexplicável do canto dos pássaros, ou a tagarelice de esquilos vermelhos ultrajados.

Dunbar deixou escapar o nome de seu clã em menos de vinte e quatro horas de viagem. Denso como couve minhoca, o cachorro gabou-se da promessa de MacHardy de dar aos Blackhalls uma porção das terras de Farnsworth por entregar Lydia em segurança ao barão.

Isobel continuou a rasgar tiras de seu chemise para deixar como sinalizadores, e sempre que tinha a oportunidade, usava paus, pedras, até ossos de suas refeições, para formar flechas ou palavras grosseiras.

Alguém poderia ver suas pistas? Ninguém tinha estado em campo aberto, para que Angus ou Dunbar não o apanhassem.

Depois de parar para se aliviar tarde na noite passada, Isobel ousou se arrastar alguns metros para longe de Angus.

— Pare aí mesmo. O rosto dele era uma máscara de fúria, e ele a atacou. Ele circulou a garganta dela com a mão mamute e apertou os dedos até que as lágrimas lhe esmoreceram nos olhos. — Esteja avisada, moça. Se tentar correr, eu quebro suas pernas.

Lutando para respirar, ela arfou e arranhou os dedos dele.

Zombando maldosamente, ele a soltou. — O barão só se preocupa que se case e durma com ele. Não precisa ser capaz de andar.

Capítulo Dezessete

Dolorido da sela após dois dias de cavalgada rigorosa, Yancy levou Skye a uma parada diante do casebre de um corvineiro decrépito. Muito cansado, ele desmontou e deu uma palmadinha no pescoço do castrado.

— Muito bem, velho amigo. — O cavalo soprou uma rajada de fôlego, sem dúvida tão exausto quanto o seu dono. Provavelmente tão faminto quanto o seu dono.

O coração de Yancy exigia que ele prosseguisse até não poder mais ver, mas a sabedoria e o medo pela segurança de Skye, insistiram para que ele parasse para passar a noite.

Ele havia encontrado o saco de suprimentos de Isobel e os adicionou ao estoque do piquenique. Ele também havia encontrado o esconderijo dos escoceses na caverna e se serviu de utensílios de cozinha, do cobertor menos sujo, da pouca comida que eles tinham armazenado, e, os santos sejam louvados, duas garrafas de uísque.

Por que diabos eles tinham ficado escondidos em uma caverna, por vários dias, talvez semanas? Instinto lhe disse que alguém no castelo, ou talvez com acesso a Craiglocky, estivesse envolvido.

Yancy engoliu um rosnado frustrado e enfiou a mão no seu cabelo. Não estava tão equipado quanto gostaria, não tinha bálsamo, pois estava com dor no traseiro, pelo menos tinha algumas reservas, e elas seriam suficientes para alguns dias.

Os escoceses estavam quatro, talvez cinco horas à sua frente. Ele tinha perdido o rastro deles ontem e teve que fazer um círculo de duas voltas, perdendo um tempo precioso.

Porra, ele precisava de Sethwick aqui. Agora.

Os passeios de Isobel não haviam sido mais uma tentativa clandestina de amantes do que o fato de ele ter tropeçado em Matilda no conservatório. Ele permitiu que o ciúme alimentasse suas suspeitas, algo que o envergonhava e confundia.

A emoção desconhecida distorceu seu raciocínio e seu foco.

— Desculpe pelas acomodações ruins. Deixarei que coma sua grama pela manhã, e prometo uma cuidadosa limpeza e aveia extra

quando este negócio terminar. — Depois de soltar Skye, Yancy deixou o castrado sob uma espécie de "*galpão*".

Ele passou a mão sobre o flanco do castrado. — Isto está melhor do que ontem à noite, não acha?

Yancy passou a primeira noite debaixo das árvores e acordou com um esquilo zangado que atirou nozes e o repreendeu pior do que uma peixeira de mercado.

Skye empurrou o peito de Yancy, e ele esfregou a testa do cavalo. — Desculpe, nada de guloseimas no momento.

Alongando, os músculos das nádegas e lombares protestando, ele enfrentou o Norte e suspirou alto.

Isobel.

Até onde foi? Será que a machucaram? Para onde a levaram? Com que propósito?

Não saber consumia suas emoções normalmente estoicas.

Que Deus o amparasse, eles pagariam. Tudo lhe dizia que MacHardy iniciou o ataque e o sequestro, ainda que indiretamente.

Por que levar a Isobel? Conveniência?

Não fazia sentido.

Pelo que Yancy sabia, MacHardy não tinha nenhuma queixa contra o laird de Craiglocky. Sethwick tinha um temperamento lendário, embora não fosse muito usado. Ele se vingaria de todos os envolvidos, não importando suas desculpas.

A reputação de Isobel estava em completo farrapo, mesmo entre os menos pomposos e devotos Highlands. Uma jovem mantida cativa por um bando de escoceses renegados por horas, quanto mais dias, estava comprometida além da redenção, não importando sua posição social ou seus laços familiares.

Suas vísceras se agarravam como se uma lâmina recortada lhe torcesse as entranhas.

Deus, o que Isobel pode estar suportando.

A vingança exigia que ele punisse severamente os responsáveis por arruiná-la e ferir Gregor.

Como o escocês gigante estava se saindo?

Se recuperando, Yancy rogou. Poucos homens poderiam se gabar da decência inerente que os gêmeos McTavish possuíam.

Recolhendo os bens roubados, ele entrou na barraca e começou a acender um dos círios de Isobel. Ele fez uma ronda e encontrou um prato de lata para usar como porta-vela em cima de uma mesa inclinada rodeada por quatro cadeiras desniveladas.

A poeira cobria todas as superfícies, mas o lugar não era muito mal ventilado, melhor que o exterior com esquilos meio loucos à espreita. O mais provável é que o prédio remoto tenha servido como uma cabana de caça.

A porta parecia robusta, assim como as duas janelas quadradas, fechadas na sala principal. Uma lareira de pedra intacta, manchada de fuligem, comandava a maior parte de uma parede, e uma câmara lateral ostentava uma cama, completa com palha e roupa de cama, cuja limpeza não conseguia determinar com a pouca luz.

Uma rápida inspeção das prateleiras revelou um conjunto de louças desajustado, uma lata contendo mais velas, sabão, um candelabro, utensílios de cozinha, uma toalha desgastada e alguns panos de trapo. Uma chaleira de bom tamanho pendurada em um gancho de ferro acima de uma pia seca, e nenhum inseto ou outras pragas chamando a cabana de casa.

Lá fora, uma grande pilha de lenha ficava ao lado de uma cuba e de um balde. Ele se entregaria e construiria uma fogueira para tirar a beira do frio da noite e secar suas roupas.

Uma hora depois, estava sentado diante de uma fogueira crepitante, tendo comido uma porção da reserva de comida. Tinha levado uma maçã para Skye e recebido um carinho em agradecimento.

Yancy tinha arrancado as suas Wellingtons completamente arruinadas, colocando-as sobre a lareira a um lado da fogueira. Suas meias secas e casaco pendurados nas costas trêmulas das cadeiras sobressalentes.

Ele raspou uma mão sobre sua mandíbula cheia de cerdas. Uma limpeza e uma aparagem seriam bem-vindas. No entanto, não tinha uma lâmina de barbear.

Se esta humilde morada ostentava um poço, ele não o tinha visto. Talvez um córrego ou riacho se espalhasse por perto. Ele teria que encontrar água para Skye amanhã, em todo caso.

Pernas esticadas a sua frente, ele olhava para as chamas hipnotizantes. Quase podia ver o lindo rosto de Isobel, sua boca curvada em acolhida e um desafio nas profundezas de seus olhos azuis-esverdeados. Sua doce voz elevada em risadas ecoava nos recessos de sua mente.

Yancy fechou seus olhos contra a dor da lembrança. Quando é que ela passou a significar tanto para ele? Apesar de sua determinação em evitar essa emoção instigante, ele a amava.

Deus sabia que não queria amar nenhuma mulher, tinha se esforçado para evitar um emaranhado tão problemático, mas o sentimento penetrou em sua alma, apesar de seus melhores esforços para permanecer impermeável. Não podia mais negar a verdade de seu amor por Isobel do que limpar do céu as estrelas cintilantes ou tocar as cores de um arco-íris.

Ele a amava.

Com tanta intensidade, que não teria acreditado que tal emoção fosse possível se não tivesse experimentado a euforia por si mesmo.

A compreensão de que amava Isobel não provocou nenhuma reação negativa, nenhum salto no pulso de Yancy ou juramentos de incredulidade. Não, ao contrário, o conhecimento o cercou de contentamento e paz.

Uma sensação de voltar para casa, finalmente.

— Eu a encontrarei, Isobel, eu prometo.

E quando o fizesse, eles casariam pelo primeiro escocês à mão.

* * *

Casa Dounnich

O Fortaleza de Blackhall

Isobel andava de um lado para o outro na câmara fria em que tinha sido empurrada ontem. Não era uma simples mansão, a Casa Dounnich era um castelo rústico e medieval, mais antigo que a Fortaleza de Craiglocky.

Pelo que ela observou, enquanto um bruto a empurrava para esta câmara, a Fortaleza estava em triste estado de conservação,

precisando de uma boa limpeza, e os roedores obviamente tinham livre acesso ao local.

Turbulenta e cheirando a Deus sabia o quê, não deveria se surpreender se um bom número de espíritos, o mal sem dúvida, rondasse os corredores à noite, gemendo.

Empurrando os cabelos atrás das orelhas, ela curvou a boca, formando mais um pesar desagradável do que um verdadeiro sorriso. Prisioneira não era de todo o tipo de aventura pela qual ansiara desesperadamente. Um ruído de vento úmido passou pela janela, e ela apertou o manto mais apertado no pescoço.

Certamente, Ewan tinha reunido um contingente de clãs para persegui-la. Quanto tempo eles haviam levado para descobrir sua ausência e a dos outros? Teria alguém sobrevivido e voltado para a Fortaleza?

Lágrimas amargas arderam atrás de suas pálpebras, e sua garganta convulsionou contra o pavor que parecia permanentemente alojado ali.

Durante o dia, sua esperança recaía no conhecimento de que os escoceses que a atacaram na floresta de Craiglocky não tinham aparecido. Ela rezava, quase de hora em hora, para que eles tivessem sido derrotados e Yancy e seus primos tivessem sido poupados.

No entanto, as noites se revelaram as piores.

A imaginação de Isobel corria desenfreada, e ela imaginava Yancy empalado por uma espada, com seus espetaculares olhos verdes, encarando o céu sem ver. Ela chorava para dormir todas as noites, sufocando seus soluços auto recriminatórios dentro de seu manto.

Tentou se aquecer andando pela câmara desgraçada, usando sua capa imunda e se abraçando. O movimento também ajudava a aliviar a dor oca de uma barriga vazia. Ela tinha comido pouco nos últimos dias.

Ontem à noite, uma criada assustada, pouco mais do que uma criança, entrou no quarto de Isobel. De olhos abatidos e sem pronunciar uma única palavra, a menina enfiou uma tigela de caldo sem sabor e um pedaço de pão escuro e seco, junto com uma caneca de cerveja nas mãos de Isobel.

Dois homens de clã corpulentos estavam do lado de fora da entrada, trancando a pesada porta no instante em que a criada partiu.

Isobel ainda não havia quebrado o jejum hoje, embora deve ter passado do meio-dia. O estômago dela ressoava na espinha dorsal.

— A fome fazia parte do maldito plano deles? — Ela pressionou as mãos junto ao estômago e percorreu a escassa câmara vazia.

Ausente de todas as necessidades básicas, uma palete fina, uma manta áspera e um penico lascado, a sala de pedra gozava da mesma hospitalidade de uma cela de calabouço. Não lhe foi permitido um fogo, e a única vela que possuía duraria apenas mais algumas horas.

Uma janela em arco se abriu sobre um estreito parapeito, três andares acima do chão. Novamente, como ela já havia feito pelo menos umas dezenas de vezes, Isobel abriu completamente as janelas e espreitou através da fenda estreita.

Seu quarto estava voltado para um prado exuberante, onde várias cabeças de gado peludas das Highlands se movimentavam. Uma trilha estreita levava a floresta densa pela qual ela havia passado na última etapa deles até a Fortaleza.

Nenhum povoado rodeava a retaguarda do castelo, algo singular a seu favor. Isso e a aparente falta de patrulhas ou vigias na retaguarda da fortaleza. Uma faixa grumosa de pedras desmoronadas, parcialmente coberta por terra e grama, revelava a presença de um muro em algum momento.

A menos que uma pessoa tivesse a capacidade de subir como uma aranha ou voar, este lado da fortaleza parecia impenetrável. Nenhuma janela favorecia os níveis inferiores e somente uma criança ou mulher pequena poderia passar pelas aberturas estreitas e retangulares que serviam a esse propósito neste andar.

Ela deu uma bofetada frustrada na pedra e, em seguida, encolheu com uma dor de picada no ombro. Nenhuma árvore ou treliça para ajudar na fuga. O cobertor solitário amarrado ao seu manto não era longo o suficiente para se pendurar na janela e usar como uma corda improvisada, e se fosse, a câmara não continha nada para usar como âncora.

Além de subir no parapeito e rastejar até a minúscula varanda do oriel, a pelo menos quatro janelas de distância, a fuga se mostrou impossível.

Ela fechou os olhos e se encostou à parede fria. As alturas a aterrorizavam. Os ossos de Deus, a própria noção de deslizar ao longo da fita fina e subir sobre a balaustrada em longas saias a deixavam tonta. Se o estômago dela não estivesse tão vazio quanto o útero de Hannah, ela levantaria seus relatos.

Além de subir no parapeito e rastejar até a minúscula varanda exterior de balcão, a pelo menos quatro janelas de distância, a fuga se mostrava impossível.

Ela fechou os olhos e se encostou à parede fria. Altitudes a aterrorizavam. Ossos de Deus, a própria noção de deslizar ao longo da fina faixa e escalar a balaustrada em longas saias a deixava tonta. Se seu estômago não estivesse tão vazio como o ventre de Hannah, encolheria fazer isso.

Além disso, aquela câmara, e as outras entre ela e sua única esperança de salvação, poderiam estar ocupadas e alguém poderia soar o alarme enquanto ela se esquivava.

Com um braço encostado à borda, ela pairava sobre o peitoril largo. Pena que não conseguia transformar seus cabelos em asas como a mítica Persinette e voar desta prisão.

Pense, Isobel.

Ela ainda possuía sua adaga, já que nenhuma oportunidade de escapar se apresentou na viagem.

Angus tinha deixado a corda molhada presa a ela o tempo todo. Ele tinha amarrado as mãos dela na corda à noite e dormia com a outra ponta em volta de seu braço.

Uma sombra caiu sobre o parapeito da sala ao lado da dela.

Isobel voltou para dentro do quarto. Espreitando entre a persiana e a parede áspera, ela prendeu a quando respiração uma criança de cabelo de corvo subiu para o parapeito da janela.

Querido Deus, ele pode cair.

"Keck, não, György. Você é tikni demais para estar perto da janela". Uma bela mulher jovem, com o cabelo e a cintura amarrados com cachecóis coloridos, apareceu acima dele. "Lembre-se que eu lhe disse. Não deve subir no peitoril. Você pode cair.

Isobel amassou seu rosto mais perto da fenda, encarando com descrença.

Ciganos das Highlands? *Aqui*?

— Eu quero ir *keré,* Tasara. — Olhando para ela, o lábio inferior de György tremia. — Sinto falta da *Dya* e do *Dat.*

Tasara beijou o topo de sua cabeça. — Eu sei. Eu também sinto falta da mãe e do pai. — Ela olhou para a distância, sua expressão perturbada. Ela lhe deu um rápido abraço. — Vamos para casa em breve.

Ao pegá-lo, ela lançou um olhar de tristeza para as árvores e depois se retirou da janela.

— Prometeu que o Dat e o Keir e o Jamie e... e o clã viria atrás de nós. — A voz da criança tremeu.

— Eles virão, *bad inderi*. Eles virão. — A dúvida e o desespero assombravam suas palavras.

O som inconfundível de soluços e murmúrios de palavras de conforto passaram pelo portal aberto.

Um tumulto no corredor fez com que ela fechasse o obturador apressadamente. Correu em pés silenciosos para a palete e imediatamente se sentou, a chave raspou na fechadura. Dobrando as mãos no colo, ela quis que seu coração voltasse a uma cadência constante.

Um desfile de pessoas, todas carregadas de mercadorias, marcharam para dentro da câmara. Um escocês carregava uma cadeira, outro um braço cheio de madeira e outros dois arrastavam uma banheira de cobre na anca, seguidos por criados de libré, com baldes de água. O criado com a madeira acendeu imediatamente o fogo.

Uma criada segurava artigos de higiene pessoal, outra toalhas, e uma terceira meias, espartilho e um chemise, e a quarta, um requintado vestido de malha e chinelos.

— Venha, moça. — Uma criada de cara fina ousou dar uma espreitadela nervosa aos homens que vagueavam na sala. — Precisamos te banhar e lavar o teu cabelo. Seu casamento será esta noite...

Capítulo Dezoito

O coração de Isobel parou por um momento enquanto a respiração assobiava de entre seus lábios rígidos.

Inferno, Hades, e purgatório também.

Ela ficou de pé, e a sala girou. Levantou-se muito depressa.

— Não tomarei banho, e certamente não me casarei. — Aproveitando cada grama de coragem que possuía, ela levantou o queixo. "Fui raptada e mantida prisioneira. Quando minha família..."

Angus entrou na câmara superlotada. Seu olhar castanho-café deslizou sobre ela. — Ou deixa as moças a ajudarem a se despir e tomar banho, ou Dunbar e estes rapazes terão o prazer.

Os cavaleiros despiam-na com os olhos arregalados e sussurravam entre si.

Lágrimas de frustração brotaram. Encontrariam sua adaga, certamente como saliva ao vento, ou um bando de piolhos fazendo sua casa na barba de Angus.

Ela torceu as mãos no manto.

— Não estou acostumada a tantos olhos em cima de mim durante a minha toilette, especialmente estranhos. — Ela sugou num hálito tremendo, consciente de que ele preferia as mulheres acovardadas e derrotadas. Fazendo a voz dela tremer, ela perguntou: — Posso ter permissão para me desnudar e tomar banho sozinha?

Implorando a este desprezível idiota. — Por favor?

Ele inclinou a cabeça e olhou para ela um longo momento.

Certamente, ele negaria o pedido dela.

— *Aye*. Duas moças irão ajudá-la a lavar o cabelo e a vesti-la. — Ele cavou a barba e depois arranhou o peito vigorosamente. — Os homens estão lá fora, se tentar alguma coisa.

Ele devia considerar uma boa esfoliação e fazer a barba ele mesmo.

Isobel soltou fôlego e destorceu o seu manto. Ela ainda poderia ser capaz de manter a adaga escondida. — Isso é aceitável, obrigada.

Não era aceitável, mas que escolha tinha ela? Ninguém exceto Maura a via nua desde que ela usava fraldas, e Isobel conhecia a babá a vida toda.

Mais lágrimas ameaçadas. Isobel pestanejou a fraqueza e deixou cair seu manto sobre a palete. Ela balançou levemente enquanto outra onda de tontura a engolia. Sua cabeça ainda doía pelo golpe de Angus, e isso, combinado com a falta de comida, causava sua vertigem.

— Fiquem as duas. — Ele apontou para a moça magricela e a criada que segurava a bata.

Todos os outros se viraram obedientemente partindo da câmara, Angus na retaguarda. Ele a mediu, o seu olhar aguçado permanecendo muito tempo no seu seio. — Comeu?

Surpreendida por se preocupar com algo tão mundano, Isobel retornou sua avaliação e resistiu ao impulso de cobrir seus seios. — Não, hoje não. Eu comi caldo e pão ontem à noite.

— Só isso? — Ele girava em direção aos guardas que esperavam na entrada, linhas amargas esculpidas em seu rosto cicatrizado. Com toda a calma, ele olhou fixamente para o conteúdo confuso das bandejas espalhadas do lado de fora da porta. — Comeram a comida dela?

Seu tom arrepiou-a até os dedos dos pés e levantou os pelos nos braços.

As sentinelas trocaram olhares ansiosos.

Um segundo depois, Angus enfiou seus punhos na cara deles, um logo após o outro.

Eles caíram no chão. Sangue escorria da mandíbula de um homem e gotejava do nariz claramente quebrado do outro.

O resto dos criados aterrorizados ficaram parados.

Eles lembravam Isobel de uma família de ratos encurralados por uma raposa esfomeada, não ousando fugir, mas com a certeza de que se permanecessem, seriam a próxima vítima da besta.

Com os nós dos dedos ensanguentados, Angus apontou para a mais nova escocesa. — Vai buscar uma bandeja generosa para a moça, incluindo cerveja, e se ousar comer uma migalha, vou estripá-la.

Ele enfiou o polegar na direção a porta. — Vai. Manda o Dunbar ficar de guarda, e leva estes pedaços inúteis de merda contigo.

Angus chutou o guarda mais próximo nas costelas.

Os servos se dispersaram para fazer a sua vontade, exceto as mulheres que ele disse para permanecerem.

Se a situação não fosse terrível, Isobel poderia ter apreciado o ridículo dos homens de tamanho exagerado se acovardando diante de Angus. Que tipo de homem inspiraria tal intimidação?

Ela não queria mesmo saber. O que ela tinha vivido nas mãos dele explicava muito sobre o homem. A humanidade que ele um dia possuiu, desapareceu há muito tempo.

Ele virou o seu olhar peculiar e desapaixonado para ela. Tinha deixado dois gigantes inconscientes, e nem um pingo de emoção se detinha em seu semblante.

Apesar do fogo ardendo intensamente, ela tremia, mas recusava-se a desviar os olhos.

Os lábios cheios dele subiram uma fração. — Coma primeiro, e depois tome banho. Não posso permitir que desmaie durante a cerimônia.

O MacHardy chegou? Está aqui?

Ela tinha perdido a chegada dele. Não é surpresa. A entrada do portão ficava no lado oposto da Fortaleza. A vontade de ir até à janela e gritar por ajuda até ela estar rouca sufocou a Isobel.

Com certeza, Ewan a seguiu, mas não podia esperar por seu irmão. Devia escapar antes que MacHardy a visse e revelasse que ela não era Lydia. A própria vida de Isobel dependia disso.

Angus bateu à porta enquanto as mulheres se movimentavam, preparando seu banho e repetidamente ofereciam a ela olhares apreensivos sob suas pestanas.

— Quando... — Isobel lambeu os lábios rachados, forçando o pânico dela para o lado. Quanto tempo teria ainda para fugir? — Quando se realiza a cerimônia?

Ele virou para ela a meio caminho. — Assim que o pároco chegar. Deve ser antes da refeição da noite.

Angus sorriu então, uma curva sem humor em sua boca larga. — Será o nosso banquete de casamento.

* * *

Yancy amarrou frouxamente as rédeas da Skye a um ramo antes de se agachar e inspecionar os rastros prensados no solo seco. Eles foram feitos por um cavalo carregando dois cavaleiros, e não mais do que algumas horas antes, se ele tivesse que adivinhar.

Algumas horas.

Quantas? Quatro? Oito? Mais?

Ainda agachado, ele exalou um longo fôlego. Onde diabos estava Sethwick? Esta era a sua área de especialização. Ele devia ter ultrapassado Yancy ontem. A não ser que Sethwick tivesse escolhido outra rota ou algo em Craiglocky tivesse atrasado a sua partida.

Raios, o Gregor tinha morrido?

O atraso de Sethwick tornava-se cada vez mais preocupante a cada hora.

Yancy franziu o cenho e esfregou a parte de trás do pescoço. Estudou a pista acidentada à sua frente. Não foi o curso mais fácil de viajar que já fez, com certeza. Verdade seja dita, ele preferia uma carruagem confortável para viagens longas.

Não acostumado a horas tão longas na sela, suas pernas e seu traseiro doíam. Ele enrugou o nariz. E cheirava mal, quase tão mal como MacHardy.

Os escoceses tinham ido imediatamente para as terras de Blackhall, que se entrelaçaram com as fronteiras da Fortaleza de Tornbury por uns bons setenta quilômetros. Que ele saiba, os Blackhalls não tinham nenhuma queixa contra os Farnsworths. Sobre o que exatamente eram s revoltas, então?

A Isobel não servia de nada para eles.

Ele tinha pensado muito sobre isso, e a conclusão a que chegara enviou o pavor ao longo da sua espinha.

Os bastardos tinham raptado a mulher errada.

Ele apertou um punho e bateu na coxa. A Srta. Farnsworth tinha sido a vítima pretendida. Ele não queria contemplar o que fariam à Isobel quando descobrissem o erro deles.

Yancy esperava uma recepção hostil em Dounnich, e a probabilidade de herdar um ducado seria muito maior que chegar ao

portão exterior sem um plano e reforços maciços.

Como chegou a isso? Ele tinha viajado para a Escócia para restaurar a ordem entre os clãs e, em vez disso, encontrava-se no lado receptor da ponta de uma espada, com a mulher que ele amava em perigo.

O conhecimento mandou outra onda de ira fervendo através dele, especialmente porque sua chance de salvá-la era pequena ou nula sem uma luta violenta. Bons homens poderiam morrer, certamente morreriam na escaramuça.

Talvez Sethwick tivesse concluído o mesmo e enviado notícias aos clãs próximos. Esperar que os recrutados chegassem o atrasaria.

Entretanto, Isobel continuava à mercê dos demônios.

— Maldito Inferno. — Yancy atirou uma pedra a uma árvore próxima. Sorriu de satisfação enquanto as lascas de casca explodiam em todos os sentidos.

Exatamente o que ele ansiava fazer aos rostos dos bastardos que a tinham levado.

Ele traçou a reentrância do casco.

Os escoceses não pareciam tentar esconder o seu rasto após o primeiro dia e meio. Não esperavam que alguém os seguisse tão depressa. Ousados como bois que eram, atacando as terras Craiglocky, sem dúvida com a certeza de uma vitória.

Arrogância e estupidez da parte deles. Eles tinham começado um conflito que estavam destinados a perder. Sethwick não só era um chefe poderoso, como Prinny o favorecia, e como Secretário de Guerra, Yancy tinha autorização para usar tropas britânicas à vontade.

Destruiria os MacGraths e Blackhalls até se desfazerem em pó e pavimentarem as ruas com seus ossos esmagados se tivessem ferido Isobel de alguma forma.

Skye cheirava e dava patadas no chão, e Yancy se torceu para olhar para o cavalo. — Eu sei, também estou frustrado.

Algo branco além do castrado chamou-lhe a atenção.

Outro sinal da Isobel.

Endireitando, ele correu para o local e recolheu a faixa suja. Ele pressionou o pano escasso no nariz dele. O seu aroma sutil e

delicado permanecia sobre a faixa.

Que outra mulher ousaria, ou teria a inteligência de deixar pedaços de tecido e flechas improvisadas ou palavras parciais raspadas no chão para guiar seus salvadores? Cada vez que encontrava um, seu coração se elevava um pouco mais.

Isso significava que ela estava bem; pelo menos tão bem quanto poderia estar dada as circunstâncias perigosas em que se encontrava. Ele dobrou a peça antes de juntá-la às outras, aninhadas em seu bolso.

Skye deu-lhe um empurrão no ombro e depois mordiscou seu casaco.

Yancy riu. — Não, isso não é para comer. Pertence à sua futura senhora.

Ele saltou para a sela. — Temos uma donzela para salvar, velho amigo. Os nossos dentes queridos vão ter de esperar para serem satisfeitos.

Várias horas depois, ele contornou uma aldeia lamentável, nada como Craigcutty, o vilarejo próspero nas terras de Sethwick. A sabedoria ditou que Yancy mantivesse a sua presença em segredo. Provavelmente, os aldeões tinham ordens para informar a guarda no momento em que alguém notasse um estranho no meio deles.

Embora uma estrada dividisse a floresta tão bem como os cabelos repartidos, ele se manteve nas sombras e na borda externa da mata enquanto avançava em direção ao castelo.

Desmontando, ele olhou para o céu. Nuvens coloridas de carvão prometiam mais chuva e escureciam a tarde sombria, como uma fina névoa escurecendo seus pensamentos deprimentes.

Ele conduziu o cavalo ao redor de outra árvore derrubada e depois de amarrar Skye a um longo galho que se erguia do centro, inspecionou a área. Afastado da estrada, mas longe o suficiente do interior da floresta para ser invisível do prado, Skye deveria permanecer sem ser detectado.

O castelo, uma monstruosidade desolada e retangular de pedra, interrompia o horizonte, outrora agradável. Uma muralha alta, com torres estrategicamente colocadas, envolvia a porção frontal da fortaleza. A ponte levadiça estava estendida, como se os residentes

do castelo esperassem receber hóspedes em vez de um exército de escoceses enfurecidos.

Será que os Blackhalls pensaram bem em suas ações? Isto não era o século XV, pelo amor de Deus. Certamente, tinham de estar cientes que haveria consequências para a sua precipitação.

Talvez eles pretendessem começar uma guerra com a Inglaterra e com os clãs que prometeram sua fidelidade à coroa décadas antes. Ele não duvidava que daqui a duzentos anos, alguns escoceses ainda se esforçariam para reconquistar a independência da Inglaterra.

Que droga, nada de bom poderia vir deste disparate.

Dando uma última palmada no ombro de Skye, Yancy deixou o castrado. Ciente de se manter escondido dos vigias, ele rastejou de tronco em tronco. Havia poucas hipóteses de que eles o vissem entre os pinheiros. No entanto, considerou prudente. Um homem ferido ou morto não poderia salvar ninguém.

Um movimento sutil à sua esquerda chamou sua atenção. Silenciosamente ele retirou o seu punhal e se virou, pausadamente.

Um cigano agachado atrás de uma árvore caída, olhando para o castelo. Se os ciganos colaboravam com os Blackhalls, porque esse homem se escondia na floresta?

De repente, o homem se endireitou e sombreou seus olhos.

Yancy seguiu o seu olhar.

Uma janela do terceiro andar emoldurava uma mulher de cabelos negros.

— Tasara. — O sussurro agonizante do homem flutuou através das árvores.

Outra mulher apareceu na janela seguinte.

— Isobel. — Desta vez o murmúrio de Yancy penetrou na meia-luz da floresta.

Seu olhar piscou para o viajante. Ele tinha avançado, com as mãos nas ancas.

Um galho que se partiu debaixo da bota de Yancy denunciou-o.

Com a lâmina desembainhada, o cigano rodou na sua direção. A fúria obscureceu sua pele já morena. — Quem é você?

Yancy não duvidava da capacidade do homem de usar a arma que empunhava.

— Posso fazer-lhe a mesma pergunta. — Yancy baixou a lâmina ligeiramente. — Não quero te fazer mal.

Nunca tirando os olhos do cigano, ele inclinou a cabeça em direção à Fortaleza. — Alguém que me é querido está sendo mantido lá.

— Meu chi e chavvis, filho e filhas, também estão. — As duras características do homem foram aliviadas, embora a miséria tenha imediatamente substituído a tensão.

— Bartholomew, Conde de Ramsbury. — Yancy embainhou o seu punhal e se aproximou do homem, com a mão estendida.

O tinker devolveu sua faca de má aparência à cintura, antes de apertar a mão de Yancy. — Balcomb Faas, Sua Senhoria. É inglês?

— Sim, trazido para a Escócia por assuntos de Sua Majestade.

Balcomb curvou nobremente a sua cabeça de ébano. — Sou um membro dos ciganos das Highlands. Alguém daquele castelo — ele apontou sem olhar para trás — levou minhas crianças cativas há quase três semanas.

O olhar de Yancy se desviou para a Fortaleza.

Ele piscou, balançou a cabeça, e depois piscou novamente.

— Maldito, maldito inferno.

Capítulo Dezenove

Um estremecimento de repulsa desceu pelas costas da Isobel.

O nosso banquete de casamento.

As palavras de Angus ecoavam repetidamente em sua cabeça. Ele mesmo pretendia se casar com ela.

Por cima do meu cadáver.

Mexendo a cabeça, ela apalpou o cetim lavanda-azul na cintura. Embora um pouco curto demais e seus seios ameaçassem escapar do corpete se ela respirasse fundo, a bata lhe cairia bem.

Se suas circunstâncias não fossem tão ruins, ficaria agitada com a confecção. Como é que uma bata tão requintada veio parar aqui? Talvez o vestido pertencesse à dama do castelo ou à filha do covarde.

Uma noção insidiosa entrou em sua mente.

Será que o vestido tinha sido encomendado para o casamento? Pensando bem, o vestido parecia perfeito para alguém do tamanho da Lydia. Isso significava que o rapto tinha sido planejado há algum tempo.

Por quem? Pelo MacHardy? Laird Blackhall?

Isobel franziu o cenho, seus dedos ainda batendo. Ela não tinha conhecido o laird, nem ninguém, com exceção de Dunbar, Angus e aqueles criados petrificados.

O líder do clã não iria querer conhecer sua prisioneira?

Quando foi empurrada para a Fortaleza, teve um vislumbre de um homem desgrenhado, de cabelos grisalhos, sentado numa mesa no grande salão. Ele e vários outros estavam atirados em cima de canecas, mas ninguém se virou para ver quem tinha entrado na fortaleza.

Eles também tinham estado no meio-dia, mergulhados nas suas taças.

Ewan não toleraria tal indolência embriagada.

Dunbar disse que Angus era o chefe de guerra de Blackhall. Ele era parente do covarde então? Precisamente quem governava aqui?

Um pouco reanimada e abençoadamente limpa, embora assustada, ela tinha comido uma tigela de surpreendente saboroso guisado de carneiro. Precisaria da sua força se uma oportunidade de fugir se apresentasse.

As mulheres, ocupadas em preparar o seu banho, não tinham reparado nela. A faca embainhada agora estava presa à sua coxa com outra tira de seu chemise. Se alguma vez uma peça de roupa fosse digna de recompensa, aquele pedaço de tecido dizimado ganharia um lugar de honra.

A preocupação a corroeu, com centenas de dentes afiados mordiscando seu estômago. Ela esperava ser escoltada para baixo imediatamente após completar a sua toilette. Deus, algo tinha atrasado o clérigo, embora na Escócia não fosse necessário estar presente para um casal se casar.

Qualquer um poderia oficiar, desde que os noivos concordassem com a união. Um reverendo fazia as coisas mais difíceis se alguém contestasse a união mais tarde, mas como o rei escocês permitia os divórcios, até mesmo os casamentos na igreja podiam ser dissolvidos.

Se ela não concordasse em se casar com ele, Angus a mataria, e se ela concordasse, ele a mataria quando descobrisse que não era Lydia.

Ao abrir o obturador, Isobel procurou na paisagem. Um suspiro desencorajado escapou.

Eles não chegarão a tempo.

— Olá?

Isobel se virou.

A jovem mulher de antes olhava para ela da janela adjacente. Uma expressão enigmática sulcava sua testa e a preocupação brilhava em seus olhos da cor da urze. — Pensei ter ouvido alguém aí, hoje. Eu sou Tasara Faas. Também está presa?

Isobel deveria revelar sua verdadeira identidade?

Todos saberiam em breve.

Ela aproximou-se o mais que a janela permitia. Colocando o cabelo nas costas, ela sussurrou: — Sou Isobel Ferguson, e sim, eu fui sequestrada. Pretendem me forçar a casar com o chefe de

guerra esta noite. Embora acreditem que sou outra pessoa, e temo pela minha vida quando souberem a verdade.

Ela deu uma palmadinha no parapeito da janela. — Se eu tivesse uma corda, eu a usaria num piscar de olhos. E você? Porque está aqui? Eu vi um menino mais cedo. É seu irmão?

Tasara deu uma rápida olhada para trás. — Sim, ele e a minha irmã estão dormindo.

— Também tem uma irmã com você?

Uma família inteira? Os Blackhalls tinham muito a explicar.

— Lala tem quatro. Fomos apreendidos há muitos dias, quase três semanas, agora, quando levei as crianças para recolher as cabras perdidas.

Ela olhou para dentro do quarto outra vez. — Não ouso tentar fugir com os pequenos, e não posso deixá-los para trás. Acho que estamos sendo usados como chantagem.

O medo sombreou as delicadas linhas do rosto machucado da Tasara. Ela também tinha sofrido nas mãos daqueles brutos. Ela brincava com a ponta do lenço amarrada à volta da cabeça. — Ouvi um dos escoceses mencionar algo sobre forçar a minha tribo a ajudá-los.

A Isobel franziu o cenho. Mas que raio se passa com os Blackhalls? Raptar ciganas e mulheres nobres? A coagir os ciganos? Eles queriam começar uma guerra, pelo amor de Deus?

— Ajudá-los? Com o quê?

— Eu não sei. Nunca tinha visto este clã escocês antes. — O lindo rosto da Tasara ficou brilhante. — Vou te ajudar a fugir. Depois pode mandar outros para nos resgatar.

Ela arrancou o lenço da cabeça. Uma cascata de mechas de ébano espalhadas pelos seus ombros. Passando o cabelo para as costas, Tasara virou sua atenção para desatar os cachecóis na cintura.

Ela os segurou. — Com estes e faixas dos cobertores, podemos fazer uma corda para que possa escapar. Eu tenho uma faca.

Isobel balançou a cabeça. — Não tenho nada com que atar uma corda em meu quarto.

A incerteza varreu as características da Tasara. Seu olhar caiu no chão antes de encontrar o de Isobel de novo. — Pode andar ao

longo da borda até ao meu quarto? Há uma cama pesada aqui dentro.

Lamber as botas sujas de Angus era mais atraente, mas a providência tinha dado a Isobel um meio de fuga, e ela não ia deixar uma fobia arruinar sua única chance.

— Sim. — Ela forçou a entrada de ar em seus pulmões apertados e ofereceu a Tasara um sorriso que provavelmente oscilou.

— Eu também tenho uma faca. Comece a cortar o cobertor e amarre as pontas. Vou fazer o mesmo aqui.

Tasara acenou antes de desaparecer no seu quarto.

Correndo para a cadeira, Isobel cravou suas costas sob o puxador da porta. Não era grande ou resistente o suficiente para manter alguém fora por muito tempo, mas poderia lhe dar algum tempo. Ela não se atrevia a perder um segundo. Angus poderia mandar buscá-la a qualquer momento.

Depois de tirar a adaga da coxa, ela arrancou o cobertor. Porque não tinha ela pensado antes em cortá-lo em tiras?

Terror, fome, e uma concussão podiam ter a ver com o esquecimento.

O coração da Isobel batia em seus ouvidos, e seus dedos pareciam grossos como salsichas enquanto ela trabalhava. Querido Deus, ela devia se apressar, ou então...

Depois de amarrar os pedaços, ela ficou em uma ponta e puxou cada nó para apertá-la. A antena de um mosquito não podia passar entre eles agora, e os laços dariam apoio à medida que ela descia.

Voando de volta para a janela com os restos do cobertor, Isobel lançou um olhar apressado para o céu. Nuvens carregadas de humidade desciam baixo. Sua fuga seria muito mais difícil, tentando esconder seu rastro no chão encharcado.

— Tasara, estou pronta.

Tasara tirou imediatamente a cabeça para fora.

— Eu amarrei a minha à cama. — Ela atirou a corda sobre o peitoril. — Veja, quase a meio caminho.

Enrolando o material, ela formou o comprimento em uma bola.

— Pega. — Ela puxou a corda improvisada para a Isobel. O cordão ficou curto.

Isobel sufocou um gemido enquanto ela lançava um olhar ansioso para a porta do seu quarto.

Mais tempo desperdiçado.

Com a determinação esculpida no rosto, Tasara comprimiu os lábios e removeu as pulseiras. Depois de passar um lenço pelo metal que reluzia, ela deu um nó nas pontas e pesou a linha novamente.

Apoiando as pernas contra a parede e agarrando o invólucro, Isobel se inclinou até onde ousou e agarrou a corda com sua mão livre enquanto ela se desenrolava.

Rindo, Tasara deu uma palmadinha triunfante.

Isobel tirou as pulseiras e depois prendeu as duas linhas juntas. Respirando fundo, ela baixou a corda. Pelo menos três metros ficavam entre a ponta e o chão. No entanto, uma vez pendurada diretamente abaixo da janela de Tasara, haveria mais alguns pés pendurados horizontalmente.

Nada mal. Ela tinha mais de um metro e meio, tornando a queda quase insignificante.

Desde que eu consiga sem cair.

Ela puxou o cordão para dentro da janela, ousando entreter um vislumbre de esperança.

— Vou trocar de sapatos. O que devo fazer com as suas pulseiras? — Isobel segurou as bugigangas.

— Atire-as pela janela. Não são valiosas, e se largá-las no seu quarto, os Blackhalls saberão com certeza que eu a ajudei. — Tasara inspecionou o solo e apontou. — Talvez ali, naquela relva alta.

Uma vez que tinha dado um pontapé nos chinelos de seda bordados, Isobel enfiou os pés nas suas botinas. Mordendo o lábio inferior, ela as amarrou com dedos trêmulos.

Alturas a assustavam tanto, que quando criança, não tinha subido a árvores. Mas tinha escalado as rochas e isso não a tinha incomodado. Escalar por uma janela e espreitar por um estreito parapeito não era muito diferente.

Maldição.

Pressionando as mãos no meio das lágrimas, Isobel suspirou forte. Ela tinha de fazer isto. O Angus a mataria se descobrisse que

não era a Lydia.

Depois de enfiar o punhal na bota, ela olhou em volta da câmara. Um pedaço restante de queijo e um pedaço de pão estava em cima do prato. Ela os envolveu em seu manto antes de se apressar para a janela e largar o pacote no chão. O fardo pousou sem som.

— Isobel, enrole a corda nas costas e debaixo dos braços e amarre-a à frente. — Tasara demonstrou o que queria que a Isobel fizesse. — Estará mais segura, e a linha deverá ser longa o suficiente.

Deverá ser?

Isobel prendeu rapidamente o cordão, como a Tasara tinha sugerido. Ela se sentiu mais segura, embora o medo de bater nas pedras continuasse a atormentá-la.

Pressionou os lábios. Não havia razão para isso. Arriscar sua vida fugindo ou arriscar que Angus a forçasse a casar com ele e depois descobrisse sua verdadeira identidade. Pelo menos o primeiro lhe oferecia uma pequena chance de vida.

O segundo, nenhuma.

Ela atirou a linha extra sobre o ombro e depois agarrou o peitoril com uma mão. Enfiou a bata por cima dos joelhos antes de subir a abertura.

Oh, meu Deus!

Virando-se de lado, ela passou pela fenda. O ajuste provou ser apertado. As pedras agarraram a bata e rasparam a sua pele, forçando-a a se mexer para se libertar.

Malditas ancas largas.

Aterrorizada, ela agarrou o invólucro. Um deslize, e...

Mordendo o lábio, limpou cautelosamente as palmas das mãos úmidas no vestido, uma de cada vez. Um suor frio umedeceu seu lábio superior e sua testa.

— Vai conseguir, Isobel — Tasara assegurou encorajadora.

Certamente, o coração trovejante de Isobel tinha alertado a todos num raio de 8 km de sua intenção. Os Blackhalls, sem dúvida, corriam para o fundo da Fortaleza, neste preciso momento.

Agarrando o nó abaixo dos seios com uma mão, ela apalpou o exterior escarpado com a outra, seguindo a faixa, determinada a não olhar para baixo.

Passo a passo petrificado, ela se arrastou, os minutos passando como se as mãos do tempo tivessem diminuído para um galopar de lesmas.

— Mais alguns passos e estará diretamente em frente à minha janela — prometeu Tasara. Uma eternidade depois, ela tocou no tornozelo da Isobel. — Eu te ajudo a entrar. Como é que isso parece?

Positivamente horrível.

— Muito bem. — O coaxar estrangulado de Isobel passou pelos lábios rígidos dela, indicando claramente o contrário. Depois disso, não voltaria a pôr os pés mais altos do que ela mesma.

Nunca mais.

Um minuto depois, ela ficou tremendo dentro do quarto da Tasara.

Os lindos olhos da cigana nadavam de lágrimas, e ela abraçou Isobel. — Não conheço outra mulher tão corajosa.

— A coragem não tinha nada a ver com isso. O desespero tinha. — Isobel limpou o suor do seu rosto. — Isso é a coisa mais horrível que já tive de fazer.

As crianças dormiam, as suas bocas de querubim em parte abertas, sem se darem conta do drama que se desenrolava ao seu lado.

Ao menos descendo a corda, enfrentaria as pedras e não conseguiria ver quão longe a queda estava. — Vamos a isso. Quero estar bem e ir embora antes que o meu desaparecimento seja descoberto. E você? Eles saberão que me ajudou quando virem a corda.

Tasara enviou um olhar ansioso ao irmão e à irmã. — Posso desamarrar a corda e depois deixá-la cair lá fora. Se esconder a corda, eles não terão provas.

Isobel não tinha ideia de onde enfiaria a corda primitiva, mas Tasara tinha arriscado muito para ajudá-la. — Sim, isso vai servir. Vou escondê-la em algum lugar na floresta.

A mão da Tasara ficou no braço dela, Isobel.

— Eu sei que o meu pai ou outros do meu clã estão perto. Encontre-os na floresta, e eles irão ajudá-la com o seu povo. — Uma lágrima rastejou da borda do olho dela.

Ela limpou a gota. — A nossa trupe não é suficientemente grande, nem temos as armas para combater estes... estes *vafedi mush*, homens maus. Conhece alguém que nos possa ajudar?

Isobel acenou com a cabeça. — Meu irmão é Ewan McTavish, laird de...

— Craiglocky. — A esperança vislumbrou nos olhos da Tasara. — Todos os irmãos conhecem o Laird McTavish.

As crianças começaram a se mexer da soneca, e Isobel abraçou Tasara novamente. — Ewan vai ajudar, e um dos seus maiores amigos é o Secretário de Guerra da Inglaterra. Lorde Ramsbury não hesitará em ajudar o meu irmão de qualquer maneira que ele possa.

Se Yancy estiver vivo.

Agora não era o momento de pensar nisso. Mais do que a vida de Isobel estava em jogo. Ela também deveria conseguir escapar por causa dos Faas.

Mais uma vez, ela trepou para um parapeito de janela. — Tem certeza que é forte o suficiente para me baixar? Eu podia tentar deslizar pela corda.

A Tasara já se ocupava de enrolar a corda grossa à volta de um estrado. — Usarei o poste como alavanca.

Isobel deu um aceno de cabeça, não confiando em si mesma para falar.

Deus, se me deixares sobreviver a isto, nunca mais vou procurar uma aventura.

Capítulo Vinte

Santo Deus!

Yancy ficou abismado, incapaz de acreditar que Isobel estava pendurada fora do castelo numa... agachou-se. Ele não tinha ideia do que era aquela aglomeração desencontrada na qual ela estava pendurada.

Isobel se mataria.

Tola, louca e corajosa.

Seu coração palpitava ferozmente atrás de suas costelas, ameaçando quebrá-las, uma a uma, assim como cada grama de sangue que ele possuía se acumulava em suas botas. Será que todas as irmãs Ferguson desejavam mandar os homens que as amavam para uma sepultura precoce?

Inclinada de sua janela, a cigana ajudava Isobel. Ela soltava aos poucos o patético pretexto de corda que rodeava Isobel ao longo da Fortaleza.

Yancy virou para o cigano. — Balcomb, você tem um cavalo? Sabe onde fica a vila?

Com os olhos arregalados e preocupados, o olhar fixo em Isobel, o cigano engoliu e sacudiu a cabeça para cima e para baixo.

— Procure o Visconde Sethwick. Conte a ele o que aconteceu. Ele é um amigo. — Ele arrancou seu anel sinete do dedo. — Dê-lhe isto.

Yancy correu para a Skye.

E por favor, Deus, que Sethwick esteja lá.

Ele saltou para a sela, seu foco concentrado na forma azul descendo pelo castelo na corda improvisada. — Ou, que Deus me ajude, Isobel, por que eu mesmo darei umas palmadas nesse seu traseiro luxurioso.

Yancy chutou as laterais da Skye, e eles irromperam, *ventre a terre*, à toda velocidade do bosque. Sua pulsação golpeava tão alto quanto os cascos do cavalo que batiam sob ele, enquanto fazia uma oração silenciosa. A cada batida do coração, temia que Isobel despencasse para o chão. E ele não estivesse lá para pegá-la.

Qualquer um do outro lado da charneca, poderia vê-lo rasgando como um homem possuído. Isso não importava. A vida de Isobel estava literalmente pendurada na balança. Apertou tanto a mandíbula que doeram os dentes de trás, ele trovejou em direção a ela.

Tinha que alcançá-la a tempo.

Ela usava seus pés para não bater no exterior resistente enquanto se agarrava à corda. De vez em quando, ela olhava para cima como se estivesse falando com a cigana. Ao se aproximar do primeiro andar, o pano debaixo dos braços dela cedeu.

Seu grito aterrorizado atravessou o coração dele.

Eu não vou conseguir.

Yancy mordeu o interior da bochecha dele até provar sangue para controlar o grito que subiu aos seus lábios. Se assustasse Isobel, ela poderia soltar.

Chutando suas pernas, ela agarrou a corda que balançava com uma mão. Ela oscilou precariamente e bateu nas pedras da fortaleza. De alguma forma, ela conseguiu agarrar a corda com sua outra mão.

O ar subiu dos pulmões de Yancy. Por Deus, se ela sobrevivesse a isso, ele a sacudiria até que seus dentes perfeitos se agitassem. E depois, a abraçaria até que ela guinchasse, e depois a beijaria sem fôlego.

Ela não sairia da vista dele novamente, e uma vez casados, jurou que ela iria frear essa inclinação rebelde. Estaria exausta demais do seu leito constante para alimentar ideias arriscadas de qualquer tipo.

Praticamente deitado na sela, Yancy insistiu com o castrado: — Vamos lá, Skye. Mais rápido.

Como se sentisse o alarme do seu dono, o cavalo alongou os seus passos, voando através da charneca.

Quase lá.

De repente, o pavor paralisou seu rosto, Isobel espreitou por cima do ombro. Seus olhos cresceram como luas gêmeas. Um grande hematoma azul-púrpura cobria a maior parte de sua bochecha e o sangue seco coagulou em seu lábio inferior rachado e inchado.

Tão grande era a vontade de Yancy de matar, que seu ventre se apertou mais que o laço de um carrasco, e uma névoa vermelha o cegou.

— Yancy. — Isobel sorriu, aquele deslumbrante entorpecimento mental de lábios em forma de arco que tornava um homem incapaz de pensar de forma coerente.

Braços estendidos, ele cavalgava por baixo dela. — Solte-a. Eu te pego.

— Não, eu sou muito pesada. — Ela balançou a cabeça, os olhos agora apertados como os de um carteirista. — Não sou uma mulher pequena, e vou te machucar.

— Droga, Isobel. Solta! Nós temos apenas alguns minutos para fugir. — Ele suavizou sua voz. — Eu prometo, querida, você não é nada grande, e eu não vou deixá-la cair.

Sua boca rosa formava um pequeno '*O*' de surpresa. Ela soltou a corda e mergulhou em um emaranhado de saias sem graça em seu colo.

Yancy agarrou-a em seus braços e plantou um beijo feroz e possessivo em sua bochecha machucada. Envolvendo seu rosto, ele descansou sua testa contra a dela.

— Deus me ajude, Isobel, eu perdi vinte anos de minha vida nos últimos dias, e dez deles só nos últimos dois minutos.

— Está vivo. — Estourando em lágrimas, ela torceu seus braços em torno do pescoço dele e enterrou seu rosto em sua garganta. — Está realmente vivo.

Ele a abraçou, respirando-a.

Soluços violentos a envolveram enquanto suas lágrimas encharcavam seu pescoço. — Eu pensei que você tinha sido morto.

Beijou seus cabelos, saboreando o privilégio de segurá-la em seus braços. A maravilha o deixou mudo. Será que ela chorava por ele? A corda bateu na cabeça de Yancy, e ele levantou o pescoço.

— Por mais alegre que seja a sua reunião, precisa ir. - A filha de Balcomb espreitou por cima do parapeito. — Alguém pode vir a qualquer momento. Por favor, esconda a corda...

Ela apontou atrás da Skye. — O manto de Isobel está bem ali.

Com um beijo rápido em seu nariz, Yancy tirou Isobel de seu colo. Ele virou o rosto dela para o dele e olhou fixamente para os

olhos brilhantes dela. - Fique no cavalo, mas recue e monte como se estivesse cavalgando.

Ela deu um pequeno aceno de cabeça e conseguiu um sorriso de pálido.

Ele desmontou e depois de pegar a corda, correu para o embrulho da Isobel. Em menos de um minuto, ele voltou e empurrou tudo para os braços dela. Voltou a subir na sela e, em seguida, espreitou para cima mais uma vez.

— Senhorita Faas, seu pai foi pedir ajuda. O irmão de Isobel está chegando. — Yancy afastou Skye do castelo. — Nós não podemos esperar por ele. É muito perigoso...

O grito de uma criança ecoou dentro da câmara.

— Deus o acompanhe. — Como uma onda, ela desapareceu no interior.

— Isobel, segure-se firme. Nós cavalgamos com força. Vamos nos livrar da corda, e você pode colocar seu manto quando tivermos colocado alguma distância atrás de nós.

Ela obedientemente apertou seus braços ao redor da cintura dele. Os seios dela, pressionando suas costas, criaram uma adorável, mas indesejada, distração.

Com um clique de sua língua e um chute de seus calcanhares nas laterais de Skye, eles mergulharam em direção à floresta. A qualquer segundo, esperava ouvir um grito de alarme ou sentir uma bala de chumbo furar sua carne. Medo de ser descoberto, quilômetro após quilômetro frenético, Yancy empurrou Skye até o limite da resistência do fiel cavalo.

Os céus se abriram e despejaram. Apesar da chuva ser de curta duração, a tempestade os encharcou. Como que arrependidas por seu mau comportamento mais cedo, as nuvens se afastaram e permitiram que a lua e as estrelas surgissem.

A escassa luz que elas proporcionaram permitiu que viajassem até tarde da noite. Horas depois, completamente exausto, Yancy procurou um lugar para parar e descansar.

Nenhum aviso havia soado enquanto corriam das terras de Blackhall, e até onde ele podia dizer, ninguém os seguia. Esperançosamente, isso significava que Sethwick tinha invadido o reduto e matado os bastardos que sequestraram Isobel.

Ainda assim, a sabedoria decretava cautela. Sethwick talvez não tivesse chegado, e nesse caso, até Yancy ter Isobel se aninhado na segurança de Craiglocky novamente, temeria por suas vidas. Quanto maior a distância que colocasse entre a Casa Dounnich e eles, melhor.

Aconchegada às suas costas, Isobel tremeu.

Eles haviam descartado a corda sobre um penhasco e comido o pão e o queijo enquanto se moviam. A fome roía, mas ele se absteve de invadir a última de suas provisões.

— Eles pensaram que eu era Lydia. — Isobel se deslocou e se aproximou. — Alguém em Craiglocky os ajudou.

Ela tinha que estar gelada. Ele certamente estava. Então suas palavras foram registradas. — Em Craiglocky? Tem ideia de quem...

— Não, mas havia dois ciganos com os homens que me capturaram. De alguma forma, toda essa ligação com Tasara, a menina cigana — ela espirrou e depois espirrou novamente. — Desculpe-me.

— Deus te abençoe. — Será que Isobel pegou um resfriado?

— MacHardy está por trás do meu sequestro. — Sacudindo, ela se aconchegou mais perto. — Ele pretendia forçar Lydia a se casar com ele pelas terras de Tornbury.

Yancy endureceu, estava aquecendo seu sangue, mas ele forçou uma resposta calma. — Eu deduzi o mesmo.

— Mas Angus, não sei seu sobrenome, traiu MacHardy e decidiu se casar comigo, que no caso, seria a própria Lydia. Ele tinha marcado a cerimônia para hoje à noite.

Yancy sufocou um juramento de falta. — Santo Deus, se tivesse me atrasado.

— Mas não estava. Você me salvou. — Ela apertou seu abraço. — Eu não teria ido longe a pé e quando Angus se inteirasse de quem eu era...

Um som incoerente, parte juramento, parte rosnado escapou de Yancy.

Isobel encostou-se mais às suas costas, tremendo com mais força. — Ele é maligno, Yancy. Teria me matado e não piscaria duas vezes.

Tal pavor sufocou sua voz, que quase não percebeu que ela o chamava pelo seu nome próprio. Desejando segurá-la em seus braços e apagar seu medo, ele fez com que Skye parasse. Será que tinham viajado o suficiente? Será que conseguiram parar para descansar por algumas horas?

Skye lamentou.

Eles precisavam. O cavalo não podia levá-los mais longe. Yancy amava demais a besta para arriscar matá-lo em sua fuga. - Eu tinha esperança de encontrar algum tipo de abrigo, mas meu cavalo chegou ao limite. Teremos que nos contentar debaixo das árvores. Eu tenho cobertores e a chuva cessou.

Por enquanto. Poderia se adquirir uma fortuna apostando nas chuvas na Escócia quando o outono se aproximava. - Devo adverti-la. Os esquilos por estas bandas são pequenos bichinhos rabugentos.

Isobel riu e se inclinou para longe. A súbita onda de frio atacando sua coluna o deixou estranhamente decepcionado. - Nós viemos por aqui. Na próxima curva, embora esteja obscurecida pelo caminho, tenho certeza que vi um telhado de colmo. Atravessamos à noite, mas há fazendas e casas de caça, mesmo uma ou duas pousadas, espalhadas pela região.

O cansaço amarrava suas palavras, mas nem uma única queixa havia escapado de seus lábios.

— Uma noite fiquei em um chalé de caça. O lugar provou ser bastante pitoresco. — Yancy estalou a língua e gentilmente bateu nas laterais de Skye.

Com a cabeça baixa, o cavalo se deslocou para a frente.

— Yancy deu um tapinha no ombro do castrado. — Não muito mais adiante, rapaz.

Isobel continuava a surpreendê-lo com sua fortaleza e gênio, e sim, às vezes também o irritava muito.

Pensava que ela estaria muito traumatizada para observar sua localização. Ele tinha se perdido mais de uma vez. Verdade seja dita, passear na floresta não era o seu forte. Ele acabou perseguindo seu próprio rabo na metade do tempo; uma humilhação para um homem em sua posição.

— Isobel, como consegue se lembrar do caminho que seus sequestradores tomaram?

Ela riu, o som quente e envolvente que envolvia seus sentidos de uma maneira agradável, embora perturbadora. - Lembro praticamente todos os detalhes do que vejo e posso conjurar uma imagem quase exata na minha mente.

— De fato? — Ela era a mulher mais fascinante que ele conhecia.

— Humm. — Murmurando sonolenta, ela se agarrou a ele. — Yancy, o que aconteceu com os outros? Por que está sozinho?

Mais do que o frio agitava a voz dela.

Yancy hesitou em contar a ela sobre Gregor, pois não sabia do estado de seu primo ou se ele sobreviveu. — Todos voltaram para o castelo para alertar Sethwick.

Não era precisamente a verdade, mas Isobel não precisava se preocupar com mais isso. Suas circunstâncias eram precárias, na melhor das hipóteses.

— E partiu atrás de mim sozinho? — Ela achatou as mãos contra as costelas dele.

O calor das palmas das mãos dela causou estragos em seu desejo já superestimado. Seus músculos saltaram e sua virilidade flexionou contra a sela.

— Eu não podia perder o rastro dos escoceses. — O que ele queria dizer era que *ele não podia perdê-la*, mas temia sua reação.

— Isso foi muito corajoso da sua parte. — A resposta suave dela pouco revelou.

Depois de mais alguns minutos de cavalgada em silêncio, Isobel apontou sobre seu ombro. — Logo ali, para a direita, além daquele afloramento de árvores.

Yancy riu em voz alta com a visão bem-vinda. A mesma humilde cabana da qual ele havia se valido estava à sua frente. — Milady, Bronwedon Towers nunca foi tão atraente.

— Bronwedon Towers? — Ela bocejou e pousou o queixo no ombro dele.

— Minha principal propriedade em Suffolk. Minha madrasta e sua sobrinha estão em residência lá no momento. — Será que ele imaginou, ou Isobel endureceu e se afastou?

Depois que desmontaram, ele desatou o embrulho detrás da sela. Levando Isobel pelo cotovelo, ele a guiou até a entrada. - Espere aqui enquanto eu acendo uma vela, caso alguma criatura tenha decidido fazer desta casa um lar desde a última vez que estive aqui.

— Claro. — Falando entre os dentes, Isobel apertou mais sua capa e olhou para a escuridão.

Skye soprou com rajada de vento, sem dúvida almejando se livrar da sela.

Momentos depois, Yancy estava com um galho sinuoso aceso. Ele acendeu outro antes de colocar o primeiro sobre uma pedra plana, coberta de resina, sobressaindo da chaminé especificamente para esse fim.

Agarrando seu manto fechado, Isobel correu para o chalé e olhou curiosamente. O rosto fechado e os lábios apertados juntos, seus ombros descaídos de cansaço. Ela se assemelhava a um gatinho com seus cabelos despenteados e seus olhos lacrimejantes.

Seu pobre e belo rosto, todo inchado e descolorido. Que tipo de bastardo atingiu uma mulher, especialmente no rosto? O gatinho pode ter quebrado a mandíbula ou o osso do rosto.

Ela balançou um pouco. Como ela continuava de pé estava além de Yancy, pois ele mal conseguia encontrar a energia para atender Skye.

- Vou acender uma fogueira assim que cuidar do meu cavalo. - Ele apontou para as prateleiras. - Tem panos empilhados ali. Tire esse manto molhado e seque seu cabelo.

Balançando da cabeça aos pés, ela se atrapalhou para desatar o manto.

- Aqui, deixe-me fazer isso. - Yancy empurrou seus dedos duros para o lado.

Os cantos da boca dela se inclinaram para cima, mas a tristeza fez sombra em seu rosto. Ela estremeceu tanto que ele temeu que ela tivesse se resfriado.

Afastando mechas úmidas da bochecha dela, ele inclinou sua cabeça. - Há um quarto de dormir atrás daquela porta. Tire suas roupas molhadas. Todas elas.

Capítulo Vinte-Um

— *Todas* elas? — Boquiaberta, Isobel se engasgou com um ruído ultrajante. Yancy não podia estar falando sério.

Seus olhos estreitaram, ela angulou o queixo. — E o que, por favor me diga, devo vestir, Milorde? Garanto que não vou desfilar nua para seu prazer.

Uma imagem um tanto erótica flertou em sua mente. Uma em que ela não se importava em ficar nua diante dele, no mínimo.

Ela se deparou com um livro ou dois, ou três, na biblioteca, e estava confiante de que nem seus pais nem Ewan tinham a mínima noção de que existia como parte da imensa coleção. Livros que tinham proporcionado uma educação bastante incomum.

Mesmo com os olhos cansados e o restolho áspero cobrindo a mandíbula, Yancy parecia muito tentador de longe. Uma explosão de calor inflamou de sua pélvis para seus seios.

Explosão injusta.

Desgrenhado e despenteado, ele invocava imagens sedutoras de piratas e cavaleiros galantes enquanto ela se assemelhava a uma lavadeira que trabalhava debaixo de uma pilha de roupa suja.

Os lábios dele se tornaram um sorriso tortuoso, e seu olhar pesado caiu em seu seio.

Mais uma onda de consciência fez com que os mamilos de Isobel ficassem firmes e duros. Ela tremeu e cruzou os braços. Este frio era o culpado por seus seios, não seu olhar ardente.

Pura mentira.

— Por mais que eu adorasse apreciar o espetáculo encantador de vê-la nua, está gelada até a medula. Não quero que tenha febre. — Ele caminhou até a mesa e, depois de afrouxar a corda, arrancou um cobertor áspero do monte despejado sobre a superfície marcada.

— Aqui. — Estendendo o pano de lã com um desafio brilhante em seus olhos.

Será que ele pensava que ela se recusaria a obedecer? Completamente ensopada como havia sido nas últimas horas,

existia um risco tangível de febre. Ela não colocaria sua saúde em risco, nem por um sentido equivocado de decência ou teimosia. Além disso, o calor e a secura eram tentações que não se ignoravam facilmente.

Yancy recolheu os panos da prateleira, bem como uma das velas, e apertou os itens em suas mãos adormecidas. Colocando as palmas das mãos sobre os ombros dela, ele a virou na direção do quarto e deu um empurrãozinho. — Vá. Prometo não espiar. *Muito.*

Ela virou para enfrentá-lo, preparada para lhe dar uma réplica adequada.

Já na porta, ele riu, um ronco rico de barítono, e correu para a noite.

Homem estranho.

Ele a tinha na mão, e sabia bem disso.

Isobel foi até o quarto. Examinou a câmara simples. Apenas uma janela, e as cortinas penduradas na parede. O quarto cheirava a mofo, como se não tivesse sido arejado há algum tempo.

Com a vela erguida bem alto, ela se aproximou da cama estreita, desconfiada do que poderia estar rastejando por ela. Deixou escapar um suspiro aliviado. A roupa de cama parecia razoavelmente limpa. Curvou-se e puxou os cobertores que revelavam lençóis grosseiros que pareciam surpreendentemente frescos.

Viu um fio de cabelo cor de uísque no travesseiro, e uma pitada de sândalo emanando dele. Yancy tinha dormido aqui.

Após puxar a roupa de cama de volta ao lugar, jogou a manta e as toalhas sobre a colcha costurada à mão. Colocou a vela em uma mesa triangular ao lado da cama e tremeu.

Pouco maior que a baia de Emira, gélido, o ar externo se infiltrava no minúsculo quarto através das fendas entre as pedras. Isobel se despiu apressadamente, deixando suas roupas ensopadas em um monte no chão. O espartilho de ganso se enrugou sobre sua pele úmida.

Ela esfregou um pano sobre si mesma antes de envolver a manta de arranhões nas costas e depois aconchegou firmemente a borda debaixo de um braço.

Sentada na cama, ela puxou o cabelo com força. Suavizar os emaranhados, passando os dedos pelos fios, revelou-se impossível. Talvez Yancy tivesse um pente ou escova com ele.

Tremendo, ela moldou outro cobertor em um xaile. Segurando-o fechado, juntou suas roupas e botas molhadas. O frio subiu em espiral do chão frio, e ela balançou os dedos gelados.

Será que ela voltaria a se aquecer? Fora aquelas duas horas em Dounnich depois do banho, há dias ela estava mais fria do que o coração de uma bruxa.

O Egito é quente. Assim como a Espanha, o Caribe e a Grécia.

Não!

Acabaram-se os devaneios e as fantasias sobre aventuras, já era hora de se casar e começar uma família. Ela tinha feito uma promessa a Deus e tinha a intenção total de cumprir com sua palavra.

Se alguém ainda quisesse tê-la agora.

Os homens estiveram ansiosos para cortejá-la e tê-la como esposa antes disso. No entanto, a mínima insinuação de um escândalo moral era suficiente para mandá-los cheirar as saias de outra pessoa e evitá-la.

Ou então oferecer a ela uma proposta menos que honrosa como uma mulher mantida, acompanhada de um acordo escrito detalhando exatamente o que ela poderia esperar de seu protetor. Não importando a nenhum deles que não fosse virgem, e ainda assim sua virtude permanecia intacta.

Hipócritas.

Com um firme agitar da cabeça, Isobel apertou o cobertor com mais força. Não havia nada a fazer agora em relação à sua reputação. Não podia mudar sua circunstância, assim como uma galinha machucada não podia enfiar uma pena caída de volta em seu traseiro careca.

Por que Yancy veio atrás dela sozinho? A maior das tolices, embora ela seria uma cretina por ser ingrata.

Isobel tocou sua bochecha ilesa. Ele a tinha beijado.

Momentaneamente surpreendido ao encontrá-la segura, ou o beijo significou algo mais? Agora quem era tolo? Um beijo na bochecha dificilmente significava uma paixão intensa.

Se Yancy não estivesse ainda noivo, ela poderia ousar seguir seu coração apaixonado.

Outro ditado da vovó entrou na mente de Isobel.

Se os “ses” e os “es” fossem tachos e panelas, não haveria necessidade de tinkers.

— Sim eu sei, vovó — Isobel murmurou atravessado.

Barulhos na sala externa anunciaram o retorno de Yancy ao chalé.

Ao sair do quarto ela hesitou na entrada da sala.

Ele se ajoelhou diante das chamas crepitantes, espetando um tronco com o atiçador. Ele havia tirado as botas, o casaco e as meias. Os dois últimos estavam estendidos sobre uma cadeira, ao lado da lareira. O vapor levantava de seu casaco de caça.

Sua camisa molhada se agarrava às linhas duras de seu tronco esculpido. Os músculos estavam flexionados e cunhados enquanto ele insistia para que o fogo ficasse mais quente. A perfeição masculina a poucos metros de distância a atraía tanto quanto o crepitar reconfortante do fogo e o aroma agradável da queima da madeira.

Olhando para cima à sua entrada, a boca dele curvou-se num sorriso malicioso. Ele a inspecionou sem pressa, desde seus dedos dos pés rosados espreitando por baixo do cobertor, até seus cabelos que tombavam sobre seus ombros até sua cintura.

Com o brilho dos olhos dele, ela quase voltou atrás e fugiu para o quarto. Ela poderia muito bem estar nua como um pisco, tão esfomeada era a expressão dele.

Seu olhar quente não se desviou nem por um instante enquanto ele ficava em pé. - Consegui fazer um chá, e sobrou uma maçã, dois rolos de aveia e uma fatia de queijo.

Sua comida estava em cima da mesa, agora colocada mais perto da lareira. Ele também acendeu mais duas velas.

Yancy aproximou-se dela. A extensão dos pelos escuros e encaracolados expostos por sua camiseta separada, enviou uma ondulação ao longo de sua coluna.

Isobel forçou seus pés a permanecerem plantados, embora cada instinto gritasse para que ela fugisse. Ele era tão perigoso para seus sentidos inexperientes quanto seus sequestradores tinham sido para

seu corpo físico. Mais ainda, já que ela parecia incapaz de invocar um pouco de resistência a ele, seus ridículos olhos de malaquite, ou sua boca soberbamente moldada. Ou os músculos do peito deliciosamente esculpidos.

Pare de olhar e diga algo, Isobel.

— Seu cavalo está bem? — *Molhado e brilhando.* Mas a pobre besta provavelmente não tinha sido bem cuidada ou alimentada desde que todo este desastre começou.

Yancy sorriu como se soubesse muito bem os pensamentos tumultuados que lhe guerreavam na cabeça.

— Sim, Skye não está muito feliz comigo no momento. O velho gosta muito da sua aveia. — Ele arrancou a roupa molhada dos braços dela, seus dedos longos roçando sua pele nua.

Aquelas sensações incômodas recomeçaram, saltando sobre seus nervos. A sensação confundia bastante sua mente e fazia as coisas mais erráticas para a respiração dela.

— Sente-se à mesa enquanto eu as coloco para secar. — Ele levantou suas roupas e sapatos.

Afundando em uma cadeira dura, o descompasso aqueceu o seu rosto enquanto ele passava arrumando suas meias, espartilho, e chemise sobre a sala agradavelmente quente, tão naturalmente como um marido faria.

No ato de colocar a última meia numa cadeira, ele se abaixou, sua atenção se fixou em sua panturrilha.

Olhando para baixo, a mortificação tomou conta de Isobel. A manta se abriu, revelando sua perna desde o tornozelo até acima do joelho.

Ela puxou as pontas juntas.

Yancy levou o olhar dele até o dela, seus olhos travados, suas almas se fundindo.

Ela não era mais capaz de desviar o olhar do que de parar de respirar.

A fome tingida com algo sem nome brilhava em seus olhos de gato. O olhar dele a acariciava através da distância como se seus dedos estivessem sobre sua carne.

O ar deixou seus pulmões e seus membros se transformaram em geleia. O desejo a inundou.

Estou em sérios problemas.

Sozinha, completamente nua debaixo de um cobertor escasso, e relutantemente apaixonada por um homem cujo mero olhar a fazia querer jogar fora a propriedade e implorar-lhe que a fizesse mulher, sim, ela estava em profundo, profundo, desastroso problema.

— *Mãe Santíssima* — Isobel murmurou sob o seu suspiro. Ela simplesmente não conseguia pensar direito no momento. Verdade seja dita, o fenômeno ocorria com irritante regularidade na presença de Yancy.

Desesperada por algo para distrair seus devaneios traiçoeiros, suas mãos instáveis, ela derramou chá nas duas xícaras lascadas.

— Sinto muito. Não há leite nem açúcar. — As palmas das mãos de Yancy caíram nos ombros dela, as pontas dos dedos dele pressionaram gentilmente para dentro da carne.

Isobel pulou, um joelho batendo na mesa e sacudindo sua escassa refeição.

Com os pés descalços em silêncio no chão desgastado, ele se arrastou por trás dela.

Ela tomou um gole apressado de chá e queimou sua língua. Ao invés de cuspir o líquido quente para dentro da xícara, ela engoliu, queimando a garganta.

Inferno, Hades, e purgatório também.

Ela sempre agiria como uma completa idiota na companhia dele?

Reunindo sua juba emaranhada, ele suavizou os fios pelas costas dela. — Eu encontrei um pente. Sente-se de lado na cadeira, e eu desembaraçarei seu cabelo.

A antecipação a deixou muda, mas ela obedientemente mudou de posição.

— Vá em frente e coma. Yancy puxou a outra cadeira atrás dela e depois passou o pente através das suas mechas, os movimentos eram lentos e hipnóticos.

Ela tomou mais um gole de chá, praticamente suspirando de apreciação. O homem preparou uma xícara soberba. Será que ele realmente tinha comido ou deixara a escassa refeição para ela?

Dando uma dentada de queijo, ela tentou ignorar as maravilhosas sensações que suas ministrações suaves causavam. Ela virou sua mente para casa. Mal podia esperar para chegar a

Craiglocky e ver sua família, para assegurar-lhes que não tinha sido comprometida.

— Isobel? — A voz de Yancy ficou rouca. — *Eles a machucaram*?

Quer dizer, eles me arruinaram?

Ela pegou num rolo de aveia, certa de suas bochechas flamejantes. — Não. Eu me considero bastante afortunada nesse aspecto.

Seu hálito aqueceu o topo de sua cabeça enquanto ele soltava um suspiro pesado. — Tive tanto medo por você, que eles a forçariam.

— O verdadeiro perigo estava neles descobrindo que eu não era Lydia.

Ele parou de pentear seus cabelos e passou a mão através das mechas. — Tem um cabelo lindo.

Ele traçou pequenos círculos abaixo da orelha dela com seus dedos.

Todos os ossos do seu corpo deviam ter ficado moles porque ela não conseguia se mover. Nem mesmo quando ele substituiu os dedos por lábios firmes, e a barba suavemente raspou em sua pele.

Já se sentiu algo tão glorioso? Quando a Sabedoria gritou em protesto, Isobel dobrou o pescoço, oferecendo a ele um acesso mais fácil.

Yancy aliviou o xale dos ombros dela e moveu as palmas das mãos dele através da carne nua enquanto beijava as plumas através de sua nuca, descendo até seu ombro. — Isobel?

Ela virou sua cabeça e encontrou os olhos dele, escuros de desejo.

Os dela brilhavam com o mesmo intenso desejo?

Ela traçou a boca dele com a ponta dos dedos dela. Ela queria beijá-lo, apenas uma vez para experimentar o beijo do homem que ela havia amado secretamente por anos. Ela já estava arruinada. Que diferença faria se ela criasse uma memória para guardar ao longo de sua vida?

Ele sugou um dedo em sua boca.

Ela arfou enquanto a sensação subia entre suas pernas e as pontas de seus seios. Como algo tão simples poderia causar a

contração de seu núcleo? Se isso era paixão, ela havia esperado muito tempo para vivenciá-la. Não, muito tempo para experimentá-la com ele.

Yancy a atraiu aos seus pés. O cobertor que cobria seus ombros deslizou até o chão e se amontoou ali.

Segurando a parte de trás da cabeça dela com sua grande mão, ele a aproximou mais, até que seus seios acima do tecido do cobertor encontrassem o peito dele.

Isobel ficou nas pontas de seus pés, e enrolou seus braços em torno do pescoço dele, desesperada para sentir o atrito de seus pelos encaracolados contra ela. A doce euforia cantava através de suas veias.

Isso, agora, com Yancy era tudo o que importava. Mais tarde, em seu colchão solitário, ela examinaria sua impetuosidade e se castigaria caminhando até a China e de volta.

Como se sentisse seu desespero, ele se afastou do abraço dela e arrancou sua camisa. Seus músculos esculpidos se fissuraram e se flexionaram quando ele a jogou descuidadamente no chão.

Nos poucos momentos que levou para ele tirar a roupa, ela se sentiu despojada. Precisava do seu toque, assim como a terra precisava ser acariciada pelos raios de sol.

Colocando um braço sobre as costas dela, ele puxou-a para mais perto, enquanto inclinava seus quadris e pressionava o sólido inchaço de suas calças na barriga macia dela.

Yancy encostou seus lábios em sua bochecha machucada, o sussurro mais forte que um beijo. — Minha querida, eu sinto tanto.

Ele chovia beijos ternos e reverentes sobre suas lesões como se quisesse apagar a dor.

Ela tocou a boca dele com a dela, um golpe de borboleta. — Me beije, Yancy.

— Não quero machucar sua boca.

— Não vai.

E não o faria, não este homem gentil e atencioso.

Finalmente a boca dele tomou a dela numa tentativa de beijo. Uma torrente de desejo irrompeu sobre Isobel, tão feroz e intensa como a tempestade que os encharcou hoje cedo.

Ele sondou seus lábios com a língua, incitando-a a se abrir para ele.

Ávida por tudo o que ele tinha para lhe ensinar, ela cumpriu ardentemente. Gemeu contra a boca dele e lhe agarrou as costas, os ombros largos, suaves e quentes.

Emoldurando o rosto dela com as mãos dele, Yancy a beijou, quase como um ato de adoração. Encontrou seu caminho dentro do cobertor e acariciou seus seios.

Isobel suspirou, curvando-se com sua carícia.

Ele voltou para trás, e a manta restante deslizou para o chão.

Capítulo Vinte e Dois

Yancy nunca tinha sido tão superado com o desejo. Era um homem da cidade, e as formas de uma mulher não eram segredos. Mas Isobel, Deus no céu, ela estava além de qualquer uma de suas fantasias eróticas. E ele tinha tido muitas delas.

Magníficos seios, quase grandes demais para a sua estrutura, os mamilos grandes e de tom acobreado, o perseguiam sem piedade. Ele doía para sentir seu peso generoso nas mãos, para enterrar seu rosto na suavidade cremosa, e amamentar naqueles gloriosos bicos. As palmas de suas mãos mal podiam conter a abundância madura de seus seios fartos.

Eles subiam e desciam na cadência de sua rápida respiração.

Uma visão dela o acompanhava, seus seios sacudiam enquanto ela o montava até o fim, deixando sua boca seca como giz e seu pênis esticado contra suas calças.

Sua cintura estreita afunilada em quadris largos e perfeitamente carnudos. Centrado entre suas coxas de marfim, um ninho de cachos cor de amêndoa acenava, tão hipnotizante como Vênus e viciante como o ópio.

Imaginando sua virilha assentada contra aquele tesouro macio, agarrando seus montes luxuriosos enquanto ele se empurrava para dentro dela, tinha Yancy à beira de derramar sua semente onde estava.

Não tinha sido tão alucinado e fora de controle desde que Julia Cambrill afundou suas garras nele.

Sem nenhuma coberta, a boca de Isobel se abriu de surpresa e a incerteza dançou sobre suas lindas feições. Ela se curvou para recuperar o cobertor, apresentando a ele suas nádegas tentadoras.

Gritando, ele a agarrou pela cintura, puxando-a para o seu eixo dolorido. Uma mão embalando um seio, a outra sua pélvis, ele esfregou seus quadris no traseiro dela. — Vê o que me faz, Isobel?

Ela tremeu. — Yancy. Eu não...

Ele traçou sua língua até o ombro dela e mordeu suavemente.

Um gemido da garganta a deixou em uma onda de ar, e ela se atirou contra ele. Tinha um cheiro doce e feminino.

Enterrando o rosto dele nos cabelos de Isobel, ele deu um grande suspiro. Eles se casariam assim que ele falasse com o pai dela e o contrato fosse assinado. — Prometo que farei todos os preparativos para o acordo.

Isobel endureceu, permanecendo rígida e imóvel por um instante, antes de partir de seus braços.

— Querida, o que há de errado? — Ele tentou abraçá-la mais uma vez, mas ela se esquivou e pegou o outro cobertor do chão.

Rapidamente o envolveu sobre si mesma, escondendo dele a generosidade de sua mulher. Olhos desviados, ela gesticulou entre eles. — Eu me culpo por isso.

Mãos nos quadris, ele a estudou. Por que as barreiras agora?

O lábio inferior dela tremia, ela piscou várias vezes e engoliu. Seu olhar continuava saltando para o peito nu dele. Ela não era mais capaz de resistir a ele como ele era ela.

— Isobel, não há culpas envolvidas. — Ele tocou o braço dela ternamente.

O olhar mortificado dela encontrou o dele por um instante, enquanto ela se afastava, agarrando o cobertor como uma manta protetora. — Eu não deveria ter deixado o quarto sem minha roupa e não deveria ter encorajado suas atenções. Eu sabia disso e lamento que minhas ações tenham dado a impressão errada.

— Impressão errada? Querida, nós dois queremos...

— Vou me retirar agora. — A tristeza e as lágrimas por derramar engrossaram sua voz.

Ele estendeu a mão. — Não vá. Seu cabelo não está completamente seco e o quarto não está aquecido. Podemos nos sentar diante do fogo e conversar, enquanto seu cabelo seca, se quiser...

Ele preferia colocá-la diante do fogo e explorar cada centímetro de sua pele lisa e acetinada.

— Não — Um rubor vívido varreu seu rosto, e ela abaixou a cabeça. Com os ombros encolhidos, ela passou por ele. Rapidamente se colocou no quarto, e um momento depois, a porta se fechou suavemente atrás dela.

O que diabos acabou de acontecer?

Isobel tinha sido uma sereia em um instante, e no outro, frígida como Loch Arkaig em janeiro. Passando a mão pelo cabelo, Yancy olhou fixamente para as chamas, acariciando o coração. Um som mudo atravessou a porta separando-os.

Chorando.

Maldição. Será que alguma vez ele entenderia as mulheres?

Um gole de uísque não seria errado neste momento. Quem ele pensou que tinha enganado? Uma garrafa inteira não curaria a vara que lhe armava as calças ou a culpa que o assediava. Um homem decente teria proposto e casado com ela antes de tomar tais liberdades, mesmo que ela estivesse disposta e irresistível. E, Deus sabia, ele não era um santo.

Yancy calçou as botas, mas ignorou sua camisa. Ele agarrou uma garrafa de uísque enquanto caminhava até a entrada. Já havia tomado banho; no entanto, um outro banho minucioso de água gelada seria bom para o seu corpo sedento de luxúria e álcool para o seu coração apaixonado.

* * *

A porta da frente bateu violentamente e Isobel chorou no travesseiro. O tecido cheirava levemente a Yancy. Ela se jogou de costas, com um braço sobre os olhos.

Idiota, ficando nervosa por causa de alguns beijos esplêndidos. Tudo bem, tinha sido mais do que beijos, e talvez a experiência tivesse sido a coisa mais maravilhosa deste lado do céu.

Sugando um suspiro cansado, ela enxotou as lágrimas que escorriam de seus olhos. Ela havia agido de forma promíscua com um homem que ela sabia muito bem que não poderia oferecer a ela nada além de sua proteção. E pior, tinha sido tentada a deixá-lo seguir em frente e as consequências seriam severas.

Então, sua consciência irritante levantou sua cabeça prudente com uma ladainha de razões lógicas pelas quais Isobel precisava ignorar seu coração e as deliciosas sensações que a envolviam:

Não pode jogar sua virtude fora com um homem que não a preza.

Nunca se perdoará.

Será pouco mais do que uma cortesã bem educada.

Não terá a mais remota chance de fazer um casamento respeitável.

Mesmo assim, Isobel tinha sido muito tentada.

Até que ele tão brutalmente mencionou um acordo.

Isso freou seu ardor mais rápido que os vermes nos lençóis.

Yancy, obviamente, não estava tão tomado pela necessidade como ela, pois no meio do seu interlúdio, ele podia contemplar os termos do contrato. Ele evidentemente assumiu que as respostas dela significavam que tinha concordado em se tornar sua amante.

O diabolicamente bonito e atraente libertino.

Esta noite selou seu coração e seu destino. Ela deixaria Craiglocky até a partida de Yancy. Então, em um ano ou dois, ou dez, se ela tivesse um encontro casual com ele, suas emoções seriam impenetráveis ao charme dele.

Ele provavelmente teria um descendente com Matilda até lá, e Isobel seria uma solteirona, mais seca do que pão escuro esquecido, ou casada com uma ninhada própria, se o bom Deus quisesse.

Eles simplesmente sorririam e acenariam antes de passarem um pelo outro como se essa atração miseravelmente maravilhosa nunca tivesse existido entre eles.

Entrando mais fundo nas mantas que provocam comichão, ela soltou um longo e desanimado suspiro. Por que seu coração inútil escolheu Yancy?

O pelo de Whit não passará por você. O que será, será.

Tish tosh, certo vovó? O que está destinado a acontecer acontecerá, tudo bem. E olha que desastre colossal tudo acabou sendo.

Um suspiro estremecido escapou dela antes que fechasse os olhos com determinação. Uma visão dela e de Yancy abraçando-a, finalmente a atraiu para os braços de Morfeu.

Algum tempo antes do amanhecer, Isobel despertou com um grito. Elevando-se, o medo a sufocou enquanto ela buscava freneticamente pelo quarto. A meia-lua filtrando através das persianas conferia um brilho assustador à câmara.

Onde ela estava? E por que estava nua?

— Isobel? — A forma sombria de Yancy apareceu ao lado da cama.

A memória a inundou. Agarrando um cobertor ao peito, ela caiu em alívio.

Um sonho. O ataque não tinha sido nada além de um sonho.

— Está tudo bem? Sentado na beira do colchão, ele tocou seu ombro. — Está tremendo...

— Eu sonhei que Angus me encontrou. Nós dois. — Ela tirou o cabelo do rosto, tentando respirar calmamente. O aperto do Terror, como se fosse um tentáculo, soltou lentamente o peito dela — Ele te esfaqueou e colocou suas mãos em mim com a intenção de...

Ela não conseguiu terminar quando uma nova onda de pavor a tomou. Apertando os olhos, ela deu um soco no cobertor. Senhor, o pesadelo tinha parecido real. Yancy morto, um punhal empalando seu coração. Lágrimas escorriam por baixo dos cílios dela e a seguiam pelas bochechas.

— Shh, querida. Eu estou aqui. - Ele passou um braço sobre os ombros dela e pressionou sua cabeça até o sólido peito dele.

Tão bonito e firme. Os pelos finos fizeram cócegas em seu nariz. Ele cheirava a bebida forte e o aroma agradável que vinha associando a ele.

— Deslize e deite-se. Vou ficar contigo até que adormeça novamente. — Ele esbarrou nela levemente com seu quadril.

Isobel fez o que ele pediu. — Onde estava dormindo? No chão?

Ele riu enquanto a aconchegava. — Sim, do lado da sua porta.

— Isso deve ter sido muito desconfortável. — Ela não tinha pensado onde ele iria dormir. Egoísta da parte dela.

Ele encolheu os ombros, um sorriso de menino emoldurando seus lábios. - Já dormi em condições bem piores. — Ele lhe deu um apertozinho no quadril. — Agora, vá dormir. Eu gostaria de começar cedo. Acho que não fomos seguidos, mas ficarei mais confortável quando estivermos em terras McTavish.

Ela se instalou contra ele, seu ombro como travesseiro. Um dos braços dela descansava no peito dele, as pernas dela alinhadas com as dele. — Acha que Ewan invadiu a Casa Dounnich?

Yancy curvou um dos braços dele sob a nuca dela. Ele brincou levemente com as mechas ali e assentou sua outra mão sobre o quadril dela.

A voz dele era grossa pelo sono, e talvez um pouco de bebida demais, ele murmurou — eu apostaria nisso. Ele terá sentinelas extras patrulhando suas fronteiras também.

— Hmm — Isobel bocejou, aninhando-se ao seu lado. — Isso soa como meu irmão.

Yancy beijou seu nariz e se arqueou nela. Seu comprimento rígido pulsava contra a perna dela. — Agora durma, *vixen*, ou não serei responsável pelo que acontecerá a seguir.

Capítulo Vinte e Três

Maldito frio. Tremendo, ela se aconchegou mais perto do corpo quente deitado ao seu lado. A conscientização chegou. Um corpo firme e masculino acalentava o dela do ombro à panturrilha.

Abrindo os olhos, seu olhar colidiu com o olhar lânguido e verde de Yancy. Ela pestanejou sonolenta e sorriu.

Seus lábios se curvaram preguiçosamente antes que seu olhar se afundasse nos seios expostos dela. Ele tocou um mamilo com a ponta do dedo.

De repente, ela não estava mais com frio. Um delicioso calor cantava ao longo das veias dela.

A porta explodiu.

Ela gritou e puxou o cobertor sobre seus seios enquanto Ewan, papai, Dugall, Harcourt, e vários membros do clã invadiam a minúscula câmara. Eles estavam mais apertados que biscoitos em uma lata.

Yancy se ergueu, apenas para congelar enquanto a ponta da espada de Ewan picava seu pomo de adão. Um ponto escarlate apareceu.

— Não. Se. Mexa, Ramsbury. — A expressão selvagem de Ewan quase parou seu coração. Ele parecia feroz o suficiente para matar.

Ela nunca havia visto este lado dele; o lado que lhe valeu a reputação de um agente diplomático sem igual e inigualável com uma lâmina.

As mãos jogadas em rendição ao lado de sua cabeça, Yancy encostou as costas dele. Os músculos ondulados de seu abdômen se afundaram, como se estivesse deitado e submisso, forçando sua resistência. Olhos atentos, ele enfrentou a cabeça enfurecida de Ewan.

— Quer me matar com sua irmã deitada ao meu lado? — O foco dele mudou para o Duque. — E Harcourt, obrigado por me defender.

— Velho amigo, o que quer que eu faça? Foi pego em flagrante, não em flagrante, mas presumo que a Srta. Ferguson esteja nua

como uma galinha depenada debaixo daquele cobertor. — Com um olho enegrecido, Harcourt esfregou a lateral do nariz. — Além disso, nunca o vi em uma situação tão interessante.

Um som, muito parecido com um rosnado, acompanhou o olhar furioso que Yancy enviou ao duque.

Harcourt riu maliciosamente. — Estou esperando ansiosamente para ver como irá se livrar. Deve se mostrar muito divertido.

— Se valoriza sua visão, eu o aconselho a parar de olhar Isobel neste instante, *amigo*. — O fogo se acendeu nos olhos de Yancy.

— Cale a boca. Levante-se. — Ewan encostou a espada mais firme contra o pescoço de Yancy. O escarlate aumentou.

Arrastando o cobertor com ela, Isobel se sentou. — Ewan, pare com isso neste instante. Nada aconteceu. Se notar, ele está usando calças de calças.

Ela tentou ignorar o constrangimento da situação humilhante. Mesmo assim, os homens embaralhados no final da cama e a avaliação de Harcourt a pressionaram. Apontando para a espada, ela fez uma careta. — Afaste isso de Yancy.

— Eu te avisei, Ramsbury, para não brincar com seus sentimentos - Ewan mandou-lhe um olhar cheio de acusações desapontadas. — Eu esperava mais de você, Isobel.

— *Aye*, estou chocado, moça. — Os olhos geralmente joviais de seu pai brilhavam de desaprovação.

A dor brotou em seu peito, e ela sufocou um arfar ferido. Apertando mais o cobertor, ela deixou cair o olhar enquanto a mortificação subia de seus ombros nus para sua linha de cabelo.

Eles me culpam.

E Ewan tinha avisado Yancy para ficar longe dela? As lágrimas se juntaram, mas ela se recusou a derramá-las.

Yancy desviou um pouquinho, acariciando o joelho dela com o dele. — Suponho que não acreditaria em mim se eu lhe dissesse que tenho toda a intenção de me casar com ela.

Quase soltando o cobertor, Isobel desviou o olhar para ele. Será que ela o ouviu corretamente? — Perdão?

— Não é a proposta mais romântica, eu sei. - Um cintilar entrou em seus olhos expressivos. — Uma lâmina na garganta estraga um pouco o momento.

Ele provavelmente disse que pretendia casar com ela para salvar sua pele.

O pai e Dugall apareceram prontos para espancá-lo. Ewan ameaçou com a ponta da espada, e o rosto dos outros não era menos ameaçador, exceto Harcourt, que parecia muito divertido com a situação.

Sua compostura e paciência acabaram, Isobel sacudiu a cabeça em direção à porta. — Saiam. Todos vocês, para que eu possa me levantar.

— Não até resolvermos o assunto. — Com as pernas abertas, seu pai cruzou os braços, sua expressão inquebrantável.

Teimoso, imbecil.

Dugall imitou a posição de seu pai.

Se não fosse pela gravidade da situação, Isobel poderia tê-lo provocado. Ao invés disso, ela mostrou ao pai um olhar de fúria para queimar o cabelo dele e deixar sua pele com bolhas.

— O senhor acha interessante ter esta discussão com Isobel sem roupa à vista destes homens, Sir Hugh? — Com uma lâmina na garganta, Yancy ousou desafiar seu pai.

Um rubor de apreciação a dominou. Ela poderia ser capaz de fingir que o desgosto não a estava despedaçando, mas não seria capaz de continuar esse ardil por muito mais tempo. Especialmente, com os olhares curiosos e censuradores, e alguns de apreciação também, dirigidos a ela pelos homens do clã.

Todos entre aqui e Londres saberiam de sua ruína em poucos dias.

A pergunta de Yancy surpreendeu seu pai. Seus olhos castanhos escuros avaliaram o conde. — *Nae.* Desimpeçam a sala. Isso inclui você, sua senhoria.

Yancy bateu na perna da Isobel — Tudo ficará bem. Eu prometo.

Como prometeu ontem à noite?

Seu pai se aproximou. — Agradecerei se tirar suas mãos de cima da minha filha.

Ewan se afastou e baixou a espada, embora não tenha embainhado a arma.

Quando Yancy se levantou, os homens saíram da câmara, exceto seu pai e Ewan, que ficaram atrás dele.

— Pai, espere. — Isobel se elevou ainda mais, cuidado para manter o cobertor seguro sobre seus seios. — Onde estão Duncan e os gêmeos?

Como um, os homens se voltaram para olhar para ela.

Uma careta se instalou no rosto de Ewan, e a carranca que ele deu a Yancy poderia ter incendiado o acendedor. — Não contou a ela?

O brilho feroz de Yancy espelhava o de seu irmão.

— Não. Ela já passou por muito, e não achei que ela precisasse de mais preocupações no momento. Ela foi sequestrada, agredida no caso de seu rosto machucado ter escapado à sua atenção, e quase forçada a se casar com um monstro louco antes de escapar e fugir por sua vida. Eu diria que isso era o suficiente para suportar.

A premonição atravessou a pele nua de Isobel, e ela estremeceu. *Maldita, coruja miserável*.

— O que aconteceu? — Isobel mal conseguia formar as palavras.

Ewan se aproximou novamente, seu rosto coberto de arrependimento. — Gregor foi baleado. Quando saímos de Craiglocky, ele lutava por sua vida.

— Querido Deus, não. — Isobel apertou a mão na boca, lágrimas brotando de seus olhos. Ela balançou a cabeça, seus cabelos se agitaram nos ombros. — Não. Não.

Não Gregor.

Yancy fez uma pausa na porta, suas características estranhamente ternas. — Vou pegar suas roupas. Elas devem estar secas.

No momento em que a porta se fechou, ela enterrou o rosto no travesseiro, soluçando. O querido Gregor tinha sido ferido. Será que sobreviveu? Uma onda de náusea bateu nela. *Ele precisa*. O gigante gentil não podia morrer. Não podia.

Ela tinha feito um bolo horrível de tudo, encontrada por seu pai e irmãos, nua como um osso na cama com Yancy. Dada a reputação de Yancy, eles não acreditariam que nada aconteceu.

Como poderia enfrentá-los? Ou a mãe? A vergonha a engoliu. Para poupar a desgraça de sua família, ela iria embora, só Deus sabia para onde, entretanto.

Dez minutos depois, o cabelo trançado e os olhos sem dúvida vermelhos e inchados, Isobel saiu. Apenas Ewan, seu pai e Harcourt permaneciam com Yancy. Ele havia se vestido e sentado à mesa, uma expressão reservada em seu rosto. A tensão apertava sua boca, e a raiva fervia em seus olhos.

O fogo tinha se apagado durante a noite e ninguém tentara iniciar outro. Eles pretendiam partir imediatamente.

Ewan estava perto das janelas, de costas para os outros.

O dia prometia uma repetição do de ontem. Frio, úmido e miserável. Normal para a Escócia, e uma descrição perfeita do seu coração também.

A porta se abriu e Dugall entrou. — Vai ser um dia *sombrio*.

Sim, um dia horrível, de fato.

Ele se livrou do seu plaid molhado. — Os animais estão prontos.

Isobel avançou para a sala e cobriu seus ombros com seu manto. — Presumo que devemos partir imediatamente?

Ewan virou de olhar para fora. — Assim que os votos forem proferidos.

Isobel congelou com um sapo na garganta — Votos?

Quase se engasgou com o coaxar que emergiu. Determinada a não olhar para Yancy, ela puxou um fôlego de coragem. No entanto, sentiu seu olhar penetrante desejando que ela olhasse para ele.

E Matilda? Ela também está arruinada.

— *Aye*, moça. — Seu pai a acariciou. Tocou sua bochecha ferida, tendo a compaixão suplantado a ira que havia em seus olhos mais cedo. — Estão comprometidos. Economizariam algum constrangimento. *Ye* e o Conde podem trocar seus votos aqui. Ninguém precisa saber como nós os encontramos antes de se casarem.

Exceto que, de qualquer forma, todos saberiam.

Tentar abafar o que os membros do clã testemunharam no quarto era tão fútil quanto tentar evitar que a neve derretesse sobre um fogo ardente ou represar o rio Tay com um grampo de cabelos.

Quase impossível.

O pai fez uma moção para Dugall e Ewan. — Eu e seus irmãos seremos as testemunhas. E o Duque, também. Pedirei ao reitor que registre o casamento quando chegarmos em casa.

Harcourt permaneceu em silêncio, sua habitual expressão zombeteira se tornou sóbria.

Que confusão.

Isobel se afastou e continuou segurando seu manto. Ela examinou cada um por sua vez, forçando um sorriso. — Ao que parece, pensou bem nisto. E se Lorde Ramsbury não desejar se casar comigo?

Ela mordeu o interior da bochecha, com medo da resposta dele, mas sabendo o que deveria fazer, não importando a resposta dele.

Yancy levantou-se e depois de um olhar rápido e cauteloso para Ewan, começou a se aproximar dela.

— Isso já é o suficiente. Você não voltará a tocar minha irmã até que sejam marido e mulher. — Ewan dedilhou sua espada, com um semblante assustador.

Um urso faminto demonstra ser mais amigável.

— Oh, meu Deus, Ewan. Poderia parar, por favor? — Isobel se sentiu um pouco como uma ursa rabugenta.

— Isobel, olhe para mim. — Embora o tom de Yancy tenha permanecido gentil, ela não podia ignorar o pedido dele.

Para manter suas feições compostas, ela enrolou os dedos dos pés dentro de suas botinas.

Ele sorriu aquele sorriso arrojado dele, fazendo seu coração tolo palpitar. -—Eu quero me casar contigo.

O que ameaçava um conde do reino e o Secretário de Guerra da Grã-Bretanha para que ele aceitasse um casamento forçado?

— É claro que sim. — Ela soltou uma risada sem humor e agitou os dedos na direção de Ewan.

Ewan a considerava com cuidado.

— Tenho certeza que a lâmina do meu irmão e o que quer que eles tenham ameaçado fazer contigo se não fizesse de mim uma mulher honesta não tem nada a ver com a sua ânsia de se casar — Ela vacilou no sarcasmo estridente da sua voz.

Harcourt poderia ter aulas com ela hoje. Ela olhou para ele de relance.

A compaixão fervia em seus olhos prateados, e ele oferecia um sorriso gentil.

Dugall não conseguia esconder o seu desconforto. De repente, absorvido pelo chão desgastado, não encontrava seu olhar.

Então, eles *tinham* ameaçado Yancy.

Não era nenhuma surpresa.

Afinal de contas, eles eram escoceses. Além de serem ferozmente protetores e leais, os escoceses não usavam menos do que a delicadeza para obter o que desejavam. Ewan tinha enganado Yvette para que ela se casasse com ele por meios semelhantes, embora ele o tivesse feito para mantê-la longe de certo arrebatamento.

É surpreendente que Sua Graça não se tenha oposto ou feito algo para ajudar Yancy. Talvez ele tenha tentado, mas em vão.

— Isobel, eu sinceramente desejo me casar contigo — disse Yancy. — Nada me faria mais feliz.

Tão sinceras eram sua voz e expressão, que ela quase conseguiu se convencer de que ele se importava com ela.

— Obrigada, Lorde Ramsbury. Sinto-me abençoada e honrada pela sua oferta - Ela deu a ele o que esperava, que aparecesse um sorriso de gratidão. Muito difícil de fazer quando seu coração fora partido em dois. — No entanto, nada dessa confusão é culpa sua, e eu assumo total responsabilidade por tudo.

— Seja como for, moça, ele ainda é obrigado a se casar contigo. Ele foi pego na sua cama. — Seus olhos sangraram, o pai estendeu a mão. — Vamos falar sobre isso depois? A sua mãe está frenética por seu retorno.

Ela olhou para a mão grande e calosa dele por um longo momento e depois levantou o olhar. Certamente, o arrependimento brilhava neles. Isobel balançou a cabeça. — Não, eu acho que não.

— O que quer dizer, *nae*? — Com as sobrancelhas e lábios franzidos, Dugall parecia totalmente perplexo. Ele se voltou para o pai deles. — Faça-a ver a razão, *Da*.

O pai suspirou e a simpatia revestia seu rosto carrancudo. — Tem *sua escolha*, moça.

— Não pode estar falando sério. — Ewan plantou as mãos sobre os quadris, olhando como se quisesse bater nela.

— Vou ser coberto com óleo e emplumado. Parece que escapou da ratoeira do pastor, Ramsbury. Por um fio.

Ele se agitou novamente.

— Por que não? — Yancy inclinou sua cabeça, seu olhar em busca do dela.

Se ela não o soubesse bem, ela o acharia sinceramente confuso. Ferido até.

Ela torceu as mãos com o manto. — As minhas razões são apenas minhas.

— Deve se casar. Estará duplamente arruinada assim. — Ewan andou pelo quarto, atirando seu olhar frustrado. — Isto é absolutamente ridículo.

— Concordo plenamente. — Isobel inclinada para a porta. Ela tinha que fugir antes de correr gritando como uma lunática. Sua reserva de dignidade havia se esgotado a um dedal.

Ewan dirigiu-se a Yancy. — Ramsbury, aceita Isobel como sua esposa?

Ela rodopiou para confrontar Ewan. — Isso vai além do razoável, Ewan. Pare. Agora.

Se ela tivesse sua sombrinha, ela golpearia seu traseiro arrogante e intrometido.

— Eu aceito. — Seu olhar sem pestanejar estava fixo nela, Yancy olhava fixamente para a alma dela. — E eu quero.

Deus, como ela desejava que ele não fosse forçado a se casar com ela, desejava que ele tivesse realmente escolhido pedi-la, desejava que ele não tivesse comprometido Matilda e comprometido a se casar com a menina.

Se os desejos fossem cavalos, então os mendigos cavalgariam.

— Isobel, por favor, diga que aceitará Ramsbury como seu marido. — Um tom de suplica entrou na voz de Ewan. Ele estava realmente desesperado para protegê-la. O coração dela descongelou um grau. Abençoado sejam ele e seus esforços mal orientados.

Tudo o que ela tinha que fazer era dizer sim. Tão simples quanto isso. Segundo a lei escocesa, ela e Yancy seriam legalmente casados.

— Eu sei o que está tentando fazer, Ewan, e embora eu aprecie o sentimento por trás disso, ultrapassou os limites. — Com o coração e os pés pesados, Isobel virou suas costas. Ela os

desapontou e a todos, mas destruiu qualquer perspectiva para sua felicidade futura. Tudo tinha ido para o inferno em um carrinho de mão.

Ela não suportava olhar para o lado de Yancy, ou explodiria em lágrimas. Na porta, ela segurou a respiração, seus olhos e boca pressionados em linhas apertadas, enquanto lutava pelo controle.

Ela não queria que os homens de fora a vissem naquele estado, nem podia ficar dentro de casa onde a qualquer momento, sua compostura desmoronaria como um biscoito de gengibre velho de um mês.

— Isobel? — Passos suaves se aproximaram. Yancy a virou para enfrentá-lo.

Não, não fale isso. Não me pergunte, eu lhe imploro.

Não me faça negar o que eu mais quero no mundo.

Ele segurou o rosto dela, forçando-a a encontrar seus olhos perturbados. - Quer se casar comigo?

Ela engoliu enquanto uma lágrima escorria do canto de um olho. - Eu não posso.

Aproximando-se, ele procurou seus olhos, seu olhar terno. Ele acariciou seu queixo com o polegar. — Por quê?

A porta abriu, golpeando-a com força e empurrando-a para os braços de Yancy. Seu cheiro e seus braços a engoliram simultaneamente.

Kinley, sem fôlego, suado e com cheiro de cavalo, entrou no chalé. - Cavaleiros se aproximam, se movem rápido e carregam as cores do MacHardy.

Capítulo Vinte e Quatro

— Por favor, faça exatamente o que eu peço, Isobel. MacHardy é tão implacável quanto os homens que a levaram. — Com uma mão no cotovelo de Isobel, Yancy liderou o grupo para partir da cabana. Ele firmou o seu aperto no braço dela. — Entendeu? Prometa-me...

Seu olhar turquesa perfurava o rosto dele, ela o examinava. O que ela buscava?

— Eu prometo.

Puxando o braço, ela se afastou. Uma nuvem de desespero a envolvia, visível em sua cabeça curvada e ombros descaídos.

A chuva caía do sombrio céu da manhã, sombreando o clarão carregado de cinza nebuloso. Dois grupos de escoceses valentes, fortemente armados e alertas, sentados e à espera de ordens.

Como diabos não tinha ouvido essa comitiva chegar?

Uma garrafa inteira de uísque, foi assim.

A dor esmagadora em seu crânio ameaçava atravessar seus olhos. Não mais do que ele merecia por tal excesso de indulgência.

Skye, junto com vários outros cavalos selados, misturados inquietos. O cavalo parecia tão ansioso quanto ele para fazer este trabalho e voltar para casa.

Para Isobel, com certeza.

Ele arriscou um vislumbre em sua direção.

Régia como uma rainha, seus traços delicados compostos exteriormente, fervilhavam nas profundezas de seus olhos. Colocando seu capuz sobre sua cabeça, ela se afastou do seu olhar e encarou as árvores musgadas. Ela tinha passado pelo pior de todos eles, e dado os infelizes acontecimentos desta manhã, o enigma não tinha sido totalmente resolvido.

Por Deus, se ela não aceitasse que ele fosse...

Agora não.

Yancy empurrou sua rejeição e o desânimo que a acompanhavam para um canto isolado de sua mente. Mais tarde, quando pudesse, ele os examinaria. Assuntos mais urgentes

exigiam sua atenção. O atrevimento de MacHardy não era um bom presságio.

Ele procurou o escocês que havia trazido a notícia. — Quais os números do barão, e a que distância eles estão, senhor...?

— Kinley, Sua Senhoria — Com a mão no cinto, o escocês balançava a cabeça respeitosamente. — Quatorze homens, e eles estão a duas milhas, talvez um pouco mais para o nordeste.

— Dugall, por favor, ajude sua irmã a montar. — Yancy não conseguiu mandar McTavish colocar Isobel em Skye. — Ela irá contigo.

Isobel apressou-se a fazer o que ele queria, um pouco mais rápido do que ele gostaria.

Yancy virou para enfrentar Sethwick. — Espero que tenha lidado com os Blackhalls?

— Sim. — Sethwick mandou um olhar de guarda para sua irmã. — Não teremos mais problemas em relação a esse lado.

Ele enfiou um punhal em sua bota. — Além de alguns tolos ambiciosos possuindo mais bravura do que o senso comum, os outros largaram suas armas mais rápido do que os atiçadores quentes pressionados em suas regiões inferiores no momento em que invadimos os portões.

— A maioria dos caçadores foram ameaçados e coagidos a fazer o que Blackhall queria. — Sir Hugh esticou os braços para cima e depois flexionou os ombros largos. — *Nae* estão tendo mais desejo de um conflito com outros clãs ou com a Inglaterra do que nós.

— Eles estavam ansiosos para cooperar e, em troca, dei-lhes minha palavra de que a Coroa não buscaria retribuição — Sethwick ajustou seu plaid antes de apertar a correia em sua cintura.

Manejando os botões prateados em seu casaco, Yancy considerou Sethwick. As habilidades diplomáticas do homem eram lendárias, assim como o seu temperamento. — Isso foi sábio e uma maneira muito melhor de ganhar a lealdade dos homens do que julgá-los por traição. E quanto aos MacGraths e Claustons?

Sethwick realmente sorriu enquanto tirava os cabelos escuros da testa antes de colocar o *tam* em cima da cabeça. — Exceto por alguns malfeitores, as outras tribos não estavam envolvidas na

agitação. Angus Blackhall e MacHardy planejaram todo o esquema para conseguir as terras de Tornbury.

— *Aye*. Alguns nomes roubados e estrategicamente divulgados, convenceram os MacGraths e Claustons de que estavam alinhados com a Casa Dounnich — Sir Hugh atrelou seus passos, seu olhar pensativo focado na Isobel. Linhas de preocupação rasgavam sua testa. Ele se preocupava com sua filha.

Sethwick grunhiu e chutou uma pinha. — Angus foi um idiota por acreditar que MacHardy compartilharia um centímetro de Tornbury ou que não haveria represália se o barão tivesse conseguido se casar com a Srta. Farnsworth.

Yancy esfregou a nuca dolorida e sufocou um bocejo. Ele não era a favor de dormir no chão e nem seus músculos doloridos. — Está dizendo que o MacHardy inventou todo o rumor da rebelião para que pudesse colocar suas mãos sujas nas terras do Tornbury?

Droga, que tipo de cego era que não suspeitara disso antes? Em retrospectiva, o estratagema era tão brilhante quanto o Prinny em seu *puce cutaway* e calças. Um barão feudal, MacHardy não conhecia limites para sua ganância pela terra.

Teria o amor feito isso a Yancy, distraído e confundido sua mente ao ponto de não poder cumprir suas funções? Sua autoestima o esfaqueou.

Idiota.

Tanto Sethwick como Sir Hugh acenaram com a cabeça. Uma pitada de compaixão brilhava nos olhos escuros do último, mas o olhar de Sethwick permanecia friamente distante.

— Que verme entrou na cabeça do MacHardy? Assumir esse tipo de risco colossal para terras de pastagem e água cristalina? — Yancy bufou. — Maldito imbecil.

— Parece que ouro foi descoberto uma semana atrás. — Apertando a boca, o rosto de Sir Hugh enrugou-se com uma piscadela como se estivesse tentando lembrar quando. — Ouvi rumores há um ano atrás, pessoalmente. Farnsworth tentou manter isso em segredo, mas notícias desse tipo não podem ficar escondidas por muito tempo.

Ouro?

Todo esse caos por causa da ganância?

Um músculo na mandíbula de Yancy saltou com raiva reprimida. Homens morreram ontem, embora os renegados merecessem seu destino. A vida de Gregor estava em jogo, talvez tenha sido perdida, e a esperança de Yancy de ganhar Isobel poderia ter sido esmagada até o pó.

Para quê? Para que os homens pudessem encher os bolsos?

— Nossos poucos feridos estão a caminho de Craiglocky. — O anúncio de Sethwick sacudiu Yancy de volta ao presente.

— E Angus e Dunbar? — Empoleirada no topo da besta maciça do Dugall, a pergunta silenciosa de Isobel ecoou alto através da clareira. Tensão apertava seu rosto bonito.

Todos os olhares balançaram para ela.

As feições de Sethwick suavizaram. — Mortos. Não tem nada a temer deles nunca mais, Isobel. Lydia também não.

Seu semblante não revelou nem alívio nem alegria com as notícias, mas sim resignação. Ela brincava ociosamente com a crina do cavalo. — Tasara e seu irmão e irmã...

— A salvo e a caminho do acampamento cigano com o pai. — Harcourt ofereceu a informação.

Algo em sua voz alertou Yancy. Ele olhou de frente para o duque. Harcourt parecia absorvido numa mancha de lama no dedo do pé da sua bota normalmente brilhante.

Sethwick sorriu como se estivesse a par de um segredo engraçado. — Há um conto que deve ser ouvido.

Um rubor invadiu o rosto de Harcourt, e o fulgor que disparou sobre Sethwick teria despojado um homem menor.

Diversos escoceses riram.

Yancy deu a eles um olhar severo. — Em outro momento, talvez.

Talvez não quanto a isso. Harcourt nunca corou. Pensando bem, ele parecia bastante subjugado. Como havia adquirido seu olho machucado?

Isso teria que esperar. Assuntos mais importantes se aproximam. — Harcourt, leve todos menos meia dúzia de homens e esconda-se entre as árvores. A Srta. Ferguson também vai.

Isobel abriu a boca, provavelmente para protestar, mas a fechou com o olhar severo que Yancy lançou sobre ela. Ótimo. Ela pretendia manter sua palavra.

Ele inspecionou os homens de Sethwick. Mais bem treinados do que o Exército de Sua Majestade, ele apostava. Eles poderiam muito bem precisar colocar suas habilidades em prática novamente. — Assim que chegar o grupo do MacHardy, fiquem atentos a mim para montar. Essa será o sinal para cercá-los.

Com uma inclinação rígida de sua cabeça, Harcourt sem palavras se atirou em seu corcel e depois levou os outros para a floresta ao redor. Em poucos momentos, eles haviam desaparecido no verde.

A escuridão do dia e a fraca visibilidade proporcionaram uma cobertura perfeita. MacHardy só se daria conta de que estava em desvantagem numérica e preso muito tarde. Provavelmente não tinha percebido que Sethwick o tinha superado e alcançado Yancy e Isobel antes que o barão o fizesse.

Sethwick deve ter cavalgado a noite toda para alcançá-los, uma prova de sua capacidade de rastreamento e devoção à sua irmã.

Cinco minutos depois, o barão trovejou pela floresta e entrou na ravina. Com um puxão cruel nas rédeas, seu cavalo derrapou até parar, borrifando Yancy com bolas de sujeira.

Com os olhos girando, o baio bateu as orelhas e balançou a cabeça, com a boca enroscada. MacHardy tinha machucado o animal, o idiota.

Ao ver Sethwick e o clã McTavish reunidos, as sobrancelhas de MacHardy foram erguidas para sua linha de cabelo. Treinou suas feições e apontou para as roupas de Yancy, com a lama espalhada, grunhindo. — Deveria ter se afastado, Sua Senhoria. Suas roupas estão arruinadas.

— O que o traz a estas partes, MacHardy? — Dando ao escocês um olhar rápido, Yancy tirou uma mancha de sujeira do seu antebraço. — E por que a grande escolta?

Ele se dirigiu aos homens que acompanhavam o barão.

O olhar astuto de MacHardy percorria a área. Um escárnio curvou sua boca, e ele descansou o cotovelo sobre a sela. — Vim para encontrá-lo. Exigir justiça.

— Justiça? Acho um pouco estranho que me procure aqui — Yancy deu um chute na cabana — e não em Craiglocky. Por que, diga-me, fez isso? — Ele gostava muito de enganar mentirosos.

— Porque, por causa daquele adulador do monte de merda gorda e real que está em Londres, é por isso — o ódio gravado nos planos de seu rosto, o barão apontou um dedo sombrio para Sethwick. — McTavish atacou a Casa Dounnich, matando vários escoceses leais. Eu tinha espiões infiltrados ali para ajudar na captura dos Blackhalls, MacGraths e Claustons que conspiravam para se revoltarem contra a coroa.

Yancy inclinou sua cabeça e cruzou os braços. — Está alegando ser um agente provocador, que compilou provas contra os clãs escoceses descontentes para Sua Alteza, *'O monte de merda gorda e real'*?

A clareira irrompeu em gargalhadas sinceras.

Yancy juntou as rédeas do Skye e estalou sua língua. — E aqui eu ingenuamente pensando que perseguia a senhorita Farnsworth e não tinha ideia de que Sethwick tinha chegado antes de você.

— Qual é o jogo que está fazendo, Ramsbury? — Enfiando a mão debaixo de seu kilt para rearranjar suas partes íntimas, o barão pesquisou novamente a clareira. — Onde está a moça?

Yancy enfiou o pé no estribo, e com um movimento rápido, foi para a sela. — Lydia Farnsworth nunca deixou as terras de Craiglocky.

Deixe o bastardo cozinhar nisso.

Exceto pelo menor recuo, MacHardy permaneceu estoico.

Sethwick e os outros montados. Eles cercaram MacHardy, isolando-o de seus homens.

— Os seus mercenários cometeram um grave erro. Tem alguma ideia do que possa ter sido? — Espada desembainhada e punhais disparando de seus olhos, Sethwick arremessou seu garanhão para a frente.

— Não, posso ver pelo seu rosto, não faz a menor ideia. — Com a ponta da espada, ele cortou habilmente um botão do casaco do escocês. — O desgraçado que contratou raptou a minha irmã.

MacHardy deu às suas rédeas uma sacudida reflexiva, e sua montaria pisoteou nervosamente. Os olhos sagazes do barão se dilataram enquanto ele trocava um olhar falante com seu segundo no comando. Foi um coro de espadas desembainhadas pelos seus soldados.

— Isso é uma acusação grave, e estarei aceitando desculpas por tal imputação. Não tive nada a ver com nenhum sequestro. — Sacudindo o punho, a raiva contorcia as feições de MacHardy. — Eu deveria chamá-lo para um duelo, McTavish.

— Mas não vai. — O tom sedoso de Sethwick desmentia a ira em seus olhos. Ele girou sua espada em um pequeno oito. - Ambos sabemos que eu escolheria espadas, e minha habilidade com uma lâmina é muito superior à sua. Além disso, se alguém é um pedaço de merda de porco, é você. Eu não te daria três minutos contra mim, MacHardy.

A mandíbula do barão funcionou por um momento. Seus punhos cerraram quando encontrou os sorrisos sardônicos de Sethwick e Yancy. Cuspiu e limpou a boca com o antebraço e depois endureceu enquanto os homens de Sethwick saíam do bosque.

— O que significa isto? — Os olhos de abutre do barão se estreitaram. — Estão juntos nisto, Ramsbury? O Regente estaria interessado em saber que estás explorando sua posição e poder.

Yancy esfregou a nuca novamente. — Na verdade, isso soa um pouco como o que tem feito, MacHardy. Duvido que Prinny esteja ansioso para saber de sua traição.

— Você não tem provas. — Algumas das arrogâncias de MacHardy evaporaram. Ele lambeu os lábios, e se atreveu a olhar para a clareira. — Não há um homem vivo que possa falar contra mim.

— Talvez nenhum homem possa, Sir Gwaine, mas eu certamente posso. — Cavalgando atrás de Dugall, o colorido característico de Isobel se somou à sua beleza requintada. Ela lançou ao barão um olhar desagradável. — E não tenha dúvida, com prazer.

MacHardy bufou e deu um toque desdenhoso de seus dedos gordos. — A palavra de uma mulher desonrada? Sem valor.

Yancy desviou o seu cavalo para mais perto. Se a sua posição como Secretário de Guerra não exigisse que ele agisse criteriosamente, ele cuspiria o insulto de onde estava sentado. Ao invés disso, ele deu a MacHardy um soco sólido, que o derrubou de sua sela.

Yancy guiou Skye até o bastardo atrevido.

O cavalo estremeceu e levantou a cabeça, ondulando o lábio. Ele soprou um fôlego. Parecia que ele também não gostava do fedor putrefato do barão.

Sir Gwaine se esforçou para sentar e usando a palma de sua mão, manchada com o sangue do seu lábio rachado.

Yancy se debruçou. —— Oh, eu acredito que Prinny estará muito interessado em ouvir o que a Srta. Ferguson tem a dizer. Ela é, afinal, a irmã de um de seus pares favoritos e minha pretendida.

Capítulo Vinte e Cinco

Dois dias depois, usando seu capuz e os ombros largos de Dugall como amortecedores, Isobel evitou vislumbrar os olhares frequentes e perturbados que Yancy dirigia.

Ele deveria estar incomodado, o cabeça-dura.

Cavalgando à esquerda do centro do caminho e a uma distância de um cavalo, ele se posicionou na sua linha de visão direta. O seu olhar pérfido continuava a deslizar na direção dele até que virou a cabeça para o lado oposto e colocou a bochecha contra Dugall.

Ela pretendia completar a viagem para Craiglocky e não dizer uma palavra para Yancy. Que manipulou descaradamente as circunstâncias para o seu benefício irritou-a completamente. As coisas já eram complicadas o suficiente sem adicionar a mentira do noivado à mistura.

Ele havia esquecido a Matilda? O que ela faria se ele a jogasse na rua? Se ele afastou a menina tão prontamente, por quanto tempo Isobel poderia esperar fidelidade dele se casassem?

Mais ou menos como um garanhão encurralado com um rebanho de éguas no cio.

Apertou o seu manto, arrefecendo tanto o corpo quanto o espírito.

O casamento com um libertino prometia uma vida inteira de miséria. Por esse motivo, ela não tocaria no matrimônio de Yancy com uma vara de barcaça. Além disso, todos a quem ela amava tinham encontrado o verdadeiro amor. Seus pais eram devotos um ao outro, assim como Ewan e Yvette e Adaira e Roark. Ela poderia adicionar Flynn e sua nova esposa e Lorde e Lady Warrick também à lista.

Ela tinha aspirado ao mesmo.

Dadas as suas limitadas alternativas, um pirata infiel ou uma união sem amor poderia ter algum apelo, afinal de contas.

Flimflam e claptrap. Absurdo.

Lágrimas escaldantes encheram seus olhos novamente, e Isobel mergulhou sua cabeça mais profundamente dentro das dobras de

proteção do capuz.

O cinza cobria tudo: o céu de estanho, que prometia mais chuva antes que eles chegassem à Fortaleza. O caminho estreito e lamacento que percorriam.

A desolação que envolveu seu coração oprimido.

Até mesmo os esquilos prateados que se refugiam nos troncos das árvores e as lebres marrons fumegantes que surgem para se abrigar nas densas sombras escuras da mata.

Tudo sem cor e sem brilho.

Ewan provavelmente tinha incitado Yancy a fazer o anúncio de noivado. Bem de acordo com seu irmão para fazer algo dessa natureza, sob o pretexto de protegê-la, é claro.

Homens.

Ela estava bem e tinha acabado com o maldito grupo deles. Talvez ela entrasse num convento. *E morrer de tédio.*

— Pare de me cutucar, maldito idiota. — A queixa petulante de MacHardy enviou um esquilo assustado correndo para o pinheiro mais próximo e um trio de corvos encapuzados para voar. Os gritos raivosos das aves ecoaram muito depois de terem desaparecido.

Yancy tinha levado MacHardy e seus homens sob custódia com espantosa pouca resistência. Sábio por parte do escocês grosseiro, para um homem, o dedicado clã de Ewan teria feito o barão cantar e dançar uma giga em seguida.

Ele não se daria melhor na prisão, a menos que o irmão o visse dançando. O seu único perdão seria a deportação para a Austrália, e suas terras seriam perdidas para a coroa.

Ao ouvir a notícia da morte de Angus e Dunbar, o alívio por ela mesma, Lydia e as crianças de Faas a varreu.

Harcourt passou por ela, dando a Isobel uma saudação alegre. Era realmente um velhaco, mas um charmoso. Ela desistiria do bolinho de massa por um ano para saber quem tinha escurecido as luzes do seu dia. Mesmo com o olho machucado, e tão desgrenhado quanto Yancy, o duque parecia bem bonito.

Seu olhar desviou para Yancy falando a Sua Graça em tons baixos, e seu pulso e estômago se movimentavam de forma peculiar.

Muito irritante. E perturbador.

Ela firmou seus lábios em uma linha fina, determinada a erguer uma parede protetora contra ele e o caos que causou em suas emoções.

Cantando e, ocasionalmente, cantarolando uma cantiga escocesa, como ele tinha feito ao longo de vários quilômetros, Dugall guiou seu cavalo ao redor de uma rocha coberta de musgo.

Isobel soltou um suspiro trêmulo. Oh, ser tão leve quanto seu irmão mais novo.

Ele virou a cabeça e a escrutinou sobre seu ombro largo. — Não pode ser tão ruim quanto tudo isso, moça.

— Sim, é. Estou muito envergonhada.

— Então, por que não casar com o conde?

— Eu não posso.

— Por que não?

A mesma coisa que Yancy havia perguntado.

Ela franziu o cenho, e o Dugall ficou virado para a frente.

Mas ele ainda não havia terminado a espetada. — Ramsbury não é difícil de se admirar, e ele é amigo de Ewan há mais de uma década. Parece ser um bom tipo, e ele foi apanhado contigo. É simples como a cauda de um porco.

— Dugall, é impossível. — Ela balançou a cabeça contra as costas dele, precisando compartilhar a verdade. — Ele é prometido a outra pessoa.

Dugall endureceu e lançou um olhar de choque antes de procurar o conde com seu olhar atribulado. — Tem certeza?

Seus músculos flexionavam sob os dedos dela, enquanto o cavalo se arrastava, cada passo lembrando-a do tempo excessivo que ela passara a cavalo ultimamente. Seus músculos das coxas gritavam por um alívio, e suas nádegas machucadas doíam.

— Vou arrumar seu rosto bonito, se isso for verdade.

— Não fará tal coisa. — Ela apertou os braços na cintura de Dugall, um aviso silencioso para se comportar. — E sim. Eu tenho certeza. A pretendida dele fez questão de me contar no baile de natal de Adaira.

— Por que te pediu em casamento então?

— Dugall, nós dois sabemos que Ewan não lhe deu outra escolha.

— Sim. Isso é verdade. - Dugall lancetou Yancy com um brilho abrasador e um hálito pesado e empoeirado. — Que Deus apodreça esse maldito. Sinto muito, Isobel. O que fará?

— Não sei. — Lágrimas lhe saíram de seus olhos. — Eu não sei — ela sussurrou nas dobras do plaid dele. — Ir embora, eu acho.

O que ela faria? Para onde ela poderia ir?

Apaixonada por Yancy, ela não conseguia aproveitar a sua felicidade às custas da ruína de outra pessoa. Verdade seja dita, sua confiança havia sido corroída até a ponta de uma agulha, e sua reputação como um libertino e um patife impedia que se colocasse mais fé nele. Em todo caso, ela não tinha certeza de que Yancy ou seu coração impotente mereciam outra chance.

O cansaço emocional e físico pesava muito sobre ela. Ela deixou suas pálpebras abaixarem e permitiu que as lembranças da noite anterior chegassem, saboreando os poucos momentos de êxtase que vivera nos braços de Yancy.

Ela tinha caído em um cochilo e acordou quando pararam ao lado de um riacho. Enquanto os homens do clã davam de beber aos cavalos, ela se obrigava a comer um pequeno petisco, embora não tivesse apetite e o pão amanhecido ficou preso à sua língua.

Yancy tentou surpreendê-la ao retornar da busca por um lugar reservado nos arbustos. Pernas abertas, ele bloqueou seu caminho e gentilmente colocou suas mãos sobre os ombros dela.

Ela não se lembrava de ele ter parecido tão vulnerável antes, mas a incerteza marcada brilhava em seus olhos observadores e a boca dele se curvava como se ele, também, sofresse.

— Isobel, precisamos conversar antes de chegarmos ao castelo.

Que ele ousasse chamá-la pelo seu nome próprio, dizia muito. Ela deveria se opor, mas depois de tudo que experimentaram juntos no dia anterior, a quebra do decoro parecia insignificante.

Seu olhar fixo nas gotas de água que serpenteavam pelo comprimento de uma frondosa samambaia, ela balançou a cabeça. — Não, não há nada a dizer.

— Talvez você não tenha nada a dizer, mas eu tenho muito a dizer. — A ponta de aço da raiva afiava suas palavras, enquanto o seu aperto sobre os ombros dela aumentava uma fração. — Eu me preocupo muito contigo, na verdade. Foi comprometida sem ter

culpa nenhuma. Eu consideraria a mais profunda honra fazer de você minha esposa.

Que paradoxo irônico.

Seu valor poderia salvar a virtude dela.

Ele bateu na ponta do nariz dela. — Não gostaria de ser minha condessa?

Com a força de uma das lesmas negras rastejando ao longo do chão, o olhar de Isobel viajou das botas lamacentas de Yancy até a calça manchada que cobria suas coxas, passou pela saliência em seus flancos e seu peito impossivelmente musculoso, e se fixou em seu pescoço.

O que aconteceu com a sua cravat?

Por que eu me importo com isso em um momento como este?

A pulsação era constante e hipnótica na junção de seu pescoço e clavícula. Ela desejava colocar sua boca ali, sentir o batimento cardíaco dele sob os lábios dela.

— Isobel? — Yancy possuía a paciência de um santo; ela lhe daria isso.

A barba grossa cobria a parte inferior da face. Uma memória saltou-lhe à mente, a sensação daquela barba raspando em seu seio. Isso tinha sido na noite passada? Parecia uma eternidade atrás.

Isobel cruzou os braços contra os seus mamilos traidores. Nenhum outro homem fazia o corpo dela responder, tão intenso e incontrolável, da maneira como fazia com ele.

E ninguém mais o faria.

Ela amorosamente percorreu as feições dele com seu olhar. Yancy tinha os lábios mais bonitos, e suas bochechas altas e nariz aristocrático retratavam o sangue azul que percorria suas veias. Mas seus olhos, aqueles misteriosos orbes verdes, sempre foram a sua ruína. Ela poderia ficar perdida olhando para eles, sua alma tocando a dele.

— Isobel? — Com um suave sussurro de desejo, ele murmurou o nome dela e tocou sua bochecha não ferida.

Por vontade própria, os pés dela se adiantaram, e ela se inclinou para ele, o olhar dela fechado em sua boca.

Dugall colocou um braço pesado sobre os ombros dela e a tirou do alcance de Yancy. — Isobel, o Pai quer uma palavra contigo.

Jogar um balde de água gelada do Lago Arkaig na cabeça dela não poderia ter sido mais chocante. Ela piscou, tentando juntar seus pensamentos. Ela quase tinha beijado Yancy. Bem aqui, à vista de todos. Seu destino teria sido selado.

— Isobel, ele está esperando. — Dugall apertou o ombro dela.

Dando a si mesma um encolher de ombros, ela desviou o olhar de Yancy. — Sim, é claro. Obrigada, Dugall.

— Poderia nos dar um momento a mais, por favor? — O toque de Yancy no seu cotovelo a manteve.

O olhar hesitante de Dugall se deslocou entre Isobel e Yancy. Um olhar fechado desceu e ele balançou a cabeça de corvo. — *Nae,* milorde. A minha irmã deixou clara a sua posição. Precisará falar com nosso pai, se tiver mais a dizer.

O coração de Isobel se apertou com a expressão de desolação no rosto de Yancy. Ele se importava com ela, ou eram as ameaças de Ewan que causavam seu desespero?

Mantendo a sua atenção determinada no pai e em Ewan, ela correu na direção deles antes de desrespeitar o bom senso e se enfiar nos braços de Yancy.

Seu murmurado — *maldito, inferno de larva* — impulsionou seus pés a caminhar um pouco mais rápido.

Posteriormente, permaneceu perto de seus parentes homens, não dando a Yancy a oportunidade de pegá-la desacompanhada. Sentiu a frustração crescente dele e de Ewan.

Que pena. Ela não seria manipulada para o casamento.

Dugall deve ter aquecido os ouvidos de seu pai com sua triste história. Com toda a solicitude, o pai tinha se tornado mais uma vez o grande protetor de sua infância. O homem que, quando ela caía e raspava um joelho ou tinha uma lasca no dedo, a tinha arrebatado em seu abraço e lhe fazia cócegas entre as lágrimas.

Se ao menos suas lágrimas e a dor no seu coração pudessem ser aliviados hoje, assim simplesmente.

— Montem, e sejam rápidos com isso. Quero chegar a Craiglocky ao cair da noite. — Já sentado em Skye, Yancy deu a ordem.

Dugall a esperou junto ao seu cavalo.

Ela seguiu o seu caminho entre as lesmas que se encontravam no chão. Raios, a chuva tinha trazido em massa esses animais horríveis e viscosos. Eles a lembraram muito dos cogumelos revoltantes no purê que Sorcha serviu com filete de carne.

Passou um cheiro horrível, e Isobel pressionou as costas da mão até o nariz. Ela examinou os arbustos. Alguma coisa morreu por perto?

— Eu pensaria duas vezes, moça, sobre falar contra mim.

A atenção de Isobel desviou para MacHardy no topo de um cavalo, com as mãos amarradas na sela. O desconforto a picou, mas ela a anulou. Ele não poderia fazer mal a ela agora.

Coberto de cabelos avermelhados, suas pernas em forma de tronco, espetadas de baixo da seu plaid transpassado. O fedor pútrido emanava dele. O homem se mostrou sujo em todos os aspectos.

Ela reprimiu uma mordaça. Puxando seu manto para o lado, olhou-o friamente. — Eu direi a verdade, sir. Cabe aos tribunais decidir como agir a partir do meu testemunho.

Um sorriso manhoso contorceu seus lábios, revelando uma fileira de dentes marrons-negros e apodrecidos. — Acha que eu agi sozinho? Nae, eu estaria procurando mais perto se eu fosse você.

Capítulo Vinte e Seis

Quando a noite reclamou o último vestígio da luz do dia, Yancy liderou a fatigada companhia através da ponte levadiça de Craiglocky. O trovão de mais de duzentos e cinquenta cascos ecoando no alto dos painéis de madeira despertou os que estavam dentro e no pátio.

Membros entusiasmados do clã surgiram das portas e das casas. Lanternas e tochas acesas, logo inundaram o pátio de luz, e pessoas ansiosas por notícias de Isobel.

Yancy desmontou, e depois de entregar as rédeas de Skye a um menino do estábulo, se esticou, aliviando a rigidez que as longas horas na sela causaram. — Veja para que ele esteja bem esfregado, e que receba uma porção extra de grãos. Ele mereceu.

Skye pressionou o nariz dele até o peito de Yancy e deu um relincho baixo.

— Também estou grato por estar de volta. — Ele deu um tapinha no cavalo. — Muito bem, velho amigo.

Skye respondeu com outra cabaçada suave.

— Senhor, posso esperar até ouvir as notícias da Srta. Isobel? Será o Laird McTavish a encontrou? Ele a trouxe para casa? — Com os olhos redondos e ansiosos, o garoto se deslocava de pé em pé, o seu olhar se desviava repetidamente para os cavaleiros montados.

A devoção do rapaz à sua amada conquistou a admiração de Yancy.

— Sim, ele fez. — Ele asfixiou um bocejo. — Eu não conheci uma mulher mais corajosa e inteligente na minha vida.

— *Aye*, que ela é. — O menino inchou seu peito esquelético, um sorriso rasgando seu rosto sardento. — Ela é do clã McTavish.

— E você tem todo o direito de se orgulhar. — Yancy entregou uma moeda ao rapaz. Ele não tinha pensado que os olhos dos jovens pudessem ficar maiores, mas o olhar espantado, tipo pires, olhando para ele, provou que estava errado.

Yancy manobrou o seu caminho através da multidão. Ele precisava de um momento com Isobel antes que ela fugisse para

dentro de casa e se refugiasse nos cuidados de sua família.

Ele fez uma careta. *Fugiu? Escapou*? O que, ela se tornou sua presa? Não, embora ele tinha toda a intenção de prendê-la.

— Lá está a Srta. Isobel. — Na frente da multidão, um homem ansioso, segurando uma criança de cabelos encaracolados, apontava para os recém-chegados.

— Onde?

— Eu *não* vejo a moça.

— Ela está sentada atrás do Dugall.

A horda a avistou, e um rugido alto o suficiente para sacudir as estrelas se levantou para o céu.

— Isobel? — O grito suave de Lady Ferguson carregado pelo ar da noite.

Entre Lady Sethwick e a Srta. Seonaid, Lady Ferguson pairava no topo da escadaria do portão. À sua esquerda estavam a senhorita Farnsworth e Ross, além de Warrick e Bretheridge ao lado de suas esposas. Uma criada idosa e rotunda que não parava de cutucar os olhos com seu avental, e os McTavishs, salvo Gregor, tinham se posicionado à direita de Lady Ferguson.

Um corredor de cães amontoados, em massa, descendo os degraus, um monstruoso galgo cinzento na liderança, inclinando-se diretamente para a Isobel.

Lady Ferguson e suas filhas correram para a multidão enquanto Sir Hugh, Harcourt e Ewan desmontavam. O resto das pessoas reunidas nos degraus seguiram apressadamente.

A multidão se calou e se separou respeitosamente para deixar as mulheres passarem. A palidez e a tensão de seus ombros falavam da angústia que suportaram na ausência de Isobel. Vários espectadores farejavam, e mais de um homem do clã tinha os olhos estranhamente úmidos.

Sir Hugh envolveu sua esposa num abraço de urso e depois puxou a Srta. Seonaid para seus braços.

Sethwick cercou Yvette em um abraço não menos feroz.

Uma onda de inveja lavou Yancy. Ele abriria mão do seu ouvido para conhecer esse tipo de amor com Isobel. No entanto, ela o tinha desdenhado mais uma vez.

Desta vez, ele saberia o porquê disso. Ele merecia conhecer as razões dela, pelo menos. Nenhuma mulher, nua como uma ninfa da água e na cama com um homem que ela obviamente achava atraente, quando descoberta por seu pai e irmãos, se recusava a se casar com o homem sem uma boa causa.

Yancy ouviria a desculpa de seus lábios antes de transportar MacHardy para Newgate para ser julgado.

Lady Ferguson se levantou nas pontas dos pés e beijou a bochecha do marido e depois se soltou. Com os olhos brilhantes, ela se aproximou de Dugall segurando o cabresto do garanhão dele. Ela lhe deu um abraço rápido. —- Obrigada, filho, por ter trazido sua irmã para casa em segurança.

Apesar de ter vivido quase três décadas em Craiglocky, sua voz musical continha traços de sua herança francesa.

Ao longe, o olhar de Dugall estava trancado com o de Yancy. — Eu não posso ficar com o crédito, mãe. Lorde Ramsbury resgatou nossa Isobel.

Os sussurros da multidão se espalharam pelo pátio, um baixo burburinho de elogios e perguntas.

— *Non*, ele fez? — Lady Ferguson virou-se quando Yancy chegou ao seu lado e o agraciou com um sorriso radiante. — O senhor tem o meu mais profundo e sincero apreço, Milorde.

— Acredite em mim, milady, quando digo que trazer sua filha para casa em segurança foi o meu maior prazer — curvando-se sobre a mão dela, ele levou o seu olhar até o de Isobel. — Nunca fui tão compelido, nem jamais fiz nada tão digno, em toda a minha vida.

— Isobel, deixa que Lorde Ramsbury te ajude a sair da sela, e depois dê um abraço em sua mãe — Lady Ferguson abriu bem os braços. Ela olhou de relance para Yancy. — Que susto eu tive. E confie em mim, Lorde Ramsbury, nesta família, há sempre algo em marcha.

Ela soltou uma risada cintilante.

Yancy avançou até ficar diretamente ao lado de Isobel. — Balance sua perna e depois ponha suas mãos nos meus ombros. Eu te levantarei até o chão.

Com o desgaste gravado em suas feições, ela olhou para ele por um momento prolongado. Um brilho assombrado perdurou no fundo

de seus belos olhos. Inclinando a cabeça, ela obedeceu sem protestar ou falar.

Com as mãos na cintura dela, Yancy sussurrou ao seu ouvido enquanto a abaixava do cavalo. — Teremos essa conversa prometida. Eu não partirei até que nós o façamos.

Isobel endureceu e agarrou os ombros dele, os dedos dela mordendo sua carne através de seu casaco. Seus olhos cansados nos dele. Desespero e algo mais profundo se espreitava ali. Seu adorável queixo erguido. — Eu já disse. Não tenho nada a dizer.

— Oh, eu acho que tem muito a dizer, e vou descobrir exatamente porque me tratou como um leproso durante meses agora.

— Por que não me deixa em paz? — A derrota escureceu sua expressão e a tristeza pesou suas palavras.

Yancy apertou a cintura — Eu não posso, Isobel.

Sua mãe e o resto de sua família entraram em cena com lágrimas e palavras murmuradas de conforto e alegria.

Yancy deu um passo à parte. *Maldição*. Lá se foram alguns momentos de sossego com ela.

Rodeada pela família, ela sorriu através de suas lágrimas. Seus olhos encontraram os dele por cima do ombro de Seonaid. Uma expressão fechada se estabeleceu no rosto de Isobel e ela voltou sua atenção para Lady Ferguson. - Mãe, por favor me diga como está o Gregor. Eu estou terrivelmente preocupada.

— Ele está sentado, *chéri,* e o apetite dele voltou. — Sua mãe a impeliu em direção a porta. — O médico acredita que ele se recuperará completamente.

Antes de desaparecer sob a entrada arqueada, Isobel olhou de relance por cima do ombro. A ferida em seu olhar cravou Yancy, mais profundamente. Pura besteira, todas as suas declarações de indiferença. Ela não era mais imune a ele do que ele a ela.

Sethwick, Harcourt, e Sir Hugh se aproximaram.

Yancy tirou sua atenção das portas de entrada e da mulher intrigante que havia lá dentro.

— Vou trancá-los na masmorra até que esteja pronto para partir para Londres. — Sethwick fez um movimento para MacHardy e sua comitiva. Seu olhar aguçado percorreu o grupo. — Quer que eu

envie um contingente de meus homens como escolta ou enviará um mensageiro até White Hall solicitando que soldados ingleses venham até aqui?

Sethwick continuava reservado e nada satisfeito com ele. Talvez a última sugestão de Sethwick tenha sido mais o seu desejo de ver Yancy ficar em Craiglocky e fazer de sua irmã uma mulher honesta do que um desejo de ser útil.

No entanto, Yancy gostou bastante da ideia.

A viagem a Londres levaria pelo menos três dias, outro para reunir os soldados, e depois mais três para voltar a Craiglocky. Ele teria mais uma semana, possivelmente mais um pouco para ganhar o favor de Isobel.

Deus moldou o mundo inteiro e toda a criação em sete dias. Em comparação, a façanha de Yancy de ganhar uma esposa deveria ser simples como passar manteiga no pão.

Se os desejos fossem cavalos.

Uma rajada de ar úmido anunciava outro vendaval que se aproximava. Yancy descansou as mãos sobre os quadris e fez uma lenta e completa varredura do pátio com seu olhar. Um trio de galinhas salpicadas, acovardadas e afogueadas antes de correrem para o galinheiro para passar a noite.

A maioria dos membros do clã havia se refugiado em suas casas depois que Isobel desapareceu dentro da Fortaleza. Alguns ficaram ao ar livre, conversando. Outros foram completar suas tarefas noturnas. Um par de cavalariços levou vários cavalos para os estábulos, enquanto os parentes de Sethwick encurralavam MacHardy e sua ralé.

Yancy esfregou a mandíbula cheia de cerdas. Um banho e uma barba encabeçaram sua lista de prioridades. — Isobel disse que alguém da Fortaleza ajudou os Blackwalls.

— Que diabo, está dizendo? — As sobrancelhas pretas de Sethwick baixaram indignadas. Ele enviou um olhar severo sobre o pátio.

Uma carranca vingava as feições maduras de Sir Hugh, já que ele também vasculhava o pátio. — Ela tem alguma ideia de quem?

Yancy balançou a cabeça. — Não, pelo menos não me disse que sabia, mas não tivemos a oportunidade de discutir isso.

Eles tinham estado muito ocupados fugindo para salvar suas vidas. — Isobel mencionou que viu dois ciganos com o maldito que a raptou. E eu conheci um tinker na floresta, nos arredores da Casa Dounnich.

O olhar de Sethwick foi dirigido ao dele. - A mulher e as crianças resgatadas dos Blackhalls também eram ciganas, as crianças de Balcomb Faas.

— Sim, ele é o homem que enviei para encontrá-lo. — Yancy esfregou a nuca, os músculos rígidos das duas horas que passou dormindo no chão desconfortável do chalé. — Acredito que alguém dessa tribo é nossa conexão.

Remexendo devagar, Sethwick estreitou o olhar para os ciganos reunidos perto dos estábulos. — Vou interrogá-los pela manhã. Neste momento, tudo o que eu quero é um banho quente, algo decente para comer, e passar algum tempo com minha esposa e meu filho.

— Vou secundar isso. Não a esposa e o filho. — Harcourt, silencioso até agora, estremeceu teatralmente. - Mas a comida e o banho parecem maravilhosos. Também não recusaria um dedo ou dois de whisky ou conhaque, e uma xícara de café.

Um dedo ou dois?

Yancy precisaria de uma garrafa inteira para dormir esta noite. Visões de Isobel nua em seus braços o atormentaram durante todo o dia. Seus lombos contraíram. *Novamente*. Montar tinha sido como sentar-se em uma bolsa de granito que batia repetidamente em suas regiões inferiores.

Talvez ele tomasse um banho frio, ou melhor ainda, tiraria a roupa e mergulharia no lago até que sua carne inchada ficasse enrugada e mole.

Harcourt, com o olho mais descolorido do que antes, bocejou.

Yancy gesticulou para o hematoma. — Tem que me dizer como conseguiu isso. É uma beleza. Algum martelo deve ter te pegado desprevenido.

Sethwick e Sir Hugh relaxaram com gargalhadas sinceras.

Harcourt fez uma carranca selvagem e tentou endireitar o seu casaco irremediavelmente enrugado — vou te dizer, quando uma mulher se sentar no Parlamento.

Com mais uma olhada irritada, ele marchou para a Fortaleza, Sethwick e Sir Hugh rindo de sua forma de retirada.

Yancy mexeu na orelha. — Tem que me dizer o que há de tão divertido sobre o rosto infeliz de Harcourt.

Sethwick sacudiu a cabeça, um sorriso estranho no rosto. — Não, a história é dele para contar.

— Se Sua Graça alguma vez superar a humilhação. — O ombro de Sir Hugh estremeceu de alegria mais uma vez.

Os homens de Sethwick conduziram MacHardy e seus amigos ao calabouço.

— Acha que ele sabe quem é o colaborador aqui? — Yancy sacudiu o polegar para o escocês zombador.

Sethwick se virou e examinou MacHardy antes que seu olhar descansasse sobre alguns ciganos que se precipitavam para os estábulos. - Eu apostaria nisso.

Com os olhos pesados devido à falta de sono, Yancy acompanhou Sethwick e Sir Hugh até a entrada da casa.

— Bem-vindos a casa, cavalheiros. — Normalmente estoico, um Fairchild radiante os cumprimentava com entusiasmo à porta. — Tomei a liberdade de pedir banhos e bandejas com jantar para os senhores.

Ele direcionou sua atenção para Yancy. — Lorde Ramsbury, duas correspondências chegaram durante a sua ausência. Mandei colocá-las em seu quarto.

— Obrigado. — Prinny sem dúvida, reclamando sobre a demissão de Yancy. Muito ruim. O Regente teria que encontrar outro Secretário de Guerra. Yancy tinha um herdeiro para gerar.

Uma hora mais tarde, tendo tomado banho e comido uma refeição saborosa em seu quarto, sentou-se diante do fogo crepitante, tomando seu terceiro copo de uísque desde o jantar.

Vestido com um banyan de brocado esmeralda enfeitado no colarinho e pulsos com veludo preto, estendeu as pernas à sua frente e balançou os dedos dos pés, grato por estar livre das botas. Deixou as pálpebras se fecharem, com mantilhas duplas de fadiga e licor saltando-lhe a mente.

Abriu um olho, olhando a cama vazia.

Não. Muito esforço para caminhar tão longe.

Talvez ele dormisse ali mesmo. Seu olhar brilhou sobre a pequena pilha de missivas colocadas em cima da incômoda mesa de cabeceira. Nenhuma delas tinha o papel timbrado do Regente. Quem tinha escrito então? Era algum problema no Bronwedon Towers ou na casa do Yancy em Mayfair?

Ele bocejou, não se preocupando em tapar a boca. As cartas poderiam esperar. Ele lidaria com eles pela manhã. Se o assunto fosse urgente, um mensageiro teria sido enviado.

Yancy tomou um gole da bebida, apesar de já estar um pouco embaçado. Tinha comido pouco durante dias e se entregou a um generoso copo antes de jantar e vários mais desde então. Seus pensamentos não paravam de voltar para Isobel, uma cadência giratória de frustração, adoração e confusão.

As cartas atraíram sua atenção mais uma vez.

A curiosidade não o deixaria ignorar essas coisas. Suspirando, ele se levantou. A sala vacilou por um momento vertiginoso.

— Estou meio tonto. — Riu e depois de uma saudação zombeteira com o seu copo quase vazio, terminou o Whisky.

Olhos turquesa rodopiaram à frente de sua mente enquanto atravessava o tapete Axminster padronizado em tons ricos de marrom e bege.

- Melhor planejar beber a maldita garrafa inteira.

Os olhos de Julia Cambrill, como se fossem olhos sombrios, de repente entraram em seu cérebro, muito parecidos com uma carruagem fugitiva que caía de um penhasco. E mais ou menos bem-vinda. Os familiares sentimentos de humilhação de Julia geralmente trazidos, falharam em elevar sua cabeça feia. Ela não podia se comparar a Isobel nem na aparência nem em seus sentimentos.

Sem qualquer arrependimento, Yancy afastou sua imagem.

Ele pegou as duas cartas em cima e se esgueirou para ler as palavras, o que era difícil de fazer quando se estava zonzo. A primeira era do administrador de Bronwedon. Uma rápida análise revelou que o homem havia finalmente adquirido uma vila na Espanha que Yancy havia visitado e se apaixonado anos antes em um grande tour.

A segunda missiva tinha a letra em espiral de Cecily. Ele segurou o papel entre o polegar e o indicador, como se estivesse pinçando a cauda de um roedor morto há muito tempo. Olhou a carta com repulsa. As correspondências de Cecily raramente traziam boas notícias.

Maldita curiosidade.

Ele quebrou o selo e escaneou a missiva curta. — Maldição.

Evidentemente, Matilda e o filho do vigário com cara de espinheiro vinham se encontrando. Apanhada no conservatório por ninguém menos do que Lady Clutterbuck, uma das mais notórias fofoqueiras da *Haut Ton*, fazia uma frenética Cecily implorar a Yancy que concedesse um dote substancial à Matilda para seduzir o vigário a casar seu filho covarde.

Ramsbury, sempre mostrou à Matilda uma enorme gentileza e respeito, muito parecida com a de um irmão mais velho adorado.

Por favor, se puder encontrar em seu coração um dote generoso, para que ela possa se casar e escapar do escândalo em algum grau, ficarei eternamente grata, como sei que Matilda ficaria.

Yancy bufou.

Fazendo isso um pouco brando, não é Cecily, especialmente com aquele adorado irmão mais velho enfadonho?

Ela empurrava a sobrinha sob o nariz dele há anos, esperando que Yancy se casasse com a moça. Ele há muito suspeitava que a menina não fosse sobrinha de Cecily, mas sim sua filha ilegítima. Tinham uma semelhança muito grande entre si.

No entanto, ele faria o que Cecily pediu num piscar de olhos se isso significasse que não teria Matilda debaixo do mesmo teto. Ela o despia com os olhos sempre que se encontrava no mesmo aposento que ela.

A maior parte das vezes desconcertante, já que ele não a via como algo mais do que uma criança incômoda. Ela provavelmente seduziu o pobre coitado, tendo suas calças em volta de seus tornozelos e seu pau na palma da mão dela antes que ele soubesse o que ela era.

Agora, se pudesse apenas se livrar também da presença incômoda de Cecily. Se ele se casasse, poderia banir a madrasta

para a casa da viúva ou mandá-la de férias prolongadas para o continente.

Bocejando, ele jogou a carta na cama, e depois de se esticar, voltou para o calor da lareira. Yancy derramou o último uísque, pouco mais do que uma gota. Ele tomou um gole, rápido, engolindo o líquido âmbar.

Olhou fixamente para a garrafa vazia.

Não adiantará em nada.

Uma rápida olhada no relógio da lareira fez com que ele vestisse as calças. Provavelmente todos estavam alojados à meia-noite e meia. No entanto, aventurar-se escada abaixo, suas longas pernas expostas para todos verem, estava além do limite, até mesmo para ele.

Depois de enfiar os pés em um par de chinelos, ele pegou um castiçal e marchou até a porta. O escritório de Sethwick ostentava um grande sortimento de bebidas alcoólicas de primeira qualidade.

Avançando para o corredor, ele foi direto para Isobel.

Capítulo Vinte e Sete

Pela segunda vez em pouco mais de uma semana, Isobel plantou seu rosto no peito largo de Yancy. Só que desta vez, os pelos macios fizeram cócegas no nariz e a carne quente encontrou sua bochecha. Ambas as sensações causaram o enfraquecimento de seus joelhos, bobagens. Talvez a culpa seja dele, porque cheirava positivamente delicioso.

Para firmá-la, ele a envolveu pela cintura com um braço, segurando-a firmemente contra ele, da coxa ao peito.

A vontade de se aconchegar mais perto foi mais forte do que o cheiro de bebida que o rodeava. Zeus, quanto ele tinha consumido?

— Cuidado, não queremos dar uma cambalhota segurando velas. — Suas palavras, embora pronunciadas com perfeição, pareciam muito recortadas e precisas.

Ela estudou o rosto dele.

Um choque de cabelos indisciplinados se estendia sobre sua testa alta, e um sorriso bobo moldava sua boca. Seus olhos de floresta reluziam com aquele mesmo aspecto perigoso que tinha brilhado neles no chalé. Ele piscou os olhos preguiçosos antes que seu olhar se afundasse nos lábios de Isobel, e suas narinas abrissem. Ele a puxou para mais perto. - Eu amo o seu cabelo solto.

Ele está louco.

Ela tentou se afastar, mas Yancy não desistiu de seu tenaz controle. Ela checou os dois sentidos ao longo do corredor. Senhor, tudo o que ela precisava era que alguém os encontrasse em sua roupa de dormir enquanto se abraçavam.

Bem, ela não estava abraçando Yancy, mas ele definitivamente a segurava, e muito intimamente também. Sua masculinidade pressionada insistentemente contra a barriga dela. Apenas um idiota poderia confundir o bulbo duro com qualquer outra coisa que não fosse excitação.

Sua grande mão acariciou o traseiro dela, dando-lhe um pequeno aperto. Um aperto que fez surgir várias imagens maliciosas em sua mente. *Malditos livros*.

— Milorde, pare neste instante. — Tentando se esquivar, Isobel manteve seu tom baixo. - Deixe-me ir.

— Mas se sente bem. — Yancy farejou sua cabeça e depois aninhou seu pescoço.

Com toda certeza, um homem bêbado.

— Seu cheiro - ele lambeu a orelha dela — e seu gosto são tão doces.

Isobel abafou um suspiro e agarrou seu ombro com a mão livre dela. Precisa pôr um fim a isso, e rapidamente, antes que se encontrasse na mesma situação comprometedora que na cabana da floresta.

Ela colocou uma expressão severa em seu rosto. — Lorde Ramsbury, quanto bebeu?

Ele levantou a cabeça e franziu o cenho para ela. — Apenas uma garrafa de whisky.

— Uma garrafa? A coisa toda? — Ela balançou a cabeça enquanto o examinava, apertando os dentes para não sorrir. — Está *oot yer* cara.

— Que cara é essa? — Ele piscou, os cantos dos seus olhos enrugando. — O que isso significa?

Ela dirigiu Yancy em direção ao quarto dele. — Isso significa que está muito bêbado.

— Eu gosto quando fala escocês. — Ele sorriu novamente e mexeu as sobrancelhas.

— Diga algo mais. Como posso te dizer, você é linda? Eu posso dizer em francês, *tu es belle*, e espanhol, *eres hermosa*, e latim, *pulchra es*. Mas eu não sei como fazê-lo em escocês ou gaélico, exceto whisky, *uisge*.

Yancy provou ser um bêbado tolo, e Isobel sorriu, apesar dos seus próprios sentimentos.

— Venha agora, milorde. — Ela o puxou novamente. — Passou todos estes anos na companhia do Ewan, e não aprendeu escocês?

— Mas eu nunca quis dizer a Sethwick que ele era lindo.

Yancy parecia tão perplexo que uma risada lhe escapou.

Ele acariciou o traseiro dela novamente.

— Eu disse, pare com isso. — Ela deu um tapa na mão dele.

— Diga-me como dizer que é linda, e que eu te amo. — Sua voz caiu em um timbre de cascalho, e ele mordiscou a carne sensível ao longo da junção do pescoço e ombro dela.

Outra rachadura no coração de Isobel, mesmo quando a excitação ganhava vida. Tanta sinceridade ressoava em suas palavras, mas nada poderia vir disso.

Homem tolo.

Tola eu.

As escolhas de Yancy o haviam trazido até aqui, e embora uma parte dela ansiasse colocar o amor diante do bom senso, outra sofria com o seu egoísmo irrefletido.

— Não devemos ter essa conversa, meu senhor. — Empurrando para o lado dele, ela o virou para a porta aberta. - Vamos levá-lo para a cama, certo?

Ele lhe deu um sorriso demoníaco. — Só se você se juntar a mim.

— Isso não vai acontecer. — Embora, Deus a ajudasse, ela queria que assim fosse.

Ele passou um dedo pelo maxilar dela — Gostará de se deitar comigo, eu prometo.

Eu não tenho dúvidas disso.

Braço sobre sua cintura, Isobel o guiou até o seu quarto. Ela colocou sua vela meio queimada na mesa ao lado da porta e, em seguida, instou-o para o lado da cama mais próximo da entrada.

Ele tropeçou e cambaleou por um momento. Olhos fechados, ele riu.

Ela arrancou a vela da mão dele. — Milorde, posso sugerir que não se esgueire por aí bêbado como um carrinho de mão enquanto estiver com uma vela acesa? Tenho certeza que minha família não ficaria satisfeita se Craiglocky pegasse fogo.

— Já aconteceu uma vez, não aconteceu? — Aparentemente, tentando se concentrar, Yancy olhou para ela, o nariz dele a meros centímetros do dela. As manchas de ouro em seus olhos se destacaram brilhantemente contra as suas pupilas de tamanho exagerado.

Firmando o braço dela nas costas dele, Isobel o incentivou a seguir em frente.

Ele cravou o traseiro dela mais uma vez. — Mas alguém aproveitou uma segunda chance e reconstruiu. Porque eles acharam que valia a pena, fazer o esforço. Quando algo é importante, uma pessoa não desiste. Eles continuam assim. Até que eles tenham sucesso. Torna-se uma busca. Uma missão.

As suas divagações estranhas faziam com que ela o visse curiosamente.

Ele a encarou inocentemente, a menor sugestão de um sorriso arqueando sua boca. — O primeiro castelo não queimou?

— Sim, no século XII. As ruínas do antigo castelo estão do outro lado do Loch Arkaig. — Ela havia imaginado o sutil duplo sentido dele.

Agarrando a cintura, Isobel colocou seu castiçal na mesa de cabeceira noturna. Empurrando seus ombros até ele se sentar na cama, ela examinou o quarto.

Durante uma década, ele tinha usado esta câmara quando vinha de visita. Ele tinha toques de sua presença: botas alinhadas bem ao lado do guarda-roupa; uma pequena pilha de volumes de aspecto bastante sinistro e vários documentos enrolados encabeçavam a escrivaninha. Seu chicote de equitação, espada e uma bengala com ponta prateada, presa ao lado da mesa principal, sobre a qual havia sido atirado um par de luvas.

Isobel era uma menina de nove anos, estranha e rechonchuda, a primeira vez que pôs os olhos em Yancy. Mesmo assim, um olhar dele fez seu coração de colegial vibrar.

Deixa pra lá.

Ela se dobrou para desamarrar a faixa dele, e os cabelos dela balançaram sobre a cabeça deles, criando uma cortina.

Seu hálito quente, carregado de álcool, sussurrava pelo rosto dela.

Depois de juntar os cabelos dela e atirar os fios para trás, ela arrancou o material dos ombros dele. Seus dedos esfregaram a carne dele enquanto ela passava o cetim pelos braços dele.

Ele tensionou e inalou, um ar brusco e rápido.

Droga.

Quão ingênua você pode ser, Isobel?

Ela não tinha despido um homem antes. Como poderia saber como seria esculpido o seu tronco musculoso, ou como os pelos encaracolados do seu peito desapareciam na cintura das suas calças, ou como os seus músculos se ondulariam pelo seu toque, enquanto a sua respiração se acelerava?

Ou como seus próprios joelhos e entranhas ficariam trêmulos?

Mordendo o lábio inferior, ela ousou olhar para ele.

Seus olhos brilhavam, ele a olhava, as linhas afiadas de seu rosto estranhamente tensas.

Isobel puxou seu banyan, e ele levantou um quadril permitindo que deslizasse livre. Ele era magnífico e só a pura teimosia a impedia de olhar e de colocar os dedos dela no peito e nos ombros dele. Ela engoliu seco e jogou o roupão dele no fim da cama.

Ele podia dormir de calças.

Forçando uma fisionomia calma, ela levantou as cobertas. Um pedaço de papel flutuou até o chão. — Aqui, entre.

Yancy, obedientemente, deitou-se de costas e inclinou suas longas pernas sob a roupa de cama.

Ela puxou os lençóis e a manta até o peito dele e depois os alisou.

Com uma mão atrás da cabeça, a outra estendida sobre sua cintura, seu olhar penetrante não vacilava do rosto dela.

Ela tirou o fio de cabelo da testa dele. — Aí está. Agora durma. Terá uma dor de cabeça diabólica pela manhã.

— Posso ter um beijo de boa noite? — O foco de Yancy mergulhou na boca dela, e ele exalou uma respiração esfarrapada.

Isobel fez careta com os lábios. - Não acho que isso seria sábio.

Não que ela não confiasse nele para lhe dar um único beijo. Não, era ela quem perderia o tênue domínio que tinha sobre seu controle.

— Vamos lá, uma bicadinha, para que eu possa sonhar contigo? Que mal pode haver em um beijo? — As pálpebras dele caíram, e ele se desleixou nas palavras.

Licor ou exaustão? Provavelmente ambos.

Ele realmente tinha uma boca adorável.

— Se não quer se casar comigo, Isobel, pelo menos me presenteie com seus doces lábios.

Suas palavras suavemente pronunciadas envolveram o coração dela. Ela fez a pretensão de endireitar a manta no peito dele. Outra oportunidade de vê-lo assim ou de beijá-lo novamente não se apresentaria.

— Um beijo casto é tudo que peço — Yancy murmurou, meio adormecido. Seus olhos fechados, um sorriso nascente curvou sua boca, e seu peito subiu e caiu ritmicamente.

— Tudo bem, então irá se acalmar e dormir. — Dobrando-se, ela colocou suas mãos sobre os ombros dele e tocou seus lábios nos dele em um beijo terno.

Um ronco suave escapou dele.

Adormecido? Ele adormeceu?

Isobel se endireitou, sem saber se devia ficar com raiva ou rir. Cedendo ao impulso, ela o beijou de novo, entregando o momento, seu gosto, seu cheiro, seus traços amados, à memória. O seu hálito apanhado pela tristeza, um caroço doloroso onde o seu coração deveria estar. Ela se obrigou a se virar para longe de Yancy e recolher a vela. Algo estava amassado debaixo do seu pé.

Droga.

Ela havia esquecido o papel que caiu no chão quando o aconchegou. Recuperando a página amassada, seu olhar afundou para a escrita elaborada. Uma palavra se destacou das outras.

Matilda.

Isobel não deveria ler a carta. Ela não era dada a bisbilhotar, mas seus malditos olhos se recusaram a deixar de lado o papel idiota. Ela leu a missiva na sua totalidade, não uma, mas duas vezes.

Yancy não estava agora, nem, pelo menos pelo que ela deduziu da carta, esteve envolvido com Matilda Darby. A garota ia se casar com outro. Ele era livre para se casar, tinha sido todo esse tempo.

Isobel correu para a entrada e, após uma rápida olhada no corredor, fechou a porta. Antes que ela pudesse mudar de ideia, arrancou a túnica e se deitou na cama.

Capítulo Vinte e Oito

Um traseiro quente e arredondado pressionava os lombos de Yancy, e ele colocou um seio abundante em uma mão. Um cabelo macio acariciava seu nariz enquanto respirava a fragrância sutil de uma mulher.

Não, não apenas de uma mulher.

Isobel.

Ele permaneceu perfeitamente imóvel, sem vontade de acordar do sonho delicioso; tão real, que imaginou ouvi-la respirar suavemente e sentir suas costelas subindo e descendo enquanto ela dormia.

Apertando suavemente a maciez na palma da mão, ele espetou o traseiro dela com seu pênis, pedindo entrada no doce santuário de sua feminilidade.

Murmurando o nome dele, ela suspirou e se aninhou mais perto.

As pálpebras de Yancy se abriram no mesmo instante em que a porta do quarto. A conscientização caiu sobre ele. A mulher em seus braços não provou ser mais um fantasma do que a dor esmagadora atrás dos olhos dele.

Ah, maldito inferno.

Teria ele ficado tão confuso, ontem à noite, que obrigou Isobel a ir para a cama dele? Ele não se lembrava de nada depois que ela colocou os cobertores sobre ele. Sua cabeça se desintegrou ao ponto de perder a cabeça se um rato torcesse um bigode.

— Bom dia, milor... - Seu olhar chocado desviou o olhar para o caroço feminino deitado ao lado de Yancy, Swanscott gaguejou até parar. A atenção do valete se voltou para seus sapatos polidos. — Er, eu não sabia que estava, ah, entretido, milorde. Voltarei mais tarde.

Com o rosto vermelho, ele girou para a porta e deu de frente com Sethwick.

— Bom dia, Yancy.

A saudação silenciosa de Isobel chamou a atenção de Yancy para a ninfa deitada ao seu lado. Olhos carregados de sono,

bochechas rosadas e cabelos castanhos-amarelados, ela parecia ter feito amor.

Ela sorriu, aparentemente imperturbável pelo seu despertar abrupto ou pelo irmão e pelo valete boquiabertos como javalis de pelúcia no final da cama. O calor em seu olhar azul esverdeado causou outra dolorosa onda de sangue ao seu membro excitado.

— Bom dia, meu doce. — Ele tocou sua bochecha — Perdoe-me, mas não consigo me lembrar como chegou na minha cama.

— Eu gostaria muito de saber como isso aconteceu também. — Sethwick ficou ao lado da cama, suas narinas alargadas, os punhos cerrados e os olhos com fendas estreitas de fúria.

Isobel não poupou um olhar do irmão, mas continuou a olhar para Yancy como uma mulher apaixonada*. Apaixonada*?

— Esta foi a segunda vez que encontrei minha irmã em sua companhia, Ramsbury. —Sethwick deu a Yancy um golpe no ombro. — Eu exijo satisfação.

Merda.

— Não seja um chato, Ewan. — Empurrando seus gloriosos cabelos por cima de um ombro, Isobel se colocou em uma posição sentada.

Graças a Deus ela usava uma camisa de dormir, embora se olhássemos de perto, os contornos escuros de seus mamilos se revelavam através do tecido de algodão.

Yancy puxou o lençol para cima, cobrindo seu peito.

Com um sorriso de tirar o fôlego, ela colocou as bordas sob os braços. - Obrigada.

O seu pênis ficou mais alto, bastante óbvio abaixo dos lençóis. Para esconder sua excitação, Yancy também sentou.

Sethwick aprofundou o olhar até ver a espada de Yancy perto da porta.

Ele não o faria.

Uma expressão calculista que se fixou nas características de Sethwick, e seu olhar se deslocou entre a lâmina e a cama.

Sim, ele o faria.

Yancy temia que seu amigo de longa data estivesse a ponto de levá-lo adiante.

— Isobel, retire-se da cama deste repugnante e deste quarto imediatamente. — Mãos em punho, a expressão de Sethwick retratava violência. — Nós dois discutiremos este assunto depois de eu ter lidado com Ramsbury.

Ela se instalou ainda mais nos travesseiros. — Não é meu pai, Ewan, nem tem o direito de me dar ordens.

— Sou seu laird — ele disse entre dentes cerrados, claramente à beira de perder os últimos vestígios de seu controle.

— Ora. — Isobel agitou sua mão delicada de forma desdenhosa. — Isso não tem nenhuma relação com essa situação.

Se ele não estivesse sinceramente preocupado que Sethwick quisesse assassiná-lo com as próprias mãos, Yancy daria vazão ao riso borbulhante em seu peito.

Calma como um lago em um dia sem vento, Isobel dobrou as mãos no colo e olhou seu irmão enfurecido.

— Yancy não tem culpa nenhuma. Eu tirei horrível vantagem dele, Ewan. Bêbado, ele não estava em condições de resistir aos meus avanços. Eu vim para a cama dele de boa vontade.

Ewan e Swanscott olharam para ela como se ela tivesse anunciado que era uma prostituta do East End. Yancy não duvidava que seu rosto refletia a mesma expressão aturdida.

Seus lábios curvaram-se docemente, e ela olhou para Yancy em adoração.

Eu ainda devo ser seduzida.

Ele balançou a cabeça, *com força*, para limpar sua imaginação confusa, mas parou quando a agonia se rasgou de sua testa para a parte de trás do crânio. Foi bem feito para ele por ter bebido uma garrafa de uísque.

É isso aí. Acabaram-se as bebidas alcoólicas para ele.

Ele deu uma olhada de lado à Isobel. Sim, os olhos dela tinham um brilho arrebatador.

O que aconteceu com a Isobel que não queria ter nada a ver com ele? O que a fez mudar de ideia? Ela, de fato, *tinha* mudado de ideia? Talvez ele fosse burro. Ou talvez este fosse um maldito sonho realista.

Ele beliscou a coxa. Não, ele não estava dormindo.

Por Deus, será que as coisas poderiam piorar?

Harcourt entrou na câmara.

E acabaram de piorar.

O olhar inquisitivo de Harcourt oscilou entre Yancy e Isobel, antes que um sorriso malicioso rasgasse seu rosto.

— Parece que cheguei bem na hora certa. — Ele balançou os dedos em direção aos ocupantes da cama. — Continuem. Finjam que não estou aqui.

— No que meu quarto se tornou. Um teatro barato? — Yancy sacudiu seu braço na direção de Isobel. — Somos nós o entretenimento do dia de hoje?

Passando a mão pelo seu cabelo bagunçado, ele atirou um olhar de raiva para a entrada. - Posso esperar que mais alguém faça uma aparição? O Prinny está andando lá embaixo? Talvez a Lady Jersey ou a Condessa Lieven, ou outra padroeira da Almack, tenha vindo visitar?

Isobel apontou para o rosto machucado de Harcourt. — Vossa Graça, a minha abominável curiosidade não vai parar. Como ficou com seu olho danificado?

Sua abrupta, e provavelmente deliberada, mudança de assunto desanuviou a tensão muito bem. Todos os olhos se voltaram para Harcourt.

Ele suspirou com força e depois ergueu um ombro. — Eu tentei roubar um beijo em uma cigana que salvei na Casa Dounnich.

— Tasara Faas? Não o fez. — Isobel riu. — E ela te deu isso?

— De fato, eu fiz, — Harcourt confessou, — embora fosse para ser totalmente inocente, um sinal do seu apreço.

— Eu aposto. — Yancy sorriu, apesar da gravidade da sua situação.

A vergonha de Harcourt devia ser monumental.

Ele tocou seu olho. — Aquela raposa de cabelos pretos pode dar um bom soco.

Sua expressão martirizada trouxe outra risada de Isobel e uma risada de Yancy.

Swanscott lutou para manter suas características impassíveis.

— Podemos voltar ao assunto em questão? A ruína da minha irmã? — A voz furiosa de Sethwick cortou sua alegria. — Nomeie seus padrinhos, Ramsbury.

Harcourt deu um passo à frente. — Eu ficaria honrado em agir...

— Esqueça isso, Harcourt. — Preparado para ficar de pé, Yancy empurrou as capas para o lado. — Sethwick...

— Ewan, pare com isso. — Isobel deu a Yancy mais um sorriso ofuscante. — Eu concordei em casar com Lorde Ramsbury.

* * *

Isobel prendeu a respiração, aterrorizada ao olhar para Yancy depois de sua declaração descarada. A sua forte ingestão de fôlego não a ajudou a aliviar os nervos já vacilantes. Ela rezou para que pudesse deixar o quarto um pouco composta se ele negasse sua declaração.

No momento em que ela descobriu que Yancy não tinha sido galanteador, que ele tinha tentado cortejá-la por muitos anos, ela tomou a sua decisão. Outra noite não passaria sem que ela dormisse ao lado do homem que ela amava.

— Não vai nos desejar felicidades, querido irmão? — Ela entrelaçou os dedos com um Yancy silencioso. Parecia absolutamente atordoado, pobre homem. — Afinal de contas, foi muito persistente para que nos casássemos.

— Por que a mudança abrupta? — Ewan olhou-a com desconfiança e passou a mão pelo seu cabelo preto, deixando vários fios de pé. Ele andava para frente e para trás aos pés da cama — Ontem, se recusou a aceitar a ideia.

— Uma mulher tem permissão para mudar de ideia, não tem? — Isobel arrancou à beira da manta, não correspondendo bem ao olhar de Ewan.

Yancy deveria ser o único a ouvir suas razões.

Soltando os dedos, Yancy se afastou da cama. Não se preocupando em vestir o seu banyan, ele foi até a porta. — Preciso de alguns momentos a sós com a minha pretendida, senhores. Swanscott, vou quebrar meu jejum lá embaixo.

— Sim, sir. — Após um rápido abaixar de cabeça, o valete saiu apressado.

A incerteza cintilava dentro dos olhos de Ewan, sem dúvida dividido entre a defesa de sua honra e o alívio de não ter que

encontrar um de seus mais queridos amigos no campo de duelo.

— Vou te dar dez minutos. Não haverá mais desse absurdo — ele acenou com a mão no leito enrugado — até depois que os votos forem ditos. Eu vou mandar chamar o Reverendo Wallace no momento em que eu sair deste quarto.

Harcourt piscou o olho para a Isobel. — Sethwick, por que não me deixa chamar o clérigo e informar aos outros sobre o casamento enquanto conta ao Yancy por que entrou no quarto dele nesta hora ímpia para começar?

Ela acenou com a cabeça. — Essa é uma ideia maravilhosa, Vossa Graça.

— Eu diria que é muito fortuito que todos tenham chegado para a comemoração do aniversário da Lady Sethwick. Aposto meu café da manhã, eles ficarão cacarejando como galinhas invadindo um morangueiro ao ouvir a boa notícia. — Ele lhe deu um sorriso de provocação.

Isobel sorriu em troca. Ela teria que fazer uma visita à Tasara e descobrir exatamente o que ocorreu entre a cigana e o duque. Harcourt não tinha compartilhado a história toda.

— Obrigado. Isso seria de grande ajuda. Por favor, diga aos outros que o casamento será realizado... — Ewan hesitou, o seu olhar procurava o de Isobel. — A que horas gostaria de se casar?

Ela se atreveu a encontrar os olhos de Yancy. Apenas o terno calor mostrado em suas profundezas. — Milorde... Tem preferência?

— Chame— me Yancy, ou se insistir, Bartholomew, embora eu tenha medo de não saber que está falando comigo, mas não se dirija a mim como *milorde*, Isobel. é minha igual. — Ele se virou para o Ewan. — Gostaria que a cerimônia ocorresse o mais rápido possível, se a minha futura esposa concordar.

— Isobel? — Ewan esperava, os sinais de sua raiva anterior se foram. Ao invés disso, um brilho alegre cintilou em seus olhos. Tudo parecia estar perdoado. — Pode estar pronta dentro de uma hora?

Ela olhou para o peito musculoso de Yancy. Não, tinha outra coisa que desejava fazer primeiro. Ela olhou para o relógio de cabeceira. — Já passa das oito. Vamos planejar a cerimônia para onze. Isto é, se a hora for conveniente para o Reverendo Wallace.

Ela desviou um cacho perdido coçando a bochecha.

— Onze então. Notificarei os demais. — Harcourt sorriu e assobiou, marchando da sala.

Yancy fechou a porta atrás do duque. — Tinha algo de importante para me dizer?

Ewan arranhou o queixo.

— Sim, eu queria devolver isto — ele segurou o anel do Yancy — e também avisar que descobrimos o traidor de Craiglocky. O culpado é um cavalariço cigano que Jocky contratou há algumas semanas. Ontem à noite, ele entrou furtivamente nas câmaras inferiores por meio de uma porta exterior.

Yancy escorregou em seu banyan e Isobel escondeu um suspiro decepcionado.

— Ele pensou em ajudar MacHardy a escapar com seus homens vigiando? — Ele atou o cinto do roupão. — Não foi muito inteligente da parte do sujeito.

— O desespero faz de muitos um homem um tolo. Ele é parente dos ciganos que os Blackhalls prenderam, e aqueles escoceses imundos — Ewan lançou um olhar de guarda para Isobel — ameaçaram abusar de sua família se os ciganos não ajudassem no rapto da Srta. Farnsworth. Ao saber que a família Faas tinha sido resgatada, confessou e implorou por perdão.

— O que fará com ele? — Yancy sentou-se na beira da cama e pegou a mão de Isobel na dele.

Sem se importar, Ewan olhou, ela entrelaçou os dedos com os de Yancy novamente. — Consegue ser indulgente, Ewan? O medo e a preocupação dele devem ter espelhado de perto o seu quando fui capturada.

— Eu já o mandei embora, após um aviso severo, naturalmente. — Ewan virou-se para a saída e depois enfrentou-os novamente. — Oh, e eu enviei um mensageiro para solicitar soldados para acompanhar MacHardy e o resto desses vermes a Londres. Lydia e Ross estão fazendo as malas enquanto falamos.

A decepção varreu Isobel. Ela queria uma oportunidade de falar com Lydia. — Eles não vão ficar para o aniversário da Yvette?

— Não, Ross insiste que amanhã eles partem para Tornbury. Ele está muito determinado sobre o assunto.

Ao contrário de Lydia, sua presença não faria falta.

Ewan abriu a porta. — Yancy, eu o verei em meu escritório às dez para discutir os termos do acordo matrimonial. Tenho certeza que Hugh também vai querer participar da conversa.

O rosto dele brilhava. — Deixe-me ser o primeiro a lhe oferecer felicitações.

Depois que Ewan saiu, Isobel olhou fixamente para a porta, bastante surpresa por não tê-la deixado aberta. Um silêncio anormal permeava o quarto.

Tomando a bochecha dela, Yancy virou seu rosto para o dele. O olhar dele era ilegível, ele traçou o lábio dela com o dedo indicador. — O que mudou sua opinião?

Capítulo Vinte e Nove

Isobel engoliu seu nervosismo repentino. — Eu...

Diabos, era melhor ela contar a verdade.

— Eu li essa carta. — Ela apontou para o papel enrugado que estava ao lado do relógio.

— E algo ali te convenceu a casar comigo? — Yancy franziu a testa. — O que, se é que posso saber?

Uma onda de calor passou do peito de Isobel para a linha dos seus cabelos. — Bem, eu pensei que estivesse praticamente noivo de Matilda, e...

Ele fez um ruído grosseiro na parte de trás da garganta, claramente horrorizado com a ideia. — Por tudo o que é sagrado, não enquanto eu respirar. Por que pensaria uma coisa dessas, Isobel?

A verdade bateu nela com força suficiente, o seu fôlego travou.

A moça tinha mentido. E Isobel tinha sido muito ingênua para perceber ou suspeitar. Ela tinha tratado Yancy como uma chantagista, e ele não tinha feito nada de errado. O ciúme e o medo a haviam cegado para a verdade este tempo todo.

O queixo encostado ao peito dela, ela tirou a mão da dele. Ela mexeu com o lençol, com medo e vergonha de encontrar os olhos dele. — Ela me disse que tinham sido íntimos e que quando ela tivesse uma idade aceitável, os dois se casariam.

— Mentira grosseira. Por que não me perguntou? — Yancy colocou uma mão na dela e fez uma pressão suave. — Eu não fui sempre sincero contigo?

A dor que coloria sua voz trazia lágrimas aos olhos dela.

— Eu deveria ter feito isso. Fui uma completa idiota. — Isobel sussurrou. — Eu sei disso agora. — Com os olhos molhados, ela levantou o olhar para o dele. — Poderia me perdoar?

Ele tirou o cabelo dela do pescoço e se dobrou para colocar um beijo abaixo da sua orelha. — Claro que posso. Eu te amo.

— E eu te amo. — As lágrimas brotaram de seus olhos fechados, e ela enterrou seu rosto no ombro dele. — E eu quase te

perdi por causa da minha tolice.

— Bem, tem uma vida inteira para me compensar, e posso pensar em várias maneiras intrigantes de me fazer isso.

O tom de sua voz fez com que um delicioso frisson se deslizasse pela carne dela. — E quais poderiam ser, milorde?

— Eu lhe disse para não me chamar de milorde. — Ele rosnou e deitou em cima dela. Empurrando-a para a cama, ele fez cócegas nas costelas dela. — Eu ficaria feliz em começar sua instrução antes dos nossos votos serem proferidos.

Rindo, Isobel tentou se contorcer debaixo dele. Algo flexionou contra sua coxa, e sua respiração deixou seus pulmões com pressa.

Sentindo-se descarada, ela seguiu seu dedo ao longo da clavícula de Yancy. — Por que não me dá minha primeira lição? Além disso, não agradeci pelo seu salvamento corajoso.

Ele se inclinou sobre os cotovelos e, em seguida, lançou um olhar para a porta fechada. — Agora? Seu irmão está nos esperando lá embaixo.

— Ele pode esperar. — Isobel baixou a cabeça dele enquanto ela levantava a boca. — Eu gostaria de mostrar o quanto sinto muito por não ter confiado em você.

— Em plena luz do dia? — Um sorriso diabólico curvou a boca de Yancy. — Quem sou eu para negar a minha noiva?

Em um movimento rápido, ele se levantou. Tirando seu banyan, ele então trancou a porta antes de colocar o roupão em uma cadeira. Sem um pingo de arrependimento, ele tirou as calças.

Isobel quase lambeu os lábios em antecipação.

Seu pênis ficou orgulhoso e rígido, tão ousado e impressionante quanto o resto do homem.

Sentada de pé, ela tirou a camisa de dormir pela cabeça. Não haveria fingimento de timidez. Ela o queria como ele obviamente a queria.

O olhar de Yancy deslizou para os seios dela. Em três passos longos, ele ficou de pé ao lado da cama.

Isobel abriu seus braços em boas-vindas.

Ele se curvou sobre ela, seus polegares queimando trilhas de desejo enquanto circulava seus seios. — Eu te quero tanto, que talvez eu não vá tão devagar quanto deveria.

— Eu não quero que vá devagar. Há anos que sofro pelo seu toque. — Ela traçou os lábios dele com sua língua ao envolver o comprimento dele com seus dedos.

Sua respiração assobiava entre os dentes cerrados. — Continue assim, e eu estarei derramando minha semente em suas mãos.

— Isso é possível? — Ela levantou a cabeça para examinar a masculinidade dele embalada em sua palma.

Yancy enraizado na cama — Sim, é possível, mas isso é para outra hora. Pela nossa primeira vez juntos, pretendo estar enterrado nas profundezas de suas doces dobras quando encontrar minha liberação.

Deitado em cima dela, ele pegou o mamilo em sua boca, raspando a ponta com seus dentes.

Isobel gemeu e se arqueou contra ele. Ela abriu as pernas e agarrou as nádegas dele, instando-o a se aproximar. Ela precisava de algo, ela não sabia o quê, mas uma fome havia sido despertada nas profundezas do seu centro feminino.

Suas mãos e boca estavam por toda parte, acariciando, inflamando.

Ela devolveu-lhe as carícias, compreendendo instintivamente que se ela gostasse de um certo toque, ele também o faria.

— Yancy, eu não aguento muito mais. — Ela correu as mãos para cima e para baixo da espinha dele, raspando as unhas. Pressionando o rosto dela na garganta dele, ela mordeu seu pescoço.

Seus músculos se curvaram e flexionaram sob as mãos inexperientes dela.

Ele levou uma mão para os caracóis entre as pernas dela. Um espasmo de puro êxtase atingiu o seu núcleo. Ela se movia contra o ritmo ao qual ele a apresentava com seus dedos habilidosos.

— Vai doer um pouco na primeira vez, querida. — Yancy acertou seus quadris entre as coxas dela.

Ele pegou a boca dela em um beijo ardente, sua língua varrendo a dela, enquanto ele aliviava seu aperto.

A Isobel não esperava pelo estiramento, pela plenitude. A sensação desconhecida a fez querer mover os quadris. Ela testou o

impulso, inclinando os quadris para cima no mesmo instante em que a Yancy desceu.

Um grito estrangulado lhe escapou.

— Sinto muito, meu amor. O pior já passou. — Yancy a beijou ternamente enquanto balançava seus quadris um pouquinho.

Gemendo, Isobel balançou por baixo dele. — Que bom.

— Basta esperar. — Ele riu e ajeitou os quadris dela, indo mais fundo.

Ele a arrebatou novamente, e logo ela pegou o ritmo. Yancy aumentou o ritmo, sua respiração acelerada.

Ao recebê-lo de golpe a golpe, Isobel tocou seu rosto.

— Eu te amo. — Arfando, ela atingiu a onda cintilante, espiralando em um arco-íris de sensações além do tempo e das palavras.

— E eu te amo. — Yancy gemeu contra o pescoço dela enquanto ele endurecia e tremia intensamente.

Isobel estava deitada com a cabeça no ombro dele, mais completa e satisfeita do que jamais sonhou ser possível. Ela bocejou, sem nenhum interesse em se mexer. — Eu acho que eu deveria tomar banho e me vestir. Os que estão lá embaixo já nos esperavam há algum tempo.

— Eu suspeito que eles sabem exatamente o que causou o nosso atraso.

Acariciando-a do ombro ao quadril, Yancy parecia tão pouco inclinado a se mover quanto ela.

Ela apoiou o queixo no peito dele, passando os dedos nos pelos enrolados. — Pena que não temos tempo para eu te mostrar meu remorso novamente.

Um movimento chamou sua atenção, e ela virou a cabeça. O lençol sobre a virilha dele se mexeu.

Deslizando pelo peito dele, ela arqueou uma sobrancelha e lhe deu um sorriso sedutor. — Chegaremos atrasados.

— Quem se importa? — Yancy ajeitou Isobel no seu colo e, quando ele terminou, ela também não se importou.

Epílogo

Sul de Nápoles
Maio 1819

— Vai dar uma olhada nisso? — Isobel angulou seu guarda-sol e apontou para os restos do anfiteatro de Paestum. — No entanto, eles conseguiram construir estruturas tão surpreendentes?

— Venha, querida. Receio que nosso condutor esteja ficando impaciente. — Yancy agarrou seu cotovelo, guiando-a em direção à carruagem de espera.

Ela ofereceu ao homem de pele de azeitona de pé diante da porta um sorriso de desculpas.

— Suponho que ele tenha crescido bastante acostumado a tudo isso. Eu nunca vi. — Após um último olhar relutante, ela correu para o transporte.

— Estamos aqui há seis semanas, meu amor, e estávamos na Espanha dois meses antes disso. Não acredito que nunca se canse, e tem dois baús cheios de artefatos e lembranças para recordar o seu tempo aqui. — Yancy a ajudou a entrar na carruagem antes de sentar-se ao seu lado.

Isobel não conseguia reprimir um suspiro melancólico. Amanhã navegariam para a Inglaterra. Colocando a mão na sua coxa, Yancy olhou para o cenário que passava. — Qual será a nossa próxima aventura? França? Egito? Rússia?

Ela tremeu. — Não, não a Rússia. Muito frio, embora o país seja rico em história. Eu tinha algo de natureza diferente em mente.

— Oh, e o que poderia ser? — Yancy olhou para ela, um sorriso brincando sobre sua boca.

— Maternidade. — Ela embalou sua barriga lisa.

A mandíbula dele ficou flácida e seu olhar foi direto para o estômago dela, antes de pular para encontrar seus olhos. — Está...

Ela acenou com a cabeça e guinchou enquanto ele a puxava para seu colo. Ela quase deixou cair o guarda-sol e atingiu acidentalmente as costas do condutor. — Sinto muito.

Ele se virou e sorriu, apontou para o colo dela — Bambino?

— Si, bambino — ela disse, tapando a barriga.

O condutor voltou a olhar para a frente e Yancy a beijou na boca.

— Há quanto tempo sabe? Quando a criança vai chegar? — Ele colocou sua palma da mão no meio dela. — Deveria estar viajando?

— Querido, eu mesma acabei de me dar conta. Nosso bebê chegará no início do ano que vem, e sim, estou perfeitamente bem para viajar. Eu não experimentei nenhum mal-estar.

Ela descansou a cabeça contra o peito dele. — Somos muito abençoados.

— De fato, e para pensar, eu quase disse não a Sethwick quando ele me convidou para ir a Craiglocky há muitos anos atrás — Yancy abraçou-a mais de perto e beijou sua testa. — Não passa um dia que eu não agradeça a Deus por eu ter dito que sim.

— Somos dois — Isobel sussurrou contra seus lábios.

Fim



Sobre o Autor

A autora premiada e best-seller do *USA Today,* COLLETTE CAMERON, escreve históricos escoceses e da Regência, com patifes, malandros, libertinos e as inteligentes e intrépidas donzelas que os reformam.

Abençoada com fantásticos fãs, bem como um Inspirador compulsivo, superativo e espirituoso que não para de sussurrar novas traquinagens românticos em seu ouvido, ela vive em Oregon com seus mini-dachshunds, embora sonhe viver na Escócia em parte do tempo.

Você sempre encontrará cães, pássaros, humor, ocasionalmente impertinente e uma pitada de inspiração em seus doces e picantes romances® atemporais.

Seu lema pela vida? Você nunca terá chocolates suficientes, abraços suficientes, flores suficientes ou livros suficientes. Ela está pensando em adicionar sapatos a essa lista.

Conecte-se com Collette!

www.collettecameron.com
Siga suas Redes Sociais:
Twitter @Collette_Author
BookBub
Facebook
Instagram
Pinterest
Collette's Chèris VIP Reader Group

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com